

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – UMESP
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – PPGCOM**

ELIZEU CORREA LIRA

**O PÚLPITO ELETRÔNICO E AS NOVAS MODELIZAÇÕES DE
COMUNIDADE NA IGREJA ADVENTISTA PÓS-PANDEMIA**

SÃO BERNARDO DO CAMPO-SP

2024

ELIZEU CORREA LIRA

**O PÚLPITO ELETRÔNICO E AS NOVAS MODELIZAÇÕES DE
COMUNIDADE NA IGREJA ADVENTISTA PÓS-PANDEMIA**

Tese a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação Comunitária, Territórios de Cidadania e Desenvolvimento Social

Orientador: Prof. Dr. Roberto Chiachiri

SÃO BERNARDO DO CAMPO-SP

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

L67p	Lira, Elizeu Correa O púlpito eletrônico e as novas modelizações de comunidade na Igreja Adventista pós-pandemia / Elizeu Correa Lira. 2024. 312 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2024. Orientação de: Antonio Roberto Chiachiri Filho. 1. Comunicação e igreja 2. Comunicação - Igreja Adventista do Sétimo Dia 3. Igreja - Cultura 4. Cosmologia 5. Evangelismo I. Título. CDD 302.4

A tese de doutorado intitulada: “O Pulpito Eletrônico e as novas modelizações de comunidade na Igreja Adventista Pós-Pandemia” elaborada por Elizeu Correa Lira, foi apresentada e aprovada em 13 de dezembro de 2024, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Antonio Roberto Chiachiri Filho (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Ivan Paganotti (Titular/UMESP), Prof. Dr. Airtton Rodrigues (Titular/UMESP), Prof. Dr. Orlando Maurício de Carvalho Berti (UESPI) e Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles (USP).

Antonio Roberto Chiachiri Filho

Orientador/Presidente: Prof. Dr. Antonio Roberto Chiachiri

Antonio Roberto Chiachiri Filho

Coordenador do Programa de Pós Graduação em Comunicação social
Prof. Dr. Antonio Roberto Chiachiri

À minha querida mãezinha, Arnóbia dos Santos Lira: Minha declamadora favorita, em quem, desde a mais longínqua reminiscência infantil, estão focadas as lembranças de um ser angelical “disfarçado” de mãe, sempre disposta a entregar-se no crisol das adversidades e incontáveis lutas diárias em favor do bem-estar da sua prole de nove filhos, a você todas as possíveis e imagináveis honrarias!

À senhora: Que soube transformar gravetos e refugos de madeira, em combustível para o fogão e, conseqüente, produção dos mais deliciosos alimentos que uma criança pudesse sonhar em comer; que soube transformar, na velha máquina Singer, os tecidos que lhe chegavam às mãos, em cadernos, lápis e uniformes para os filhos; e que, acima de tudo, soube transformar as incontáveis adversidades e revezes do cotidiano em música e poesia, neste momento singular da vida, quero evocar – em singela homenagem – um trecho de sua poesia favorita:

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!”

(Casimiro de Abreu)

AGRADECIMENTOS

“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Romanos 11:33-36, ARA). A Deus, toda gratidão, toda a honra e toda a glória pelos séculos dos séculos!

Ao mestre, grande educador, parceiro e amigo, Prof. Roberto Chiachiri que, mesmo em meio às suas muitas viagens internacionais, jamais se negou a me atender e, com toda elegância e competência que lhe são peculiares, sempre deu o melhor direcionamento à minha pesquisa. Gratidão eterna!!!

À CAPES, que me facultou os recursos financeiros sem os quais eu jamais conseguiria bancar este programa de estudos – logrando alcançar o título doutoral tão sonhado.

Ao meu querido e saudoso pai, Eduardo Correa De Lira (nascido em 03/03/1917 em Quebrangulo, Alagoas) e, tendo descansado, no Senhor, aos 106 anos de idade, no dia 06/07/2023), migrante de Quebrangulo, interior das Alagoas. Conforme afirmei no cemitério, antes de seu corpo baixar à sepultura: “Manterei o seu legado” de integridade, devoção a Deus, amor à família e dedicação máxima em tudo que eu me empenhar em fazer!

Ao querido e saudoso Prof. José Marques de Melo (in memorian), outro alagoano de fibra e integridade moral e extrema generosidade e imensurável sabedoria, que, numa apropriada analogia com o primeiro (que me trouxe à existência: vida biológica), me trouxe contribuições impossíveis de serem avaliadas: pois, em 2016, naquela primeira visita que lhe fiz na Metodista, ele preparou o “parto” e me fez, meses depois, nascer para a vida acadêmica. Gratidão eterna, JMM!!!

Aos meus queridos e saudosos amigos – companheiros de trabalho, almoços, reuniões, viagens e muita troca de ideia e aprendizados incontáveis durante os cinco anos em que

trabalhei na Casa Publicadora Brasileira, maior editora mundial da IASD – Zinaldo A. Santos (in memorian) e Wilson F. Almeida (in memorian), com os quais aprendi mais sobre a Igreja Adventista e as coisas profundas da Teologia (especialmente, no campo da Eclesiologia...), o meu preito eterno de gratidão!

Aos meus queridos, saudosos e sapientes mestres – verdadeiros luminares do conhecimento humano e Divino – Professores Doutores em Teologia (ThDs) Horne P. Silva, Modesto Marques (in memorian), Antônio Alberto Nepomuceno (in memorian), Sigfried J. Schwantes (in memorian) (primeiro brasileiro PhD em Línguas Semíticas pela John Hopkins University), Joel Sarli (e tantos outros), que, na vanguarda da sua época, me levaram a questionar e “pensar fora da caixinha”, o meu muito obrigado!

À minha amada esposa Rosangela R. Lira que, mesmo não concordando inicialmente com as minhas “extravagâncias acadêmicas” de estar cursando dois doutorados, ao final me prestou auxílios imensuráveis em pesquisas, revisões e orientações e dicas abalizadas que contribuíram decisivamente na reta final deste percurso acadêmico.

Aos queridos amigos e irmãos do coração Professores Orlando Berti e Ruben Dargã, que alcançaram essa titulação antes de mim, e que, no entanto, sempre me trataram como um “igual” e, além da amizade e companheirismo, colocaram toda a sua expertise acadêmica e vasta bagagem de conhecimentos à minha disposição – atuando, sem medir esforços, como meus coorientadores.

Aos queridos professores do Doutorado em Comunicação Social da UMESP, que me conduziram nesta segunda etapa acadêmica: Dimas Kunsch; Farias; Cilene Victor; Luiz Alberto de Farias, Herom Vargas, Mateus Yuri Passos e Mônica Martinez.

Aos membros da Banca de Qualificação, presidida pelo Prof. Antônio Roberto Chiachiri Filho (Dimas Kunsch, Cilene Victor, Orlando Berti e Kevin Kossar Furtado, que muito me honraram com suas participações e muito contribuíram para esta pesquisa com suas análises cirúrgicas e balizamentos precisos, a minha eterna gratidão!

Aos amigos e grandes companheiros incentivadores nesta jornada acadêmica: Deivison Brito Nogueira, Adriana do Amaral, Roberta, “Amandinha”, e tantos outros e outras, pela

força que me passaram e “socorros técnicos” que prestaram naqueles momentos mais críticos. Com certeza, vocês fizeram valer e mantiveram acesa a “chama” do que a nossa “Metosa” tem de melhor a oferecer além e à parte do seu quadro docente de altíssimo nível: o ambiente acolhedor, hospitaleiro, amigo: “comunidade”! Gratidão eterna!!!

Aos amigos especiais, irmãos do coração, que conheci no mestrado e que jamais soltaram as minhas mãos – mesmo nos momentos mais críticos: Orlando Berti; Eduardo Gurgel e Sérgio Barbosa (SEBAR). Em especial ao primeiro, que, desde o mestrado, tem sido o meu grande incentivador e paradigma como pesquisador. Com a sua vasta bagagem acadêmica, o amigo e Prof. Orlando Berti trouxe imensuráveis contributos a esta pesquisa em insights e sinalizações conceituais, epistemológicas e metodológicas em questões nas quais este pesquisador estava por vezes à deriva.

A todas as colegas e todos os colegas do PPGCOM da UMESP, em especial, além do querido Deivison, aquele(a)s com o(a)s quais pude me relacionar mais diretamente nas disciplinas feitas com os professores Chiachiri, Kunsch e Farias – nos encontros presenciais.

À querida amiga e competente revisora e tutora acadêmica Karina Nunes dos Santos que, transcendendo as raias da superficialidade como mera revisora ou corretora ortográfica, trouxe, com a sua argúcia e visão de águia, contribuições indeléveis em precisas análises e sugestões ao texto.

Aos amigos Pastor Antônio Tostes (Diretor Geral da Rede Novo Tempo), Jornalista Felipe Lemos (Assessor de Comunicação da Divisão Sul-Americana) e ao querido amigo e irmão Professor Raphael Leite Teixeira, pelas valiosas contribuições que deram a esta pesquisa através das entrevistas feitas com base em suas vastas experiências com a IASD, em termos institucionais, no exercício das suas funções e, também, em seus relacionamentos com a mídia e comunidade adventista.

Aos amigos Pastor Ignácio Kalbermater (que foi quem me autorizou a cursar Comunicação Social, na Faesa), Pastor José Marcos Nunes de Oliveira (que foi quem me autorizou a cursar o mestrado em Comunicação Social) e Alcy T. Almeida (o “pai”,

humanamente falando, da Rede Novo Tempo de TV, Rádio e WEB), pelo incentivo e inspiração que me passaram no exercício de suas funções administrativas.

À querida amiga e irmã Jane S. Ferreira Sabatini, que atuou para mim como uma verdadeira mecenas, pagando as minhas mensalidades e bancando grande parte do meu doutorado, a minha eterna gratidão. À luz do verdadeiro espírito cristão e em conformidade com a instrução de Jesus, “O que a mão direita faz a esquerda não precisa saber” (Mateus 6:3), a senhora, sem alardes e sem “tocar trombetas” e/ou alardear na mídia, criou um grupo no WhatsApp: SOMOS SOLIDÁRIOS, que tem beneficiado dezenas de estudantes pobres, viúvas, órfãos (aqui, no Brasil, na Bolívia e em países do continente africano) e muitos outros aflitos e desesperados que, na maioria das vezes, não tem nem a quem recorrer.

Aos queridos amigos de longas datas, Pastor Wellington Will, Pastor Jael Eneas e Pastor Fernando de Almeida, bem como a todos os demais amigos e colegas de Ministério com os quais convivi, aprendi, e dos quais extraí muito da minha visão pastoral e eclesiástica e, mais importante do que isso, qual a essência e reais valores do pastorado adventista, o meu muito obrigado! Com vocês, tanto quanto com o querido “irmão Paulo”, aprendi que “Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e moderação” (II Timóteo 1:7, ARA).

Aos meus “primeiros professores de Teologia”: anciãos de Igreja, com os quais muito aprendi e a partir daí foi despertada a fome pela pesquisa, na pessoa do Dr. Tomas Torres Dourado Ramos (in memoriam) e Antônio Marinho, a minha eterna e impagável dívida de gratidão!

Aos colegas pastores que me receberam em suas igrejas e às pessoas que adquiriram os meus livros e outros materiais comercializados em minhas palestras, especialmente em meio aos enormes gastos na reta final deste doutorado, o meu muito obrigado por esta grande e valioso incentivo!

Aos “desbravadores” e pioneiros da Comunicação na IASD, em suas respectivas áreas, épocas e contextos, Pastores Roberto Azevedo (in memoriam), Pável Moura (in

memorian), Arôvel Moura (in memorian) e Antônio O. Annunziatto (in memorian), o meu registro de gratidão.

Ao meu querido sobrinho, Willian Lira Felício, que, leitor voraz e arguto analista das questões eclesiais, muito contribuiu em nossas pesquisas com seus belos textos e valiosas dicas.

A todos os queridos amigos e amigas, irmãos e irmãs, que buscaram a Deus em oração ao meu favor: que o Pai Eterno os cubra sempre de bençãos incontáveis!

Fiz e faço todas as leituras e escritas dos fatos, das experiências, mesmo aquelas mais adversas e traumáticas, de tudo que passei na vida e nestes percursos acadêmicos, das pedras e obstáculos, tanto os “naturais” como aqueles que os homens maldosamente colocaram, como inerentes ao processo e, como tais, simples molduras de um quadro muito mais amplo e auspicioso: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8:28, ARA). Portanto, nada a lamentar: tudo a agradecer!

“[...] os homens e mulheres não são somente eles mesmos. São a região onde nasceram, o apartamento da cidade onde aprenderam a andar, as brincadeiras que brincaram na infância, as conversas fiadas que ouviram por acaso, os alimentos que comeram, as escolas que frequentaram, os esportes que praticaram, os poemas que leram e o Deus em que creram”.

(Somerset Maugham)

RESUMO

A emergência da pandemia de Covid-19 impôs à humanidade sérias revisões às suas concepções de comunidade e comunicação. Em vista da abrupta substituição das interações presenciais, pela mediação de dispositivos eletrônicos – como o rádio, a TV e a internet –, causada pelo isolamento social, a presente tese dedicou-se à investigação e análise das modificações ocorridas na transmissão do Evangelho, no âmbito da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), mediante os novos contextos culturais – durante e depois da pandemia. Nosso objeto de estudo se delimita ao exame do fenômeno do Púlpito Eletrônico, que se refere ao uso exacerbado das mídias eletrônicas comunicacionais, para transmissão do evangelho, na IASD, durante os períodos mencionados. O problema de pesquisa inscreveu-se no complexo de transformações pelo qual vem passando a igreja cristã, em suas relações discursivas e litúrgicas, com a adesão aos modernos meios de comunicação e seu crescimento desenfreado. O objetivo maior desta pesquisa foi analisar quais modelizações, releituras e reconfigurações do conceito de “comunidade” ganharam espaço no contexto da pandemia e pós-pandemia, haja vista a ampla adesão à comunicação eletrônica por parte da comunidade adventista. A metodologia aplicada foi composta por revisão bibliográfica e análise documental, com o auxílio dos hiperlinks, como sites, canais audiovisuais, artigos e revistas digitais de conteúdo seguro e relevante para este estudo. Além disso, contamos com relatos e diálogos informais com membros e líderes da IASD. O tipo de método reuniu as pesquisas exploratória, descritiva e explicativa, com abordagem qualitativa, na investigação do uso das plataformas comunicacionais, pela IASD, durante e depois da pandemia, partindo dos seguintes parâmetros: 1) o pastoreio eletrônico; 2) a evangelização; 3) a arrecadação de recursos e; 4) a manutenção da comunhão entre a comunidade adventista, nos períodos supracitados. A partir dos dados coletados com a aplicação da metodologia escolhida, foi possível constatar que houve grandes mudanças no campo da comunicação do Evangelho, como os cultos, ora transmitidos opcionalmente, por grande parte das igrejas, via Púlpito Eletrônico, e a crescente audiência da Rede Novo Tempo de Comunicação. Em consequência, o número de membros que permaneceu frequentando os templos, presencialmente, teve uma queda significativa. Desse modo, a tese que sustentamos é a de que o Púlpito Eletrônico substituiu o púlpito tradicional, na comunicação direta do evangelho, durante e depois da pandemia, fragmentando a comunidade adventista pelo distanciamento presencial, e abalando um dos pilares fundamentais da IASD: a comunhão presente. Dessarte, apontamos a retomada da prática adventista nos moldes convencionais por meio da proposta de fortalecimento dos “pequenos grupos”, o que representa um retorno às origens do cristianismo, quando Jesus Cristo reuniu seus apóstolos para ensinar-lhes a difundir a Palavra, culminando no que, hoje, consiste na maior religião do mundo.

Palavras-chaves: Comunicação Social. Cultura. Igreja Adventista. Cosmovisão. Evangelismo. Pandemia. Comunidade.

ABSTRACT

The emergence of the Covid-19 pandemic has forced humanity to seriously revise its conceptions of community and communication. In view of the abrupt replacement of face-to-face interactions by the mediation of electronic devices – such as the radio, the TV and the internet – caused by social isolation, this thesis was dedicated to the investigation and analysis of the changes that have occurred in the transmission of the Gospel within the Seventh-day Adventist Church (SDA Church) in light of new cultural contexts – during and after the pandemic. Our object of study is limited to the examination of the phenomenon of the Electronic Pulpit, which refers to the exacerbated use of electronic communication media to transmit the Gospel in the SDA Church during the aforementioned periods. The research problem was part of the complex of transformations that the Christian church has been undergoing, in its discursive and liturgical relations, with the adoption of modern means of communication and its unbridled growth. The main objective of this research was to analyze which models, reinterpretations and reconfigurations of “community” were crystallized in the context of the pandemic and post-pandemic period, given the widespread adoption of electronic communication by the Adventist community. The methodology applied consisted of a bibliographic review and documentary analysis, with the help of hyperlinks, such as websites, audiovisual channels, articles and digital magazines with safe and relevant content for this study. In addition, we relied on reports and informal dialogues with members and leaders of the SDA Church. The type of method brought together exploratory, descriptive and explanatory research, with a qualitative approach, in the investigation of the use of communication platforms by the SDA Church, during and after the pandemic, based on the following parameters: 1) electronic pastoring; 2) evangelization; 3) fundraising; and 4) maintaining fellowship among the Adventist community during the aforementioned periods. Based on the data collected through the application of the chosen methodology, it was possible to verify that there have been major changes in the field of communicating the Gospel, such as the worship services, now optionally broadcasted by a great number of churches via Electronic Pulpit, and the growing audience of the Novo Tempo Communication Network. As a result, the number of members who continued to attend church in person had a significant drop. Thus, our thesis is that the Electronic Pulpit replaced the traditional pulpit in the direct communication of the gospel during and after the pandemic, fragmenting the Adventist community through physical distancing and weakening one of the fundamental pillars of the SDA Church: fellowship in-person. Thus, we point to the resumption of the Adventist conventional practice through the proposal to strengthen “small groups,” which represents a return to the origins of Christianity, when Jesus Christ gathered his apostles to teach them how to spread the Word, a practice which led Christianity to become, to this day, the largest religion in the world.

Keywords: Social Communication. Culture. Adventist Church. Worldview. Evangelism. Pandemic. Community.

RESUMEN

La aparición de la pandemia de Covid-19 ha obligado a la humanidad a revisar seriamente sus concepciones de comunidad y comunicación. Ante la abrupta sustitución de las interacciones presenciales por la mediación de dispositivos electrónicos – como radio, TV e internet – provocada por el aislamiento social, esta tesis se dedicó a la investigación y análisis de los cambios ocurridos en la transmisión del Evangelio, en el ámbito de la Iglesia Adventista del Séptimo Día (IASD), a través de los nuevos contextos culturales – durante y después de la pandemia. Nuestro objeto de estudio se limita al examen del fenómeno del Pulpito Electrónico, que se refiere al uso excesivo de los medios de comunicación electrónicos para la transmisión del evangelio en la Iglesia Adventista del Séptimo Día durante los períodos mencionados. El problema de investigación se inscribe en el complejo de transformaciones que viene experimentando la iglesia cristiana, en sus relaciones discursivas y litúrgicas, con la adopción de los modernos medios de comunicación y su crecimiento desenfrenado. El objetivo principal de esta investigación fue analizar qué modelaciones, reinterpretaciones y reconfiguraciones del concepto de “comunidad” ganaron espacio en el contexto de la pandemia y la pospandemia, dada la amplia adopción de la comunicación electrónica por parte de la comunidad adventista. La metodología aplicada consistió en una revisión bibliográfica y análisis documental, con ayuda de hipervínculos, como sitios web, canales audiovisuales, artículos y revistas digitales con contenido seguro y relevante para este estudio. Además, tenemos informes y diálogos informales con miembros y líderes de la IASD. El tipo de método reunió investigación exploratoria, descriptiva y explicativa, con enfoque cualitativo, en la investigación del uso de las plataformas de comunicación, por parte de la SDA, durante y después de la pandemia, con base en los siguientes parámetros: 1) pastoreo electrónico; 2) evangelización; 3) recaudación de fondos y; 4) mantener la comunión entre la comunidad adventista durante los períodos mencionados. A partir de los datos recolectados con la aplicación de la metodología elegida, fue posible verificar que hubo cambios importantes en el campo de la comunicación del Evangelio, como los servicios, ahora transmitidos opcionalmente por la mayoría de las iglesias, vía Pulpito Electrónico, y la creciente audiencia de la Red de Comunicación Novo Tempo. Como resultado, el número de miembros que continuaron asistiendo a los templos en persona disminuyó significativamente. Así, la tesis que sostenemos es que el Pulpito Electrónico sustituyó al pulpito tradicional en la comunicación directa del evangelio, durante y después de la pandemia, fragmentando a la comunidad adventista a través del distanciamiento físico y sacudiendo uno de los pilares fundamentales de la IASD: la comunión presente. Así, señalamos la reanudación de la práctica adventista en las formas convencionales a través de la propuesta de fortalecer los “pequeños grupos”, lo que representa un retorno a los orígenes del cristianismo, cuando Jesucristo reunió a sus apóstoles para enseñarles a difundir la Palabra, culminando en lo que, hoy, consiste en la religión más grande del mundo.

Palabras-claves: Comunicación Social. Cultura. Iglesia Adventista. Visión del mundo. Evangelización. Pandemia. Comunidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da Divisão Sul-Americana da IASD	53
Figura 2	9 de setembro de 1894 – Entre Rios, ARGENTINA Frank H. Westphal	54
Figura 3	8 de maio de 1921 – Rosário, BOLÍVIA	54
Figura 4	Junho de 1895 – Gaspar Alto, BRASIL	54
Figura 5	27 de maio de 1911 – Pomata, PERU	55
Figura 6	18 de novembro de 1896 – Nueva Helvecia, URUGUAI	55
Figura 7	Funcionários pioneiros da Superbom – São Paulo, Brasil	65
Figura 8	20 de julho de 1938 – Buenos Aires, Argentina	65
Figura 9	Funcionários pioneiros da Granix – Buenos Aires, Argentina	66
Figura 10	Frota de caminhões da década de 1950	66
Figura 11	Lanchas Luzeiro IV, Luzeiro V, Luzeiro VI e Hidroavião Leo Haliwell	67
Figura 12	Logística hospitalar e de assistência social	67
Figura 13	Primeira frota móvel da Ofasa – Lima, Peru	68
Figura 14	Atendimento à população carente no Altiplano	68
Figura 15	Dr. ^a Euclair Oliveira (de lenço na cabeça) e o Dr. Walter Teixeira (batendo continência), Diretores da L.B.A. do Rio de Janeiro e Pará em visita às obras na Amazônia	68
Figura 16	Novo mapa do cristianismo no mundo (2020)	77
Figura 17	Representação do “Cinturão da Resistência” (“Janela 10/40”)	80
Figura 18	Hospital Adventista Silvestre. Primeiro prédio concluído em 1950 – Rio de Janeiro, BRASIL	84
Figura 19	Sanatório Adventista del Plata 15 de novembro de 1908 – Entre Rios, ARGENTINA	85
Figura 20	22 de outubro de 1922 – Juliaca, Peru	85
Figura 21	Engenheiro escocês John Baird, o primeiro a construir um sistema de televisão viável, transmitindo, pela primeira vez, em fevereiro de 1924. (Reprodução/ <i>Royal Television Society</i>)	108
Figura 22	Programação religiosa na TV aberta de 2012 a 2016	116
Figura 23	Primeira Rádio Novo Tempo	121
Figura 24	Satélite NSS 806	122
Figura 25	Programa de rádio “A Voz da Profecia”, apresentado pelo pastor Roberto Rabello	124
Figura 26	“Hei de Estar na Alvorada”, interpretado pelo quarteto Arautos do Rei (Primeiro álbum lançado pela Gravadora Voz da Profecia)	125
Figura 27	Rádio e TV Adsat (1996)	126
Figura 28	TV <i>Nuevo Tiempo</i>	127
Figura 29	Primeira transmissão da Semana de Oração Jovem	128
Figura 30	Igreja Adventista realiza primeiro encontro de técnicos de mídia	130
Figura 31	Como a Educação Adventista se adaptou às novas tecnologias nesta pandemia do covid-19	149
Figura 32	Escola Adventista de Andrades, Minas Gerais, durante a pandemia	150
Figura 33	Educação Adventista lança meta de 7.005 alunos matriculados em 2023 no centro do PR	151
Figura 34	Igreja “fidigital”	152

Figura 35	Capacitação digital de pastores durante a pandemia	154
Figura 36	Pastor Adejúnior durante culto em live	155
Figura 37	Como Será a Igreja Depois da Pandemia?	159
Figura 38	Voluntária prepara marmita para ser entregue à população (Foto: Reprodução)	166
Figura 39	La Iglesia Adventista ofrece ayuda física, emocional y espiritual gratuita a millones de personas, a través de diversas instituciones	167
Figura 40	ADRA realiza acciones sociales ante la emergencia sanitaria	168
Figura 41	Portando su equipo de protección personal, personal de la Clínica Adventista Ana Stahl, en Iquitos, Perú, muestra un cartel con las palabras: “Dios está contigo. Bendiciones”. AdventHealth y ADRA se han asociado para enviar equipo de protección personal y otros suministros a los empleados en las instituciones médicas en torno al mundo durante los tres meses pasados	168
Figura 42	“Voluntários da Ação Solidária Adventista (ASA) preparam e distribuem sopão para os desabrigados no CIEP, em Empresa, Taquara”	175
Figura 43	Como trabalhar com mídia na igreja?	189
Figura 44	Culto IASD Esplanada	190
Figura 45	Curso de formação em Social Media Cristão	193
Figura 46	Estrutura externa da Novo Tempo	264
Figura 47	Estrutura interna da Novo Tempo	265

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	“Janela 10/40” (percentual de evangélicos por país)	79/80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Vida no campo	279
Gráfico 2	Membro da IASD	279
Gráfico 3	Acesso à Internet	279
Gráfico 4	Importância da Internet para a evangelização	280
Gráfico 5	Tempo de participação nas atividades virtuais da Igreja	280

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	30
Tipologia da pesquisa.....	30
Abordagem metodológica da pesquisa	31
Lócus investigativo	31
Objeto de pesquisa.....	32
Procedimentos da pesquisa.....	32
Instrumentos de análise.....	34
 CAPÍTULO PRIMEIRO	
1 ADVENTISMO: CULTURA E IDENTIDADE	35
1.1 Choques culturais.....	38
1.1.1 Os choques culturais e a religião primitiva	40
1.1.2 A Igreja Católica e a “fé violenta”: choques culturais da Idade Média	42
1.1.3 Roteiros do Espírito Santo	45
1.2 Uma genealogia do adventismo: seita ou religião?	48
1.2.1 Cultura e evangelização: aspectos heterodoxos da IASD	55
1.2.2 O respeito às culturas	58
1.3 160 anos de adventismo: a “Assembleia da Associação Geral”	62
1.4 Assistencialismo: o adventismo e as minorias	64
1.4.1 O adventismo em defesa dos direitos femininos	69
1.4.2 As questões de gênero e sexualidade na IASD	72
1.5 O adventismo no contexto pós-moderno: a nova cartografia do cristianismo.....	75
1.5.1 Um mapa policêntrico e suas consequências	77
1.5.2 Adventismo e secularismo	81
1.5.3 Os percalços no cumprimento da missão: derrubando barreiras, construindo pontes	83

CAPÍTULO SEGUNDO

2 A IASD NA PÓS-MODERNIDADE: O DESAFIO DE SER IGREJA ATUALMENTE	86
2.1 A cultura e a cosmovisão adventista	89
2.2 O que é a igreja na contemporaneidade?	92
2.2.1 Alterações culturais na liturgia ao longo do tempo	96
2.2.2 As marcas da historicidade bíblica	97
2.2.3 O supremo exemplo de espiritualidade	99
2.2.4 Falsos evangelhos e teologia daprospriedade.....	101
2.3 O Púlpito Eletrônico e a comunicação do evangelho: antes, durante e depois da pandemia	103
2.3.1 A gênese do Púlpito Eletrônico: do Rádio à TV	104
2.3.1.1 A explosão das décadas de 1960 e 1970	106
2.3.2 O Púlpito Eletrônico e o contexto brasileiro	111
2.3.3 O “texto religioso”: breve análise dasemiótica dacultura.....	117
2.3.4 A Rede Novo Tempo de Comunicação.....	120
2.4 O auge da comunicação eletrônica religiosa: as marcas deixadas pela pandemia	129
2.4.1 Excesso de informação e a busca da felicidade	136
2.4.1.1 Consumismos e “consumidos”	138
2.4.2 Perdas e ganhos: intoxicação digital	143
2.5 Religião pós-moderna?	151
2.5.1 Secularização versus Evangelho da Restauração (<i>Imago Dei</i>)	156

CAPÍTULO TERCEIRO

3 O PÚLPITO ELETRÔNICO & A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA IASD: DESAFIOS E GARGALOS INSTITUCIONAIS PARA A EVANGELIZAÇÃO	163
3.1 A IASD no limiar dapandemia.....	165
3.1.1 Assistencialismo e acolhimento: breve panorama	165
3.1.1.1 As vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul e a presença da IASD: um adendo necessário	174
3.1.2 Comunidade para além doconceito: a experiência dacomunhão.....	177
3.2 Midiatização exacerbada: o Púlpito Eletrônico no Brasil	186
3.2.1 Pastoreio eletrônico: a comunidadeadventista em crise	190

3.3 A questão do “poder” na IASD	194
3.3.1 Poder e política interna na IASD: a questão hierárquica	196
3.3.2 Liderança abnegada e sacrificial: o exemplo dos pioneiros.....	201
3.4 Comunicação Organizacional na IASD: a instituição	205
3.4.1 Por que Comunicação Integrada na Igreja?	210
3.4.2 Adventistas do Sétimo Dia: diferentes, porém iguais; singulares, jamais superiores!	213
3.5 O grande “racha” das eleições presidenciais de 2018, no Brasil: distopia, polarização e totalitarismos na relação igreja e política externa	216
3.5.1 A IASD e o nazismo: quem vigia os vigilantes?	223
3.5.2 Ellen White: A IASD na vanguarda pela justiça social	231
3.5.3 A insustentável leveza da liderança democrática	240
 CAPÍTULO QUARTO	
4 A IASD NA IDADE DA MÍDIA: DA PALAVRA CRIADORA À PALAVRA MEDIATIZADA	245
4.1 Comunicação e infotecnologia na IASD: uma relação delicada	245
4.1.1 A educação como fator primário da comunicação	249
4.2 Imagem, mídia e religião	253
4.3 A pandemia e suas marcas	258
4.4 O Púlpito Eletrônico: do culto ao espetáculo religioso midiático	262
4.5 Política externa e interna na IASD: uma relação complexa	268
4.5.1 A Igreja na política.....	268
4.5.2 A política na Igreja.....	270
4.6 Comunidade de volta ao início: os “Pequenos Grupos”	275
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	285
 REFERÊNCIAS.....	298

INTRODUÇÃO

A imbricada relação entre os conceitos de comunidade e comunicação se apresenta como elemento primordial desta investigação. Na perspectiva da construção de uma análise refinada acerca do polêmico fenômeno religioso, ora chamado de Púlpito Eletrônico¹, e suas resultantes, constrói-se o objeto desta pesquisa, que se efetiva no exame das novas modelizações de comunidade e comunicação do evangelho na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), especificamente, no período pós-pandêmico.

É no contexto pós-moderno² que o *corpus* teórico deste trabalho se estrutura, na medida em que as bruscas alterações culturais se evidenciam por meio da intensa produção e inovação tecnológicas, passando pela repaginação do rádio, a grande produção de aparelhos de TV e o advento das tecnologias digitais, como a internet. O crescente acesso à informação foi, rapidamente, transformando o comportamento humano e suas relações, largamente influenciados por um sofisticado capitalismo empenhado em perpetuar um modelo de sociedade facilmente manipulável e excessivamente consumista. Nesse ínterim, o conceito de produto já não se restringe, apenas, a bens materiais concretos, mas se estende ao campo simbólico do fetiche, ou seja, à relação entre o consumo não-material e a construção de um determinado *status* social, no qual se enquadra o consumo, maior e mais rápido, da informação – não importando o tipo de conteúdo.

Esse bombardeio informativo, viabilizado pelo fácil acesso à internet e seus conteúdos, ganhou maiores proporções a partir de 2019, com a emergência da pandemia

1 Após buscar o termo “púlpito eletrônico”, na perspectiva em que o abordamos, conclui-se que essa concepção é inédita. Muito embora o mesmo termo tenha sido usado por Carlos Palácio SJ, em 2012, quando da publicação do artigo *Do templo tradicional ao púlpito eletrônico: Considerações teológicas sobre evangelização e mídia*, sua proposta se aproxima bastante da nossa, no entanto, só empregamos o termo em relação ao período pandêmico e pós-pandêmico, já que o que chamamos de Púlpito Eletrônico se refere a transformações que ainda não haviam ocorrido em 2012, quando Palácio cunhou o termo. Portanto, tratando-se de um conceito de nossa autoria, o grafamos com as iniciais maiúsculas, a fim de enfatizar a especificidade do termo, nesse contexto, e não gerar conflito terminológico entre nossa abordagem e as demais.

2 A pós-modernidade é um conceito que se estende para além de um determinado período temporal. Seu início é comumente demarcado a partir do final da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, sendo fortemente vinculada à globalização e ao capitalismo. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pos-modernidade/>. Acesso em: 20 de junho de 2024. Historicamente, o termo “pós-moderno” foi cunhado pelo filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), ao referir-se à superação do espírito da modernidade (período de efervescência da ciência como possibilidade de libertação do indivíduo), direcionando-se à emancipação do homem por meio das artes e dos sentimentos, em oposição à crença na razão, extremamente cultuada durante a modernidade entre inúmeros filósofos iluministas. Cf. JAPIASSÚ; MARCONDES. Dicionário básico de filosofia, 2008, pp. 19 -191.

por Covid-19, que impôs à humanidade sérias revisões às concepções de grupos, linguagens, sociabilidade, união, consumo, cultura, educação, religião, entre muitos outros aspectos. Em razão da grande necessidade de alterações na interação social, amplificando o uso de dispositivos eletrônicos, criaram-se modelizações de comunidade e comunicação em todos os âmbitos da sociedade. Assim, o uso de tecnologias na comunicação, que já se apresentava de modo bastante enfático, tornou-se dominante durante a pandemia, desencadeando um nível de crescimento imprevisto, no período pós-pandêmico.

A imprevisibilidade de tais transformações, que ocorreram, também, no contexto religioso de todo o globo, engendrou-se no cotidiano, de tal modo e com tanta potência, que, o Púlpito Eletrônico – antes visto como segunda alternativa em relação ao culto tradicional – tornou-se o principal veículo de comunicação entre os membros da igreja e seus líderes religiosos. Por meio do rádio, da TV e, principalmente, da internet, o Púlpito Eletrônico vive, hoje, seu apogeu, veiculando a comunicação do cristianismo em diversos formatos, de viés católico e evangélico. No entanto, nosso recorte se limita à análise do crescimento desenfreado do fenômeno eletrônico religioso em novos contextos culturais, com vistas para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta investidura pressupõe uma profunda genealogia da IASD pautada na historiografia bíblica, paralela à análise das alterações litúrgicas da igreja, provocadas pela diversidade cultural e suas modificações ao longo do tempo. Outrossim, ressalta-se que, a despeito da heterodoxia peculiar da IASD, seus princípios fundamentais, difundidos por sua cofundadora, Ellen White, discute-se na presente pesquisa, até que ponto aqueles mantêm-se intactos.

O período pandêmico impôs a tônica indagativa sobre o papel dos Púlpitos Eletrônicos, uma vez que o alarmante crescimento de tal fenômeno revelou aspectos preocupantes em relação à deturpação da verdadeira missão do cristianismo: a comunicação do evangelho. Na esteira dos espetáculos eletrônicos, que se tornaram a transmissão da mensagem de Cristo, estabelece-se a necessidade de traçar novas estratégias de combate às falsas religiões e suas investidas manipulatórias, comandadas por falsos profetas, à custa da ingenuidade e/ou ignorância dos fiéis.

A partir de um posicionamento crítico, e autocrítico, a IASD se reconhece no contexto dos Púlpitos Eletrônicos, quando da adesão à comunicação do evangelho por meios tecnológicos. No entanto, o caráter formativo do adventismo se encontra na direção oposta do charlatanismo midiático, uma vez que a concepção de comunidade e missão se desdobra para além do mero discurso salvacionista, nas diversas práticas efetivas do bem

ao próximo, materializadas nas instituições e projetos assistenciais, ofertados em todos os setores da sociedade e espalhados por todo o mundo. Embora reconheçamos essa enorme diferença entre a IASD e outras igrejas cristãs, ainda é necessário avaliar o nível de interferência do Púlpito Eletrônico na verdadeira missão do adventismo no cenário evangélico.

A primeira emissora de TV adventista surgiu em 1996, pelo Sistema Adventista de Comunicação, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Inicialmente era uma emissora de TV local, chamada “TV ADSAT”, tornando-se uma rede de emissora nacional somente em 2006, denominada “TV Novo Tempo”, com modernas instalações em Jacareí, São Paulo. De lá para cá, a Rede Novo Tempo de Comunicação cresceu bastante, tendo registrado seu maior alcance em audiência durante a pandemia.³

Do complexo de transformações pelo qual passa a igreja cristã, nas relações discursivas e litúrgicas, com os modernos meios de comunicação, enfatizando a experiência protestante do afastamento comunitário – provocado pela pandemia do coronavírus –, emerge o problema central desta pesquisa. Considerando que a comunidade religiosa está intrinsecamente ligada à intangibilidade dos pressupostos e ideais espirituais, na busca por transcendência, até que ponto, a inclusão do Púlpito Eletrônico no adventismo, altera as bases da sua religiosidade, e desconstrói seu discurso de “singularidade profético-escatológica” e de “exclusivismo missiológico”, no meio evangélico?⁴

Para lograr êxito nesta investigação, demarcamos o objetivo maior desta pesquisa: analisar quais as modelizações, releituras e reconfigurações de “comunidade” se cotejaram no contexto da pandemia, no período pós-pandêmico, haja vista a ampla adesão à comunicação eletrônica por parte da IASD. Ademais, para alcançar o objetivo principal, é necessário galgar gradativamente outros degraus investigativos, tais como: analisar as

³ Dados informados por Antônio Tostes, Diretor da Rede novo Tempo de Comunicação, em colaboração para esta pesquisa, expostos no capítulo final.

⁴ O adventismo é “um movimento profético, suscitado por Deus num tempo específico para restaurar e proclamar algumas verdades distintivas. A missão da igreja é proclamar o 1º evangelho eterno¹, esboçado no livro de Ap 14:6-12. O Adventismo é visto como um movimento singular por causa de três características distintas. Nenhuma outra igreja alega ter tais características, mesmo antes de a Igreja Adventista ter sido fundada oficialmente, em 1863. Essas características específicas definem os adventistas como o único povo em quem podem ser encontradas: 1. Raízes proféticas, ou históricas, preditas em Apocalipse 10. 2. Identidade profética definida em Apocalipse 12. 3. Mensagem profética e missão indicadas em Apocalipse 14. Os adventistas não alegam ter tais características devido a uma atitude de exclusividade religiosa ou jactância. O fato não é que os Adventistas do Sétimo Dia são “melhores do que”; ao contrário, são “diferentes de” outras igrejas. Disponível em: <https://averdade-emjesus.blogspot.com/2014/02/o-adventismo-movimento-profetico.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

mudanças operadas na liturgia dos cultos adventistas pelo uso e ênfase do Púlpito Eletrônico, no contexto pandêmico; buscar compreender as novas comunicabilidades e as sociabilidades emergentes no meio adventista durante o isolamento social, catalisadas pelas redes sociais em meio à pandemia; comparar as práticas litúrgicas e sociais dos líderes e membros da IASD, entre o período pré-pandemia, o momento pandêmico e o período posterior, no âmbito presencial e midiático; discutir as consequências semiótico-culturais pertinentes e advindas deste processo, bem como as novas dimensões, reconfigurações e reinterpretações do sagrado diante do fenômeno comunicacional; estudar as mudanças e modulações discursivas da programação da Rede Novo Tempo de Comunicação, no contexto das alegações profético-escatológicas da IASD, na figura de líderes religiosos, como detentores de uma mensagem singular para o mundo (em conformidade com Apocalipse 10:9-11, 12:17, 14:12), perante as crises sanitária, social, política e econômica, geradas pela pandemia.

A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia se cruza – até mesmo se confunde – com a do movimento milerita. Entre 1840 e 1844, a mensagem de Guilherme Miller sobre o retorno de Cristo percorreu os Estados Unidos e se estendeu a outros países. Apesar de serem percebidos como extravagantes, a princípio, os ensinamentos de Miller polarizavam pessoas e igrejas por estar próximo o “ano” do “fim do mundo”. Herdeiros de Lutero e Calvino, os adventistas se colocam na sequência direta da Reforma Protestante. E, bem como a ênfase protestante, a IASD se centralizou, desde os primórdios, na Palavra, em total oposição às imagens – presentes no catolicismo. Os adventistas entendem que a Palavra tem autoridade sobre qualquer outro elemento, uma vez que a comunicação do evangelho se dá pela fala e audição do texto sagrado, experiência litúrgica que dispensa o uso de representações imagéticas.

Portanto, diante das transformações ocorridas nas modalidades cúlticas, acirradas no período pandêmico de dissolução de laços sociais, e ascendência da imagem sobre o verbo, o estudo criterioso das alegações adventistas, quanto à supremacia da Palavra, torna inevitável o questionamento sobre as alterações provocadas pela inclusão da prática religiosa nos renovados circuitos comunicacionais eletrônicos e suas contribuições para a compreensão e o entendimento quanto à comunicação do evangelho no mundo pós-moderno.

Fundada em 1863, a Igreja Adventista do Sétimo Dia cresceu, agigantou-se e se expandiu além-fronteiras – presente, hoje, em 213 dos 235 países e territórios reconhecidos pelas Nações Unidas. Do pequeno grupo de pioneiros que, nos primórdios,

relutaram em criar uma “organização”, a IASD é, atualmente, um megaconglomerado transnacional que, além dos milhares de templos, prédios e sedes administrativas ligados à parte eclesiástica, conta com 8.807 escolas, sendo 118 de nível superior, 34 escolas técnicas, 2.549 escolas secundárias e 6.106 escolas fundamentais; com um total de 1.881.571 alunos – o que a torna a segunda maior rede educativa confessional do mundo. Na área de saúde, possui 211 hospitais, 440 clínicas e sete faculdades de Medicina, em Loma Linda e Orlando (Estados Unidos), Libertador San Martín (Argentina), Montemorelos (México), Lima (Peru), Kigali (Ruanda) e Silang (Filipinas). Na área de comunicações, a IASD conta com 16 emissoras de TV. Os programas radiofônicos são transmitidos para 327 idiomas e dialetos, além de dezenas de cursos superiores nas diversas habilitações da Comunicação. Possui 64 editoras espalhadas pelo planeta, sendo a Casa Publicadora Brasileira (CPB), situada em Tatuí (SP), a maior em faturamento e número de funcionários. Ainda no segmento claramente comercial, a IASD conta com 22 fábricas de alimentos espalhadas pelo globo.

Em consonância às considerações ora apresentadas, a estruturação desta pesquisa se organiza em quatro capítulos. O capítulo primeiro discorre acerca dos conceitos de cultura e identidade aplicadas ao contexto religioso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, traçando uma análise dos choques culturais, presentes desde a Igreja Primitiva, passando pela Idade Média, com o nascimento da IASD, e deflagrados, ainda, nos dias atuais. Seguidamente, fazemos uma genealogia da IASD, remontando às raízes históricas e à luta pelo reconhecimento como Igreja, a despeito do estigma de “seita” – estigma inculcado, também, ao cristianismo primitivo –, que sofrera quando da sua formação, no contexto dos movimentos mileritas, no século 19. Estabelecendo uma ponte entre o início da IASD e seu aniversário de 160 anos, discutimos criticamente as mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo, com ênfase nas pautas da edição comemorativa da Associação Geral de 2022, que pontuou aspectos relevantes a serem pensados e alterados, a fim de manter um equilíbrio entre os princípios fundamentais da Igreja e os novos tempos. Diga-se de passagem, as Associações Gerais da IASD, no contexto internacional, sempre estiveram atentas às questões de sua época, no compromisso ético e missiológico de inclusão das diferentes culturas, por meio da comunicação do evangelho, projetos assistenciais, entre muitos outros. Nesse sentido, apresentamos um vasto panorama do trabalho assistencialista da Igreja, mundo a fora, atuando em todos os aspectos da sociedade, de maneira prática e efetiva. Finalizando o primeiro capítulo, voltamo-nos aos

novos dados cartográficos do cristianismo no mundo, em uma reflexão acerca dos desafios da IASD frente ao secularismo atual, com destaque para a “janela 10/40”.

O segundo capítulo introduziu a discussão acerca do objeto de pesquisa desta tese: o Púlpito Eletrônico e seus impactos na comunicação do evangelho, bem como a reconfiguração da comunidade adventista. A partir da pós-modernidade e dos desafios que a IASD enfrenta no contexto da hipermediatização, investigamos o modo como as tecnologias – desde o rádio, a TV e a internet – interferem na mensagem do evangelho e cumprimento da missão cristã, mediadas pelas novas formas de comunicação, impulsionadas pelas consequências da pandemia. Assim, construímos uma análise histórica da tecnologia vinculada ao fenômeno da “Igreja Eletrônica”, precipitada nos Estados Unidos desde a década de 1960, expandindo-se para a América Latina e, de modo peculiar, no Brasil. Desenvolvemos, a partir de então, um criterioso exame do modo como o fenômeno midiático se manifesta no contexto brasileiro, antes, durante e depois da pandemia, direcionando para o prisma adventista da Rede Novo Tempo de Comunicação. Antes, porém, pontuamos alguns tópicos relevantes para a compreensão desde capítulo, como: o que é igreja; as alterações litúrgicas da IASD; as marcas da igreja bíblica; as concepções deturpadas de religião e; o supremo exemplo de espiritualidade. Após analisar tais pontos, passamos aos desdobramentos do fenômeno eletrônico religioso, a partir da relação causal entre os aspectos sociais, econômicos e políticos e a emergência de um novo modelo de comunidade e comunicação, regidos pelo excesso de informação, o distanciamento entre os indivíduos, o consumismo, a busca por uma felicidade ilusória, em suma, o resultado de uma sociedade movida pela “intoxicação digital”. Destas compreensões, consideramos a chegada de um tipo de “religião pós-moderna”, isto é, uma religiosidade relegada a segundo plano – quando existente – ofuscada pelas luzes imagéticas da predominância massiva do Púlpito Eletrônico, gerando, como consequência, o afastamento da religião bíblica, o que culmina no problema da secularização das instituições religiosas, ainda que isto pareça contraditório. Finalizamos este capítulo com a renovação da fé e da prevalência da religião sobre o contexto eletrônico desmedido, no uso correto desta ferramenta e do posicionamento crítico, na retomada da essência dos conceitos de comunidade e comunicação no âmbito da IASD, com o evangelho da restauração: *Imago Dei* (à imagem de Deus).

No terceiro capítulo, cerne desta tese, adentramos mais profundamente ao fenômeno do Púlpito Eletrônico, a partir da pandemia, apresentando um breve panorama do posicionamento da IASD no combate à crise sanitária mundial por meio de ações

assistenciais, em nível global, através da ADRA, da ASA, arrecadação de alimentos, medicamentos, disponibilização de hospitais para tratamento dos enfermos, acolhimento psicossocial e religioso, arrecadação de verba e voluntariado. Em parêntese pertinente, incluímos as ações da IASD às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, bem como a participação do ministério independente IAGE (Instituto de Agricultura e Evangelismo), em socorro aos inúmeros acometidos por esse desastre natural. Na sequência, abordamos dois dos conceitos mais relevantes desta pesquisa: comunidade e comunhão, ora ameaçados pela hipermediatização religiosa na IASD. Nesse sentido, resgatamos a importância dos “Pequenos Grupos” como possibilidade de retomar a essência da comunhão entre os membros da IASD, subsidiados pelos escritos de sua cofundadora, Ellen G. White. Em pertinência ao cerne deste capítulo, investigamos a evolução da mediatização religiosa para o fenômeno do Púlpito Eletrônico, ressaltando suas características peculiares relacionadas ao Brasil, bem como sua distinção da “Igreja Eletrônica” norte-americana. Em tempo, discutimos a relação entre a palavra – e a Palavra – e a representação imagética no meio religioso, perpassando, inevitavelmente, pela hegemonia mercadológica fomentada pelo consumismo virtual, e retroalimentada por um formato de capitalismo refinado. Na mesma linha de raciocínio, abordamos a intensificação dos cultos virtuais em detrimento das reuniões presenciais na comunidade adventista, haja vista, o crescente número de informatização da IASD, incluindo “cursos de formação social média cristão”.

Ainda, sobre o Púlpito Eletrônico e suas características peculiares, introduzimos a questão do poder na IASD como um de seus fatores originários, reforçado pela acentuada disputa hierárquica nas políticas internas. Soma-se a isso, a relação entre a IASD e a política externa partidária, quando das eleições presidenciais de 2018 e 2022, no Brasil, que reforçou uma polarização de parte da membresia adventista. Isto posto, rememoramos o trágico envolvimento da Liderança da IASD na Alemanha com o nazismo, à altura da Segunda Guerra Mundial. Este episódio sombrio, no entanto, ocasionou um posicionamento enfático acerca da conscientização ética, por parte da Organização da IASD, que elaborou um documento oficial aconselhando os cristãos a tomarem medidas cautelosas em relação ao voto presidencial, nas eleições supramencionadas, sem, no entanto, emitir inclinação partidária de qualquer tipo. Seguidamente, apontamos o exemplo de liderança dos pioneiros do Adventismo, que pode ser resumida em “liderar é servir”. Chegando ao final deste capítulo, enfatizamos a presença da Comunicação Organizacional na IASD, com ênfase na Comunicação

Integrada, que ressalva a importância fundamental da horizontalidade em todos os aspectos da Igreja como Instituição. Fechamos o capítulo com o belíssimo histórico da vanguarda da justiça social, protagonizada pela cofundadora da IASD, Ellen G. White, e seus inúmeros trabalhos sociais, assim como o Dom Profético expresso em seus escritos, que possuem relevância fundamental para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde a sua fundação.

O quarto e último capítulo abordou as mudanças litúrgicas dos cultos adventistas; o uso do Púlpito Eletrônico no contexto pandêmico e pós-pandêmico; às novas formas comunicacionais; a sociabilidade via redes sociais na IASD durante o isolamento; as práticas litúrgicas e sociais dos líderes e membros das IASD em análise; as consequências culturais deste processo; as reconfigurações do elemento sacro diante do fenômeno eletrônico; as novas modulações discursivas dos televangelistas e pastores da rádio, TV e web da Rede Novo Tempo de Comunicação; as transformações das pregações tradicionais; e os novos modelos eletrônicos no contexto pós-pandêmico, bem como as contradições e crises geradas por eles.

Constatou-se as modelizações, releituras e reconfigurações de “comunidade” que se cotejaram no contexto da pandemia e no período pós-pandêmico, na comunicação eletrônica por parte da IASD, respondendo, portanto, ao problema de pesquisa, na perspectiva de analisar, até que ponto as consequências de tal conjuntura configuraram uma problemática na possível alteração das bases fundamentais do adventismo, bem como do discurso de “singularidade” profético-escatológica e do “exclusivismo” missiológico, no contexto evangélico. Discorremos sobre as constatações, antes elucubradas, em torno do objeto da presente tese, a partir da relação entre a comunicação e as infotecnologias, bem como suas consequências no âmbito da IASD. Em seguida, direcionamos a discussão para a educação como fator primário da comunicação, enfatizando os problemas enfrentados pela população brasileira, no que se refere à educação pública e as escolas adventistas, destacando os efeitos nefastos da pandemia, também, neste setor. Utilizamos as contribuições de Albert Klein acerca da ligação entre mídia, imagem e religião, contextualizando a problemática que se estabeleceu a partir da pandemia no cenário específico da IASD. Refazendo o caminho percorrido durante esta pesquisa, foi possível considerar as marcas deixadas pela pandemia, em diversos aspectos da realidade humana, ressaltando as inúmeras perdas advindas dessa crise sanitária, isto é, o legado da pandemia. Finalmente, a tese em tela pode ser confirmada a partir da manifestação massiva do fenômeno do Púlpito Eletrônico, que alterou as concepções de

comunidade e comunicação do evangelho na IASD. Desta feita, concebemos a possibilidade de recomeçar uma nova jornada por meio do resgate dos “pequenos grupos”, seguindo aquilo que pregava Ellen White, posto que, oportunamente, a “vida no campo” possa concretizar e/ou, de forma emblemática, tipificar a conclusão da missão.

Dessa forma, esta pesquisa contribui com a compreensão de que, o culto que ocorre no Púlpito Eletrônico, incrementa os estudos, pesquisas e investigações quanto às novas modalidades de comunidade e comunicação que regem a atualidade. No entanto, partindo da premissa de que a participação presencial em comunidade é fundamental para o constructo do tecido social e do fortalecimento dos laços comunitários, a exacerbação do Púlpito Eletrônico, em circunstância de isolamento social do indivíduo, ao nosso ver, deturpou as características que definem o conceito de comunidade, gerando consequências nefastas para a sociabilidade, de modo geral, mas, principalmente, no âmbito religioso, no qual a IASD se insere, não somente como vítima de tais transformações, mas também como proposta de reflexão e reconstrução da comunhão, que se realiza em sua integridade, na presença real e na comunicação direta da Palavra.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia de uma pesquisa científica consiste no conjunto de métodos, abordagens, instrumentos e procedimentos para coleta e análise de dados, com vistas a contemplar a problemática que gira em torno do objeto, bem como alcançar os objetivos traçados e resultados esperados. Cabe frisar que nem todas as pesquisas buscam resultados conclusivos herméticos, dado que os resultados esperados podem ser: uma problematização sobre um tema pouco explorado; uma contribuição com um debate bastante discutido, sob uma outra perspectiva, entre muitos outros. Para chegar ao resultado, constatação, conclusão, é preciso, antes, percorrer os caminhos metodológicos, a fim de estruturar toda a organização da pesquisa.

Dessarte, a escolha e elaboração de uma metodologia adequada reflete diretamente no processo de desenvolvimento e resultados da pesquisa, posto que o termo “método” significa “o meio pelo qual” se constrói uma pesquisa científica relevante, em todos os seus aspectos.

Para tanto, a metodologia organiza toda a pesquisa em categorias que orientam a construção de cada etapa, a saber: Tipologia da pesquisa; Abordagem metodológica da pesquisa; Lócus investigativo; Objeto de pesquisa; Procedimentos da pesquisa e; Instrumentos de análise. Desse modo, com o objetivo de analisar quais as modelizações, releituras e reconfigurações de “comunidade” foram cotejadas no contexto da pandemia e pós-pandemia, haja vista a ampla adesão à comunicação eletrônica por parte da comunidade adventista, elaboramos as etapas desta pesquisa a partir da metodologia exposta, a seguir.

Tipologia da pesquisa

O propósito da metodologia aplicada a este estudo partiu da junção de três tipos de pesquisa: exploratória, descritiva e explicativa. O primeiro tipo se justifica pela necessidade de explorar um tema pouco discutido, na perspectiva em que abordamos a relação entre comunicação midiática e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos períodos pandêmico e pós-pandêmico. A pesquisa descritiva se enquadra na análise comparativa entre contextos histórico-culturais, nos quais se manifestou o fenômeno do Púlpito Eletrônico. Já a pesquisa explicativa se concretiza por meio da identificação de aspectos que subsidiaram o desenvolvimento e a constatação desta tese. Desse modo, a junção dos

três tipos de pesquisa pode ser sintetizado por meio dos aspectos correspondes às tipologias supramencionadas, como: a ausência de estudos referentes ao recorte da pesquisa no âmbito da relação entre comunicação e religiosidade (exploratória); o conhecimento prévio acerca da religião trabalhada, bem como do aparato comunicacional eletrônico, ressaltando que estes pressupostos não justificam o conhecimento sobre o objeto de pesquisa, em si mesmo, ou seja, a abordagem específica, considerando, ainda, a pandemia como instrumento catalisador da problemática em questão (descritiva); a identificação de fatores que contribuíram para a constatação desta tese (explicativa).

Abordagem metodológica da pesquisa

A abordagem metodológica qualitativa foi escolhida por se enquadrar a este tipo de pesquisa, uma vez que seus procedimentos e resultados se apresentam através de análises, percepções, descrição da complexidade do problema, bem como da interação de variáveis. Esta abordagem considera um campo epistemológico no qual se inserem, também, aspectos subjetivos do autor/pesquisador, no que se refere às motivações, interpretações, intensões, sem, no entanto, se desvincular do processo científico da pesquisa.

Lócus investigativo

A pesquisa percorreu territórios abstratos, posto que os cenários constituem o contexto histórico-cultural dos períodos pandêmico (2019-2023) e pós-pandêmico (2023 até o presente), em solo brasileiro. No âmbito comunicacional, avaliamos o modo como a IASD, especificamente, a Rede Novo Tempo de Comunicação utilizou as plataformas comunicacionais, durante e depois da pandemia, bem como a membresia reagiu às ofertas virtuais criadas pela RNTC. Nesse sentido, partimos dos seguintes parâmetros de investigação: 1) o pastoreio eletrônico; 2) a evangelização; 3) a arrecadação de recursos e; 4) a manutenção da comunhão entre a comunidade adventista.

Objeto de pesquisa

Nosso objeto de estudo se delimita ao exame do fenômeno do Púlpito Eletrônico, que se refere ao crescimento exacerbado do uso das mídias eletrônicas comunicacionais para a transmissão do evangelho, durante e depois da crise sanitária, na IASD.

Procedimentos da pesquisa

A primeira fase da pesquisa consistiu em escolher o referencial teórico a ser utilizado na pesquisa bibliográfica. Os critérios de avaliação, para seleção do material bibliográfico considerou obras e autores que dialogassem com a linha de pesquisa à qual pertence este trabalho, a saber: Comunicação Comunitária, Territórios de Cidadania e Desenvolvimento Social, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – PPGCOM. O quadro teórico se estruturou em categorias, segundo as áreas de discurso, categorias de análise e seus mais renomados autores, a exemplo:

- **Ciências da Religião e Teologia:** Justo González (*Desafios do século XXI para o pensamento cristão*; *Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*); Harold Segura (*Para que serve a espiritualidade?*); Alberto F. Roldán, (*Para que serve a teologia?*); Paulo Romeiro (*Evangélicos em crise*); Ángel M. Rodriguez (*Teologia do remanescente: uma perspectiva eclesiológica adventista*).
- **História da IASD:** George Knight (*Adventismo: origem e impacto do movimento milerita*; *Breve história dos Adventistas do Sétimo Dia. Uma igreja mundial*; *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*; *A mensagem de 1888*; *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?*); Geoffrey J. Paxton (*O abalo do adventismo: uma narrativa documentada da crise verificada entre os adventistas sobre a doutrina da justificação pela fé*). Russell Burrill (*Discípulos Modernos: o desafio de Cristo para cada membro da Igreja*; *Como reavivar a Igreja do Século 21: o poder transformador dos pequenos grupos*; *Recuperando uma Abordagem Adventista à Vida e Missão da Igreja Local*).
- **Comunicação, cultura e mídia:** Dominique Wolton (*Informar não é comunicar*); Alberto Klein (*Imagens de culto e imagens de mídia: interferências midiáticas no cenário religioso*); Márcia Cappellano dos Santos e Isabel Batista - Orgs. (*Laços*

sociais: por uma epistemologia da hospitalidade); Raquel Recuero (*Redes sociais na internet*); Carlos Flávio Teixeira (*Repensando a religião: debates sobre teologia, estado e cultura*); Steve Turner (*Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*); Emerson Sena da Silveira (*Catolicismo, mídia e consumo*). Fábio Sebastião Polato (*O uso do rádio e da TV por instituições religiosas: Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação*); Margarida Maria Krohling Kunsch - Org. (*A Comunicação como fator de humanização nas organizações*); Roberto Esposito (*Communitas: origem e destino da Comunidade*); Hugo Assmann (*A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*); Manuel Castells (*Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*).

- **Literatura adventista:** Ellen G White (*Testemunhos para a igreja; O outro poder: conselhos aos escritores e editores; Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos; Mente, caráter e personalidade 1; Obreiros Evangélicos*); Mário Veloso (*Atos: contando a história da igreja apostólica: comentário bíblico homilético*); Uriah Smith (*Considerações sobre Daniel e Apocalipse*).
- **Sociologia:** Jean-Paul Willaime (*Sociologia das religiões; Sociologia e adventismo: desafios brasileiros para a missão*); Marcel Mauss (*Sociologia e Antropologia*); Herbert Marcuse (*Tecnologia, guerra e fascismo*); Alice Krieg-Planque (*Analisar discursos institucionais*); Manuel Castells (*Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri*).
- **Filosofia:** Aristóteles (*A política*); Platão (*A república*). M. Horkheimer (*Eclipse da razão*); M. Horkheimer e T. W. Adorno (*Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*); Byung-Chul Han (*Sociedade do cansaço*); M. Foucault (*Defender la sociedade; Microfísica do poder*).

Após a seleção do material bibliográfico, passamos a coleta de documentos formais e informais acerca do objeto de pesquisa, por meio de plataformas digitais, como sites, revistas online, artigos científicos, periódicos, canais da web, que apresentassem informações documentais pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa, em formato textual, iconográfico e audiovisual.

A terceira fase consistiu em reunir informações e relatos acerca das mídias comunicacionais que se relacionam com a IASD, sobretudo, a Rede Novo Tempo de

Comunicação, no rádio, tv e web, com a colaboração livre e informal de seu Presidente, Antônio Tostes.

Instrumentos de análise

Em posse dos dados da pesquisa, passamos a leitura e fichamento do material bibliográfico, por meio de uma extensa investigação da literatura acerca do objeto da tese e seus desdobramentos. Os documentos físicos e digitais também compuseram a elaboração e confecção do texto, propriamente dito, da tese em tela, acrescida da vasta experiência do pesquisador enquanto membro da IASD, considerando o nível dos postos que ocupara – e ainda ocupa – dentro da organização. Entrementes, ressaltamos que essas contribuições favorecem uma perspectiva de observação aprofundada de certas questões, mantendo uma postura crítica e sóbria, próprias do academicismo exigido de um pesquisador em nível de doutoramento.

Utilizamos o recurso da triangulação, para a análise e cruzamento dos dados: documentais, no que tange aos documentos formais da IASD, bem como os resultantes de Eventos Nacionais e Internacionais, pronunciamentos por parte das Lideranças da IASD, Notas em Revistas e sites oficiais da Igreja Adventista; comunicacionais, relacionados ao fenômeno do Púlpito Eletrônico, nos períodos da pandemia e pós- pandemia, especificamente, a Rede Novo Tempo de Comunicação; religiosos, no âmbito da comunidade adventista e das transformações ligadas ao fenômeno midiático e; teórico, no que se refere à fundamentação argumentativa e análise de discursos.

CAPÍTULO PRIMEIRO

1 ADVENTISMO: CULTURA E IDENTIDADE

Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga, afirmou em *A política* (S.d., p. 14) que “[...] o homem é naturalmente um animal político destinado a viver em sociedade”, entendendo, por sociabilidade, toda e qualquer relação entre os indivíduos que coabitassem a mesma região, ou “cidade”, do grego (*polis*)⁵. Toda “cidade”, ou melhor, todo grupo tem em comum as mesmas finalidades e preceitos; ou seja, partilha, necessariamente, da mesma cultura – conceito-chave deste capítulo. A cultura é o conjunto de elementos materiais e simbólicos que representa a identidade de um povo, demarcando suas idiossincrasias, gerando sentidos e significados muito particulares, como o sentimento de pertencer, fazer parte, estar presente, sentir-se membro, ser acolhido. Por essas, e muitas outras razões, a cultura é um fenômeno de extrema importância para os seres humanos, posto que estes são os únicos animais capazes de evocar tamanha abstração.

Historicamente, os registros mais longínquos sobre as relações humanas apontam sempre para o aspecto de individuação entre os grupos e seus modos de vida, ou seja, a “cultura”, ou ainda o costume. *Grosso modo*, a origem da formação de grupos remonta à autopreservação de seus membros, a manutenção dos provimentos, a proteção da prole e todo o aparato característico comum que os une. Evolutivamente, o conceito de grupo ganhou novos significados a partir do desenvolvimento dos aspectos simbólico e imaterial, que congregam a união comum dos membros. Logo, o elemento “comum”, donde deriva o termo “comunidade”, é o elo que mantém o grupo unido, uma vez que se inclinam ao relacionamento com aqueles que pensam de modo semelhante ou idêntico. Assim, os objetivos comuns do grupo podem se considerar o germen primitivo de todas as nações.

Essa união em prol de uma forma específica de viver, ao longo das gerações, culminou também na formação de outro grande fator contributivo para o fortalecimento das comunidades, mundo afora: a raça e a etnia. Tais traços, quando marcados no rosto e as expressões, como o formato e a cor dos olhos, o formato dos narizes, a espessura dos

5 “A *polis* se constituía como uma unidade política e territorial, sobretudo através do vínculo que seus cidadãos mantinham com ela por lealdade, identidade cultural e origem. É na *polis* que se dá a experiência da democracia, caracterizada pela igualdade dos cidadãos perante a lei e pela participação destes na decisão política.” (Japiassú; Marcondes, 2000, p. 220).

lábios, a estatura corporal, a cor da pele e tantos outros aspectos, são importantes divisores entre as comunidades (nações) de todo o mundo.

Para além dessas diferenças, Aristóteles também dirigiu especial atenção ao que considerava a característica de distinção mais acentuada, não entre os grupos, mas entre o homem e os outros animais: a indeterminação de sua natureza. Para o filósofo, o homem é o único animal indeterminado, pois sua natureza não se encerra nas satisfações instintivas, posto que possui uma “alma”, quer se diga, a capacidade inata de julgar e distinguir o bem e o mal: uma moral *a priori*. Fato é que essa capacidade de criar valores permitiu ao homem “cultivar” e compartilhar com os congêneres, sentidos, crenças, significados, costumes, símbolos e condutas *sui generis*, chamada de cultura. É a cultura, portanto, o conjunto de características que distingue as inúmeras comunidades espalhadas pelo globo. Assim, Aristóteles tentou demarcar que a comunidade não se move por instintos cegos, mas por um cálculo racional, refletido e ponderado, diante da grande teia de possibilidades de ação. Não por acaso, o conceito de comunidade se origina do termo “comum”. Logo, comunidade é o agrupamento de indivíduos que compartilham – comungam – de aspectos fundamentalmente comuns à sua cultura, a exemplo da religião

A cultura é um dos elementos mais caros aos Adventistas do Sétimo Dia, desde a sua origem, podendo se confirmar a partir da obra de dois grandes estudiosos, pioneiros nas reflexões acerca do fenômeno “cultura” da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD): Uriah Smith e Stephen Haskell. Segundo Smith, o termo cultura pode ser compreendido sob três aspectos: i) cultivo vegetal (1886, pp. 33-35); ii) agrupamento de conhecimentos (1884, pp. 233-234); iii) identidade de um povo (1886, pp. 33-35). Neste último, a cultura assume papel de extrema relevância dentro da comunidade.

Smith se debruçou, inicialmente, sobre as aparições do termo cultura na bibliografia do adventismo, constatando a existência de diversas perspectivas sobre o mesmo termo:

Em um mesmo livro, o termo chega a ser aplicado a partir de distintos significados, como corre em *The journal of nations*, onde se observa o uso de “cultura” na significação agrária e o uso posterior do termo em referência à identidade, envolvendo conhecimento popular ou erudito. (SMITH, 1886, pp. 33-35)

Numa interpretação mais profética do termo cultura, no livro *Considerações sobre Daniel e Apocalipse* (2014), Smith relaciona os aspectos raciais e sociais, partilhados por determinados grupos, como fundamento cultural da identidade. Desse modo, a relação entre cultura e identidade na IASD, direciona-nos ao incontestável caráter comunitário do

adventismo, desde seu início, na forma de associações, no contexto dos “movimentos messiânicos” do século 19.

De maneira mais ampla, Haskell compreende o conceito de cultura como a própria identidade, não apenas como elemento fundador da identidade. Haskell apresenta a relação entre as culturas judaica e grega. No contexto da cultura grega e a relação com o cristianismo, o termo “cultura” é empregado como determinação da forma de pensar, das práticas, instituições e símbolos do cotidiano de um grupo, promovendo uma “linguagem comum, religião e lei” (HASKELL, 1977, p. 183). Haskell explica que a cultura grega se fundamenta nos ensinamentos de Platão⁶ e que uma corrente da cultura judaica, do período greco-macedônico, acabou adotando o sincretismo entre os ensinamentos bíblicos e os ensinamentos de Platão, resultando nas chamadas “tradições do homem” (HASKELL, *Op. Cit.*).

Assim, nota-se uma compreensão do conceito “cultura” como referência a um aglomerado de crenças e práticas de um povo, na composição da sua identidade. Essa identidade é formada por pressupostos prévios e implicitamente aceitos. No caso da cultura grega, o platonismo. No caso de uma corrente da cultura judaica do período intertestamentário, um sincretismo entre os pressupostos escriturísticos e gregos (HASKELL, *ibid*).

Nesse ínterim, a união de uma comunidade se fortalece pelo elemento transcendental que a representa, acolhe, consola, dignifica: a espiritualidade. A crença, religião ou doutrina se faz presente em todas as culturas, em todas as comunidades do mundo, manifesta das mais diversas formas. Embora haja uma imensa variedade de religiões, crenças e doutrinas, um ponto em comum as une: a crença no poder do intangível, inerente à busca do homem pela transcendência.⁷

Comunidade, cultura e identidade são conceitos intimamente vinculados, e esse vínculo é mediado pela comunicação entre os membros que as compõem. Faz-se mister endossar que a comunicação não se concretiza restritamente por meio do idioma ou da

⁶ Platão é a referência mais marcante em relação aos aspectos culturais ligados à metafísica, assim como seu discípulo, Aristóteles. Por ter fundado a primeira Academia de Filosofia, com influências de grande parte dos filósofos pré-socráticos e do próprio Sócrates, passando por variadas fases e correntes, seu legado tem grande relevância na tradição filosófica. No entanto, suas concepções dualistas da doutrina dos dois mundos (interpretadas pelo cristianismo como céu e terra) foi uma das maiores influências para o nascimento do cristianismo. Cf. Platão, *A República* V.

⁷ A “transcendência” é um termo originário da Metafísica (uma das cinco categorias tradicionais da filosofia), que se ocupa dos fenômenos além da *physis* (mundo físico). O termo também é utilizado na religião, em referência à crença na existência de algo que transcende (ultrapassa) o mundo material, necessariamente ligado à ideia de Deus, divindade, espiritualidade.

língua (falados ou escritos) de uma mesma comunidade, mas abrange outras formas de transmissão e recepção de informação, mensagem e conteúdo.

A religião, assim como a comunicação, faz parte da cultura de cada grupo, com diversificações imensuráveis, em que o indivíduo nasce e, a partir delas, molda-se, utilizando-se dos instrumentos ofertados. A comunicação humana é, sem dúvida, um aspecto de grande importância na distinção das outras espécies de animais, pois a complexidade da linguagem segue a própria complexidade do homem. A célebre assertiva aristotélica sobre a “natureza” do homem, como “animal político”, vai além da sugestão de uma sociabilidade inata, mas revela também o caráter indeterminista, ilimitável. Portanto, comunidade e comunicação se imbricam numa relação indissociável dentro da cultura.

Nesse sentido, segundo Dorneles, referenciando Yuri Lotman:

[...] desenvolveu uma visão sistêmica da cultura, na qual os textos não são peças isoladas, mas partes de um todo, integrados em sistemas de significação, denominados linguagens secundárias ou sistemas modelizantes. Com essa referência biológica, a semiótica russa enfatiza o caráter orgânico e sistêmico da cultura. (DORNELES, 2018, p. 21)

Dorneles acrescenta:

Lotman tem em mente um conceito amplo de ‘texto’ (do latim *‘textus’*, ‘tecido’; do verbo *‘tecitere’*, ‘tecer’). Para ele, *rituais*, *mitos*, literatura, obras de arte, produções cinematográficas, documentos e discursos históricos são todos ‘textos da cultura’, na medida que, em seu processo de significação, esses textos incorporam uma segunda linguagem, de natureza cultural. (*Op. Cit.*, 2018, p. 21)

Visto que os membros da comunidade se associam por meio de afinidades, a religião também é considerada uma comunidade e, como tal, partilha um determinado modo de se comunicar, valendo-se deste modo para disseminação de ideias, preceitos morais, éticos, postura, comportamento e, no caso da IASD, na comunicação do evangelho.

1.1 Choques culturais

Dentre tantas culturas distintas, é bastante comum encontrar na história universal os choques culturais, que podem passar de um simples estranhamento, a origem de guerras e mazelas que, até hoje, assolam o mundo. Outrossim, o termo “choque cultural” não sugere um embate, necessariamente, mas simplesmente o encontro “estranho” entre culturas distintas. Em todo caso, não raro, os choques culturais provenientes de imigrações constantes resultam em grandes episódios desumanos, como deportação,

separação entre os entes da mesma família, maus-tratos, prisões e até a morte de crianças e adultos.⁸

O encontro entre duas culturas distintas certamente fará emergir sensações diversas. A princípio, o estranhamento diante do diferente pode causar medo, repulsa, espanto. Posteriormente, o medo pode se transformar em ameaça, pois o desconhecido é um dos maiores inimigos do homem. A simples ideia da presença de uma ameaça pode ser o estopim para choques culturais bastantes violentos. Ao longo da história, essa ameaça ganha refinamento, e o objeto ameaçado já não se refere apenas à conservação física dos membros do grupo, mas atinge instâncias mais simbólicas, como a tentativa de demonstrar uma suposta superioridade cultural, racial, étnica.⁹

Pode-se encontrar, na história universal, diversos exemplos de choques culturais justificados pelo autoconvencimento da superioridade de uma cultura sobre as outras, por exemplo: xenofobia,¹⁰ racismo,¹¹ classismo,¹² transfobia,¹³ homofobia,¹⁴ antissemitismo¹⁵ e, por fim, o preconceito religioso.¹⁶ Não obstante, essa sensação de superioridade também se manifesta dentro de uma mesma cultura, como os preconceitos contra mulheres (machismo, misoginia, sexismo), a gordofobia e o capacitismo.¹⁷ Nesse sentido, a IASD se posiciona, em todo o mundo, no combate a tais preconceitos, rompendo barreiras estabelecidas pelo ódio, no desenvolvimento de ações agregadoras e humanitárias, marca sobressaliente do adventismo.

Portanto, ao se referir aos grandes choques culturais, percebe-se que estes ultrapassam a esfera da mera diferença entre as culturas, transformando-se na

8 Vide as recentes políticas de imigração dos Estados Unidos.

9 O Holocausto provocado pelos alemães, durante a Segunda Grande Guerra, em perseguição aos judeus e tantos outros povos, posteriormente foi considerada a maior das demonstrações de autoconvencimento de superioridade racial, étnica ou cultural. Até hoje, o combate ao nazismo na Alemanha é bastante severo, numa tentativa de evitar a repetição do fato.

10 Praticada em diversos países, principalmente nos Estados Unidos, com a recente política contra imigrantes, que gerou mortes, prisões, distanciamento entre pais e crianças, maus-tratos físicos, morais e emocionais de alto poder de destruição.

11 Contra os negros africanos, inicialmente escravizados e tratados como mercadoria por parte da Inglaterra e de Portugal (Idades Média e Moderna). Atualmente, o preconceito étnico contra negros e culturas afrodescendentes ainda é uma realidade gritante, mesmo configurando crime.

12 Preconceito de classe social, que remonta tempos longínquos na história, sendo evidenciado a partir das Revoluções Industriais e a contribuição bibliográfica de Karl Marx acerca dos direitos da classe trabalhadora.

13 Preconceito contra pessoas trans.

14 Preconceito contra homossexuais.

15 Marcado na história pelo nazismo, na Alemanha, gerando a Segunda Grande Guerra, sob liderança de Adolf Hitler.

16 Este, talvez, seja o mais antigo tipo de choque cultural.

17 Os preconceitos dentro de uma mesma cultura obedecem a mesma regra dos choques culturais, pois se constroem sobre a ideia de superioridade de uns sobre os outros.

discriminação egocêntrica de umas sobre as outras. Outrossim, este fenômeno se estende à religião e atua fortemente desde a época mais remota alcançada pela história até os dias atuais.

O encontro entre culturas permitiu, também, que se estabelecesse o multiculturalismo que, ao invés de separar os grupos por suas distinções, une-os numa troca enriquecedora de conhecimentos, inclusive criando “terceiras” culturas da união de duas ou mais. Esse é o aspecto que o adventismo atual quer ressaltar, no respeito às culturas e na missão de comunicar o evangelho, sempre acolhendo, unindo, agregando, abrangendo.

A compreensão do trato intercultural recebe especial atenção no treinamento dos missionários adventistas. Chamados de “empregados de serviço internacional”, da sigla inglesa ISE (*International Service Employee*), estes funcionários atuam nas áreas de saúde, educação, tecnológica, administrativa, agrícola e, claro, teológica. Para tanto, eles “devem aprender a desenvolver empatia e apreciação pela cultura anfitriã e por sua forma de vida”. Tal abordagem lembra que todos “são iguais diante de Deus” (DOSS *et al.*, 2011, p. 89).

A despeito do que prega a IASD, os choques culturais perpassam todos os níveis da cultura, e deixam marcado na história o grande choque cultural da religião primitiva – o cristianismo. Na religião, os choques culturais assumem papel mais intenso e violento, uma vez que se trata do sagrado, o elemento mais poderoso em todas as culturas do mundo.¹⁸

1.1.1 Os choques culturais e a religião primitiva

Semelhante ao nascimento do adventismo, a primeira fase do cristianismo primitivo era reconhecida como uma seita judaica¹⁹ (século I d.C.), passando, depois, a ser uma religião presente em todo o mundo conhecido na Antiguidade. Antes mesmo do nascimento de Jesus Cristo, a seita judaica dos essênios já pregava a vinda do Messias na

18 O sagrado, a crença, o Deus, a religião e o elo de união mais forte de toda comunidade. Por isso, quando os choques culturais ofendem esses elementos sagrados, significa um grande desrespeito com a outra cultura. Essas ofensas ganham forças e causam revoltas tão fortes quanto a força com que foram ofendidas, gerando, não raro, muitas guerras “em nome da fé”.

19 A denominação de “seita” demoníaca pode ser compreendida a partir da Idade Média, quando a religião católica se autodeclarava a única permitida por Deus, e pela qual Deus se comunicava diretamente. Aliás, em muitas regiões do Sul dos Estados Unidos, por exemplo, houve e há inúmeras seitas pagãs originárias das culturas mais antigas ligadas a oferendas humanas com a crença de uma próspera colheita.

figura de um rei poderoso que guiaria o povo à independência dos romanos. Na época, a aristocracia e os sacerdotes judeus da província da Judeia aceitavam a dominação romana em troca de vantagens comerciais, enquanto os dominadores mantinham o monopólio. Mesmo assim, ainda havia resistência entre os judeus ao jugo romano, como os essênios e a seita dos fariseus que estudavam a Torá e mantinham uma vida religiosa estrita.

As primeiras fontes a respeito da vida de Jesus são os Evangelhos, que relatam seu nascimento e seus primeiros anos. Aos 30 anos, Jesus recebe o batismo pelas mãos de João Batista nas águas do Rio Jordão, e começa a pregação de seu ideário. Para os judeus, Ele seria o “Messias” tão esperado – que os libertaria do jugo romano. O apóstolo Paulo, judeu com cidadania romana, deu caráter universal à nova religião: segundo ele, a mensagem de Jesus, chamado de Cristo (o Ungido) pelos seguidores, era dirigida não somente aos judeus, mas a todos os povos. Com Paulo, o cristianismo deixou de ser uma seita do judaísmo para se tornar uma religião autônoma.

Por volta do ano 70 da Era Cristã ou Comum, escreveram-se os Evangelhos atribuídos a Mateus e Marcos, em língua grega. Trinta anos depois, publicava-se o Evangelho atribuído a João, e a doutrina da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) começava a tomar forma. Os primeiros cristãos eram de etnias judaicas ou judeus prosélitos. Em outras palavras, os primeiros seguidores do cristianismo foram os judeus que Jesus chamou para serem seus discípulos.

As condições impostas pelo Império Romano facilitaram a difusão de novos pensamentos, incentivando a disseminação de uma cultura comum com raízes gregas, permitindo que as ideias fossem mais facilmente expressas e compreendidas. Ao contrário da maioria das religiões do império romano, o cristianismo exigia dos seguidores a renúncia a todos os outros deuses, prática adotada pelo judaísmo. A recusa dos cristãos em participar de celebrações pagãs significava que eles eram incapazes de participar de grande parte da vida pública, o que fazia com que os não-cristãos — incluindo as autoridades do governo — temessem que os cristãos irritassem os deuses e, assim, ameaçassem a paz e a prosperidade do império. As perseguições resultantes foram uma característica definidora da autocompreensão cristã, até que o cristianismo se legalizou.

Entre os séculos 2.º e 3.º (d.C.) nascia o catolicismo como religião cristã, o que muito se devia aos interesses particulares de uma parcela da sociedade – a política –, que pouco ou nada se comprometia com os preceitos de Cristo, criando uma forte aliança entre o poder político e o clero que se estabelecia na figura da Igreja Católica Apostólica Romana.

Em 313, o Édito de Milão do imperador Constantino I legalizou o cristianismo e, em 330, Constantino mudou a capital imperial para Constantinopla, atual Istambul, na Turquia. Em 380, o Édito de Tessalônica fez do cristianismo niceno²⁰ a igreja estatal do império romano, uma posição que, dentro do território decrescente do império bizantino, persistiria até que o próprio império terminasse, na queda de Constantinopla, em 1453, enquanto em outros lugares a igreja se mostrava independente do império, como ficou particularmente claro com o Grande Cisma.²¹

Durante o período dos Sete Concílios Ecumênicos, cinco visões primárias emergiram, arranjo formalizado em meados do 6.º século pelo imperador Justiniano I, como a pentarquia de Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria.

Nesse contexto de choques entre as diversas culturas, a religião foi o grande centro dos conflitos, tendo como elemento decisório o poder político, valendo-se de acordos condizentes com os interesses para eleger a religião mais inclinada a aceitar as diretrizes. Os choques culturais, portanto, marcam a história do nascimento do cristianismo de forma extremamente relevante.

Surfando na onda dos choques culturais heréticos da época, a Igreja Católica se legitimou por meio do dedo julgador, nas duas fases – patrística e escolástica – em que seu poder se manteve em pé, viabilizado pelas grandes alianças políticas, repercutindo violentamente durante toda a Idade Média e, também, depois dela.

1.1.2 A Igreja Católica e a “fé violenta”: choques culturais da Idade Média

Durante quase quinze séculos da Idade Média, a Igreja Católica com os seus dogmas rígidos frente às diversas culturas que pretendia evangelizar, cometeu inúmeros abusos em nome da “fé”. Marcada pelos grandes concílios, nos quais se decidiam, praticamente, todas as condutas dos povos, a Igreja Católica manteve fortes vínculos com as autoridades políticas desde a fundação. Não por acaso, o poder de dominação sobre o comportamento do povo era temido por todos abaixo do clero e da realeza.

²⁰ Referente ao Concílio de Niceia.

²¹ O Grande Cisma foi o evento que causou a ruptura da igreja cristã, separando-a em duas: Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, a partir de 1054, quando os líderes das Igrejas de Constantinopla e Roma se excomungaram mutuamente. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_historia7.html. Acesso em: 10 de março de 2023.

A Igreja Católica é citada pela primeira vez no 2.º século (d.C.). Embora a expressão “Igreja Romana” tenha sido usada para descrever a diocese do papa em Roma desde a queda do Império Romano do Ocidente, e até o início da Idade Média (século 6.º ao 10.º), o termo “Igreja Católica Romana” passou a se aplicar à toda Igreja Católica localizada na Europa, desde a Reforma Protestante, no final do século 16.

A nomenclatura agregava força à Igreja Católica, quando apontou e perseguiu os primeiros supostos “hereges”, baseada nos códigos de conduta, sob os quais não se enquadravam inúmeros pensadores, cientistas, teólogos ou, simplesmente, qualquer um que ousasse pensar diferente da Igreja. As grandes controvérsias giravam em torno das doutrinas, ritos, dogmas e interpretação do Novo Testamento, de acordo com a ortodoxia radical imposta pela Igreja Católica. A doutrina ortodoxa se enfatiza pelo cristianismo no Novo Testamento, a fim de evitar o surgimento de falsos profetas e manter uma interpretação rigorosa das Escrituras Sagradas. No entanto, a Igreja Católica Romana se apoderou desse argumento, aplicando-o até as últimas consequências, hiperbolizando a mensagem cristã em favor da própria causa.

De modo geral, a Igreja Católica passou a ser a autoridade maior desde o final do 3º século (d.C.), manifestando poder nas decisões outorgadas durante os concílios:

I Concílio de Niceia (325) – Convocado por São Silvestre I, combateu a heresia ariana, que negava a divindade de Cristo, e teve como resultado o chamado “Credo Niceno”. O concílio também definiu as regras para a data da Páscoa.

I Concílio de Constantinopla (381) – O papa São Dâmaso I queria combater os seguidores de Macedônio, que negavam a divindade do Espírito Santo. Os bispos acrescentaram novos artigos ao Credo Niceno, que se tornou o Credo Niceno-Constantinopolitano, ainda hoje rezado durante a missa.

O Concílio de Éfeso (431) – São Cirilo de Alexandria, representante do papa Celestino I, presidiu o concílio, do qual saiu a definição de Maria como mãe de Deus.

II Concílio de Constantinopla (553) – Os 165 bispos reunidos sob o papa Vigílio condenaram as teorias origenistas e confirmaram a validade dos concílios anteriores.

III Concílio de Constantinopla (680-681) – O monotelismo defendia que Cristo tinha apenas uma vontade, a divina, apesar de ter duas naturezas. Para combater essa heresia, o papa Santo Agatão convocou este concílio.

II Concílio de Niceia (787) – Os legados do papa Adriano I presidiram este concílio, quetinha como objetivo regular a veneração das imagens.

IV Concílio de Constantinopla (869) – Um concílio ilegítimo havia sido liderado pelo patriarca grego Fócio contra o papa Nicolau I. O pontífice seguinte, Adriano II, chamou bispos e patriarcas para anular todos os atos de Fócio. O episódio deu início aos atritos que levariam ao cisma grego em 1054.

I Concílio do Latrão (1123) – O primeiro concílio realizado em Roma, presidido por Calixto II, aboliu o direito dos príncipes de interferir na escolha dos bispos e discutiu a retomada da Terra Santa.

II Concílio do Latrão (1139) – Para condenar os erros de Arnaldo de Brescia, sobre a salvação dos clérigos que tinham bens materiais, Inocêncio II convocou este concílio. Anos depois, Arnaldo lideraria uma revolta popular.

III Concílio do Latrão (1179) – O concílio condenou os albigenses e valdenses, que pregavam a existência de dois princípios opostos e a rejeição total das realidades materiais, condenando o casamento e estimulando o suicídio por greve de fome.²²

Esse radicalismo gerou uma onda de movimentos contra a Igreja, recebidos como heresia, culminando na inquisição medieval,²³ que se mostrou como a maior expressão de choque cultural religioso da história. Entretanto, tal radicalismo não se vinculava necessariamente ao cumprimento tradicional do cristianismo, embora fosse este o véu que ocultava os verdadeiros interesses da Igreja dominante – com o apoio do Estado.

Formada por instituições do sistema jurídico da Igreja Católica, a perseguição inquisitória se iniciou no século 12, na França, contra-movimentos religiosos supostamente heréticos, a exemplo dos cátaros e valdenses, duas doutrinas cristãs que não se encaixavam aos moldes do catolicismo. Entre os outros grupos que foram investigados pela inquisição medieval, encontram-se os *fraticellis*, os *hussitas* (seguidores de Jan Huss), as *beguinas* e os *conversos*.

A inquisição medieval orquestrou uma série de inquéritos em períodos e locais distintos, incluindo a Inquisição Episcopal (1184-1230) e, mais tarde, a Papal (1230), a Espanhola (1478) e a Portuguesa (1536). A heresia mais frequentemente perseguida pelo tribunal eram as alegadas práticas judaizantes dos chamados cristãos-novos.²⁴

Os concílios seguintes passaram a ser ainda mais radicais nas decisões, posto que a própria Igreja deliberava sobre quem seria alvo das perseguições inquisitórias:

IV Concílio do Latrão (1215) – Foi renovada a condenação dos albigenses e as doutrinas de Joaquim de Fiore também foram combatidas.

I Concílio de Lyon (1245) – Inocêncio IV reuniu os bispos na cidade francesa para depor o imperador germânico Frederico II e planejar uma nova cruzada sob o comando de São Luís, rei da França.

22 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/todos-os-concilios-9sywmoyuw03ncxwg8ln9dk47i>. Acesso em: 20 jan., 2023.

23 A Inquisição Medieval não restringia à “Santa Inquisição” de Roma, mas abarcava também outros países da Europa, como a França, Portugal e Espanha (no caso da Espanha, estendendo -se às regiões territoriais de Nápoles), na caçada aos hereges.

24 Disponível em: Inquisição na Idade Média - História do Mundo (www.historiadomundo.com.br). Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

II Concílio de Lyon (1274) – Sob o comando de Gregório X, este concílio conseguiu uma curta união entre a Igreja Católica e a Ortodoxa, além de aprovar as ordens dominicana e franciscana.

Concílio de Vienne (1311-1313) – Também na França, o concílio lidou com as acusações contra a ordem dos Templários, que acabou suprimida pelo papa Clemente V.

Concílio de Constança (1414-1418) – Ao eleger Martinho V em 1417, este concílio acabou com o Grande Cisma do Ocidente, durante o qual havia um papa em Avignon e outro em Roma. Condenaram-se também as ideias de Wycliffe e Huss.

Concílio de Basileia/Ferrara/Florença (1431-1439) – A reunião começou com o objetivo de pacificar a Boêmia (atual Tchêquia), que sofria com guerras religiosas e terminou com uma nova união entre as Igrejas Católica e Ortodoxa, que não foi adiante.²⁵

A inquisição medieval durou três séculos (12-15). Não se sabe ao certo o número de pessoas levadas aos tribunais inquisitórios, bem como o número de presos, torturados e executados, mas se estima que esteja na casa das centenas de milhares.

1.1.3 Roteiros do Espírito Santo

Como se vê, a história do Cristianismo, principalmente na Idade Média, esteve – e está – rodeada de jogos políticos, disputas por poder e riquezas, *status*, autoridade absoluta, domínio sobre a ciência, as culturas, e a própria fé alheia.

Ao contrário disso, o primeiro grande movimento e explosão evangelística da história da igreja primitiva e da nova religião – o cristianismo, em seus primórdios –, conforme mostra o escritor, conferencista e teólogo Justo L. González (2011), evoca o caráter libertário, transgressor e subversivo do Pentecostes:

A história de Pentecostes é por todos. O que muitas vezes não percebemos nessa história é que o poder do Espírito Santo é muito diferente do poder nas estruturas hierárquicas humanas. Em primeiro lugar, pela simples leitura do início do discurso de Pedro, vemos que o poder do Espírito Santo se manifesta não na criação de uma hierarquia de poder, como se ele chegasse aos fiéis por meio da hierarquia da igreja, mas totalmente o oposto. [...] O Espírito faz com que cada um

25 “Os concílios seguintes foram: V Concílio do Latrão (1512 -1517) - Convocada para desqualificar um “concílio clandestino” em Pisa, esta reunião teve decretos principalmente disciplinares. Uma cruzada foi planejada, mas não ocorreu. Concílio de Trento (1545 -1563) - Cinco papas (de Paulo III a Pio IV) reinaram durante os dezoito anos de duração do concílio, que teve como principal missão condenar as doutrinas protestantes e recompor a disciplina dentro da igreja. Concílio Vaticano I (1869 -1870) - Suspenso em julho de 1870, o concílio convocado por Pio IX definiu o dogma da infalibilidade papal, segundo o qual o papa não erra quando se pronuncia *ex cathedra* sobre assuntos de fé e moral. Concílio Vaticano II (1962 -1965)

- Aberto por João XXIII e encerrado por Paulo VI, o concílio teve como objetivo apresentar os ensinamentos da igreja de uma forma mais adequada ao mundo moderno, sem, no entanto, mudar a doutrina.” Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/todos-os-concilios-9sywmoyuw03ncxwg8ln9dk47i>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

escute “em sua própria língua”. Este é um milagre subversivo. É um milagre que subverte a autoridade dos primeiros discípulos, pois no fim das contas o que ele implica é que esses discípulos e seus agregados não terão controle da mensagem. Ao escutá-la em sua própria língua, um capadócio ou um egípcio se tornam capazes de repeti-la quanto qualquer galileu. (GONZÁLEZ, 2011, pp. 85-86)

Nesse sentido, é importante destacar e descrever, ao máximo, os princípios teológicos presentes neste evento, bem como as orientações e diretrizes maiores, apresentadas por Deus, a serem criteriosamente seguidas por todos aqueles que lideram e militam nas fileiras de pregadores do evangelho – que, diga-se de passagem, muitas vezes, foram desconsideradas pelos apóstolos e demais pregadores da igreja primitiva, e continuam sendo olvidadas reiteradamente pelos mensageiros das igrejas evangélicas, em especial pelos adventistas do sétimo dia, no sentido de, muitas vezes, os seus líderes desconsiderarem a soberania de Deus – na forma como afirmou Jesus, referindo-se à ação do Espírito Santo, em seu controle total e sobrenatural dos avanços da evangelização: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João 3:8, ARA).

Ao aprofundar os estudos sobre o evento Pentecostes, com todas as implicações paradigmáticas nos campos soteriológico, escatológico, eclesiológico e missiológico, González chama a atenção para os elementos subversores, implícitos e explícitos da primeira manifestação plena do Espírito Santo na Era Cristã:

Percebemos toda a implicação disso? Os discípulos recebem o poder do Espírito Santo. Contudo, o que esse poder lhes permite fazer não é acumular mais poder, nem dar importância a si mesmos, nem sequer determinar o futuro da igreja [...]. Se a multiplicidade de culturas e línguas surgidas de Babel deteve o orgulho idolátrico da época, a multiplicidade de línguas e culturas envolvidas no Pentecostes servirá para deter o orgulho igualmente idolátrico das pessoas que toda a igreja deve ser como elas. Graças ao dom do Espírito em Pentecostes, que fez com que cada qual escutasse o evangelho “em sua própria língua”, toda língua e toda cultura podem ser veículo para o evangelho, e nenhuma língua e nenhuma cultura devem ter domínio sobre ele. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, pp. 86-90)

Dois eventos nos primórdios do cristianismo exemplificam essa percepção: I) para os preconceituosos discípulos (João 4:1-30), Jesus não deveria perder tempo falando com uma “mulher” que, na ótica deles, para piorar, era “samaritana” – confirmando todas as informações históricas e arqueológicas da época, o evangelista João – por sinal fazia parte daquele grupo – informa: “Porque os judeus não se dão com os samaritanos” (João 4:9, ARA) – e, agravando ainda mais a situação (João 4:16-18), tratava-se de uma mulher de

moral duvidosa. No entanto, a atitude que surpreende e deixa perplexos os discípulos é exatamente a melhor tradução da essência do verdadeiro evangelho:

A maneira de abordar pecadores, assim como vemos aqui, constitui uma das grandes peculiaridades do evangelho. Qualquer que tenha sido o passado de alguém, em Cristo há esperança e solução se essa pessoa tão somente escutar a voz de Cristo e segui-Lo. Jesus está pronto a torná-lo como amigo e derramar-lhe a mais rica porção de sua misericórdia e graça. A mulher samaritana, o ladrão arrependido, o carcereiro de Filipos, Zaqueu, o publicano, todos são exemplos da prontidão de Cristo em demonstrar sua misericórdia e conferir perdão imediato e total. Neste sentido, a grande glória de Cristo é que, assim como um grande médico, Ele traz cura aos que aparentemente são incuráveis. Aos olhos dEle não há ninguém tão mau que Ele não possa amar e curar. (RYLE, 2000, p. 47)

É importante, ainda, acrescentar que a estreita ótica eclesiológica (compreensão do que é a Igreja de Cristo) dos discípulos, inapelavelmente, resulta em uma vesga visão missiológica – o alcance do evangelho, as boas-novas de salvação.²⁶ Jesus tenta, mais uma vez, aclarar a visão deles: “Não dizeis vós que ainda há quatro meses até a ceifa? Eu, porém, Vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa” (João 4:35). Noutras palavras, onde os filtros do preconceito faziam com que os discípulos de Cristo vissem pessoas odiosas e problemáticas, havia centenas de pessoas sedentas de esperança e ávidas pela salvação.

Em seguida, confirmando as palavras do Mestre, João relata:

Muitos samaritanos daquela cidade creram nEle, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito. Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-Lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias. Muitos outros creram nEle, por causa da Sua Palavra, e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos escutado e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo. (João 4:39-42)

Pouco antes do encontro de Jesus com a mulher samaritana, o evangelista João relata um outro encontro do Messias – desta vez com um dos mais importantes líderes judeus da época: Nicodemos. Durante a longa conversa com esta autoridade judaica, Jesus passa uma das mais preciosas informações aos pastores, pregadores, líderes evangélicos e membros da igreja que, com certeza, deveria estar na base de todos as diretrizes, planos, projetos e esforços de evangelização em todos os tempos: “O vento sopra onde quer,

26 Cf. João 3:16.

escutas a Sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João 3:8).

Em outras palavras, ninguém pode controlar o vento e, da mesma forma, ninguém pode controlar a ação do Espírito Santo. Assim como os marinheiros, na época do ministério terrestre de Cristo e dos apóstolos, em suas embarcações à vela, não podiam controlar o vento e, ao mesmo tempo, tudo faziam para aproveitar ao máximo as suas rajadas, para a impulsão das naus, assim os missionários e pregadores do evangelho têm de proceder, estar atentos a todo instante ao sopro do Espírito no planejamento e execução de todas as ações, com vistas à evangelização. Paulo, o maior evangelista de todos os tempos, foi inteiramente sensível às coordenadas do *GPS* divino:

E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade. À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e nos ajuda. Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho. (Atos 16:6-10, ARA)

Pelo exposto, constata-se que o cerne dos ensinamentos de Cristo é a tolerância, à despeito das diferenças culturais, uma vez que sua vida é exemplo mais claro de que, aos olhos de Deus, todos os homens são iguais. Se, nem mesmo o filho de Deus, se colocava acima dos homens, não há nada que justifique uma suposta superioridade de uns sobre outros, de qualquer ordem – que implique em distinções, preconceitos e discriminações de quaisquer formas entre as pessoas.

1.2 Uma genealogia do adventismo: seita ou religião?

A origem de todas as igrejas protestantes, mesmo as mais recentes, deve-se à Reforma Protestante empreendida por Martinho Lutero (1483-1546) ao contestar os critérios da “regra de fé” imposta pela Igreja Católica. Neste ínterim, as discussões voltadas a questionar e buscar um critério racional que justificasse a soberania da Igreja Católica duraram até o fim do Renascimento, após um longo período marcado pela violência da Santa Inquisição.²⁷

²⁷ O filósofo Michel de Montaigne, no final do Renascimento, separa razão e fé em dois polos opostos, de modo que cada um deveria se manter em seus postos, determinados por suas metodologias, a saber: ciência e fundamentação racional; crença e fundamentação pela fé. Esta separação pôs fim ao debate entre

No caminho do protestantismo que se instalou mundialmente a partir do século 16, o adventismo se inicia na forma de associações, no contexto dos “movimentos messiânicos” do século 19. Esses movimentos reivindicavam o posto de “igreja”, atribuído a outras associações religiosas, como a Metodista, a Episcopal, a Presbiteriana e, principalmente, a Católica. Dentre as pautas, os adventistas:

[...] reivindicavam certa primazia de iluminação interior e do Espírito Santo, predominando não apenas sobre a tradição, mas também sobre as próprias Escrituras; b) pregavam que a Revelação não poderia estar terminada e que, portanto, uma nova era, a era do Espírito, reclamava novos profetas e os forneceria; c) propunham, finalmente, realizar a igreja como um mundo dentro do mundo, e sua recusa de relações com os poderes estabelecidos tinha por corolários a obrigação, para a sua igreja, de se transformar mais ou menos numa autarquia econômico-política. (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 157)

Neste ínterim, o rótulo ou pecha de “seita” era o que lhe restava como movimento que ainda não poderia ser oficialmente chamado de Igreja. Esta conceituação derivaria do que, segundo Oliveira Filho (2004), Max Weber apontou como características “voluntárias e exclusivas”, em contraponto às igrejas, que tinham “qualificação religiosa”. Os critérios weberianos de distinção entre seita e igreja se resumiam a dois princípios estruturais: o “compulsório” e o “voluntário”; cabia ao movimento adventista, segundo sua ótica, o princípio voluntário.

De modo distinto, Marcel Mauss (*Apud OLIVEIRA FILHO, Op. Cit.*, p. 160) define seita como subgrupo, de modo que ela se apresenta de dois modos: como “fenômeno de extrema generalidade”; ou como “um fenômeno normal da história das religiões”, como fase inicial. A segunda definição de Mauss parece se aplicar melhor à história do adventismo; no entanto, ao se tornar igreja, em 1844, o adventismo manteve o caráter voluntário como princípio estrutural, dando margem a interpretações equivocadas do pensamento weberiano.²⁸

Max Weber (2008) aponta as crenças como principal catalisador das ações sociais no âmbito das organizações. Essa visão, da parte daquele que é considerado “um dos pais

racionalistas e fideístas, no que se referia à prova racional exigida por Lutero, na abertura da Reforma Protestante. No decorrer das discussões, as igrejas protestantes começaram a se impor, apoiadas por diversas correntes teóricas, rompendo com o autoritarismo da Igreja Católica, que já perdia fiéis em toda a Europa. Embora, filosoficamente, a religião seja assunto de investigação, já não se discute um fundamento racional para a fé, prevalecendo a teorização elaborada por Montaigne. (Cf. POPKIN, Richard H. *História do ceticismo: de Erasmo a Spinoza*, 2000).

28 A menção de Weber, em relação ao adventismo como seita, em conjunto a esta união entre os dois princípios, por parte da igreja, é um dos motivos pelos quais a IASD ainda se associa à ideia de seita. (DE OLIVEIRA FILHO, *ibid*, p. 159).

da sociologia”, encontra eco nas pesquisas e na vasta obra do principal historiador do adventismo, George Knight. Em suas considerações a respeito dos fundamentos do adventismo, Knight pontua:

Além das explicações sociológicas usuais que destacam fatores externos para o sucesso, a presente obra defende que a dinâmica interna vital que impulsionou os mileritas no curso da história foi uma *profunda certeza*, baseada no estudo concentrado das profecias apocalípticas de Daniel e Apocalipse, de que Cristo voltaria em breve. (KNIGHT, 2015, p. 9)

Portanto, torna-se evidente que o estigma de “seita”, atribuído ao adventismo, é resquício da junção de interpretações errôneas e má-fé por parte dos opositores do adventismo. Não obstante, essa atribuição também recaiu sobre o cristianismo inicial, por parte dos gregos,²⁹ o que reforça a segunda definição de Mauss (*Apud OLIVEIRA FILHO, Op. Cit.*, p. 160), apontando a nomenclatura “seita” como fase historicamente inicial das religiões, de modo geral. Entretanto, os gregos se referiam pejorativamente ao cristianismo – nascente – por seus “aspectos heterodoxos”.

O adventismo passa a ser considerado “igreja” a partir de 1844, com o “Grande Desapontamento” provocado pelo Movimento Milerita, sendo instituído como organização em 1863. Assim, as Assembleias Gerais só passaram a acontecer de forma organizada a partir de 1861, quando o adventismo se centralizou nos Estados Unidos. “A primeira assembleia, em maio de 1863, em Battle Creek, com vinte delegados, foi marcada pela organização da igreja” (OLIVEIRA FILHO, *ibid*, p. 165). Cada Assembleia da Associação Geral é única, registrada por uma agenda de debates, moldada segundo a própria identidade.

Em 1849, James White iniciou a publicação do jornal *The Present Truth*, onde sua mulher publicará constantes artigos dirigidos às congregações. Posteriormente, surge o que seria o órgão oficial dos adventistas, *The Advent Review and Sabbath Herald*, que ficou conhecida, pelos membros, como *Review and Herald*, publicada a partir de 1861, inicialmente em Rochester e, mais tarde, deslocando-se a editora do mesmo nome para Battle Creek, no Michigan, onde se centralizou o adventismo. (OLIVEIRA FILHO, *ibid*, p. 165)

Segundo Kevin Furtado, o despontar de uma crise de identidade teológica do adventismo fora provocada pelas discrepâncias dos seus fundamentos (sólidos ou flexíveis?), desdobrando-se em mudanças que representariam uma renovação da IASD, a

29 A religião nascente – cristianismo –, além de ser tachada pelos gregos como “coisas estranhas” (Atos 17:18-21), foi, depois, já naquela época, rotulada como “seita” (Atos 24:14), por causa dos seus “aspectos heterodoxos”.

partir da Assembleia da Associação Geral realizada em Minneapolis, Minnesota, Estados Unidos, entre outubro e novembro de 1888:

A teologia adventista possui dois tipos de doutrinas inter-relacionadas. A primeira inclui as crenças que os adventistas possuem em comum com os demais cristãos, como a salvação pela graça mediante a fé, a importância da Bíblia, o papel histórico de Jesus como salvador da humanidade e a eficiência da oração. A segunda diz respeito a ensinamentos peculiares da igreja, como o sábado do sétimo dia, a segunda vinda real e pré-milenal de Cristo, a imortalidade condicional e as mensagens de juízo procedentes de Daniel 7 e 8 e Apocalipse 14. (KNIGHT, 2003, pp. 20-21; KNIGHT, 2011, p. 92 *apud* FURTADO, 2020, p. 38)

O estigma de “seita”, atribuído à IASD, derivaria, em parte, destas supostas contradições, que se evidenciava no fato de não ressaltarem as semelhanças das crenças com as dos demais cristãos,³⁰ criando a impressão de um distanciamento ideológico da doutrina cristã. Após quarenta anos de adventismo, decidiu-se que:

Examinem cuidadosamente as Escrituras para ver o que é a verdade [...] A verdade não perde nada pela investigação minuciosa. Que a Palavra de Deus fale por si mesma, que ela seja sua própria intérprete. [...] Há uma incrível indolência entre uma grande parte de nossos ministros, que estão dispostos a que outros [presumivelmente Butler e Smith] pesquisem as Escrituras para eles. Eles tomam a verdade de seus lábios como um fato positivo, mas não conhecem a verdade bíblica através de sua própria pesquisa individual e pela profunda convicção do Espírito de Deus em seus corações e mentes. [...] A Bíblia dever ser nosso padrão de toda doutrina e prática. (KNIGHT, 2011, p. 95 *apud* FURTADO, *Op. Cit.*, p. 41)

Não obstante os debates, críticas e autocríticas, segundo o pesquisador e clérigo australiano Geoffrey J. Paxton (1987), esse estigma começou a mudar radicalmente a partir da visita de dois pesos-pesados do evangelicalismo à sede mundial da IASD, Donald Grey Barnhouse e Walter Martin.

Nesse tempo de renovada agitação sobre a questão global de 1888, dois eruditos evangélicos se dirigiram aos líderes adventistas a fim de se esclarecer sobre a verdadeira posição dos adventistas (tratava-se de uma seita ou de uma igreja evangélica?). Barnhouse e Martin foram calorosamente recebidos na sede da Associação Geral. As principais preocupações dos evangelistas eram: (1) a natureza humana de Cristo; (2) a expiação; (3) o conceito de “Babilônia” e; (4) a ideia do “remanescente”. Após as trocas de ideias, Barnhouse e Martin se surpreenderam e ficaram um tanto impressionados com as

30 “Uma estratégia adotada pelos evangelistas da IASD era a de entrar em uma comunidade e desafiar publicamente o ministro local mais notável para um debate sobre as doutrinas bíblicas defendidas pelos adventistas, visto que, em uma ‘época anterior à televisão e ao rádio, métodos combativos reuniam multidões nas pequenas cidades de então’.” (KNIGHT, 2003, p. 21 *apud* FURTADO, *ibid*, p. 38).

respostas obtidas sobre esses aspectos da teologia [adventista]. “Assim, Barnhouse e Martin concluíram, satisfeitos, que o movimento adventista do sétimo dia deveria ser reconhecido como uma denominação evangélica, *apesar dos seus aspectos heterodoxos (por exemplo, a não imortalidade da alma)*” (PAXTON, 1987, pp. 98-99).

A despeito de os fundadores da IASD terem uma postura flexível em relação à interpretação das Escrituras Sagradas, velando pela defesa da não rigidez da “verdade presente”, o adventismo se consagrou como religião em 1844, com alguns fundamentos sólidos – levando em consideração o fato de que muitos membros foram expulsos, até 1840, por aderirem a posicionamentos distintos acerca das “verdades bíblicas”. No entanto, se, por um lado, a defesa de crenças fixas colocava o adventismo no rol das igrejas legitimadas – reconhecendo a trajetória e o afastando do estigma de “seita” –, por outro lado, essas mesmas crenças se voltavam contra alguns de seus preceitos fundamentais. Portanto, os delegados da Associação Geral decidiram adotar uma “aliança eclesiástica” ao invés de um credo imutável: “Nós, abaixo-assinados, por meio deste instrumento nos associamos na qualidade de Igreja, adotando o nome de Adventistas do Sétimo Dia, comprometendo-nos a guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (KNIGHT, 2011, p. 22 *apud* FURTADO, *Op. Cit.*, p. 32). Assim, o adventismo mantinha fixos os fundamentos principais, mas flexível, a ideia de compreensão “progressiva da Bíblia” – o que, segundo Knight (2011), deixava a religião aberta a questionamentos e correções e, no entanto, este mesmo aspecto era o alicerce dos fundamentos originais do adventismo.

Da mesma forma que o cristianismo, de forma geral, o adventismo se vê em constante confronto e debate com as culturas na manutenção da “identidade” (pureza doutrinária) e no eterno dilema de definir e formatar os princípios norteadores da religiosidade para os fiéis, no contexto pós-moderno – em que “tudo que é sólido se desmancha”, no qual todos os valores morais e religiosos são contestados, relativismo moral, negação da verdade, dos absolutos divinos e da própria necessidade de existência das religiões.

Na década de 1990, nos Estados Unidos (onde o adventismo surgiu) e Europa (de onde os “Pais Peregrinos” e, também, os descendentes destes e fundadores do adventismo vieram), o ateísmo e secularismo prevaleciam e muitas igrejas (templos cristãos) foram fechadas, vendidas e transformadas em boates e locais de comércio. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, a IASD experimentava um crescimento exponencial e acelerado na América Latina e no Leste Europeu – Romênia, Ucrânia e em muitos países egressos

da antiga União Soviética (o maior evangelista mundial da IASD, Mark Finley, fala em filas quilométricas de pessoas na Rússia e em países vizinhos, logo após o fim da “Cortina de Ferro”), para comprar Bíblias.

Os adventistas do sétimo dia se organizam através de quatro níveis desde o membro individual até a organização mundial:

A **igreja local**, que é um corpo organizado e unido de membros individuais; a **Associação** ou **Missão** local, que é um corpo organizado e unido de igrejas de um estado, província ou território; a **União**, que é um corpo unido de associações, missões ou campos dentro de um território maior. Exemplo: União Sul-Brasileira – compreende os Estados da Região Sul do Brasil; a **Associação Geral**, a maior unidade da organização, que abrange todas as uniões em todas as partes do mundo. As **Divisões** são seções da Associação Geral, com responsabilidade administrativa a elas atribuída em determinadas áreas geográficas. [...] No caso da América do Sul, oito países (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai) fazem parte da **Divisão Sul-Americana**, com sede em Brasília. Os demais países sul-americanos (Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela) fazem parte da chamada Divisão Interamericana.³¹

Abaixo, podemos constatar esses dados, na Figura 1.

Figura 1 – Mapa da Divisão Sul-Americana da IASD



Fonte: Google imagens³².

31 Disponível em: www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/. Acesso em: 14 de março de 2023.

32 Disponível em: Divisão Sul-Americana da IASD - Pesquisa Google. Acesso em: 14 de março de 2023.

Igrejas Adventistas pioneiras na América do Sul e seus organizadores

Figura 2 – 9 de setembro de 1894 – Entre Rios, ARGENTINA Frank H. Westphal



Fonte: Nossas Igrejas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 3 – 8 de maio de 1921 – Rosário, BOLÍVIA



Fonte: Nossas Igrejas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 4 – Junho de 1895 – Gaspar Alto, BRASIL



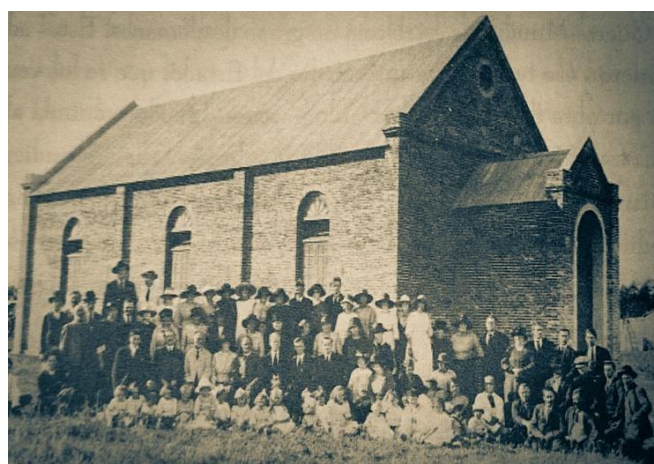
Fonte: Nossas Igrejas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 5 – 27 de maio de 1911 – Pomata, PERU



Fonte: Nossas Igrejas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 6 – 18 de novembro de 1896 – Nueva Helvecia, URUGUAI



Fonte: Nossas Igrejas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

1.2.1 Cultura e evangelização: aspectos heterodoxos da IASD

Quando tentamos unir esses dois aspectos – cultura e evangelização –, percebemos o grande desafio que se impôs à Igreja Primitiva e que se requer cada vez mais ao Cristianismo, em sua plena extensão – e, de maneira particular, como aconteceu com os novos “cristãos” egressos do Judaísmo. E, hoje, de forma bastante semelhante, aos adventistas do sétimo dia:

Logo o cristianismo começou a abrir passagem pelo mundo greco-romano e, então, a pergunta foi como os cristãos deveriam ver a cultura desse mundo: deveriam rejeitar tudo que viesse dela como produto do demônio e do erro? Ou seria possível ver nela a mão e a ação de Deus? [...] Ao chegar a Idade Moderna, voltaram a se colocar perguntas, dúvidas e debates acerca da relação entre a cultura dessa era e a fé da

igreja, como vimos ao comparar a reação católica romana com a dos teólogos protestantes. [...] Cada vez que o cristianismo penetrava – ou tentava penetrar – em uma nova cultura, era preciso se perguntar qual deveria ser sua atitude ante ela. Isto é, seria questão de destruir a velha cultura para construir a nova fé sobre seus escombros? Seria questão de adaptar a pregação e o ensino aos modelos da cultura receptora? Seria questão de analisar essa cultura, dividindo-a em diversos elementos, para em seguida aceitar uns e rejeitar outros? Em suma, a questão de fé e cultura é tema obrigatório para qualquer discussão missiológica. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, pp. 31-32)

Em analogias possíveis, González (2011) estabelece conexões e compreensões nos campos das Ciências das Religiões e da Filosofia das Religiões com o passado, mesmo nos primórdios da história, quando, por exemplo, o judaísmo – em sua fase embrionária – surge e floresce numa troca incalculável de saberes e práticas (educacionais, medicinais, cosméticas, arquitetônicas, nutricionais, sanitárias e militares), com as culturas egípcia, babilônica e tantas outras: “E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras” (Atos 7:22). O mesmo se pode relacionar, a título de comparação, o que ocorreu com o cristianismo em sua origem, desenvolvimento e expansão planetária – bebendo muito da filosofia grega – e, muitos séculos mais tarde, no chamado “descobrimento” e colonização do “Novo Mundo”, e surgimento das várias concepções religiosas, entre elas o “Destino Manifesto”.

A cultura de todos aqueles animaizinhos “simpáticos” que aparecem nos incontáveis e exóticos presépios natalinos estão presentes no ideário norte-americano e no conteúdo ideológico das maiores religiões cristãs do mundo, incluindo a Igreja Adventista do Sétimo Dia, nascidas nas terras do Tio Sam.

[...] a questão da relação entre a fé cristã e a cultura adquire uma nova dimensão, pois já não se trata somente de como devemos entender a relação entre a fé cristã e as novas culturas onde ela é pregada, mas também de como devemos entender a relação entre essa fé e as culturas antigas que pouco a pouco se amoldaram a ela, mas onde agora se apresentam novas religiões que competem com o cristianismo. Assim, se no século 19 a pergunta que se colocava era como se poderia relacionar a fé cristã, por exemplo, com a cultura chinesa, atualmente essa pergunta continuasendo feita, porém uma outra lhe é acrescentada: *que relação existe entre a fé cristã e as culturas em que ela tem se arraigado por séculos, por exemplo, a norte-americana?* (GONZÁLEZ, *ibid*, p. 33, grifos nossos)

Nesse contexto militar/político/ideológico/religioso, é importante se ressaltar que, via de regra, o conquistador impunha a cosmovisão e concepção religiosa aos conquistados – num processo de “lavagem cerebral”:

No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. [...] Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. [...] Entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias. O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Hananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego. (Daniel 1:1-7)

Outras vezes, no entanto, ao invés da mera troca de saberes e natural intercâmbio de ideias e práticas religiosas, os conquistadores eram inevitavelmente seduzidos pelo “canto das sereias” dos conquistados e, assim, os colonizadores – do ponto de vista político e militar – eram colonizados, ideologicamente falando, por aqueles a quem conquistavam pela força das armas. Foi o que aconteceu com o império romano:

Nabucodonosor era o gênio responsável pelo sucesso do império. Após sua morte, ocorrida em 562 a.C., o império babilônico entrou rapidamente em colapso. Média e Pérsia, potências inferiores ao império babilônico durante o período de vida de como aconteceu com o império romano, uniram-se uma à outra e se juntaram depois à Lídia, por obra de Ciro, rei da Pérsia. O novo império assim formado conquistou Babilônia em 539 a.C. O império medo-persa prosseguiu durante algum tempo se expandindo em riqueza, poder e extensão (ao incorporar o Egito); mas, à semelhança de Babilônia, também entrou em declínio. Em 331 a.C., ele foi sobrepujado por Alexandre, o Grande, fundador do império greco-macedônico. Após a morte de Alexandre, os seus domínios foram divididos em vários reinos greco-helenísticos. Enquanto isso Roma se desenvolvia no Ocidente e, a seu devido tempo, começou a influenciar os reinos helenísticos. Por volta de 168 a.C., Roma dominava a região do Mediterrâneo, assumindo a posição de quarto império [...]. (MAXWELL, 1996, p. 37)

Sob este pano de fundo das conquistas e domínio do império romano, Jesus Cristo nasceu e se forjou o cristianismo num contexto de domínios político e militar de Roma, porém, sob a fortíssima influência da cultura grega. Isto é perceptível, tanto pela atenção dada por Jesus e seus apóstolos (Atos 6:1-7) ao povo grego, daqueles que residiam em Jerusalém ou nas cidades do seu entorno e, também, quanto ao fato de os maiores evangelistas da época focarem a evangelização, prioritariamente, nas cidades e grandes territórios gregos.

Sendo assim, Atenas, cidade de história milenar, orgulhosa da grandeza passada, fundadora da democracia, pátria de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Tucídides, Platão, Sócrates, entre outros, abrigava o mais importante centro de estudos do mundo nos campos filosófico, literário, científico e artístico – mais do que isso, capital cultural do

mundo naquela época –, foi alvo de uma incursão missionária do apóstolo Paulo (Cf. Atos 17:16-34). No entanto, a mãe de todas as provas e evidências do poder superlativo de domínio da cultura grega no mundo daquela época é o fato de o Novo Testamento ter sido escrito em grego e não em latim, nem no idioma dos romanos ou, como ocorreu com o Velho Testamento, na língua pátria dos judeus.

[...] muitas pessoas zombavam da esperança cristã na ressurreição dos mortos. Vocês creem de verdade na ressurreição dos mortos? O que acontece com uma pessoa que morreu afogada e cujo corpo foi comido pelos peixes? Deus irá pelo mundo todo procurando cada pedacinho do corpo do defunto? E os átomos que pertenceram a vários corpos? A quem pertencerão na ressurreição final? Haverá alguns que ressuscitarão com buracos porque essa parte do corpo pertence a outros? Em resposta a tais críticas e zombarias, muitos cristãos recorreram aos filósofos em busca de apoio para sua esperança na vida após a morte. Afinal de contas, se o mesmo *Logos* que se encarnou em Jesus Cristo inspirou também os filósofos, deve haver neles algo acerca dessa vida futura. [...] Assim, a doutrina de que somente Deus é eterno e imortal e que a alma só tem vida na medida em que e enquanto Deus a dá e a sustenta. Em vez disso, começou-se a falar de almas imortais que não devem a vida à graça de Deus, mas a sua própria natureza. ³³ (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, pp. 111-112)

Portanto, no que tange a esse “aspecto heterodoxo” da fé adventista, bem como a outras peculiaridades das crenças e práticas, tais como exaradas no livro *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (GRELLMANN, 2003), que expõe todos os fundamentos teológicos e bíblicos da IASD, a explicação para essas aparentes discrepâncias pode ser expressa pelas ideias e conceitos filosóficos justapostos às doutrinas bíblicas nos primeiros séculos da igreja cristã.

1.2.2 O respeito às culturas

A IASD possui um longo currículo histórico em relação ao respeito às diversas culturas. Primeiro, porque reconhece a importância antropológica da cultura como fundamento da identidade de um povo, essencial para a união entre os membros das inúmeras comunidades espalhadas pelo planeta. Segundo, porque sua missão envolve

33 Mais do que a influência da cultura grega, diversos aspectos da doutrina cristã possuem forte adesão à filosofia platônica, principalmente no que se refere à teoria dos dois mundos (Mundo das Ideias e Mundo das Formas: “[...] a ideia [*sic*] é mais do que um conhecimento verdadeiro: ela é o ser, a realidade verdadeira, absoluta e eterna, existindo fora e além de nós, cujos objetos visíveis são apenas reflexos” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 218). Além deste aspecto, outros elementos, incorporados pelo cristianismo – como a imortalidade da alma, a virtude, a piedade, entre outros –, podem ser encontrados em algumas obras platônicas (Cf. PLATÃO, *Fédon*; *Eutífon*; *Menon*; *A República*).

agregar, acolher e unificar, ao contrário de muitas religiões que se prendem aos seus dogmas como muros que as separam do resto do mundo.

Certamente, ao longo da história nós, cristãos, sucumbimos com frequência à tentação de imaginar que a encarnação do evangelho em uma cultura qualquer – na nossa em particular – é a melhor e mais pura forma que este evangelho pode tomar. Isto levou a divisões e conflitos desnecessários e frequentemente impediu a missão e evangelização. Assim, por exemplo, até o fim da época patrística, o evangelho foi se arraigando de tal modo nas culturas da bacia do Mediterrâneo que, mais tarde, os cristãos de cultura grega acusavam os de cultura latina de não serem crentes verdadeiros, e vice-versa. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 90)

González elabora uma refinada análise do conceito de cultura e seus usos, em diversos contextos históricos, abordando-a, a partir de sua etimologia, desenvolvendo uma investigação filológica, antropológica e histórica de imensurável contribuição, frente à relação cultura e evangelho.

A obra é resultado de uma série de conferências realizadas por González no Instituto Bíblico de Lima, Peru. Consideramos importante mencionar que a origem de tais conferências partiu da preocupação de González sobre a relação entre cristianismo e cultura, em sua própria experiência como cristão evangélico, na Cuba das décadas de 1940 e 1950. O autor afirma que se dava “a entender que nossa cultura era, por definição, católica romana”, enquanto o protestantismo era visto como instrumento do imperialismo ianque. Motivado, então, pela busca do reconhecimento de sua identidade protestante latino-americana, González enveredou pelas pesquisas voltadas à identidade e cultura, no contexto religioso, empenhando esforços pela clara distinção entre as religiões, apoiado em um vasto arcabouço teórico histórico, filológico e religioso.

Assim, seu olhar arguto e minucioso sobre a cultura e o evangelho tem a maior das motivações: a experiência particular. Porém, essa experiência era partilhada por uma coletividade que, como ele, não se sentia pertencente à cultura identitária que lhe atribuíam. Logo, seu conhecimento de causa se dava pela própria busca de reconhecimento externo da identidade religiosa, o que, talvez, justifique o posto como um dos maiores nomes relacionados à “Teologia da Missão Integral”.

Em suas palavras:

Quando dizemos que uma cultura é, em essência, o modo pelo qual um grupo humano qualquer se relaciona entre si e com o ambiente circundante, esta relação não é somente de uso, mas também de interpretação. O que as culturas fazem não é apenas fornecer os meios pelos quais um grupo responde a seu meio ambiente, mas também o modo como o interpreta. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 45)

Significa dizer que o próprio grupo é capaz de se auto interpretar, ou seja, de reconhecer os elementos que lhe representam, a partir da identidade cultural. Em outros termos, a identidade não pode ser imposta de fora para dentro, pois o senso de pertencimento grupal se dá pela comunhão de ideias, valores, crenças, comportamentos. Logo, a comunidade se reconhece na identidade que ela mesma cultiva, sendo, portanto, capaz de interpretar a própria cultura.

Para além do termo cultivo, relativo à cultura, o autor aponta para um terceiro termo (culto) que se vincula etimologicamente à cultura. A assertiva é respaldada numa espécie de genealogia mitológica, como veremos:

Voltando ao próprio termo cultura, notamos que sua raiz etimológica não se relaciona unicamente com o cultivo, mas também com o culto. Os romanos, de cujo idioma derivam as palavras ‘cultura’ e ‘culto’, estavam convencidos de que foi o deus Saturno que deu a seus antepassados o conhecimento da agricultura, do cultivo; por isso, desde suas origens, os termos ‘culto’ e ‘cultura’ se mesclam e entrelaçam. O mesmo se aplica a toda cultura, por mais secular que pareça. Em toda cultura dois elementos andam juntos: as técnicas para dirigir o mundo – o cultivo – e o modo como se entende esse mundo – o culto. (GONZÁLEZ, *ibid*, p. 46)

Este trabalho histórico-crítico nos revela a magnitude da extensão do campo de visão de González ao buscar na mitologia o respaldo etimológico do termo “culto”, que, junto ao “cultivo”, compõe um princípio universal. Desse modo, pode-se ajustá-lo a todos os grupos, comunidades e culturas, determinando um padrão de mecanismo de funcionamento de qualquer cultura, seja ela qual for. Mas, de que modo esses dois elementos operam?

O culto é o modo pelo qual as culturas respondem ao desafio e à promessa deste *mysterium tremendum* [mistério que faz tremer]. E assim a cultura, enquanto nos lembra que nossas raízes estão sempre na terra, que somos feitos de pó, que sem a terra não comemos nem vivemos, lembra-nos também que, por melhores que sejam os tijolos que fazemos, o céu se encontra muito acima do alcance de nossas torres mais altas. Do mesmo modo que a cultura é impossível sem o cultivo – ou sem seus equivalentes na caça, pesca ou coleta –, assim também a cultura é impossível sem o culto. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 47)

O culto é o elemento que opera pela via transcendental, pela crença na divindade, pela espiritualidade, pela fé no intangível. O “mistério que faz tremer” é este grande Ser superior que não somos capazes de conhecer por completo, mas que está presente em todas as culturas, necessariamente, e se manifesta no modo como entendem o funcionamento do mundo. Em outras palavras, o culto é o elemento que explica os mistérios do mundo por meio da transcendência desse mundo material limitado.

Silas Guerreiro reforça o argumento de González ao afirmar: “[...] não há religião que não esteja inserida numa sociedade e num ambiente simbólico e cultural. Além do mais, não há sociedade ou cultura que não apresente algum tipo de sistema de crenças religiosas” (GUERREIRO, 2013, p. 243).

Sendo a antropologia o estudo do outro como alteridade, a antropologia da religião delimita seu objeto como particularmente distinto, dada a complexidade da temática:

No interior da antropologia, o estudo da religião constitui uma temática em si, comparável a outras em importância como a do parentesco ou a das estruturas sociais, abrangendo uma complexidade no interior das suas próprias fronteiras. Essa complexidade, para a antropologia, refere-se ao conjunto da dimensão social dos agrupamentos humanos ou ainda à complexidade da espécie humana, sendo a religião um dos componentes constituintes de ambas. (GUERREIRO, *Op. Cit.*, p. 243)

Para González, uma vez que o “cultivo” cumpre o papel da técnica para o funcionamento do mundo prático, o culto dá sentido à vida, simbolicamente, mantendo uma estreita relação dialética, como constituintes da cultura.

Se a cultura se relaciona com o cultivo porque este é o modo como um grupo social enfrenta os desafios e oportunidades de seu ambiente, relaciona-se também com o culto porque esta é a maneira como esse mesmo grupo social interpreta e dá sentido à vida e ao mundo. Em síntese, como cultivo, a cultura se defronta com o meio ambiente, como culto, interpreta-o e lhe dá sentido. [...] todos estes elementos se entrelaçam e exercem influência um sobre o outro, de modo que o culto afeta o idioma e o cultivo, enquanto o cultivo afeta tanto o culto quanto o idioma. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 47)

Portanto,

[...] é impossível separar, de um lado, o que fazemos e o que pensamos e, de outro, nossa cultura. O que fazemos leva a marca de nossa cultura a tal ponto que, sem ela, perde ou muda de sentido. Não é possível abstrair a vida da cultura, ou as ideias da cultura, ou a fé da cultura. [...] isto implica que a solução comum de sugerir que na missão se deve distinguir a cultura do evangelho e pregá-lo sem ela, embora pareça muito lógica e muito fácil, na realidade não é possível. (GONZÁLEZ, *ibid*, p. 51)

Em outras palavras, a religiosidade é manifestação de sua cultura, logo, uma não se aparta da outra, ao contrário, estão entrelaçadas desde a sua origem, e a religião assume, em sua cultura, um papel de fundamental importância, pois configura aquilo que seus membros compreendem como o que há de mais sagrado. Por respeito às diversas culturas espalhadas por todo o mundo, o adventismo se coloca em posição de tolerância e acolhimento, haja vista, tenha como exemplo maior os ensinamentos de Jesus Cristo e as Escrituras.

1.3 160 anos de adventismo: a “Assembleia da Associação Geral”

O caráter flexível da Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre foi marca sobressaliente, desde a fundação, em 1863, permanecendo após a “refundação”, em 1888, representado, em maior grau, pela compreensão progressiva das Escrituras. Não somente neste sentido, mas ampliando o olhar direcionado aos seres humanos de modo geral, no tocante ao notório trabalho de assistência social, inclusão, reintegração e valoração da vida e da cidadania, a IASD cresce, nos processos internos, junto à evolução da sociedade, como um todo. Posto que faz parte do corpo social, político, econômico e ético, a Igreja se destaca por seus esforços em manter uma política condizente com as realidades locais.

Assim, na pós-modernidade, foram muitas as batalhas enfrentadas e, talvez, maiores, as que estão por vir, para que a missão da IASD se mantenha fiel aos princípios fundamentais, sem, no entanto, enrijecer-se num modelo dogmático de doutrina – ao modo de algumas religiões, que mais excluem do que agregam.

Não foram novidade, para os que conhecem a história da IASD, as pautas discutidas na Assembleia Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia ocorrida em 2022, em St. Louis, Missouri, Estados Unidos, a saber: participação feminina; crescimento e missão; debates e documentos; mensagens, festival e homenagem.

A edição de 2022 tinha caráter bastante especial para os membros da igreja em todo o mundo: a comemoração dos 160 anos do adventismo. A inclusão do novo capítulo sobre o discipulado, no *Manual da Igreja*, foi pauta de extrema relevância na 61.^a Assembleia da Associação Geral da IASD:

Combina o foco no evangelismo e na atividade missionária, com o cuidado e a retenção de membros. Como documento que rege o funcionamento de cada igreja local, Associação/Missão, União e Associação Geral (exceto detalhes administrativos que estão no livro de regulamentos), o *Manual da Igreja* ocupou boa parte das sessões da Assembleia da Associação Geral. Horas e horas foram gastas discutindo mudanças, exclusões e acréscimos que, de acordo com a Comissão do Manual da Igreja e a Comissão Diretiva da Associação Geral, seriam benéficos para o progresso e missão da Igreja no mundo.³⁴

O que se discutiu por muito tempo, pela IASD, o evangelismo e a atividade missionária – na adesão, retenção e manutenção de membros –, finalmente se incluiu no

34 “Manual da Igreja enfatizará o discipulado. Esta é uma das mudanças mais importantes no Manual da Igreja.” Por Marcos Blanco. *Mundo* - 14 de junho de 2022. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/manual-da-igreja-enfatizara-o-discipulado/>. Acesso em: 08 set. 2022.

Manual da Igreja e, de acordo com o pastor James Howard, diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina para a sede mundial, a inclusão desse novo capítulo sobre discipulado reúne ambos os aspectos.

Esse capítulo nos ajuda a entender que temos uma missão que inclui, por um lado, atividade missionária efetiva e evangelismo, mas que não termina depois que as pessoas são batizadas, mas também inclui garantir que tenhamos um processo sistemático para discipular as pessoas depois de seu batismo. Dessa forma, podemos torná-los em hábitos espirituais, podemos treiná-los para ganhar almas e torná-los ativos logo após o batismo, enfatiza Howard. (BLANCO, 2022)³⁵

Para uma igreja que, desde os primórdios prega a iminente volta de Jesus, a IASD quebra todas aquelas regras que amarram as instituições, atando-as nas cordas da indiferença para com as incontáveis mazelas humanas, face às catástrofes naturais e às flagrantes injustiças sociais. Tal não acontece com os adventistas do sétimo dia, como pontua Delcio Monteiro de Lima:

A desenvoltura que caracteriza a participação da Igreja Adventista do Sétimo Dia na solução dos problemas da educação e da saúde enfrentados pelos diversos países é realmente impressionante. [...] A obstinação dos adventistas em promover a educação e cuidar da saúde mereceu, a propósito, curiosa observação da revista “*US Catholic*” em artigo escrito por William J. Whiler, respeitado catedrático de História da Universidade Católica de Purdue, que diz que podemos esperar que uma igreja que aguarda o fim do mundo a qualquer momento concentre sua atuação exclusivamente em assuntos religiosos. Mas que não são assim os adventistas. Sua crença na segunda vinda não arrefeceu seu empenho em favor da educação, do cuidado médico ou do serviço em prol dos outros e que nenhuma igreja pode apresentar mais impressionante relatório de serviço médico do que a Adventista do Sétimo Dia, levando-se em conta o número total de seus adeptos. (LIMA, 1991, p. 2)

Isto se reflete nos números expostos na edição comemorativa dos 160 anos da IASD, em 2022, da Assembleia Geral dos adventistas:

63% dos membros da Comissão de Nomeações atuaram pela primeira vez na função e **81%** são empregados da denominação. A estrutura administrativa da Igreja envolve **13 Divisões, 138 Uniões, 418 Associações e 313 Missões** que administram **169.268 congregações (95.889 igrejas e 73.379 grupos). 22 milhões** é o número de membros que a Igreja Adventista tem em **213 países. 367** é o número de famílias de missionários adventistas ao redor do globo.³⁶

³⁵ Idem.

³⁶ Matéria de capa da *Revista Adventista* de julho de 2022 (grifos do original). Disponível em: Missão do começo ao fim – Conferência Geral 2022 – Igreja Adventista do Sétimo Dia (revistaadventista.com.br). Acesso em: 08 set. 2022.

Diante dos números impressionantes sobre a atuação adventista no Brasil e no mundo, hoje, totalmente ultrapassados, Lima discorre sobre a preocupação da igreja com a saúde e a vida desde os seus primórdios:

A preocupação dos adventistas com a saúde, com efeito, manifestou-se quando da institucionalização da sua Igreja, ocorrida em 1863. Num período de grande turbulência da vida americana, como a que sucedeu à Guerra Civil, já punham em funcionamento, em 1866, sua primeira instituição médica, o “Western Health Reform Institute”, em Battle Creek. Construíram um hospital bastante avançado para uma época em que as péssimas condições sanitárias existentes, sustentadas por práticas médicas empíricas, eram responsáveis, por exemplo, por uma mortalidade infantil de 1 criança em cada grupo de 6 no primeiro ano de nascimento e a expectativa de vida dos americanos estava limitada a, apenas, 39,4 anos. Naquele tempo, a Associação Médica Americana, criada em 1847, não dispunha de instrumentos eficazes para proibir o exercício da Medicina por pessoas que soubessem os rudimentos da anatomia humana, possuísem razoável estoque de drogas ou tivessem habilidade para fazer uma sangria. Os adventistas tiveram a ousadia de mudar tudo isso, de inovar, e preconizaram, antes de mais nada, uma estratégia de saúde que respeitasse a força dos valores da natureza. (LIMA, *Op. Cit.*, p. 3)

A Assembleia Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de 2022, é mais uma confirmação do constante compromisso com a verdade presente, e, a exemplo de sua cofundadora, Ellen G. White, a preocupação em manter-se a par de seu tempo, sem, no entanto, abdicar dos princípios fundamentais da IASD.

1.4 Assistencialismo: o adventismo e as minorias

Nos Evangelhos sobressaem a atuação de Jesus como cumpridor da missão que, segundo Ele, o Pai Lhe confiara, e o *modus operandi* como o maior evangelista de todos os tempos: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mateus 4:23).

Diferente da maioria das denominações religiosas de todas as vertentes, mesmo de outras religiões fora do espectro do cristianismo, a IASD crê que a sua missão não envolve apenas a pregação da Palavra, catequese e “salvação da alma”, mas, também, uma visão holística – o ser humano em sua integralidade –, com o atendimento de todas as necessidades do ser humano, em todas as faixas etárias, em todas as condições, circunstâncias e em todos os lugares do planeta.

Deste entendimento, a missão dos adventistas do sétimo dia abrange, desde a fundação, o assistencialismo, com a elaboração de inúmeros projetos humanitários, hoje

espalhados por todo o mundo. Presente na criação e manutenção de escolas, universidades, hospitais, clínicas médicas móveis, creches, abrigos, orfanatos, asilos, fábricas de alimentos naturais, lanchas totalmente equipadas para atendimento das populações ribeirinhas na Amazônia, abertura de cisternas e poços no agreste nordestino e em outras regiões áridas do planeta, editoras, programas e canais de TV, a IASD desenvolve um notório trabalho voltado ao atendimento das necessidades básicas da humanidade, levando alimentação, saúde, educação, respeito, dignidade e amor aos semelhantes, tal qual Jesus ensinara.

Fábricas

Figura 7 – Funcionários pioneiros da Superbom – São Paulo, Brasil



Fonte: Nossas Fábricas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 8 – 20 de julho de 1938 – Buenos Aires, Argentina



Fonte: Nossas Fábricas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

Figura 9 – Funcionários pioneiros da Granix – Buenos Aires, Argentina



Fonte: Nossas Fábricas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

Figura 10 – Frota de caminhões da década de 1950



Fonte: Nossas Fábricas – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

A caridade e a assistência social são características marcantes do adventismo, que conta atualmente com a captação de milhões de dólares, disponibilização de recursos e treinamento de pessoas por meio da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA).

A ADRA é uma organização de ajuda humanitária, sem fins lucrativos, que atua em diversas áreas da sociedade, com políticas e práticas que variam entre saneamento; higiene; saúde comunitária; defesa de crianças em situação de vulnerabilidade; nutrição e redução da fome; resposta e gestão de emergências; promoção da ação judicial; direitos e igualdade entre os sexos; geração de emprego e renda; valorização da mulher.

Em 1997, a ADRA recebeu o *status* de órgão Consultivo Geral das Nações Unidas, ganhando visibilidade internacional. O envolvimento com ações humanitárias data de 1956, com a criação da *Seventh-Day Adventist Welfare Service (SAWS)* que, em 1958, já havia atendido 22 países em situação de emergência. Em 1970, além da assistência emergencial, passou a desenvolver projetos humanitários contínuos, em

comunidades vulneráveis, como a criação de clínicas de saúde, em diversos países da África; atendimento às vítimas de terremotos na América Central; instruções de higiene e saúde para crianças na Ásia, e suporte para que meninas e mulheres recebessem educação. Em 1983, a organização deixa de se chamar SAWS e passa a ser denominada como Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA), chegando ao Brasil no ano seguinte. Executou 59 projetos e parcerias que beneficiaram diretamente 126 mil pessoas, com investimentos de 17,8 milhões de reais, em 2014.³⁷

ADRA

Figura 11 – Lanchas Luzeiro IV, Luzeiro V, Luzeiro VI e Hidroavião Leo Haliwell



Fonte: Nossa Adra – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

Figuras 12 – Logística hospitalar e de assistência social



Fonte: Nossa Adra – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

³⁷ Disponível em: <https://adra.org.br>. Acesso em 08 set. 2022.

Figuras 13 – Primeira frota móvel da Ofasa – Lima, Peru



Fonte: Nossa Adra – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

Figura 14 – Atendimento à população carente no Altiplano



Fonte: Nossa Adra – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org)

Figura 15 – Dr.^a Euclair Oliveira (de lenço na cabeça) e o Dr. Walter Teixeira (batendo continência), Diretores da L.B.A. do Rio de Janeiro e Pará em visita às obras na Amazônia



Fonte: Nossa Adra – Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional (adventistas.org).

A IASD também conta com a integração dos clubes de Desbravadores. No mundo são cerca de 1,5 milhão de jovens em 37 mil clubes, espalhados por 160 países. No Brasil há 7.400 unidades, reunindo mais de 258 mil membros. Os princípios filosóficos que regem os clubes envolvem educação, contato com a natureza, cidadania, lealdade, o respeito para com Deus, com a pátria e ao próximo. A iniciativa por parte da IASD se refere à crença de que os jovens aprendem mais pelo exemplo do que por preceitos. Deste princípio fundamental se seguem todos os demais desenvolvidos, na prática, pelos membros da IASD.

Conforme mencionado, a IASD atua também na educação formal, correspondendo a uma das maiores redes educacionais do mundo, atendendo a dois milhões de alunos em 7,8 mil escolas localizadas em 165 países.

Influenciada pelos pensamentos de sua cofundadora, Ellen White, que defendia que os jovens deveriam progredir rumo a estágios de crescente autonomia, bem como de responsabilidade e serviço humanitário, a educação adventista se volta ao uso expressivo do intelecto para o autodesenvolvimento da individualidade reflexiva e, também, à ação em prol do outro, como reflexo coerente da missão da IASD, no assistencialismo e na comunicação do evangelho.

1.4.1 O adventismo em defesa dos direitos femininos

Além de todas essas ações, a IASD dirige especial atenção aos direitos femininos. Segundo Fábio Darius:

A chamada libertação das mulheres – luta esta ainda muito longe de ser plenamente conquistada – foi um dos frutos diretos das lutas da modernidade reestruturada a partir dos escombros posteriores à “retirada quietista da ordem sacerdotal dos filósofos” que deu início a uma filosofia da práxis. (DARIUS, s/d, p. 268)

O autor tece uma genealogia do papel feminino desde a era vitoriana, apontando quão subestimadas e submetidas a diversas violências as mulheres amargaram, em contextos históricos que evidenciam a invisibilidade da identidade feminina, na sociedade. Baseado no arcabouço intelectual de uma das maiores intelectualidades do adventismo, Ellen White, Darius elabora uma investigação de extrema relevância:

[...] muitas senhoras consideradas bem educadas, diplomadas com distinção de ensino, são vergonhosamente ignorantes dos deveres práticos da vida. São destituídas das qualificações necessárias para a devida regulamentação da família e por isso mesmo essencial à sua felicidade. (WHITE, 2003, p. 231 *apud* DARIUS, s/d, p. 268)

Com a ruptura proposta pela filosofia alemã, baseada nos ideais iluministas com a difusão do *aufklärung* (esclarecimento), que se espalhou pela Europa Oriental e Ocidental, “incluindo aí os territórios do império britânico, com ênfase posterior (ou seja, no início do século 20) principalmente nos Estados Unidos” (DARIUS, *ibid*, p. 268), as lutas em prol dos direitos das mulheres ganharam força e visibilidade.

Eis na universalidade e *práxis* moderna com toda sua sorte de matizes talvez a maior das rupturas culturais globais que inexoravelmente atingiram mesmo os territórios que ainda declaradamente viviam sob a égide cristã. Não causa perplexidade a constatação que o movimento feminista, em sua primeira onda, “coincida” cronologicamente com o fim da era vitoriana, um período atípico para aqueles anos conhecidos como a *Pax Britannica*. (DARIUS, *ibid*, p. 268)

A aguçada análise de Darius estabelece uma relação direta entre o padrão da mulher europeia da era vitoriana com o ideal de beleza das brasileiras, no período pós-independência do país. Embora a divisão entre colonos e colonizadores fosse gritante, a europeização do Brasil se estabilizava, não somente na cultura, mas também no íntimo desejo da população (em grande parte, ainda escrava) brasileira. Portanto:

[...] o estereótipo comum da família patriarcal brasileira consistia no marido autoritário, cercado de concubinas escravas, que dominava os filhos e sua mulher submissa. Esta se tornava uma criatura passiva e indolente, que vivia enclausurada em casa, gerava inúmeras crianças e abusava dos escravos. (HAHNER, 2003, p. 38 *apud* DARIUS, s/d, p. 274)

A conduta das mulheres não se restringia apenas à dominação do cônjuge, mas era expressamente descrito no Código Civil Brasileiro de 1916, o qual afirmava:

[...] uma mulher casada tinha que se submeter à autoridade do marido nas questões relativas à educação, criação e local de residência dos filhos. A lei negava às mulheres casadas o direito de se envolver no comércio, de alienar imóveis por venda ou doação e, ainda, de administrar a propriedade sem o consentimento de seus maridos. (HAHNER, 2003, p. 38 *apud* DARIUS, *Op. Cit.*, p. 274)

Quanto à igualdade entre homens e mulheres, White se voltava à importância da igualdade da dignidade, não necessariamente igualdade de direitos e papéis, afirmando que “quando homens casados vão para o trabalho, deixando suas esposas presidindo aos cuidados da casa, elas estão fazendo um serviço tão importante como o marido” (WHITE, 2004b, p. 213 *apud* CASTRO FILHO, 2016, p. 36).

É bem verdade que o trabalho doméstico é tão digno quanto qualquer outro tipo de trabalho honesto, porém a passagem citada faz jus à conjuntura tradicional do cumprimento aos preceitos bíblicos, pelos adventistas da época de White – e posterior a

ela –, que fundamentavam essas condutas numa nova interpretação bíblica oriunda da cosmovisão do adventismo, baseada nas descobertas de evangelistas e missionários que viajavam o mundo. Essa nova interpretação da Bíblia foi considerada fruto dos movimentos de reforma do cristianismo, tendo White como maior representante dentro do adventismo.

A despeito desses dados:

A praticamente inquestionável liderança de Ellen White na Igreja que ela cofundou proporcionou a feminilização denominacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O “Ministério da Mulher” tanto na América do Norte quanto aqui na América do Sul é extremamente atuante e em grande medida o púlpito é por elas ocupado, além de exercerem cargos de excepcional confiança. (DARIUS, *Op. Cit.*, p. 272)

White e sua postura tradicional estava disposta a levar os preceitos bíblicos até as últimas consequências, pois a convicção na superioridade do texto bíblico como regra de fé era, segundo sua concepção, o único caminho a ser trilhado pelos cristãos, especialmente os adventistas.

Entretanto:

Da mesma forma, embora sob outros meios, o que fez efetivamente Ellen White, assim como muitas mulheres moderadas (mas atuantes) de sua geração, foi participar ativamente em causas consideradas femininas por excelência, como as de temperança – mas sem deixar de escrever sobre aquilo que não convinha a uma mulher clarificar, mesmo que sejam assuntos tão díspares como excessos sexuais –, onde nesse caso ela considerava o homem “mais animal do que humano”, e no tocante à remuneração das mulheres – que segundo ela deve ser a mesma do homem. Contudo, o fim último de sua causa como um todo foi o de promover o equilíbrio integral entre todos os membros da família e da Igreja em relação a todos os aspectos do ser e, especificamente, proteger a família e o bem-estar social e espiritual. Assim, embora a seu modo elevasse o papel feminino na família e na sociedade, ela não fez mais, ainda que sob outras formas, que destacar o papel da mulher como – essencialmente, mas não somente – mãe e dona de casa, protetora e educadora de seus filhos, ou seja, o papel da mulher vitoriana por excelência. (DARIUS, *ibid*, pp. 271-272)

White não chegou a presenciar os direitos das mulheres serem garantidos por lei, embora, talvez, essas leis não lhe agradassem de todo, visto sua postura tradicional em relação à mulher. No entanto:

Apenas no final do século 20 é que elas “nasceriam socialmente” com direitos e deveres, embora ainda hoje ganhando menos do que os homens e sendo expostas às mais tristes situações. Estas situações históricas lamentáveis ajudaram a tecer a força incomensurável da mulher brasileira, pobre, latino-americana, batalhadora, negra e exposta à toda a sorte de desgraças. A partir de dores e sofrimentos, ajudaram a construir uma teologia equilibrada e prática [...] derivado de uma leitura

honestas da Palavra de Deus – que neste caso, obrigatoriamente precisa ser libertadora. (DARIUS, *ibid*, p. 274)

Atualmente, a ocupação do lugar da mulher nos altos postos da IASD tem sido constantemente combatida por segmentos expressivos de líderes e de membros da própria Igreja. Nesse sentido, Castro Filho (2016) acrescenta que esta pauta tem sido discutida nas conferências gerais da Igreja, em que os números de votos contrários sobressaem os votos a favor.

1.4.2 As questões de gênero e sexualidade na IASD

Este é um assunto polêmico e delicado, principalmente quando vinculado às religiões cristãs integralmente fundamentadas na Bíblia, como é o caso da IASD. Nesse contexto, investigamos a postura do adventismo, desde sua fundação, com Ellen White, em relação a tais questões.³⁸

Os estudos mais profundos sobre as questões de gênero são relativamente recentes, embora Simone de Beauvoir já houvesse afirmado no início do século 20 que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (2003, p. 11). Ressalta-se que a assertiva da filósofa francesa não se refere ao sexo biológico, mas à formação cultural dos papéis feminino e masculino.³⁹ Nesse contexto, as discussões de gênero ainda estavam marcadas pela grande discrepância entre os papéis sociais masculinos e femininos, na luta feminista e na crítica ao domínio patriarcal.

É com Mauss (1974) que as questões de gênero se iniciam, com a desnaturalização do lugar do corpo na cultura. Afinal, ao longo da história, o desequilíbrio de poder entre homens e mulheres tinha sido considerado natural. Contudo, o uso do termo *gênero* atua como forma de diferenciar os aspectos biológicos dos sociais, sendo o sexo relacionado à biologia e *gênero* à cultura. O antropólogo advertiu que a naturalização dos papéis sexuais desempenhados por homens e mulheres era equivocada. Assim, segundo ele, a biologia

³⁸ Cabe esclarecer que a inclusão das questões de gênero e sexualidade na IASD, nesta pesquisa, se deve à relação da cultura e identidade – que intitula o presente capítulo – com os aspectos que compõem esses dois conceitos, nos quais se inserem os debates sobre assistencialismo, caridade, acolhimento e respeito às, ditas, minorias, aviltadas pela intolerância das sociedades inscritas sob o modelo cristão de “moralismo” e falso conservadorismo. A IASD, historicamente reconhecida pelos serviços assistenciais de todos os tipos, não exclui os grupos marginalizados socialmente, a exemplo dos sujeitos protagonistas das questões de gênero e sexualidade, bem como a pauta dos direitos femininos, também discutida nesta pesquisa.

³⁹ Desde então, a antropologia, a biologia, a neurologia e a psicologia investigam cientificamente o assunto, que toma vulto com as novas descobertas antropológicas, quando da investigação da diversidade de culturas existentes no mundo. No século 21, com a teoria *queer*, Judith Butler também se insere nos debates de gênero, em defesa das lutas por liberdade de identidade.

já não é mais critério para identificação de gênero, visto que este termo agrega uma conceituação muito mais ampla do que denominamos, simploriamente, como homem e mulher.

A antropóloga Margaret Mead, ao regressar de uma viagem a Samoa, lança a obra *Coming of Age in Samoa*⁴⁰ (1928), na qual demonstra traços de identidade completamente distintos da cultura ocidental. Por exemplo, a passagem pela adolescência, em nossa cultura, dá-se de forma conturbada, em que os problemas decorrentes dessa fase se ligam às expectativas e exigências culturais. Em Samoa, as mulheres jovens optavam por adiar o casamento por anos para desfrutar o sexo ocasional.⁴¹

Em seu livro, *Sexo e Temperamento*, publicado em 1935, fruto de pesquisa com aborígenes em Nova Guiné (*arapesh, mundugumor e tchambuli*), Mead observou que os papéis sociais de homens e mulheres variavam detribo para tribo, não sendo, portanto, inatos, e sim culturais. Nas tribos *arapessa*, as pesquisas mostraram a maternidade como uma imbricada relação entre pai e mãe, na qual o foco era ajudar o desenvolvimento do filho ou filha. (ANJOS NETO, 2018, p. 22)

É bem verdade que durante a vida de White, as questões de identificação de gênero,⁴² não eram sequer discutidas, ficando em evidência as questões relativas à orientação sexual. No contexto religioso da IASD, desde a fundação da igreja, White prescreve, segundo a Bíblia, a conduta que os cristãos adventistas deveriam seguir.

A autora era taxativa sobre o assunto, posicionando-se contra as relações homoafetivas, bem como o sexo antes do casamento, o adultério e demais condutas “pecaminosas”, segundo seu ponto de vista, fundamentado nas doutrinas e orientações bíblicas.

White considerava a homossexualidade como “impureza sodomita”:

Nenhuma partícula de impureza sodomita escapará da ira de Deus por ocasião do juízo. Aqueles que não se arrependerem e não abandonarem toda impureza, cairão junto com os ímpios. Os que se tornarem membros da família real e constituírem o Reino de Deus na Terra transformada haverão de ser santos, não pecadores. (WHITE, 2008, p. 119 *apud* CASTRO FILHO, *Op. Cit.*, p. 33)

Nessa linha de raciocínio, White elaborou um tipo específico de conduta masculina que deveria servir de critério para a escolha correta das jovens mulheres na

40 *Adolescência, sexo e cultura em Samoa* (Tradução nossa).

41 Este relato fez com que a obra da autora fosse vista com maus olhos, inicialmente, por expor um tipo de cultura sexual distinta da sua, na época. (VICENTE, 2014 pp. 11 -36)

42 Atualmente, existem mais de cinquenta nomenclaturas de identidades de gênero, que nada têm a ver com a orientação sexual do indivíduo.

busca pelo esposo ideal: “Receba a jovem como companheiro vitalício tão somente ao que possua traços de caráter puros e varonis, que seja diligente, honesto e tenha aspirações, que a ame e tema a Deus; [...] evitai os que são irreverentes” (WHITE, 2004b, p. 56 *apud* CASTRO FILHO, *Op. Cit.*, p. 33).

Sobre os homens casados, White pontua:

O marido e pai é a cabeça da família. [...] Todos os membros da família se centralizam no pai. Ele é o legislador, ilustrando na própria varonilidade as importantes virtudes: energia, integridade, honestidade, paciência, coragem, diligência e prestatividade. O pai é em certo sentido o sacerdote da família, apresentando ante o altar de Deus o sacrifício da manhã e da tarde. [...] O pai representa o Legislador Divino em sua família. É colaborador de Deus, promovendo os graciosos desígnios de Deus e estabelecendo em seus filhos elevados princípios, os quais nos capacitam a formar caráter puro e virtuoso, porque ocupam previamente a alma com aquilo que capacitará seus filhos a render obediência não somente aos seus pais terrestres, mas também ao Pai Celestial. (WHITE, 2004^a, pp. 192-193 *apud* CASTRO FILHO, *ibid*, p. 34)

O teólogo adventista e doutor no Novo Testamento Bíblico, Ronald M. Springett (2007), aborda especificamente sobre homossexualidade para a editora da IASD do Brasil, no qual constrói um apanhado histórico sobre a homossexualidade no Novo e Velho Testamentos, concluindo que não há passagem alguma que concorde ou reforce o comportamento homossexual. Dessa forma, a conduta que o autor sugere é o acolhimento dos homossexuais pela IASD para torná-los a confrontar o desejo por pessoas do mesmo sexo.

Atualmente, foram criados pela IASD locais de acolhimento de pessoas com “conduta pecaminosa”, nos quais eles são recebidos e auxiliados espiritualmente. E, neste quesito, mais do que em qualquer outro, se faz mister e prudente considerar o posicionamento peculiar da IASD nestas questões, à luz da sua compreensão e fundamentação no texto bíblico naquilo que, no jargão teológico, é afirmado pelos seus pastores e teólogos como “em seu sentido original e atemporal”. Numa entrevista sobre essa temática publicada na revista teológica dos pastores adventistas (Ministério, março-abril de 2024), o veterano e erudito Pastor Marcelo Quiñones, formado em Teologia pela Universidad Adventista del Plata (2004) e com MBA em “liderança para as novas gerações” no UNASP, campus Engenheiro Coelho (2019), expressou, de forma equilibrada, aquela que tem sido a orientação da liderança maior da IASD:

Ao esclarecermos nossa compreensão e posição sobre esses assuntos, devemos nos pautar no que foi revelado pelo Senhor em Sua Palavra. Nosso foco não deve ser discriminatório, mas acolhedor e afetuosos. [...] o que temos percebido é que, entre nossos membros, há aqueles que

enfrentam secretamente o desafio de viver em consonância com suas orientações sexuais, as quais não estão alinhadas com o ensinamento da Palavra do Senhor. Em outras palavras, em nossas congregações, há mais irmãos do que sabemos que lutam secretamente com essas questões ou se identificam com a comunidade LGBT. Portanto, é fundamental reconhecer a diversidade de experiências e lutas que os membros dessa comunidade podem enfrentar. Precisamos abordar esses assuntos com sensibilidade e compaixão em reuniões específicas. (Ministério, março-abril, 2024, p. 7)

Em síntese, embora a IASD tenha a sua posição oficial sobre essa e incontáveis outras temáticas polêmicas – e esta posição, além de ser respaldada na Bíblia, e expressa no “Manual da Igreja”, “Regras Para a Igreja”, “Nisto cremos” e numa farta literatura contendo pesquisas e estudos constantes sobre estas questões – isso não significa que ela seja um bloco monolítico nessas questões e mesmo naquelas menos complexas. Ao contrário, conforme demonstra a própria capa do periódico citado (Ministério, março-abril, 2024), cuja matéria principal é: *CRISTIANISMO PROGRESSISTA*, há, dentro da Igreja Adventista, teólogos dos mais variados “matizes”, ministérios independentes, militantes e grupos pro-causas LGBT, e, também, como acontece nos Estados Unidos, onde localiza-se a sede mundial da Igreja, há grupos pró-armas, antivacinas e outros fortíssimos que defendem posições totalmente antagônicas àquelas defendidas pela IASD – oficialmente falando.

1.5 O adventismo no contexto pós-moderno: a nova cartografia do cristianismo

Ao longo da história, os adventistas do sétimo dia têm caminhado intensamente sobre o “fio da navalha” – tentando, ao mesmo tempo, assumir e conservar a pureza doutrinária como “Povo da Bíblia”, “A Igreja da profecia”, “Povo do advento”, “O remanescente fiel de Deus”, “A última Igreja de Deus na Terra”, “Guardiães da verdade”, com a imagem simpática e amiga de uma “Igreja acolhedora”.

Assim, a igreja ocidental se uniu de tal modo à cultura do império romano ocidental que 1.500 anos depois da queda deste império ela continuava insistindo no latim no culto, uma língua morta que somente os eruditos falavam. Por isso, não deve nos causar estranheza [...] que a Reforma Protestante do século 16 se firmou principalmente em territórios que não haviam sido parte do império romano e onde não se falavam línguas românicas. Por isso, também não deve nos causar estranheza o fato de que logo muitos protestantes chegaram à conclusão de que a forma mais pura do evangelho era a que se encarnava nas culturas germânicas do norte e que essas culturas eram particularmente

aptas para lhe servir de veículo. [...] Mas atualmente as coisas estão mudando de novo. Quando eu tinha aqueles debates comigo mesmo e com meus companheiros, o centro da vitalidade e atividade cristã – e certamente da atividade protestante – estava principalmente nas terras do Atlântico Norte. Os principais centros missionários do mundo estavam em Nova York e Londres e, para os católicos, na Espanha, na França e no Canadá francês. [...] Isso tudo não deve nos causar estranheza, pois naqueles anos a maioria dos cristãos ainda era de cultura ocidental e de raça branca. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, pp. 90-91)

Hoje, a Europa Ocidental é classificada como pós-cristã e as pesquisas reportam constantes declínios na crença, no número de membros e na identificação religiosa. Ao longo do último século, contudo, o cristianismo se deslocou de forma acentuada do Norte para o Sul global, com um crescimento das populações cristãs em locais como a África Subsaariana e o Leste asiático. Acrescenta González:

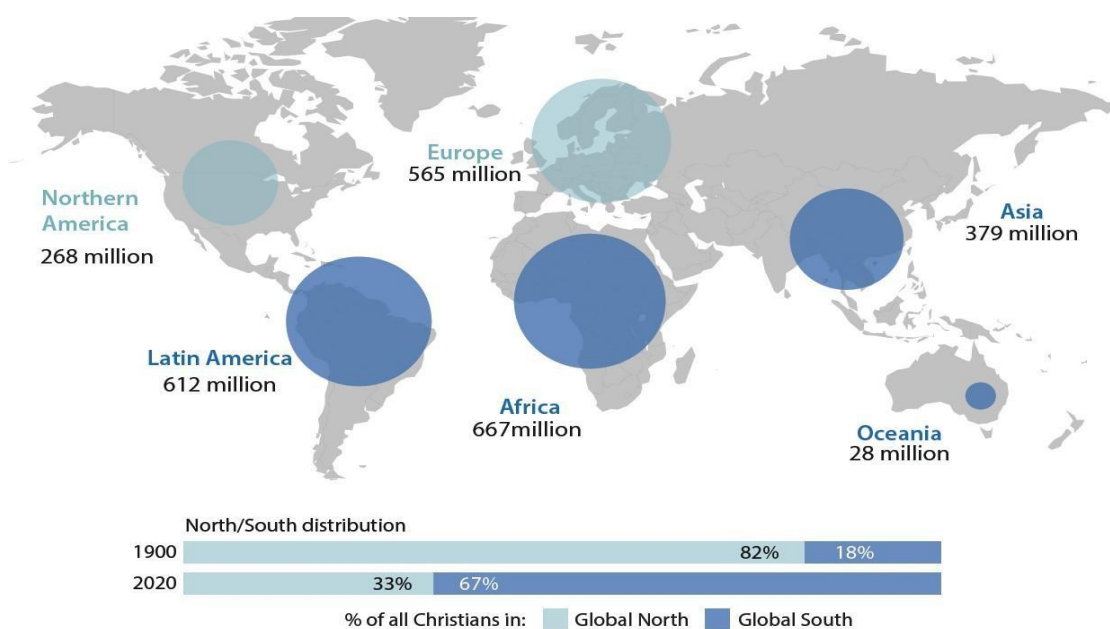
Atualmente está claro que os centros de vitalidade missionária e evangelizadora já não estão no Atlântico Norte, que a maioria dos cristãos não é branca, e que o evangelho é pregado em centenas de idiomas, poucos deles de origem europeia. Hoje, a vanguarda teológica da igreja não se limita à Europa nem aos Estados Unidos; para saber o que acontece na teologia da igreja, deve-se levar em conta o que está sendo dito e escrito no Peru, nas Filipinas, na Índia e em Gana. Em poucas palavras, a igreja de hoje inclui uma diversidade maior de culturas do que em qualquer período anterior de toda a sua história. (GONZÁLEZ, *ibid*, pp. 91-92)

González aprofunda os estudos sobre essa nova cartografia do cristianismo:

As mudanças no mapa do cristianismo deveriam ser evidentes para quem conhece o modo como o cristianismo evoluiu durante as últimas décadas. No início do século 20, a metade de todos os cristãos vivia na Europa. Agora são menos da quarta parte. Nesse mesmo início de século, aproximadamente 80% dos cristãos eram brancos, agora, menos de 40%. Os grandes centros missionários se encontravam em Londres e Nova York. Hoje saem mais missionários da Coreia do que de Londres, e Porto Rico envia dezenas de missionários a Nova York. O que isso significa é que o mapa do cristianismo que nos servia há poucas décadas já não funciona. (GONZÁLEZ, *ibid*, pp. 15-16)

Nos últimos 120 anos, houve pouca variação na porcentagem cristã do mundo. Em 1900, o cristianismo correspondia a 34,5% da população mundial; em 2020, o número era de 32,3%. Essa relativa estabilidade, no entanto, encobre mudanças dramáticas na demografia do cristianismo. O mapa abaixo demonstra que, em 1900, 82% de todos os cristãos viviam na Europa e na América do Norte; em 2020, esse número caiu drasticamente para 33%.

Figura 16 – Novo mapa do cristianismo no mundo (2020)



Fonte: Google imagens.⁴³

Todos esses dados apontam para os desafios que a IASD, na condição de difusora do evangelho, tem enfrentado durante toda a sua história. Porém, os entraves que têm se manifestado nas últimas décadas configuram novas tipologias, e, por conseguinte, carecem de novas estratégias para serem vencidas.

1.5.1 Um mapa policêntrico e suas consequências

Num grau sem paralelo na história da igreja, hoje, os centros de vitalidade não são os mesmos que os centros de recursos econômicos. E esses centros são variados. Em tempos passados, houve muitas mudanças na geografia do cristianismo. Já no Novo Testamento vemos como o centro se move de Jerusalém à Antioquia, e até à Ásia Menor. Mas ali fica claro que ao mesmo tempo em que a importância da igreja de Jerusalém vai se eclipsando, em comparação com o resto do cristianismo, o mesmo sucede com seus recursos econômicos de tal modo que uma parte importante da missão de Paulo é buscar recursos para os crentes de Jerusalém. Mais tarde, quando as invasões islâmicas e o renascimento carolíngio moveram o centro para a Europa ocidental, torna-se claro que há agora um novo centro, não só em vitalidade, mas também em recursos econômicos. [...] Hoje a situação mudou. Não há dúvida de que a imensa maioria dos recursos financeiros da igreja se encontra no Atlântico Norte. O orçamento de alguns dos principais seminários nos Estados Unidos é bem maior que o orçamento inteiro de

43 [imgurl: https://lausanne.org/wp-content/uploads/2021/01/a-close-up-of-a-logo-description-automatically-ge.png](https://lausanne.org/wp-content/uploads/2021/01/a-close-up-of-a-logo-description-automatically-ge.png) - Bing. Acesso em: 07 maio de 2023.

toda uma denominação em outros países. Algumas congregações nos Estados Unidos possuem edifícios cujo valor é maior que a soma total de valor de todos os edifícios de denominações inteiras em outros lugares. Acontece o mesmo com relação ao número de livros e revistas publicados, e quanto se investe nos meios de comunicação, etc. No entanto, a proporção de cristãos no Atlântico Norte continua diminuindo, enquanto nos países tradicionalmente mais pobres há uma verdadeira explosão no crescimento do cristianismo. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 20)

Quando se observa os números do avanço adventista mundialmente, fica claro que a IASD está cada vez mais com os templos cheios na África, no Brasil e América Latina. Embora viesse num crescente na Ucrânia (interrompido pela guerra) e na Rômenia, da mesma forma que as outras igrejas cristãs, os adventistas do sétimo dia experimentam um crescimento incipiente – quando não encolhimento – nas mais prósperas nações do Velho Mundo e, também, focos de dissidência e baixo crescimento no seu país de origem: os Estados Unidos.

Esta é a primeira afirmação que quero fazer: a nova geografia do cristianismo é policêntrica. Do ponto de vista dos recursos, os centros se encontram nos Estados Unidos, Canadá e Europa ocidental. Do ponto de vista da vitalidade, do zelo evangelizador e missionário, e até da criatividade teológica, já há algum tempo, os centros se movem para o sul. A segunda dimensão da nova realidade policêntrica é que ainda não há um novo centro no sul. Há importantes movimentos teológicos provenientes tanto do Peru, como da África do Sul e Filipinas. Há um crescimento incrível tanto no Chile como no Brasil, Uganda e Coreia. Já não é possível se referir a lugar algum como o centro do cristianismo, nem sequer como um de uns poucos centros. (GONZÁLEZ, *ibid*, p. 21)

A nova cartografia do cristianismo trouxe consequências significativas:

Este novo mapa do cristianismo significa que devemos ler a história eclesiástica de uma maneira diferente [...] já não nos é possível separar a história da igreja da história das missões, ou da história da expansão do cristianismo. O modo como, tradicionalmente, a história do cristianismo tem sido lida, escrita e ensinada, não só no Atlântico Norte, mas em todo o mundo, dava a impressão de que o cristianismo do Atlântico Norte era a meta da história eclesiástica e que, portanto, tudo o que se movia nesse sentido era parte de uma história diferente, de outro campo de estudos que, normalmente, se denominava história das missões. Assim, por exemplo, a conversão do império romano e das tribos germânicas era parte da história eclesiástica, mas a conversão da Etiópia e as origens do crescimento no Japão eram parte da história das missões. [...] Hoje, é impossível fazer tais distinções, pois o mapa do cristianismo já não tem o Atlântico Norte no centro. O novo esboço da história da igreja já não tem no cristianismo dessa região o ponto culminante a partir do qual se veja o passado. Precisamente, porque o cristianismo passou a ser policêntrico, a história eclesiástica passou a ser global e ecumênica num modo e numa medida que seriam inconcebíveis há poucas gerações. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, pp. 21-22)

A propósito, é importante ressaltar, nesse contexto, o grande desafio da “Janela 10/40”. A região entre o Atlântico e o Pacífico, e entre os paralelos 10 e 40 de latitude norte, é onde vive a maior população mundial com menos oportunidade de escutar o evangelho, chamada de “Janela 10/40”, abarcando os seguintes países:

Quadro 1 – “Janela 10/40” (percentual de evangélicos por país)

PAÍSES	PERCENTUAL DE EVANGÉLICOS POR PAÍS
ÍNDIA	1%
MAURITÂNIA	0 %
SUDÃO	3%
AFEGANISTÃO	0,02%
JAPÃO	3%
GUINÉ-BISSAU	1,2%
KUWEIT	0,5%
BANGLADESH	0,2%
BUTÃO	0,03%
ARÁBIA SAUDITA	0,007%
GUINÉ	0,75%
TAILÂNDIA	0,3%
NÍGER	0,1 %
QUIRGUISTÃO	0,003%
IRÃ	0,05%
BUKINA-FASO	3%
MALI	0,9%
AZERBAIJÃO	0,003%
BENIM	2%
INDONÉSIA	6%
LAOS	1,9%
EGITO	0,8%
UZBEQUISTÃO	0,001%
NEPAL	0,5%
EMIRADOS ÁRABES	0,7%
ALBÂNIA	5%
MARROCOS	0,01%
SRI LANKA	0,9%
ISRAEL	0,35%
TADJIKISTÃO	0,001%
CHINA	4%
DJIBUTI	0,03%
YEMEN	0,01%
VIETNÃ	0,6%
FORMOSA	3%
BAHREIN	0,5%
BRUNEI	0,06%
LÍBANO	4,3%
CATAR	0,007%
TURCOMENISTÃO	0,001%
ETIÓPIA	10%
BISMÂNIA	4%
TIBETE	0,02%
ARGÉLIA	0,01%
LÍBIA	0,1 %
MALÁSIA	2%
OMÃ	0,1 %
CAZAQUISTÃO	0,004%
TUNÍSIA	0,001%
CAMBOJA	0,05%
TURQUIA	0,03%

COREIA DO NORTE	0,5%
SOMALIA	0,01%
PAQUISTÃO	0,5%
NIGÉRIA	17%
MALDIVAS	0,1%
JORDANIA	0,4%
SENEGAL	0,1%
SÍRIA	0,1%
MONGÓLIA	0,1%

Fonte: O que é a Janela 10/40? | *Estudos de células*.⁴⁴

Esse número de países com baixo contingente de evangélicos (cristãos, de modo geral) tem sido uma realidade bastante desafiadora ao cumprimento, da IASD, na sua missão de comunicar o evangelho. A região é também denominada de “Cinturão da Resistência”, por se assemelhar à representação imagética de um grande cinturão abraçando o globo, entre os paralelos 10 e 40 de latitude norte. A Figura 17 evidencia tal semelhança, além de fornecer uma dimensão clara da problemática, abarcando parte dos continentes africano, europeu e asiático.

Figura 17 – Representação do “Cinturão da Resistência” (“Janela 10/40”)



Fonte: Google imagens.⁴⁵

Um número expressivo de povos ainda não-alcançados pelo evangelho: ao todo, são 62 países localizados na “Janela 10/40”, contendo uma população predominantemente alicerçada em doutrinas de orientação muçulmana, hindu e budista, chegando a ocupar um terço (1/3) de área territorial global e, somando dois terços (2/3)

44 Disponível em: <estudosdecélulas.com.br>. Acesso em: 10 de março de 2023.

45 Disponível em: < figura do cinturão de resistência ao cristianismo localizado entre os paralelos 10 e 40 de latitude norte da terra - Pesquisa Google>. Acesso em: 10 de março de 2023.

dapopulação mundial, consistindo no maior desafio missionário dos últimos tempos, para a IASD.

1.5.2 Adventismo e secularismo

Institucionalização e secularização, paradoxalmente, andam de mãos dadas. Quanto mais o Corpo vivo de Cristo se torna parecido com uma empresa, quanto mais tenta preservar suas formas e estruturas, quanto maior o rigor com aspectos periféricos de organização e comportamento - com as melhores intenções de permanecer fiel ao cumprimento da missão -, menor é o compromisso de seus membros com Cristo, com a vida cristã e com a própria instituição religiosa. George Knight analisou esse processo em relação à IASD, no livro *The Fat Lady and the Kingdom: Adventist Mission Confronts the Challenges of Institutionalism and Secularization (A senhora gorda e o Reino: a missão adventista confronta os desafios da institucionalização e da secularização)* (1995).

Na proporção direta do seu gigantismo, cresceu e se amplia no seio do adventismo uma gama de desafios – com vistas a mudanças em sua estrutura administrativa, forma de governança e, especialmente, no que se refere às doutrinas e costumes – que têm provocado tensões, abalos e crises e, assim, testam e põem à prova a democracia, a liberdade de expressão, por parte dos membros e líderes das “instâncias menores”, o livre-arbítrio e, em última instância, a própria sobrevivência da IASD – enquanto instituição religiosa de cunho cristão.

Nesse sentido, o “secularismo”⁴⁶, minuciosamente analisado pela ótica religiosa, pode representar um fator de alta relevância – negativa – para os rumos da comunicação do evangelho. Se, por um lado, a divisão entre Estado e Religião estrutura uma série de direitos e deveres para as igrejas, baseada na defesa dos Direitos Humanos, essa interferência acarreta consequências diretas para o cumprimento às normas de algumas igrejas, manifestando-se na emergência de crises e mudanças nas políticas internas de regimento.

46 O conceito de secularismo defende a liberdade de acreditar ou não em uma religião, garantindo o livre exercício de todos os cultos, o que também implica que ninguém pode ser obrigado a respeitar dogmas ou normas religiosos. Isto também significa que o Estado tem poder soberano sobre os direitos e deveres religiosos, pautados sob a tutela dos Direitos Humanos.

Certamente, o direito à liberdade de culto, o direito de não seguir nenhuma religião – como extensão do direito à liberdade civil – é uma conquista suprema. A separação entre Estado e Igreja, no início do século 19, proporcionou uma série de avanços nos campos da reflexão filosófica, religiosa e, principalmente, nas ciências. Logo, nessa nova conjuntura, as decisões do Estado, principalmente na política, tornaram-se imparciais em relação à influência religiosa, o que fez com que algumas religiões se readaptassem, e se curvassem às novas regras impostas pelo Estado.

Não obstante, as consequências do secularismo se manifestaram como uma sutil e gradativa apostasia, reverberando como adesão ao ateísmo, em alguns casos, por grande parte da população mundial, com o respaldo da indiferença e exclusão da Igreja Católica, para com seus fiéis, assim como as restrições e exigências de boa parte das igrejas protestantes – como a exclusão de mulheres separadas e/ou divorciadas, de homossexuais, não-batizados, entre outros. Todos esses fatores provocaram as apostasias que se instalaram após o secularismo, e que se têm acentuado atualmente. Em razão da rigidez das religiões cristãs, não somente as minorias supracitadas se afastaram do cristianismo, mas também os jovens, que se viam oprimidos por regras que, para eles, já não condiziam com a realidade da época.

O primeiro passo para a apostasia [não para a unidade] é elaborar um credo dizendo o que devemos crer. O segundo é fazer desse credo uma prova de comunhão. O terceiro é julgar os crentes por esse credo. O quarto é denunciar como hereges os que não acreditarem nesse credo. O quinto e último é começar a perseguir essas pessoas. (LOUGHBOROUGH, 1981, pp. 5-6)

Nesse sentido, a pós-modernidade, ao passo que provocou esse estado de coisas, também obrigou as religiões a se reinventarem, ao custo de perderem, gradativamente, todos os seguidores. Para a IASD, isto não representava apenas números, mas uma falha na missão de comunicar o evangelho e, portanto, o empenho em desenvolver um trabalho de acolhimento e assistência. Antes de tudo, pode se perceber esse perfil no crescente percentual de adventistas, em todo o mundo, enquanto outras igrejas – também cristãs – declaravam o oposto.

Entretanto, ainda ressoam no seio do cristianismo, posicionamentos conservadores, que figuram no autoritarismo dos líderes e administradores religiosos, que tendem a afastar, mais do que agregar seguidores. Tais posicionamentos rompem com o senso de pertencimento, tão caro à psiquê humana, construído pelos laços que atamos durante a vida – com a família, os amigos, a igreja, a comunidade –, e que nos reflete,

representa-nos. Assim, a representatividade – este termo amplamente discutido, na atualidade – precisa abranger a todos, levando em consideração as “diferenças”, sem que essas sejam aspectos excludentes, mas, ao contrário, de inclusão e integração.

Outrossim, o secularismo trouxe consigo, não somente, o direito à liberdade de culto, mas a brecha pela qual passariam inúmeros atentados contra as religiões e suas manifestações. O que, inicialmente, se apresentava como indiferença, por parte das igrejas em relação aos seus fiéis, mais tarde se transformou numa disputa ideológica por uma autoridade religiosa já refutada, por princípio. O pluralismo religioso, que outrora demarcava uma distinção social, na pós-modernidade não representa *status*, de fato, mas, ainda assim, esse resquício de uma suposta hierarquia religiosa, expressa no “fundamentalismo”⁴⁷, é a razão de graves discórdias e intolerâncias que se manifestam, muitas vezes, de forma violenta, variando, de difamação, agressões físicas, a destruição de templos e igrejas até assassinatos.

1.5.3 Os percalços no cumprimento da missão: derrubando barreiras, construindo pontes

A missão suprema do adventismo enfrentou barreiras que ultrapassaram os limites ideológicos no contexto da pandemia por Covid-19, que assolou o mundo (2019-2022). A despeito das dificuldades em manter a “missão” de evangelizar, em exercício, diante da gravidade da pandemia, a IASD demonstrou, mais uma vez, seu caráter assistencialista, atuando no combate à crise sanitária, no Brasil e no mundo.

Quando Donald Trump se lançou na corrida presidencial estadunidense, antes da escolha e designação pelo Partido Republicano, havia um candidato disparado nas pesquisas das complexas eleições norte-americanas: Ben Carson. Negro e filho de uma viúva analfabeta, com uma história de superação da miséria e pobreza – e alçado ao

47 Fundamentalismo é a estrita adesão a um conjunto específico de doutrinas teológicas tipicamente em reação à teologia do modernismo. O termo “fundamentalismo” foi originalmente designado por seus defensores para descrever uma lista específica de credos teológicos que se desenvolveu em um movimento na comunidade protestante dos Estados Unidos na primeira parte do século 20, e teve sua raiz na Controvérsia Fundamentalista -Modernista dessa época. O termo desde então tem sido generalizado para significar a forte aderência a qualquer conjunto de credos em face do criticismo ou impopularidade, mas tem mantido suas conotações religiosas. O termo popularmente refere-se pejorativamente a qualquer grupo religioso de uma maioria, conhecido como fundamentalismo religioso, ou se refere a movimentos étnicos extremistas, conhecido como *fundamentalismo étnico*. O fundamentalista acredita nos seus dogmas como verdade absoluta, indiscutível, não colocando de parte, contudo, a premissa do diálogo.

estrelato por Hollywood, num filme que conta sua história e a façanha de ter sido o primeiro neurocirurgião do mundo a realizar a separação de gêmeos siameses presos pelas caixas cranianas –, Carson, além de escritor e palestrante de renome mundial, conta na biografia, em ser, desde a infância, com a mãe, um fiel membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Outro adventista que é também considerado herói nacional, alçado ao estrelato mundialmente pela sua história, contada em outra produção cinematográfica – dirigida por Mel Gibson, intitulada *Até o último homem*, protagonizado por Andrew Garfield –, é Desmond Thomas Doss. Também membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tornou-se socorrista de guerra e entrou para a história após, em uma única batalha, mesmo desarmado e praticamente sozinho, salvar 75 soldados.

Durante décadas, a IASD incutiu na liderança e propalou entre os fiéis o mito de ser “apolítica”. A razão para tanto, embora irrazoável e surrealista, é compreensível pelas raízes protestantes estadunidenses e concepções da filosofia da história, pela sua teologia do remanescente e interpretações das profecias – especialmente as do Apocalipse. Porém, é auto evidente que a postura política não só existe, como é extremamente atuante desde a fundação, quando reivindicava o direito a ser chamada de Igreja, até os dias atuais, representando grande impacto na assistência, na tomada de decisões e nos posicionamentos em prol do desenvolvimento e priorização da vida.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é o que podemos chamar de instituição universal, pois está presente e atuante em todas as esferas da sociedade. Não é diferente na política, assim como não foi durante a pandemia e, antes desta, tantas outras mazelas que atingiram o mundo. Seguem algumas imagens históricas dos hospitais adventistas.

Hospitais

Figura 18 – Hospital Adventista Silvestre. Primeiro prédio concluído em 1950 – Rio de Janeiro, BRASIL



Fonte: Nossos Hospitais - Igreja Adventista do Sétimo Dia - Institucional (adventistas.org).

Figura 19 – Sanatório Adventista del Plata 15 de novembro de 1908 – Entre Rios, ARGENTINA



Fonte: Nossos Hospitais - Igreja Adventista do Sétimo Dia - Institucional (adventistas.org).

Figura 20 – 22 de outubro de 1922 – Juliaca, Peru



Fonte: Nossos Hospitais - Igreja Adventista do Sétimo Dia - Institucional (adventistas.org).

Pelo exposto, podemos constatar que, a despeito dos grandes desafios enfrentados pela IASD no decurso de sua história, desde sua origem até os dias atuais, a cultura de um grupo se constrói juntamente à sua identidade, ou, em outras palavras, a cultura é sua própria identidade. É, em respeito a essa compreensão, que a IASD se comporta dialeticamente frente ao mundo, como religião cristã que se identifica com os ensinamentos de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que busca cumprir a missão de comunicação do evangelho junto a outras culturas que se identificam com tais preceitos.

Assim, tendo rompido inúmeras barreiras ao longo da história, a IASD enfrenta, na pós-modernidade, novos desafios, os quais discutiremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO SEGUNDO

2 A IASD NA PÓS-MODERNIDADE: O DESAFIO DE SER IGREJA ATUALMENTE

Não há quem duvide de que nunca se acessou tanta informação quanto nos dias de hoje. Também é certo que nem todas as informações acessadas são verídicas e de teor positivo. A modernidade⁴⁸ preparou o solo para a era do conhecimento⁴⁹, alavancada pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) e as tecnologias digitais da informação e comunicação (Tidics), marcando a pós-modernidade⁵⁰.

A pós-modernidade pode ser demarcada pelas suas características nefastas, a saber:

- Substituição do pensamento coletivo, e emersão do sentimento de individualismo, representado pelo narcisismo, hedonismo e consumismo;
- Valorização do "aqui e agora" (*Carpe Diem*);
- Hiper-realidade (mistura entre o real e o imaginário, principalmente com o auxílio das tecnologias e ambientes online);
- Subjetividade (nada é concreto e fixo. A ideia antes tida como verdadeira passa a ser interpretada apenas como mais uma no conjunto das hipóteses);
- Multiculturalismo e Pluralidade (fruto da globalização e mistura entre características típicas de cada cultura, por exemplo);
- Fragmentação (mistura e união de vários fragmentos de diferentes estilos, tendências, culturas, etc);
- Descentralização;
- Banalização ou ausência de valores.⁵¹

⁴⁸ Nos referimos ao século 18, especificamente, período marcado pela busca e valorização do conhecimento, intensificado pelo Iluminismo europeu, demarcando a ruptura definitiva com a alta Idade Média (do século 15 ao 17) – palco da Reforma Protestante e do Renascimento.

⁴⁹ A “era do conhecimento” pode ser demarcada a partir do século 19, atravessando a pós-modernidade (do século 20 até a atualidade) com as grandes inovações no setor das tecnologias da informação e comunicação (TICs), e das tecnologias digitais da informação e comunicação (Tidics).

⁵⁰ “Pós-modernidade é um conceito que representa toda a **estrutura sociocultural desde o fim dos anos 80 até os dias atuais**. [...] A pós-modernidade é caracterizada pela ruptura com os ideais iluministas que eram defendidos durante a era moderna, como os sonhos utópicos da construção de uma sociedade perfeita com base em princípios tidos como verdadeiros e únicos. [...] Em suma, a pós-modernidade consiste no ambiente em que a sociedade pós-moderna está inserida, caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista. Vários autores dividem a pós-modernidade em dois principais períodos. A primeira fase teria começado com o fim da Segunda Guerra Mundial e se desenvolvido até o declínio da União Soviética (fim da Guerra Fria). Já a segunda e derradeira etapa teve início no fim da década de 1980, com a quebra da bipolaridade vivida no mundo durante a Guerra Fria.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/pos-modernidade/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

⁵¹ Disponível em: <https://www.significados.com.br/pos-modernidade/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Unida aos avanços tecnológicos, a conjuntura contextual da atualidade ganhou significativa notoriedade a partir da pandemia de Covid-19, a crise sanitária que assolou o mundo ao final de 2019, estendendo-se até meados de 2023. A exemplo positivo, no entanto, as TICs e Tidics viabilizaram a manutenção do contato social, reverberando: no formato de educação a distância, em todos os níveis escolares; na realização de missas e cultos por meio de emissoras de televisão e internet; na acessibilidade de alguns serviços essenciais, como a entrega de alimentos e medicamentos em domicílio; na acessibilidade às informações continuamente atualizadas; em suma, na possibilidade de amenizar os impactos causados pelo isolamento social.

A partir do fechamento de todos os estabelecimentos e do isolamento social para quarentena inicial, decretada em março de 2020, os povos de todo o mundo se viram diante de duas ameaças: a descoberta de um vírus mortal, até então desconhecido; e os efeitos colaterais do isolamento social. Por meio da tecnologia, obteve-se certo alívio em relação à interação humana. Entretanto, a despeito dos aspectos positivos que a tecnologia proporcionou ao mundo, nesse momento delicado, há muito, se discute sobre os pontos negativos ligados ao acesso excessivo a certas tecnologias informacionais.

Antes mesmo da pandemia, já havia, no mundo digital, um fenômeno recorrente, as *fake news* (notícias falsas)⁵², que tomou grandes proporções durante as campanhas brasileiras para as eleições presidenciais de 2018 e 2022. As *fake news* representam apenas um aspecto do conceito de “pós-verdade”,⁵³ e se tornou a vilã da comunicação tecnológica, não somente no cenário político de 2018, mas, também, durante a pandemia, na disseminação de notícias distorcidas, tendenciosas e inverídicas acerca da doença, tratamentos e vacinas.

A assertiva que intitula este capítulo emerge carregada de sentidos, muitas vezes, contraditórios, posto que a problemática não se resume a um único desafio, mas a um

⁵² “*Fake news* significa “**notícias falsas**”, em inglês. São **informações enganosas**, inventadas ou que distorcem a realidade, construídas em formato de notícia (imitando o texto jornalístico) e feitas para que o seu leitor acredite que a informação é verdadeira. As notícias falsas e o fenômeno da **desinformação** cresceram muito com o estabelecimento da internet e a criação das **redes sociais**, as plataformas onde as *fake news* são mais compartilhadas.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/fake-news/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

⁵³ “**1.** Informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais. **2.** Contexto em que asserções, informações ou notícias verossímeis, caracterizadas pelo forte apelo à emoção, e baseadas em crenças pessoais, ganham destaque, sobretudo social e político, como se fossem fatos comprovados ou a verdade objetiva.” Disponível em: pós-verdade | Academia Brasileira de Letras. Acesso em: 28 de abril de 2023.

conjunto de aspectos que combina elementos psicológicos, emocionais, econômicos, tecnológicos, políticos, sociais, culturais e religiosos, deste que pode ser denominado como o período histórico mais confuso e complexo de todos os tempos. Haja vista o bombardeio de informações atualizadas a cada minuto, essas misturam meias e falsas verdades, pseudociências, má-fé, charlatanismos, falsas doutrinas e publicidades de toda ordem, lançando o indivíduo ao consumismo desenfreado de apetrechos e serviços fúteis e/ou nocivos. A problemática, portanto, se enquadra, *grosso modo*, no “ter” em detrimento do “ser”, ou seja, no distanciamento do homem de sua subjetividade ou, ainda, de sua espiritualidade, e, em consequência, na ampliação da distância presencial entre os membros de uma mesma comunidade, em função da ilusória interação mediada e anabolizada pela “tela”.

A ferramenta digital se tornou, a partir da pandemia, indispensável, pois diversos serviços se adequaram à nova realidade, transformando a exceção na regra. Desde fazer compras, assistir a aulas, participar de reuniões, assistir a shows, missas, cultos – *lives* –, e tantas outras funções por meios digitais, a pandemia forçou o mundo a adentrar à era das TIC’s e Tidics em função da manutenção das relações humanas. A partir de então, todos os âmbitos da sociedade sofreram imensuráveis alterações, como a educação à distância e híbrida, a prestação de serviços via aplicativos, pagamento de contas pelo celular, transações bancárias virtuais, audiências processuais remotas, eventos acadêmicos à distância, cursos online de todos os tipos e, também, cultos e missas realizados à distância, transmitidos em tempo real via canais da internet.

Assim, substituiu-se, gradativamente, o rádio pela TV, a TV pelos canais personalizados – como os *streams* – e, mais fortemente, a TV, pelas ofertas interativas da internet. Igualmente a toda a sociedade, a IASD também aderiu às TICs e Tidics, mas, antes disso, sua relação com o mundo digital já havia se estabelecido por meio do rádio e da TV, os quais já comunicavam o evangelho via transmissão ao vivo ou reprisada. Sendo que, durante e depois da pandemia, o número de canais religiosos da TV aberta cresceu como nunca no Brasil.

Em resumo, tais transformações modulam continuamente a cultura dos mais distintos e distantes países, estados, cidades e grupos religiosos, dentre os quais se insere a IASD. No entanto, sua peculiar cosmovisão constitui um aspecto fundamentalmente diferencial em relação às outras denominações, no modo como se coloca frente aos grandes eventos da história.

Dessa forma, é mister explicar acerca dos desafios que a IASD enfrenta na pós-modernidade, na perspectiva de manter-se fiel à sua missão e ideário dos pioneiros, face às transformações sociais, políticas, econômicas, organizacionais e tecnológicas.

2.1 A cultura e a cosmovisão adventista

Considerando que a cultura é um dos elementos-chave desta tese, apresenta-se a ótica do adventismo em relação às diversas culturas espalhadas pelo globo, bem como sua participação na comunicação do evangelho junto aos povos de todo o mundo. A esse respeito, o problema dos choques culturais, discutido no capítulo 1, volta a ser abordado em duas instâncias: entre grupos distintos; e entre membros do mesmo grupo. Desde Paulo, tais posturas controversas dentro do Cristianismo, de forma geral, e, mais tarde, dentro da própria IASD, em sua especificidade, causam conflitos que ameaçam a unidade da Igreja. Posicionamentos radicais frente a novas realidades, por exemplo, tendem a distanciar os membros e as instituições da IASD. Portanto, esse assunto será discutido por meio de análise crítica e imparcial, baseada nos fundamentos litúrgicos e pilares doutrinários dessa Igreja, desde a sua fundação, e nas alterações ocorridas ao longo do tempo em razão das constantes mudanças culturais.

A sensibilidade cultural e a mão estendida são essenciais em qualquer época, mas particularmente na nossa. Contudo, também existe um grave perigo em qualquer tempo e, mais especialmente, no nosso. Em nossa preocupação com os perigos da nossa adaptação de métodos e estruturas para os de fora, arriscamos-nos a permitir que a modernidade defina a agenda da Igreja. Se não tomarmos cuidado, ela poderá criar a nossa identidade. Arriscamos-nos a correr em tantas direções de uma só vez, a ficarmos tão ocupados e a fazer o que pensamos ser a obra de Deus, que poderemos nos esquecer de quem somos, a quem servimos e qual é a nossa missão. [...] Paul Tillich afirmou, há muito tempo: “Nos dois últimos séculos, a questão constante para a teologia protestante é esta: a mensagem cristã pode ser adaptada para a mente moderna, sem perder o seu caráter essencial e único?” Tillich estava certo – esse é o problema da Teologia e, o que é mais importante, da Igreja. Afinal, a Igreja está onde o cristão é mais frequentemente visto pela modernidade. Como adaptamos a mensagem para o mundo pós-cristão, sem perdermos o nosso formato bíblico especial? (FISHER, 1996, pp. 90 -91)

Tais questionamentos são, de fato, pertinentes em nosso tempo, e a resposta para os adventistas – em teoria – é simples, se remontarmos aos escritos de Ellen White, por exemplo, ao afirmar que a Igreja Adventista deve esforçar-se continuamente em adaptar-se às mudanças culturais, desde que o critério fundamental da IASD: “o fio de prumo”, ou seja, a obediência às Escrituras, seja mantido. Nesse sentido, uma das estratégias que

a pioneira e profetisa da Igreja Adventista sustenta, seguindo o modelo do próprio Jesus e seu ministério, é a criação e manutenção dos “pequenos grupos”, que, em face do Púlpito Eletrônico, têm a finalidade de manter a comunhão da comunidade adventista, na união presente em corpo, mente e espírito, guiados pelos princípios da Igreja Primitiva e pioneiros da IASD, laborando em cima do “princípio da reprodução” (João 15:1-8, ARA) instituído por Jesus - criando discípulos para criarem discípulos.

Não por acaso, a posição que a igreja ocupa, em número de países e instituições, é de extrema relevância, mesmo levando-se em conta a nova cartografia da IASD e a “Janela 10/40”. Ademais, o desafio da “Janela 10/40” é um dos problemas que a IASD enfrenta, além daqueles ocasionados pelas consequências da pós-modernidade, com o alto número dos desigrejados e dessacralização dos valores religiosos.

O corpo da IASD é composto por membros de gerações diferentes, o que pode ocasionar os choques geracionais, que também retroalimentam a cultura. E, para além de controvérsias sobre as alterações na liturgia da igreja, o cenário no qual se acentua o uso do Púlpito Eletrônico (na pós-pandemia) tem sido alvo de grandes debates, entre membros conservadores e outros mais “modernizados”. Portanto, a cosmovisão adventista, enfrentando inúmeros desafios ao longo de mais de um século e meio, confronta-se, agora, com um mundo hipertecnológico, em que se substituíram quase todas as funções – inclusive a função humana – por máquinas inteligentes.

Nesse sentido, a cosmovisão adventista exerce papel fundamental como “bússola ideológica”, no fornecimento dos paradigmas e coordenadas espirituais que sustentam o pensamento adventista, na promoção de um estilo de vida peculiar, no cumprimento da comunicação do evangelho, além do posicionamento assistencialista no âmbito da promoção da saúde, educação, defesa dos direitos humanos, dos direitos das minorias, da inclusão, entre outros. Por meio de instituições e grandes projetos, distribuídos por todo o mundo, a IASD desenvolve e aprimora estratégias para o cumprimento de sua missão: servir ao bem de todos e comunicar o evangelho junto às culturas de todo o mundo.

Para tanto, a IASD também se insere nas macros questões discutidas nas Assembleias Gerais, a cada cinco anos, com as agendas atualizadas acerca dos problemas sociais, políticos, econômicos e religiosos, elaborando e pondo em prática soluções possíveis e aplicáveis a cada geografia e contexto cultural do planeta.

A cosmovisão adventista se apresenta na ampla contribuição para a construção e restauração das comunidades adventistas, em todo o mundo. Assim, a relação entre as culturas diversas e a cosmovisão adventista se expressa em inúmeros exemplos do

trabalho desempenhado pelo adventismo em todo o mundo e na sua capacidade de dialogar e se envolver teórica, crítica e praticamente com as grandes pautas no contexto global. Sua crescente presença em todo o mundo é a prova de que a IASD não se enquadra na passividade ou retórica do mero discurso. Ao contrário, a práxis, em consonância com a comunicação do evangelho, junto às diversas culturas, reafirma a sua missão desde os primórdios. Ademais, seus aspectos heterodoxos lhe permitem transitar por todos os territórios, expandindo o modelo de igreja cristã.

Segundo Knight (2000, p. 143), a IASD alcançou sua “maturidade”, como denominação, em 1950, após percorrer um longo e árduo caminho desde a origem:

Durante o início do século vinte, a maioria dos protestantes considerava o adventismo uma seita a ser evitada devido a seus pontos de vista heréticos. Muitos classificavam os adventistas, assim como as testemunhas de Jeová, os cientistas cristãos e mórmons, como subcristãos. [...] Essa percepção mudou na metade da década de 1950 em resultado de uma série de conferências teológicas entre certos líderes adventistas e dois notáveis evangélicos. [...] Donald Grey Barnhouse, editor da revista *Eternity* (Eternidade) [e] Walter Martin, especialista em seitas não-cristãs, comissionado pela Editora Zondervan a escrever um livro sobre os adventistas. [...] Barnhouse e Martin concluíram, para sua própria surpresa, que os adventistas não criam em diversas heresias [...]. Embora esses eruditos evangélicos não concordassem com todos os aspectos da teologia adventista, chegaram à conclusão de que os adventistas não eram membros de uma seita. Ao contrário, eram cristãos evangélicos que mereciam ser reconhecidos publicamente como tais. (KNIGHT, 2000, pp. 143-144)

Tendo passado por inúmeras fases, em relação ao desenvolvimento da doutrina, da organização litúrgica, do crescimento como instituição, do estilo de vida, das crises, reformas e expansões, a IASD enfrentou o estigma de seita por meio século – mesmo depois de ser reconhecida como Igreja. Atualmente, enfrenta tantos outros desafios que lhe possibilitaram o amadurecimento e a construção de uma cosmovisão que pouquíssimas religiões conseguiram sustentar ao longo de 160 anos de desenvolvimento.

Assim, a cosmovisão adventista também se presentifica no posicionamento crítico quanto aos rumos do Cristianismo, no Brasil e no mundo, frente à pós-modernidade e suas consequências, a exemplo do Púlpito Eletrônico durante e depois da pandemia. Urge, portanto, questionar: O que é a igreja, afinal?

2.2 O que é a igreja na contemporaneidade?

No contexto pós-moderno, no qual quase nada é duradouro e tudo está sujeito às críticas, contestações e desconstruções, desde as relações humanas até os fundamentos das doutrinas religiosas, compreende-se a necessidade de aclarar o que é a igreja.

Neste sentido, tendo em vista que o que está em discussão aqui é a Igreja Cristã, é preciso recorrer a dois conceitos centrais que permeiam o campo religioso cristão, independentemente de denominações e credos religiosos: a Verdade e a Escritura, que, conforme enfatizou o próprio Cristo, trata-se de gêmeas siamesas que compartilham um mesmo crânio ou estrutura cerebral: “Santifica-os na verdade, a Tua Palavra é a verdade” (João 17:17). Sabidamente, o adventismo possui uma identidade marcada pelo compromisso com a Palavra (a Bíblia) – em oposição à imagem como representação divina –, relacionada diretamente com a verdade⁵⁴.

No cenário científico e filosófico, a verdade é um termo bastante controverso, alvo de inúmeras discussões que datam de, pelo menos, setecentos anos antes de Cristo. Até o início da Reforma Protestante (Idade Média), a Igreja Católica postulava sua regra de fé como verdade inquestionável. Porém, ao ser contestada por Martinho Lutero e seus pares, a suposta verdade passou a ser questionada sob os moldes racionais e lógicos da filosofia (especificamente do ceticismo pirrônico). Das discussões que precipitaram uma perseguição da Igreja Católica (Santa Inquisição) aos ditos “hereges”, houve debates entre fideístas e racionalistas. De modo geral, os fideístas defendiam a supremacia da Igreja Católica, enquanto os racionalistas tinham uma postura mais investigativa, não somente por parte dos cientistas e filósofos da época, mas por religiosos cristãos insatisfeitos, dentre os quais muitos se tornaram líderes protestantes.

Nesse contexto, não havia uma harmonia entre a Escritura e a pregação e ensinamentos desposados pelo clero. Por essa razão, inúmeros teólogos, estudiosos da Bíblia, cientistas, filósofos e cristãos, insatisfeitos com os abusos da Igreja Católica, puseram-se a questionar: qual a origem da regra de fé? Em que verdade ela se sustentaria? Qual o critério de verificação de tal verdade?

O argumento católico da regra de fé se sedimentava no discurso “circular”, ou seja, partia de premissas pré-estabelecidas por ele mesmo, numa clara postura autoritária

⁵⁴ No adventismo, a relação entre a verdade e as Escrituras deve ser compreendida a partir do aspecto heterodoxo de interpretação progressiva da Palavra, também chamada de “verdade presente”, e, portanto, não estática. Cf. KNIGHT, Em Busca de Identidade, 2011, p. 18.

muito distante dos basilares princípios cristãos. Nessa efervescência pela busca da verdade, travou-se longo conflito entre católicos e não católicos, que só se apaziguou, minimamente, no final do Renascimento (século 16), com a separação entre fé e ciência proposta pelo filósofo católico Michel de Montaigne⁵⁵ em seus *Ensaio*s. Essa ruptura, que também se deu da divisão entre Estado e Igreja, deu voz e vez às igrejas protestantes, que já emergiam em toda a Europa, uma vez que já não estavam sob o domínio da Igreja Católica, nem admitiam sua autoridade como única mediadora entre Deus e os fiéis.

A partir de então, quando se refere à verdade, no contexto religioso, não se alude à verdade científica ou filosófica, mas à uma verdade específica, justificada pela fé, cenário da Metafísica que, como tal, transcende os cânones da ciência.

Para Alister E. McGrath, a questão da verdade é abordada de maneira bastante refinada, perpassando por diversas definições e usos tradicionais até o campo da religiosidade.

Há, em outras palavras uma referência cristológica implícita nas afirmações de verdade da doutrina cristã. Ao afirmar, por exemplo, que “Deus é amor”, não estou simplesmente declarando minha lealdade a uma comunidade que afirma que “Deus é amor”, não importa como Deus seja, de fato. Tampouco estou simplesmente afirmando, em termos gerais, uma atitude pessoal positiva em relação a Deus, independentemente de como ele seja de fato. Estou afirmando que entendo que a frase “Deus é amor” é um *insight* autêntico e válido sobre o caráter de Deus, e que essa crença está fundamentada – e o conceito até aqui indefinido de “amor” aí implicado está representado – na história de Jesus de Nazaré. (MCGRATH, 2015, p. 94)

Essa definição de verdade como “autêntica e válida”, em relação à crença na doutrina cristã, reflete, justamente, o que se pontuou na divisão ciência e fé. Dito de outro modo, a ciência precisa ver para crer, enquanto ao cristão basta crer para ver. Assim como a verdade, a fé se interpreta sob diversos prismas e inclinações, mas, na esfera religiosa, a fé só possui uma definição, bem como a verdade da Palavra. Ademais, é tautológico reforçar que a figura de Cristo é o marco inicial do cristianismo, e antecede, cronologicamente, a Escritura.

Para a IASD, verdade e Escritura andam lado a lado, isto é, a Escritura é seu critério de verdade. Nessa perspectiva, pode-se delimitar o que é a igreja? Tomando por premissa a verdade das Escrituras, passamos a duas definições do termo, transcritas para o *Manual da Igreja* – Adventista:

55 Filósofo francês que viveu durante o fim do Renascimento.

A Bíblia usa a palavra *igreja* em pelo menos dois sentidos: um sentido geral, aplicando-se à igreja em todo o mundo (Mt 16:18; 1 Co 12:28), e um sentido específico, aplicando-se à igreja em uma cidade ou província, como as igrejas em Roma (Rm 1:6, 7), Corinto (1 Co 1:2), Tessalônica (1 Ts 1:1), Galácia (1 Co 16:1), Ásia (1 Co 16:19), Síria e Cilícia (At 15:41). (MANUAL DA IGREJA, 2015, p. 22)

As Escrituras usam diversas nomenclaturas, como “‘a igreja de Deus’ (At 20:28), ‘corpo de Cristo’ (Ef 4:12) e ‘a igreja do Deus vivo’ (ITm 3:15)” (MANUAL DA IGREJA, *Op. Cit.*, p. 22), embora todas elas tenham o mesmo significado. Nesse sentido, pois, o “corpo de Cristo” é a união dos povos em um só corpo, e é, Ele, o próprio “Deus vivo”, ou ainda, a “cabeça viva” que comanda o “corpo de Cristo” (MANUAL DA IGREJA, *ibid*, p. 22).

A ênfase primeira da definição de igreja se centraliza na união de todos os povos, quando da mensagem e exemplo de Cristo sobre “a verdade de que com Deus não devia haver muro de separação entre Israel e as outras nações (Jo 4:4-42; 10:16; Lc 9:51-56; Mt 15:21-28)” (MANUAL DA IGREJA, *ibid*, p. 22). Compreende-se, assim, que não há nada que deva dividir um povo unido pela irmandade cristã. Da união entre a verdade da Escritura e a comunhão, tem-se como centro da IASD a íntima relação entre comunidade e a comunicação da Palavra.

A igreja, portanto, é um corpo, um organismo, que necessita de uma organização específica para o exercício pleno das suas funções, guiado pelos ensinamentos de Cristo, ou, ainda, pela “cabeça viva” que orienta o corpo. Essa orientação, inscrita no texto sagrado pelos primeiros cristãos, os seguidores de Cristo, é a base fundamental do *Manual da Igreja*.

O teólogo e conferencista brasileiro José Armando S. Cidaco pontua as características de uma igreja, sem apelar ao autoelogio gratuito, evidenciando os problemas e desafios que toda comunidade enfrenta. O autor defende a nomenclatura da “Igreja Viva (a igreja de Atos)”, advertindo que não se trata de uma igreja perfeita, “mas de uma congregação dinâmica, ativa, eficaz e cumpridora de seus objetivos a nível espiritual” (CIDACO, 1996, p. 13).

Com isso em vista, podemos dizer que vemos a igreja de Atos dos Apóstolos como o grande modelo de vida abundante para uma comunidade cristã – não que isso fosse imune a problemas, mas a forma como lidava com eles tem muito a nos ensinar. E aqui estudaremos um pouco da vida dessa igreja que experimentou o maior derramamento do Espírito na história do cristianismo. Estamos nos referindo à igreja que se originou do Pentecostes, também chamada de igreja primitiva. (CIDACO, *Op. Cit.*, p. 14)

Cidaco destaca que os problemas enfrentados pela igreja de Atos, tais como discordâncias internas, preconceitos, intolerâncias e perseguições, eram combatidos pela convicção e força do Espírito Santo de Deus ser maior que as desavenças, de modo que o “avivamento” – por isso, igreja viva – dos pontos positivos da igreja serviam de alimento para fortalecer a comunidade. Nem sempre, porém, essa conduta bastava para sanar os conflitos mais profundos, mas os próprios conflitos viabilizaram um estado de coisas em que a solução se dava pela liberdade de discutir. “A liberdade de discutir – concordando ou não – é sinal de que realmente somos irmãos e de que há liberdade entre nós. As pessoas que evitam discutir, demonstram insegurança e deixam transparente que estão distantes umas das outras” (CIDACO, *Op. Cit.*, p. 15).

A liberdade de expressão, portanto, é um princípio louvável para a igreja, uma vez que, sem ele, cai-se no dogmatismo cego e no mero fundamentalismo religioso. Dentre outros princípios importantes, estão: “A graça não faz distinção de pessoas” (*ibid*, p. 24); “a graça dispensa o jugo humano” (*ibid*, p. 27); “a igreja viva conhece o seu Senhor e sua missão” (*ibid*, p. 31); “não é prazer de Deus que soframos” (*ibid*, p. 38); “a igreja deve tirar a máscara” (*ibid*, p. 50).

Na mesma linha de raciocínio, London disserta:

Admitamos, a Igreja não é o que deveria ser. Não é o que poderia ser. No fundo do coração todos sabemos que a Igreja precisa de renovação e de redirecionamento. Há um sentimento crescente entre pastores de que algo tem que ser feito a esse respeito. Também não ajuda em nada fingir que não se percebe a fraqueza da Igreja e reforçar apenas as oportunidades disponíveis a ela. Em geral ouvimos dizer que estes são dias de oportunidades douradas para a Igreja, e de fato são. (LONDON, 1996, p. 29)

Para Ellen White, o conceito de igreja se vincula à missão e ao evangelismo. Portanto, a igreja é um instrumento de salvação, e sua missão é proclamar o evangelho:

O propósito que Deus quer realizar por meio de seu povo hoje é o mesmo que desejou realizar por meio de Israel quando o tirou do Egito. Pela contemplação da bondade, misericórdia, justiça e amor de Deus, manifestos na igreja, deve o mundo ter uma ideia do seu caráter. (WHITE, 1996, v.6, p. 21 *apud* ZUKOWSKI, 2017, p. 324)

London lembra que os planos de Deus não são os planos dos homens, a partir de uma análise do que a Igreja é e do que deveria ser – face ao amplo escopo divino:

A agenda de Deus é maior que a nossa, e seus planos têm tudo a ver com as necessidades contemporâneas. Ele tem tanto conhecimento do futuro como tem do passado. Ele deseja que os relacionamentos quebrados sejam curados. Ele deseja que o solo rochoso seja suavizado pelo serviço altruísta. [...] Ele também deseja que os membros

problemáticos e imaturos das igrejas sejam servidos e alimentados porque nós somos os únicos pastores que eles têm. Embora o plano de Deus possa parecer grandioso demais ou complicado demais para nós, ele planeja realizar seus propósitos por meio de pessoas comuns como a gente (LONDON, *Op. Cit.*, p. 29).

Essa perspectiva remonta à concepção cristã de um Deus onisciente, onipresente e onipotente, e, portanto, capaz de enxergar a eternidade, diferentemente de nós, humanos, que retalhamos o tempo em partes cronológicas, em que mal enxergamos o presente, mal lembramos do passado e sequer cogitamos o que o futuro nos reserva. Portanto, os planos dos homens são extremamente limitados pela incapacidade de enxergar o todo. Desse modo, apenas uma ínfima parcela do tempo nos é passível de análise, da qual London se apossa.

Existe uma enorme diferença, todavia, entre oportunidade e realização. Embora esta seja uma época de potencial gigantesco, se medirmos a oportunidade em termos de necessidade humana, não tem sido uma época de realização porque muito crescimento de igreja tem-se tornado apenas uma mudança de membros entre congregações e denominações. Em pesquisa recente, George Barna, pesquisador de igreja, declarou que 80% do crescimento de igreja é resultado da mudança dos “santos” de uma igreja para outra. (LONDON, *ibid*, pp. 41-42)

Esses dados relacionam-se diretamente com a definição de igreja, no sentido fundamental de seus princípios, e na necessidade constante de adequar-se às culturas diversas em suas distintas épocas, posto que não conhecemos por completo os planos de Deus. Nesse sentido, o próximo tópico aponta para tal necessidade da Igreja Adventista, ciente de que, do contrário, a pena a ser paga será a perda da relevância.

2.2.1 Alterações culturais na liturgia ao longo do tempo

Dando seguimento à definição de igreja, adentra-se nas alterações culturais na liturgia ao longo do tempo, tendo em vista que, mesmo mantendo os fundamentos da IASD, segundo a cofundadora Ellen White expôs sobejamente, os aspectos heterodoxos da igreja dialogam justamente com as necessidades culturais de alterações litúrgicas. No entanto, há que se ressaltar que tais alterações não podem se dar nos princípios da igreja, sob pena de contradizer o corpo doutrinário e sua própria essência.

Nesse sentido, o “problema duradouro” (*enduring problem*), ou ainda, “Cristo-cultura”, cunhado por Reinhold Niebuhr, é o centro dos polêmicos debates entre o

cristianismo e a civilização ocidental, desde o nascimento da religião cristã até os dias atuais.

A questão “Cristo-cultura” se manifesta, ao longo da história, por meio de dualismos, como “razão e revelação, religião e ciência, lei natural e lei divina, igreja e Estado, resistência e coerção”; e, mais recentemente, como “protestantismo e capitalismo, pietismo e nacionalismo, cristianismo e progresso [...]” (NIEBUHR, 1967, p. 31 *apud* NOVAES, 2017, p. 52). Porém, a origem dessas disputas se origina na rejeição de Cristo pela cultura de sua época, o que se repete em tais dualismos posteriores. Logo, a questão Cristo-cultura é originalmente um conflito de autoridade, na relação entre o cristianismo e a cultura de cada época e lugar.

Esse problema é um grande desafio para a IASD, pois inviabiliza a comunicação do Evangelho, missão precípua da igreja. Porém, como se deu com o secularismo, a IASD delineia estratégias para chegar ao maior número de culturas possíveis, por meio do assistencialismo e, sobretudo, do respeito às diversidades culturais.

Nesse sentido, a Igreja Adventista apresenta-se como um corpo flexível adaptado às intempéries culturais, buscando, no entanto, manter seus princípios fundamentais. Dessa forma, as alterações litúrgicas, ao longo do tempo, são uma demonstração de que a Igreja não pode ser estática em todos os aspectos, sob o risco de ser atropelada pelas constantes mudanças culturais.

As grandes alterações da IASD se deram no contexto do seu desenvolvimento, marcado, segundo Knight, por sete “eras”: 1. “Raízes Mileritas”; 2. “A era do desenvolvimento doutrinário (1844-1848)”; 3. “A era do desenvolvimento organizacional (1848-1863)”; 4. “A era do desenvolvimento institucional e do estilo de vida (1863-1888)”; 5. “A era do reavivamento, reforma e expansão (1888-1900)”; 6. “A era da reorganização da crise (1901-1910)”; 7. “A era do crescimento mundial (1910-1955)” (KNIGHT, 2000, pp. 9-140). A partir de 1955, a IASD entra num período de maturidade, em que os processos se dão, em maior escala, no âmbito reflexivo, com a consciência de propósito de sua missão, os desafios enfrentados no século 21 e as inúmeras possibilidades vindouras.

2.2.2 As marcas da historicidade bíblica

A partir de um estudo comparativo de Gunar de Andrade entre “historiografia secular” e “historiografia bíblica”, destacam-se os elementos comprovando que, no

campo religioso, a historiografia secular não tem a última palavra, uma vez que o *corpus* argumentativo se baseia em outras categorias investigativas, como a desconstrução de mitos, crenças e símbolos, numa tentativa de chegar ao esgotamento interpretativo, tarefa que, além de impossível, se apresenta prepotente e, ao mesmo tempo, rasteira, ao relegar o valor cultural da história da religião. Já a historiografia bíblica fornece um apanhado histórico de dentro da perspectiva sagrada da Palavra. Significa dizer que a Sagrada Escritura é a história do relacionamento entre Deus e o homem, e como se restaurou essa relação, abortada pelo pecado, na pessoa bendita de Cristo Jesus.

O que se pode afirmar no registro de eventos históricos na Bíblia é que eles são extremamente fiéis à verdade. Nenhum personagem bíblico tem seus pecados ocultados, nenhum deles é transformado em infalível herói nacional do povo judeu – embora alguns deles tenham entrado para a história dos hebreus como heróis [...]. Não há como promover uma desconstrução de personagens míticos da Bíblia, pois ela não os constrói. A historiografia bíblica é fiel à verdade; tem compromisso com seu Autor, e não com necessidades folclóricas. (ANDRADE, 2011, pp. 42-44)

A verdade, à qual nos referimos anteriormente, reaparece neste trecho numa clara distinção do relato histórico secular, o que nos remete à separação entre ciência e fé, ao fim do Renascimento, no contexto da Reforma Protestante. Portanto, a história da IASD só pode ser investigada de dentro para fora, ou seja, a partir do Texto Sagrado, eleito, desde os primórdios do adventismo, como pedra angular e fundamento incontestável.

Nessa mesma linha de raciocínio, Andrade analisa o uso errôneo do termo “humanista” por parte da historiografia secular no contexto religioso, pois o humanismo é uma doutrina antropocêntrica e, por conseguinte, dispensa a necessidade de Deus – embora haja, ainda, a teologia humanista que não descarta a existência de Deus, mas O deixa em segundo plano. Na historiografia bíblica, usa-se o termo “humanitário” ao invés de “humanista”, uma vez que se estabelece sobre o conceito de humanismo uma interpretação atual negativa a Deus, a despeito de ser um conceito discutido em diversos campos teóricos desde a Grécia Antiga.

As marcas da verdadeira igreja se evidenciam, ao longo do tempo, por meio de estudiosos que compreendem tais distinções, a exemplo das contribuições de George Knight, principal historiador da IASD e respeitado entre os pares no meio acadêmico estadunidense, ao questionar: Adventista ou meramente evangélico?

Se as instituições adventistas são cristãs apenas no sentido que apresentam Cristo e a pregação do mundo evangélico, então qualquer boa instituição evangélica poderá cumprir esse papel. Diante disso, excluimos qualquer razão convincente para a existência de instituições

educacionais adventistas. Apesar de serem boas instituições, ninguém pode afirmar que sejam necessárias. Há diferença entre ser uma boa escola e ter uma importância que a distingue como instituição. (KNIGHT, 2010, p. 12)

Outrossim, a busca da identidade adventista e o papel fundamental de Ellen G. White como principal ideóloga da IASD, são indispensáveis na formulação dos conceitos de “remanescente” e de “igreja verdadeira”. A partir dos escritos de Knight sobre Ellen White, faz-se contato com os fundamentos do adventismo: os conceitos da “verdade presente” e “compreensão progressiva da verdade”; o significado do nome “Adventista do Sétimo Dia”; o “sábado” como “Lição da Escola Sabatina”; as “Ofertas Missionárias”; os projetos no campo mundial; a simbologia da logomarca da IASD; a música; e o “espírito de profecia” (dom profético manifesto em Ellen G. White).

2.2.3 O supremo exemplo de espiritualidade

A partir das análises de Harold Segura, discorre-se sobre os impactos que a verdadeira espiritualidade causa na figura da IASD e sua ênfase de “povo da Bíblia” e, conforme evoca um dos hinos mais cantados no meio adventista, “Unidos Pela Palavra”, sem, no entanto, abdicar-se da contínua investigação e análise crítica. Segura afirma:

A perspectiva do reino assinala também que a espiritualidade não deve reduzir-se à satisfação de necessidades psicológicas, tal como ensinam algumas das atuais teorias da autorrealização humana. Hoje, encontramos a pregação de um evangelho especializado nas ofertas, que promete a satisfação das necessidades pessoais, que põe a vida em ordem e que garante saúde, felicidade e até prosperidade econômica. É verdade que a vida em Cristo “nos ajuda em nossas perdas e satisfaz a alma cansada”, como se canta em alguns hinos, mas isso não significa que os benefícios [terrenos] são a essência da mensagem de Cristo, nem explica a razão de ser do nosso discipulado. (SEGURA, 2010, p. 19)

A questão das ofertas, do dízimo e dos pedidos de donativos por parte das igrejas evangélicas é assunto bastante discutido dentro e fora da religião, uma vez que tais condutas – práticas, em si mesmas, lícitas – são, muitas vezes, distorcidas e utilizadas por algumas denominações religiosas para extorquir os fiéis. Tais práticas abusivas se tornaram cada vez mais comuns, principalmente nos Púlpitos Eletrônicos, em que alguns líderes religiosos chegam a negociar a venda de curas e, até mesmo, da salvação.

Paul E. Bilheimer endossa a perspectiva de Segura:

[...] o conteúdo ético, e não o emocional, de toda experiência religiosa é básico. A verdadeira evidência de um estado santificado de graça não é êxtase ou demonstração emocional, mas a descentralização do ego. A

obstinação é traço fundamental de todo pecado. Viver para o eu é a essência de toda “profanidade”. Lúcifer tornou-se Satanás ao exercer sua obstinação. A essência da santidade é a “descentralização do ego”, ou deslocamento do ego por Cristo. A pessoa pode crescer em sua capacidade de demonstrar certo tipo de emocionalismo religioso sem crescer em graça. [...] Quão poucos de nós estamos dispostos a pagar o preço do progresso espiritual. “Não poder haver progresso espiritual, exceto pela morte do ego. Cada passo dado no caminho do progresso espiritual estará manchado com pegadas tintas de sangue do amor-próprio ferido” (Maclaren). (BILHEIMER, 1986, pp. 38 -56)

Ou seja, aquele que não se submete à grandiosidade de Deus, não venceu o próprio ego e, por isso, não é capaz de exercer a verdadeira espiritualidade que se apresenta pelo ato de seguir os ensinamentos de Cristo, desviando-se do orgulho egoísta do “eu”. Alberto Roldán também aborda essa discussão, pontuando:

[...] boa parte da educação teológica não está orientada para a evangelização. Se repassarmos os programas de institutos bíblicos e seminários, podemos constatar o amplo conteúdo de matérias bíblicas, históricas e teológicas, todavia desvinculadas ou desconectadas da evangelização. Parece que continuamos amarrados a cânones de educação teológica estrangeiros, com demasiada ênfase no racional sistemático, mas com pouca relação com o contexto ao qual precisam chegar o evangelho e a educação teológica. (ROLDÁN, 2000, p. 68)

É a espiritualidade da cruz, que promete a vida para aquele que a arrisca por causa do evangelho. “Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:25-26), afirma e, ao mesmo tempo, questiona Cristo – o Verbo Encarnado. Trata-se, portanto, em outras palavras, de uma espiritualidade que não oferece descanso, mas, sim, tensão, não um trono ou posições de destaque social, mas, sim, uma cruz. Isso, porque:

O que caracteriza a espiritualidade de Jesus, que se poderia denominar espiritualidade do conflito, não é, por conseguinte, a ausência de um conflito ou a fuga dele. Jesus mergulha na conflitividade ao ponto de fazer algo que até hoje incomoda os exegetas: por que decidiu ir a Jerusalém, cidade em que pisou raríssimas vezes, justo no momento em que ele era mais procurado pela repressão? (SEGURA, *Op. Cit.*, p. 20)

Assim, a verdadeira espiritualidade não se mostra como um caminho de fácil acesso. Ao contrário, se fundamenta no sacrifício, do qual o exemplo maior é Cristo que, com sangue, provou Sua santidade ao entregar a própria vida em remissão aos pecados da humanidade rebelde e corrompida.

2.2.4 Falsos evangelhos e a teologia da prosperidade

O problema dos falsos evangelhos⁵⁶ e da teologia da prosperidade se expandiu por todo o mundo, com mais ênfase na pós-modernidade, haja vista o acesso às novas tecnologias da comunicação⁵⁷ global e transversalidade das informações em redes sociais, embora a própria TV ainda seja palco maior desse fenômeno degradante.

Em alguns cultos faz-se ainda o uso de enxofre, óleo ungido, rosa ungida, fogueira santa, sal ungido, copo d'água em cima do rádio ou da TV e uma variedade enorme de símbolos e objetos para estimular o fiel a adorar ou a contribuir financeiramente. Tudo isso é bem o contrário do que o Senhor Jesus disse à mulher samaritana: “Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:23, 24). Assim, a adoração bíblica, pura e simples, não deve estar atrelada a um rosário de símbolos ou objetos. (ROMEIRO, 1995, p. 91)

Nunca se percebeu na história brasileira tamanha intensificação da manifestação dita religiosa, quanto nas últimas cinco décadas. Nesse cenário, muito se ofereceu e realizou em nome de uma fé que busca incansavelmente o material e, cada vez menos, o espiritual, aumentando a confusão quanto à distinção necessária entre diversidade, pluralismo e sincretismo no campo religioso.

Despreocupadas com essa tal distinção, as novas religiosidades atuam de maneira a projetarem-se com extrema voracidade às esferas, antes, não exploradas pela religião com tanto interesse (tais como política e economia), tornando, com isso, a fenomenologia religiosa brasileira ainda mais desafiadora para o Estado e para os estudiosos do tema.

Diante desse quadro, nem tudo o que se observa é positivo. Ao passo que cresce a religiosidade, e com ela uma diversidade de novas religiões, cada qual com seus símbolos, ritos e mitos, respectivamente peculiares, crescem também os relatos de anomalias praticadas em nome da fé religiosa, fatos que em sua essência e forma afrontam a

⁵⁶ O que chamamos de “falso evangelho” e/ou “falsos profetas” se refere ao modo controverso e polêmico com que, algumas religiões cristãs, especialmente as igrejas protestantes, passaram a se expressar na modernidade, contradizendo os princípios bíblicos (a Palavra de Deus, autoridade maior do cristianismo), com vistas para a acumulação de capital, as custas da fé alheia. A legitimidade do que denominamos como “falso”, em oposição à “verdadeiro”, está fundamentada numa epistemologia teológica de base cristã, ou, ainda, na Bíblia. Portanto, a literatura “secular”, ou científica, não possui instrumentos para afirmar a falsidade ou veracidade de tais afirmações. Logo, a construção deste argumento se pauta exclusivamente na literatura bíblica, posto que a discussão não envolve o campo epistemológico científico.

⁵⁷ O campo comunicacional é abordado, nesta pesquisa, em relação direta ao fenômeno religioso do Pulpito Eletrônico, e, por essa razão, nos referimos à concepção de “falso” no sentido bíblico, mas atravessado pela exacerbação do uso de mídias eletrônicas para a sua difusão distorcida. Não se trata de relacionar o “falso” ou “verdadeiro” ao meio de comunicação, mas ao conteúdo veiculado pelos meios de comunicação modernos, como: rádio, tv e internet.

dignidade humana, a ordem pública e a paz social. (TEIXEIRA, 2011, p. 9)

A chamada “teologia da prosperidade” surgiu no século 19, nos Estados Unidos, como uma das primeiras marcas do abuso religioso no contexto protestante moderno. Essa corrente religiosa pode ser definida pela característica estrutural do mérito fideísta, ou seja, a prosperidade material dos adeptos desta corrente só poderia ser alcançada por meio de sua fé, o que implica a responsabilização particular sobre seu sucesso ou fracasso. Significa dizer que o nível de prosperidade material desses crentes está diretamente associado à sua capacidade de crer, ou, ainda, de possuir uma “fé verdadeira”, de modo que, se determinado indivíduo não consegue obter “sucesso na vida” – o que pode ser traduzido como uma vida de abundância material –, é porque este não possui fé, suficientemente, o que se manifesta na restrição da prosperidade, por parte de Deus, que, supostamente, não pode retribuir o que não recebeu de seu discípulo: a “fé verdadeira”. Faz-se necessária, neste ponto, uma breve digressão, pois, esta corrente é datada do século 19, período histórico em que o capitalismo (“sistema econômico baseado na propriedade privada, na acumulação de capital e na procura pelo lucro”⁵⁸) foi consolidado. Por meio da Revolução Industrial, no final do século 18, o “capitalismo industrial” marcou a solidificação do que, antes era chamado de “capitalismo comercial”, passando a influenciar todos os setores da sociedade moderna, incluído o campo religioso. Logo, a semelhança entre os aspectos capitalistas moderno e os da teologia da prosperidade não é mera coincidência, mas uma relação causal.

Por meio da manipulação dos fiéis, a teologia da prosperidade promete o enriquecimento de seus adeptos, nas igrejas que a seguem, catalisando o processo por meio do recebimento de altas doações, denominadas “sementes da prosperidade”, que precisam ser constantemente “regadas”. A prática da extorsão é o pilar de sustentação dessa corrente. A teologia da prosperidade se espalhou pelo mundo, e se encontra muito presente no Púlpito Eletrônico de inúmeras denominações religiosas.

No contexto pós-moderno, essa conduta assumiu grandes proporções e formatos dos mais esdrúxulos, altamente fomentada pelo crescimento desenfreado do Púlpito Eletrônico, nos períodos pandêmico e pós-pandemia.

⁵⁸ Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/capitalismo.htm#Origem+do+capitalismo>. Acesso em 10 fev. 2025.

2.3 O Púlpito Eletrônico e a comunicação do evangelho: antes, durante e depois da pandemia

Desde a chegada do rádio, em 1906⁵⁹ e, mais fortemente, da TV em 1924, a comunicação mundial tomou rumos irreversíveis. A possibilidade de acesso a informações de culturas distantes, o entretenimento, a publicidade, o consumo e todos os aspectos, negativos e positivos, que estes instrumentos arrastaram consigo, passou a ser elemento formativo do caráter e da conduta humana em quase todo o mundo. Consequentemente, as relações sociais também sofreram alterações ainda mais potencializadas pelo advento da internet, das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) e das tecnologias digitais da informação e comunicação (Tidics), resultando em mudanças significativas em todos os âmbitos da sociedade: político, econômico, educacional, ideológico, científico, religioso e tantos outros. As TICs e Tidics trouxeram um amplo leque de ferramentas interativas, como jogos, redes sociais, canais de entretenimento diversos, facilitação na transação de processos burocráticos, educação a distância, transmissão de diferentes conteúdos, informações de todos os tipos. Em suma, um novo paradigma de comunicação.⁶⁰

Vivemos atualmente uma espécie de *síndrome de modernidade*: tudo o que estiver envolvido em uma aura de tecnologia em sua produção e disseminação é considerado de qualidade positiva. Sendo a informatização, com toda a razão, entendida como a marca mais significativa destes tempos, o que a ela estiver atrelado ganha um pendão de *moderno* e, portanto, de imprescindibilidade. Ser *imprescindível* nos nossos dias é o quesito mais atraente para a aquisição de uma mercadoria qualquer; a noção central é: *you can't be up to date*! A novidade, mesmo aleatória, continuando o obscuro objeto de desejo de muita gente. (CORTELLA, 2013, p. 107, grifos originais)

O mundo já estava “conectado” quando a pandemia do coronavírus o pegou de surpresa ao final de 2019, mas o uso das tecnologias da informação e comunicação, de modo geral, ganhou significância ímpar no período pandêmico, estendendo-se para o pós-

59 Disponível em: História da Televisão – Espaço do Conhecimento UFMG. Acesso em: 12 jun. 2023.

60 É interessante ressaltar que as grandes ferramentas tecnológicas de comunicação, que nos servem hoje, foram criadas e/ou aperfeiçoadas nos contextos das duas Grandes Guerras Mundiais, estendendo-se pela Guerra Fria, posteriormente. Na primeira, como aparato de comunicação entre os aliados e, na segunda, como ferramenta de manipulação em massa – período que marca o aperfeiçoamento do computador como banco de armazenamento de dados ligados à matemática e também o início da pós-modernidade. A Guerra Fria é a mais proeminente no uso da tecnologia, não somente na criação de armas com potencial para destruir toda a humanidade, mas também na manipulação da opinião popular pelas diversas frentes envolvidas.

pandemia. Contudo, torna-se importante lembrar que o Púlpito Eletrônico não surge abruptamente, num vácuo, e do nada, posto que a comunicação do evangelho por meios eletrônicos começa com o rádio, nos Estados Unidos, em 1922. Portanto, se faz necessário demarcar a fase embrionária e, por assim dizer, nascimento do Púlpito Eletrônico.

2.3.1 A gênese do Púlpito Eletrônico: do Rádio à TV

Em 1922, o evangelista Paul Rader, pastor do *Chicago Gospel Tabernacle* (Tabernáculo Evangélico de Chicago), foi convidado pelo prefeito da cidade para ir à estação de rádio que ele havia construído no telhado da prefeitura, e encarregar-se de parte do tempo da programação, no sábado, 17 de junho. Rader reuniu o quarteto instrumental do Tabernáculo e dirigiu-se ao local. O quarteto tocou e Rader pregou a primeira mensagem evangélica da história do rádio de Chicago⁶¹ (neste ano, o rádio era uma tecnologia nova). Imediatamente, Rader viu o convite como uma outra forma de propagar o evangelho, e disse, certa vez, sobre o rádio: “Ele pode expandir as paredes da maior igreja e alcançar o homem não salvo”.⁶² À medida que o rádio crescia na América, seu ministério no rádio também crescia, bem como o tempo de programação que ele transmitia pela rádio do prefeito.

Rader descobriu que muitos de seus ouvintes do rádio queriam ouvi-lo pregar ao vivo, e que o ministério no rádio aumentava a frequência no Tabernáculo Evangélico. Os esforços pioneiros de Rader, ao criar um formato de programação diversificado e ao associar os ministérios no rádio com as igrejas locais, teriam imensa influência nas gerações subsequentes de evangelistas do rádio e da TV. Rader também estava ciente das limitações da mídia, e advertiu que o rádio não substituíria uma comunidade que se reunia para adorar, cantar, orar e partilhar suas mútuas alegrias e tristezas.⁶³

O primeiro programa de alcance nacional veio com Charles Fuller, em 3 de outubro de 1937, sob o título de *Old Fashioned Revival Hour* (Hora do Reavivamento à

61 Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/2010/march/broadcasting-gospel.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

62 Idem.

63 Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/environment/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/religious-broadcasting>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Moda Antiga). O programa chegou a ter uma audiência estimada em 20 milhões de ouvintes, em meados da década de 1940.⁶⁴

Aimee Semple McPherson (1890-1944) foi outra evangelista cristã popular na década de 1920 que, posteriormente, também viu o potencial do rádio para propagar sua mensagem. Em 1922, ela se tornou a primeira mulher a transmitir um sermão pelas ondas do rádio. Um ano depois, sua igreja, o Templo Angelus, inaugurou a estação de 500 wats, *Kalling Foursquare Gospel* (KFSG), a primeira estação da nação a ser possuída e operada por uma igreja.⁶⁵

Em 1931, Clarence W. Jones, produtor dos programas de rádio de Rader, saiu do Tabernáculo Evangélico de Chicago para iniciar a estação de rádio HCBJ, em Quito, no Equador, e, assim, surgiu o primeiro programa missionário de rádio de alcance multinacional.

Já, na TV, os primeiros anos do televangelismo fora descrito por Horsfield, em seu livro *Religious television: the american experience* (1984, pp.7-9), no qual expunha um panorama geral do surgimento da programação religiosa na TV, nos Estados Unidos. Na década de 1950, logo após o surgimento da televisão, as redes passaram a ceder horários gratuitos para alguns grupos religiosos, em cumprimento às exigências da *Federal Communications Commission (FCC)*, quanto a um tempo obrigatório de programação que fosse de utilidade pública. Esses horários gratuitos eram concedidos apenas aos católicos, aos judeus e aos protestantes clássicos, por serem grupos religiosos tradicionais. Além do horário gratuito, a emissora se encarregava da produção dos programas em associação com os grupos religiosos ou, algumas vezes, lhes concedia um orçamento para isso. Mas havia exigências quanto aos horários gratuitos: os programas deviam enfatizar apenas verdades religiosas amplas, e não crenças denominacionais particulares, e deviam evitar lidar com questões econômicas e sociais controversas, o que limitava muito o conteúdo dos programas.

Algumas denominações protestantes maiores, como os batistas do sul, os adventistas do sétimo dia e a Igreja Luterana Sínodo de Missouri, tinham reconhecimento suficiente para conseguir horários gratuitos nas afiliadas regionais, a fim de complementarem a quantidade menor de tempo que recebiam das emissoras principais.

64 Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/2010/march/broadcasting-gospel.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

65 Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/environment/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/religious-broadcasting>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Os fundos para a criação dessas produções independentes vinham exclusivamente dos membros das respectivas denominações. Muitos desses programas se estenderam para outros países, como o *Faith for Today* (Fé para Hoje), dos adventistas do sétimo dia.

O acesso à TV por parte dos grupos menores e menos expressivos, entre os quais os pentecostais, era, no início, muito limitado, pelo fato de não terem o privilégio do horário gratuito cedido pelas emissoras de TV, nem terem condições financeiras para comprar horários, já que não possuíam tantos membros. Mesmo assim, os mais arrojados lançaram programas na TV, e os que eventualmente sobreviveram, eram altamente competitivos e desenvolveram a estrutura e o carisma necessários para conseguir atrair um substancial apoio financeiro por parte do público, o que lhes permitiu arcar com horários pagos. Foram esses evangelistas independentes, mantidos pelos espectadores, que ganharam destaque nas décadas de 1960 e 1970, “apelidados” de *igreja eletrônica*.

2.3.1.1 A explosão das décadas de 1960 e 1970

Durante a década de 1960, começaram a ocorrer mudanças na estrutura da televisão religiosa. Houve uma grande diminuição nos programas de horário gratuito e um correspondente crescimento no número e tamanho dos programas pentecostais independentes que compravam horários na TV, e essas mudanças se acentuaram ainda mais na década de 1970.

Rex Humbard foi pioneiro no gênero de programação de espetáculo religioso. Oral Roberts foi o criador do formato de reavivamento e curas ao vivo. Foi também um dos primeiros televangelistas a pregar o “evangelho da prosperidade”.⁶⁶

A partir do final da década de 1960, houve um rápido crescimento de programas pentecostais com horários pagos na TV, mantidos pelo público. Além disso, com a expansão de licenças para a frequência de UHF, as organizações pentecostais também começaram a adquirir suas próprias estações de TV e a transmitir sua programação em rede. O impacto desse crescimento na natureza da televisão religiosa na América foi profundo. Os programas pentecostais com horário pago passaram a dominar a programação religiosa regular da TV (HORSFIELD, 1984, p. 12). O mesmo viria a acontecer posteriormente no Brasil.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/environment/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/religious-broadcasting>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Na mesma linha de raciocínio, Hugo Assmann⁶⁷ elabora uma densa análise, desde os anos de 1960, acerca do uso do aparato tecnológico pelas igrejas cristãs dos Estados Unidos como estratégia de *marketing*, cuja finalidade visava estabelecer o prestígio e o lucro, às custas da deturpação da doutrina cristã.

[...] Designo um fenômeno bastante peculiar e característico da realidade americana: o intenso e crescente uso dos meios eletrônicos, especialmente da TV, por lideranças cristãs convencionais. São os superastros da TV. Pelo seu tipo de mensagem salvacionista, com ênfase na salvação individual, são também chamados “supersalvadores” (supersavers). É certo que eles utilizam abundantemente o rádio. Mas o que os define é a sua imagem televangelistas [sic]. (ASSMANN, 1986, p. 16)

A pobreza vernacular do termo “Igreja Eletrônica” é dado importante a se considerar, pois a união dessas duas palavras denota uma expressa quebra de sentido do verbete e cria uma clara desconfiança em relação ao conceito de igreja, fortemente vinculada à publicidade e potencialmente inclinada ao papel de mercadoria. Nessa linha, o presidente da WCC e membro do Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos, William F. Forte, em 1983, em uma palestra no encontro anual, instituiu o termo “Religião Comercial” ao se referir à “Igreja Eletrônica”, em uma crítica bastante contundente: “Para considerar este tema preciso mudar-lhe o título. Não há Igreja Eletrônica, porque esses evangelistas de rádio e TV não o são, mas Religião Comercial, que descreve muito melhor a sua essência” (FORTE, 1983 *apud* ASSMANN, *Op. Cit.*, p. 18). Derivados desse fenômeno, construíram-se outros conceitos críticos, como “*Marketing da Fé*”, “*Messianismo Eletrônico*” e “*Assembleia Eletrônica*”⁶⁸ (ASSMANN, *ibid*, pp. 20-21).

Considerando que a TV, como se conhece, foi criada em 1926, pode-se perceber um movimento bastante “vanguardista” por parte da igreja nos Estados Unidos, que já se estabelecia nesse contexto tecnológico desde a década de 1960, apenas 36 anos depois da chegada da TV.

67 Hugo Assmann (1933-2008) foi teólogo, sociólogo e especialista em Comunicação, brasileiro, exilado por doze anos em razão do golpe militar de 1964. Depois de passar pela Colômbia, Alemanha, Uruguai, Bolívia e Chile, voltou ao Brasil em 1981, onde escreveu a presente obra. Disponível em: Hugo Assmann | Escavador. Acesso em: 15 jun. 2023.

68 Este último não possui, na literatura, relação com o termo “Igreja Eletrônica” nos Estados Unidos. (ASSMANN, 1986, p. 21).

Figura 21 – Engenheiro escocês John Baird, o primeiro a construir um sistema de televisão viável, transmitindo, pela primeira vez, em fevereiro de 1924. (Reprodução/ Royal Television Society)



Fonte: História da Televisão – Espaço do Conhecimento UFMG.

A partir desse fenômeno, a deformação da comunicação tradicional do evangelho em espetáculo televisivo gerou grandes impactos nas igrejas e cristãos dos Estados Unidos, alastrando-se, posteriormente, pela América Latina.

– O próprio conceito de “Igreja eletrônica”, dada sua estreita veiculação à espetacularidade televisiva de seus atores, nos parece ideológico sob diversos aspectos. Ressaltamos apenas um deles: o próprio conceito, precisamente por estar circulando no “mercado das designações” como evocação imagética de programas e atores televisivos, induz facilmente a uma interpretação equivocada dos fatos. (ASSMANN, *ibid*, p. 16)

Faz-se mister destacar que Assmann tece construções fundamentadas na análise do todo, como o contexto sócio-histórico em que esse fenômeno se desencadeia, no intuito de aclarar as razões que criaram esse modelo de comunicação religiosa, bem como as motivações subliminares por parte de alguns líderes religiosos de tais segmentos. A partir dessa análise, o autor disserta sobre os vínculos estabelecidos entre a “Igreja Eletrônica”, nos Estados Unidos, e os acontecimentos semelhantes que se desdobraram na América Latina posteriormente.

O contexto histórico em que emergiu a “Igreja Eletrônica”, nos Estados Unidos, parecia não estar em equilíbrio com o fenômeno apresentado na literatura da época, descrito como iniciativa autônoma em relação aos aspectos sociais, políticos e econômicos – que, diga-se de passagem, são extremamente influentes em todos os aspectos das sociedades de todo o mundo. Essa suposta independência da religião, em meio a uma crise interna, aparentava não sofrer os impactos do capitalismo – representação maior de poder político-econômico e controle social, principalmente nos Estados Unidos. Segundo Assmann, este dado não pode ser analisado de forma profunda a partir da abordagem superficial da restrita literatura disponível. Assim, restava analisar

as semelhanças perceptíveis entre o capitalismo e a “Igreja Eletrônica”, a exemplo dos seguintes aspectos: “relações mercantis”; “construção social das aparências ocultadoras do real”; “fetichismo”; e “idolatria” (ASSMANN, *Op. Cit.*, pp. 22-23).

Ao ritmo das crises, oscilam as necessidades de velar e ocultar os mecanismos de exploração, e este processo de fetichização se alimenta intensamente de símbolos religiosos para simular certezas na incerteza, seguranças na insegurança, enfim, para oferecer aos homens uma “transcendência perversa” toda vez que a experiência real da transcendência no convívio fraternal entre as pessoas e as nações é obstaculizada pelas exigências de autopreservação do sistema. (ASSMANN, *ibid*, p. 23)

O autor alude à história da crise do capitalismo, nas décadas de 1950 e 1960, para fundamentar a influência do modelo político-econômico sobre a emergência da “Igreja Eletrônica”. Em síntese, o processo de monopolização da produção e do comércio internacionais, juntamente ao período do macartismo e do anticomunismo virulento, nos Estados Unidos, viabilizou o cenário ideal para o surgimento e notoriedade de “alguns dos evangelistas norte-americanos mais famosos até hoje (Billy Graham, Oral Roberts, Jerry Falwell e outros)” (ASSMANN, *ibid*, p. 23). Nesse mesmo período, a “*civil religion*” passa por uma profunda instabilidade, desenvolvida na crise dos valores tradicionais norte-americanos e as lutas por ampliação dos direitos civis. Quando se reestabelece a estabilidade econômica, do final da década de 1960 para o início da década de 1970, surgem os primeiros espetáculos religiosos televisivos comandados pelos televangelistas, já munidos de certo controle e manipulação ideológica, desde as crises supracitadas, a exemplo de Jerry Falwell:

[...] passa a comandar, na *Maioria Moral*, a campanha para devolver um orgulho nacional de cariz religioso a uma nação combalida e sujeita a ‘síndromes’ debilitantes de seu autoapreço [*sic*]. E os televangelistas [*sic*] passam a somar-se em coro à exaltação de um novo salvador: Reagan. (ASSMANN, *Op. Cit.*, p. 25)

Não parece coincidência a ocorrência correlata desses fatos, inferindo-se que, ao contrário do que afirma a vaga literatura sobre a “Igreja Eletrônica”, o fenômeno do espetáculo televisivo religioso tem estreita relação com o aspecto político-econômico nos Estados Unidos. Essa informação, por sua vez, é de grande relevância para compreendermos como se desenvolveu o Púlpito Eletrônico no contexto brasileiro, embora não se deva confundir a “Igreja Eletrônica” com o “Púlpito Eletrônico”.

A partir de um processo de importação ou, ainda, imitação do modelo televisivo dos Estados Unidos, a América Latina passa a sofrer grande influência da “Igreja Eletrônica”.

A comprovada existência de fortes somas de dólares por trás de uma parte dos programas veiculados pela mídia eletrônica na América Latina não deve levar-nos a distorções como as que costumam inspirar-se numa espécie de teoria conspirativa da história. Nessa teoria, tudo passa a ser subsumido no enfoque unilateral do “imperialismo religioso”. Ninguém pretende negar que ele exista e muito ativo. Mas não é previsível a exportação de todo e qualquer programa televisivo à América Latina. Entre outras razões porque não teriam o mesmo impacto aqui.^[69] Conhecê-los nos parece fundamental, inclusive porque muitos produtos gerados em nosso meio, mesmo quando não são importação, obedecem a instintos imitativos dos modelos de lá. (ASSMANN, *ibid*, p. 17)

Antes, porém, de se adentrar no cenário latino-americano, é necessário compreender como funciona a “Igreja Eletrônica” norte-americana. Segundo Assmann, construíram-se os impérios eletrônicos pelos televangelistas norte-americanos com grande autonomia, posto que tinham as próprias bases de teledifusão fortemente estruturadas:

[...] interconexão de estações próprias, convênios sólidos com estações de retransmissão, horas ou dias inteiros de acesso garantido a satélites, organizações próprias de TV por cabo acrescidas de convênios com organizações alheias, sofisticados centros de geração de programas incluindo dublagem a diversas línguas, nexos com redes radiofônicas a até universidades próprias. (ASSMANN, *Op. Cit.*, p. 27)

Posteriormente, esses televangelistas individuais passaram a compor uma organização unificada, aumentando ainda mais seu poderio ao abranger uma rede maior de fiéis telespectadores.⁷⁰ Em 1985, o número de estações de TV chegava a 1.181 e, em torno de 10.000 os sistemas de TV por cabo, distribuídos para 84 milhões de aparelhos receptores (ASSMANN, *ibid*, p. 30). Embora esses números pareçam altos, se comparados às três grandes redes seculares (NBC, CBS e ABC), percebe-se a imensa discrepância entre elas, uma vez que estas redes monopolizavam 75% da produção televisiva, também distribuindo conteúdo religioso, mas em escala bem menor. Isso ocorria porque o “direito de uso”, nos Estados Unidos, funciona sob a lógica do poder

69 Referência à América Latina.

70 A *National Religious Broadcasters (NRB)* é um dos exemplos de organização que articula trocas e formas de agenciamento de serviços da “Igreja Eletrônica”. “A NRB, segundo explica seu diretor executivo Ben Armstrong (autor do livro *The Electric Church*), é a base de defesa dos interesses solidários dos televangelistas [sic], respeitando sempre a autonomia das redes, estações, estúdios de programação e programas de cada televangelista [sic] individual”. (ASSMAN, 1986, p. 29).

econômico, endossado pela carência de espaço público nos meios eletrônicos, o que fragilizava a disseminação de conteúdo religioso em TV aberta (ASSMANN, *ibid*, p. 30).

Já na Europa, a “Igreja Eletrônica” contava com uma acelerada corrida pela privatização, mas a predominância do espaço público dos meios eletrônicos se mantinha firme. Assim, os televangelistas europeus encontravam barreiras na privatização dos espaços públicos, diferentemente dos Estados Unidos, que concorriam com franquias privadas de maior poder econômico.

Nesse ínterim, é quase compreensível que a “Igreja Eletrônica” lance mão de todas as estratégias possíveis para angariar o máximo de fiéis telespectadores, a fim de aumentar seu poder econômico e concorrer com as grandes redes eletrônicas seculares nos Estados Unidos, e com a TV aberta na Europa. Porém, denota-se que, o que está em jogo, é puramente a disputa por poder, em que o conteúdo em si, ou seja, a comunicação do evangelho, serve apenas de pano de fundo.

2.3.2 O Púlpito Eletrônico e o contexto brasileiro

O protestantismo brasileiro segue a tradição religiosa dos Estados Unidos, por isso, para se estudar o uso do rádio no Brasil por parte dos evangélicos, é necessário compreender a influência exercida pelo protestantismo norte-americano e a forma como aquele país instrumentalizou o rádio para projeção da mensagem evangélica (FARJADO, 2011, p. 16).

O contínuo crescimento mercadológico, sustentado pelo aparato de um capitalismo sofisticado, condicionou a sociedade brasileira a um modo de vida cada vez mais fetichizado, do qual participa, também, a religião e seus modos de expressão. Nesse sentido, a cultura brasileira pós-moderna adquiriu grande influência dos Estados Unidos, impulsionada por um modelo de economia produtivista que resultou numa sociedade extremamente consumista e facilmente manipulável. Porém, antes de se julgar o *modus operandi* da sociedade brasileira, faz-se necessária uma breve análise histórica, a fim de compreendermos o panorama geral do Brasil, e não fatos isolados.

Formalmente, considera-se o Brasil um país de modelo capitalista de estado do segundo tipo, o que significa que há grande intervenção do Estado na economia voltada ao desenvolvimento de forças produtivas, em oposição ao liberalismo. Nessa esteira, o setor responsável pela retenção de capital é o agronegócio com vistas à exportação de alimentos e matéria-prima. Porém, o sucesso do rendimento econômico brasileiro

depende exclusivamente de um sistema pautado na lógica dos juros e da fiscalização sobre bens de consumo e serviços, aliadas à uma boa taxa de câmbio. Significa dizer que, ao contrário dos países desenvolvidos, em que o sistema econômico tem por objetivo o desenvolvimento social, gerado por uma distribuição de renda equilibrada, o Brasil tem por objetivo o rendimento financeiro, por meio da aplicação de altas taxas de juros e impostos. Além disso, a frouxa política democrática representativa viabiliza a manutenção desse estado de coisas.

Nesse contexto político-econômico, perpetua-se a desigualdade social em um nível alarmante, reverberando também na decadência estrutural de outros setores, como educação, saúde, segurança, lazer – sem mencionar a relação desses aspectos com a parcela da população dita “minoritária” (negros, índios, mulheres) que, em números, somam uma maioria.

Assmann (1986) analisa a influência da “Igreja Eletrônica” norte-americana na América Latina partindo do baixo nível socioeconômico da população desses países, no intuito de estabelecer uma relação causal entre o progresso do fenômeno religioso eletrônico e a posição que tais países ocupam na escala de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A marca da pobreza da maioria populacional, portanto, é o termômetro denunciativo do público-alvo dos programas religiosos de rádio e TV na América Latina.

O fundamentalismo proselitista fez, à sua maneira, a sua opção pelos pobres: transformou-os em destinatários principais do seu bombardeio de mensagens radiofônicas e televisivas. A “Igreja Eletrônica” dos EUA coincide com esses evangelistas atuantes na América Latina na medida em que, também ela, articula os códigos de suas mensagens ao redor das inseguranças, medos, solidões e incertezas próprias do desvairado capitalismo campeante naquele país. Mas na América Latina, os “milagres”, as “curas divinas” e as promessas de “salvação”, embora se valham igualmente de supostas intervenções divinas e recursos psicologistas triviais, se abastecem, sobretudo, de um referencial básico: a miséria extrema. (ASSMANN, *Op. Cit.*, p. 80)

Partindo dessa premissa, podemos observar diversos aspectos semelhantes no Brasil, como o nível de alcance dos programas de rádio e TV, por meio da acessibilidade da linguagem e formato utilizados por eles, o que também será fator decisivo entre o sucesso e o fracasso dos mesmos. Assmann (1986) afirma que, embora o público-alvo da “Igreja Eletrônica” sejam os pobres, em razão da suposta facilidade de manipulação, alguns programas apresentam certa dificuldade de adaptação às necessidades e sensibilidades dos telespectadores menos afortunados, determinando sua audiência e duração. Essa incapacidade de adaptação revela quão perversas são as intenções ao

fracassarem na tarefa de reconhecer o outro como semelhante. Ademais, a escolha pelos pobres denuncia um direcionamento puramente populista, algumas vezes rejeitados pelos próprios programas, que elegem às claras uma elite minoritária como público-alvo.

Ou seja, programas não condizentes com as ânsias populares logram sobreviver por algum tempo, mas certamente a elevados custos financeiros (sem falar na traição à missão do cristianismo no mundo). Por isso se torna imperioso analisar não só o sucesso dos manipuladores, mas também as omissões dos que não acertam com os destinatários pobres, e o posicionamento ideológico dos que elegem as capas médias como seu destinatário privilegiado. (ASSMANN, *ibid*, p. 81)

Notadamente, tal análise também se aplica ao Brasil, em certa medida, e, por essa razão, tomam-se esses dados como pressupostos da investigação acerca do Púlpito Eletrônico, podendo ser observados mais claramente durante e depois da pandemia de Covid-19. Entretanto, o Púlpito Eletrônico não deve ser compreendido como espetáculo religioso influenciado pela “Igreja Eletrônica” dos Estados Unidos, embora, outros aspectos da sociedade brasileira partilhem do fenômeno da importação de “enlatados” norte-americanos, de modo geral, assumindo um papel relevante no mercado brasileiro.

Desse modo, a hiper midiatização religiosa, no Brasil, se desenvolve a partir de delineamentos idiossincráticos à sua condição geral – país colonizado, miscigenado, mimeticamente norte-americanizado, consumista, fetichista, preconceituoso, com uma maioria populacional pobre e iletrada. Todos esses aspectos, somados ao excesso de informação midiática de cunho ideológico-religioso, compõem o quadro atual da deturpação do cristianismo a um nível nunca visto. Nesse sentido, as *fakes news* se alastram massivamente, uma vez que a maioria esmagadora do público-alvo do espetáculo religioso, viabilizado pelo Púlpito Eletrônico, possui as características perfeitas: são, geralmente, pessoas analfabetas/semianalfabetas e/ou iletradas, de baixo poder econômico, acríticas, religiosamente fanáticas e mal-informadas. Ou seja, um público extremamente carente de algum alento, que aposta tudo na crença cega, não exatamente na mensagem do evangelho, mas no discurso proferido pelas autoridades religiosas das congregações, as quais oferecem um conforto divino ilusório, à custa de donativos, venda de objetos supostamente “santos”, deturpação da Palavra e audiência assídua.

Assmann pontua que, na onda de importação da “Igreja Eletrônica” dos Estados Unidos, no Brasil “o programa de Jimmy Swaggart passou da Record à Rede

Bandeirantes, ampliando sua audiência potencial” (ASSMANN, *Op. Cit.*, pp. 92-83)⁷¹, o que deu vasão para que outros televangelistas estrangeiros – não somente norte-americanos –, de diferentes tendências, investissem nos programas proselitistas no Brasil: “É o caso mórmons que, já em 1978, colocavam programas – geralmente filmes ‘educativos’ – em quatro estações de TV” (ASSMANN, *ibid*, p. 83). Este modelo de importação religiosa só sofreu interferência genuinamente brasileira com o canal 13, do Rio de Janeiro, no final de 1986.

Todavia, a história do Púlpito Eletrônico é genuinamente brasileira, e inicia-se timidamente por meio do rádio (1986), crescendo gradativamente, e passando à TV somente na década de 1970.

A primeira transmissão de rádio no Brasil (1922)⁷² antecede a pós-modernidade – datada de 1945 –, mas é neste período que as redes radiofônicas tomam espaço relevante na comunicação brasileira. Tal importância, primeiramente, deve-se ao caráter informativo das rádios e, em segundo e terceiro planos, ao entretenimento e à publicidade. Posteriormente, o elemento religioso é agregado ao formato radiofônico.

É importante ressaltar que, foi dentro de uma rádio de conteúdo misto que se inseriu a religião (católica), com a oração da “Ave Maria”, diariamente executada às 18 horas. Somente em 1970, no Rio de Janeiro, a primeira rádio religiosa passava a comunicar seus conteúdos. A partir de então, era bastante comum que rádios religiosas também comunicassem conteúdos jornalísticos e, ao mesmo tempo, as rádios mistas comunicavam conteúdos religiosos, tanto católicos quanto evangélicos.⁷³

Um divisor de águas, na comunicação religiosa radiofônica, ocorre na década de 1990, quando as rádios evangélicas passam a ocupar maior espaço, com programas evangélicos, por vezes sem denominação específica.⁷⁴

Na TV aberta, a emissora TV Tupi (1960) já apresentava conteúdo religioso. Mas a primeira rede exclusivamente religiosa, com programação durante 24 horas, foi a Rede

71 Jimmy Swaggart e Rex Humbard foram os únicos televangelistas norte-americanos a implantar regularmente seus programas no Brasil até 1984. (Cf. ASSMANN, 1986, p. 83).

72 Disponível em: A presença e a trajetória das emissoras religiosas no rádio e na TV do Brasil - Aerp. Acesso em: 15 de jun. 2023.

73 Disponível em: A presença e a trajetória das emissoras religiosas no rádio e na TV do Brasil - Aerp. Acesso em: 15 de jun. 2023.

74 Disponível em: A presença e a trajetória das emissoras religiosas no rádio e na TV do Brasil - Aerp. Acesso em: 15 de jun. 2023.

Vida, de cunho católico, mas sem ligação com instituições específicas, em 1995. Já a primeira rede de conteúdo estritamente evangélico foi a Rede Gospel, em 1996.⁷⁵

Com a permissão jurídica para execução de conteúdos exclusivos em TV aberta, em 1990, houve um crescimento do Púlpito Eletrônico, marcado pela compra da TV Record pelo bispo evangélico Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. Embora a programação não se restringisse a programas religiosos, contando também com difusão publicitária, boa parte da grade se dirigia, direta ou indiretamente, a conteúdos religiosos, a exemplo das “novelas bíblicas”.⁷⁶ Tal permissão jurídica viabilizou um cenário ideal para o crescimento dos Púlpitos Eletrônicos na TV aberta, de onde brotaram inúmeras emissoras religiosas, católicas e evangélicas de várias denominações. Os conteúdos de algumas TVs religiosas não se restringem apenas aos programas tradicionais, inspirados no modelo norte-americano, mas contam, também, com programação infantil, apresentações musicais, divulgação de eventos específicos, pedido de donativos e, até mesmo, venda de produtos religiosos, dentre os quais, destacam-se, criticamente, a venda de produtos fetichizados, tais como embalagens contendo um punhado do solo da “terra santa”; frascos contendo “água do Rio Jordão”; correntes de ouro “ungidas” para maior proteção aos fiéis que as adquirissem; em suma, objetos carregados de valor simbólico, mas pagos com moeda real.⁷⁷ Estas são apenas parte das práticas de manipulação do Púlpito Eletrônico exacerbado, de algumas denominações religiosas, uma vez que o “discurso”, envolto em todo um conjunto de elementos que constituem um formato pensado para a persuasão do telespectador, garante a permanência e o crescimento dessas TVs.

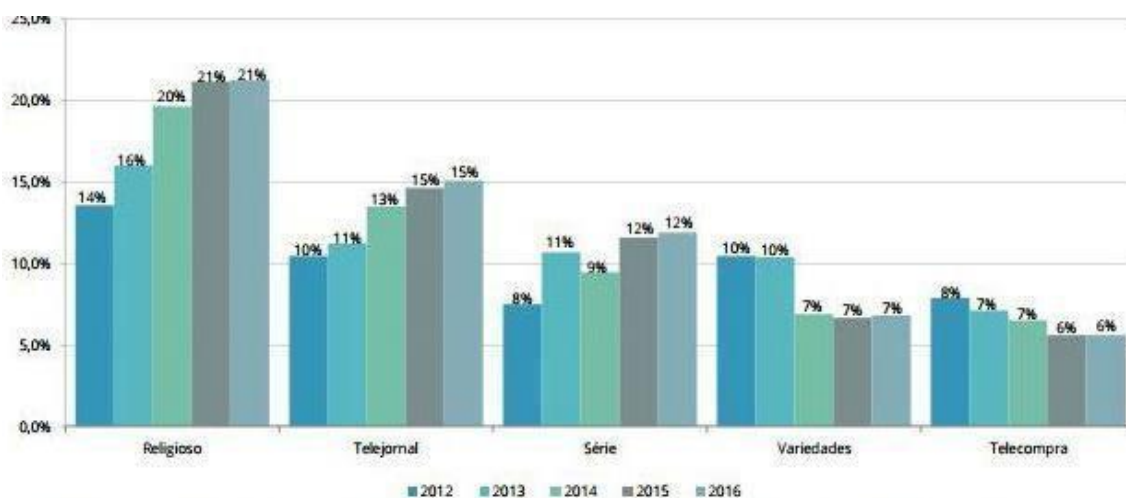
75 Disponível em: A presença e a trajetória das emissoras religiosas no rádio e na TV do Brasil - Aerp. Acesso em: 15 de jun. 2023.

76 Disponível em: A presença e a trajetória das emissoras religiosas no rádio e na TV do Brasil - Aerp. Acesso em: 15 de jun. 2023.

77 Na Idade Média, era muito comum a prática das “indulgências” pela Igreja Católica que, *grosso modo*, representava o pagamento pela saída da alma do purgatório. “Assim que a moeda no cofre cai, a alma do Purgatório sai” – dizia um ditado popular da época. O auge dessa prática se deu durante o pontificado do papa Leão X (1513-1521). Disponível em: História: 500 anos da Reforma Protestante; entenda seu contexto e desdobramentos - UOL Educação. Acesso em: 14 jun. 2023. A oferta e a venda de “um lugar no céu” também já foram registradas por parte da Igreja Universal do Reino de Deus: “A Igreja Universal deve devolver, por decisão da Justiça de São Paulo, mais de R\$ 200 mil doados para uma religiosa que disse ter sido coagida a comprar um ‘lugar no céu’. [...] As maiores doações foram entre dezembro de 2017 e junho de 2018, totalizando R\$ 204.500. Ela conta que o dinheiro era fruto de 30 anos de economia. [...] Apesar do arrependimento da fiel, a instituição pontuou que não pode devolver as doações ‘por mero arrependimento, uma vez que essas doações foram feitas espontaneamente’. [...] A igreja foi condenada a devolver os R\$ 204,5 mil”. Disponível em: Universal terá que pagar R\$ 200 mil para a fiel que comprou 'lugar no céu' (correio braziliense.com.br). Acesso em: 14 jun. 2023.

De 2012 a 2016, a programação religiosa ocupava 21% da grade da TV aberta no Brasil, segundo a Agência Nacional de Cinema (Ancine).⁷⁸ “Seguem os gêneros telejornal (15%), séries (12%), variedades (7%) e telelendos (6%)”.⁷⁹ Ou seja, mesmo antes da pandemia, o Púlpito Eletrônico já se sedimentava, representando a maior parcela de conteúdo televisivo aberto.⁸⁰ Conferindo-se o gráfico (Figura 22):

Figura 22 – Programação religiosa na TV aberta de 2012 a 2016



Fonte: Programação religiosa ocupa 21% da grade da TV aberta no Brasil, vê Ancine - UOL TV e Famosos.

Desse percentual, boa parte dos programas religiosos lançam mão de estratégias diversas, a fim de alcançar um número de telespectadores cada vez maior, em detrimento do cumprimento da verdadeira missão cristã. É certo, porém, que não se pode generalizar a conduta de todas as religiões e denominações cristãs, nem as colocar no mesmo cesto, apenas por partilharem do mesmo canal comunicativo. Ora, a raiz do problema não se encontra, necessariamente, no Púlpito Eletrônico, haja vista que, desde o surgimento da igreja primitiva, confirmando as palavras de Paulo: “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho” (Atos 20:29, ARA), muitos falsos profetas surgiram, fazendo uso da boa-fé dos fiéis para angariar prestígio, lucro e poder de dominação. De modo contrário, tantas outras religiões desenvolvem um trabalho exemplar na comunicação do evangelho, na construção de uma ética nos moldes

78 Disponível em: Programação religiosa ocupa 21% da grade da TV aberta no Brasil, vê Ancine - UOL TV e Famosos. Acesso em: 14 jun. 2023.

79 Disponível em: Programação religiosa ocupa 21% da grade da TV aberta no Brasil, vê Ancine - UOL TV e Famosos. Acesso em: 14 jun. 2023.

80 Atualmente (2023), o Púlpito Eletrônico ocupa, majoritariamente, a TV aberta.

cristãos, no exercício da caridade e do assistencialismo, na compaixão e amor ao próximo, ou seja, no cumprimento da missão, verdadeiramente.

Isto posto, é sensato conceber que o Púlpito Eletrônico não é o responsável pela corrupção de religiões, supostamente verdadeiras, e que se desvirtuaram. Em verdade, o movimento se dá de modo contrário: as religiões atreladas aos “milagres”, “shows” da Fé e “barganhas com Deus” (impulsionadas pelas promessas de rápida prosperidade), muitas delas corruptas por natureza, aderiram facilmente ao Púlpito Eletrônico em razão do poder de alcance desta ferramenta, o que apenas potencializou o caráter deturpado, na possibilidade de criar estratégias que se adaptam ao novo modelo comunicacional, sendo expressamente um segmento do nicho mercadológico-capitalista, muito distante dos cânones e essência do Cristianismo.

Na ponta oposta da corda, encontram-se as religiões e denominações cristãs “convencionais” que, mesmo presentes nos meios tecnológicos, permanecem centradas nos fundamentos originários, a exemplo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora se possa afirmar tal assertiva sem medo de refutação, o crescimento do Púlpito Eletrônico, durante e depois da pandemia, certamente gerou consequências à comunicação e à missão da IASD, mas, em que nível e em quais modulações discursivas?

2.3.3 O “texto religioso”: breve análise da semiótica da cultura

Toda comunidade tem, na comunicação, seu elemento fundamental, de modo que o entendimento mútuo possibilita ao grupo caminhar em uma mesma direção, ou seja, comungar os mesmos preceitos, crenças, comportamentos e objetivos: esse conjunto de elementos denominados “cultura”. Além desses aspectos, a cultura possui uma diversidade imensa de formas de expressão: idiomas, gestos, signos, textos, danças, ritos. Como parte significativa da cultura, a religião também apresenta diversidade.

Segundo Paulo A. de Souza Nogueira,⁸¹ as Ciências da Religião executam um trabalho exaustivo e de grande complexidade na análise das formas simbólicas “que tiveram um papel decisivo na definição do humano, de uma cultura humana” (NOGUEIRA, 2012, p. 13). As formas simbólicas religiosas – tratadas pelo autor como “textos religiosos” –, são tão numerosas quanto suas culturas, e, por essa razão, tendem a ser classificadas, por estudiosos e teólogos, a partir de um dualismo herdado do

81 Professor de pós-graduação em Ciências da Religião, na Umesp.

eurocentrismo religioso: “sagrados e profanos, canônicos e apócrifos, ortodoxos e heterodoxos, nacionais e estrangeiros, entre outros” (NOGUEIRA, *Op. Cit.*, p. 14).⁸²

O termo “texto religioso” é usado por Nogueira para designar todas as expressões religiosas, sistemas de comunicação e elaboração de mensagens. O texto, aqui, não se refere estritamente à Palavra ou ao Verbo, não! A concepção de “texto religioso” parte da incapacidade da linguagem natural (qualquer forma de expressão humana) em ser instrumento comunicativo “eficiente”, pois, entre a mensagem emitida e a mensagem recebida há uma falha provocada pela assimetria da linguagem entre as duas partes, o que impede que haja “identidade” na comunicação. Somente por meio de códigos artificiais, a comunicação acontece efetivamente. O texto, portanto, jamais será capaz de gerar significado preciso, pois se sujeita aos acidentes linguísticos dos códigos naturais, podendo criar novos significados a partir das mensagens emitidas anteriormente.

Desse modo, o “texto religioso”, ou seja, a mensagem emitida por uma religião ou credo, também não alcançaria o grau de identidade, pois partilha dos mesmos códigos da linguagem natural. Esta compreensão é extremamente relevante para que se compreenda o poder do Púlpito Eletrônico, isto é, a superioridade – ou predomínio – da linguagem artificial sobre a linguagem natural.

O centro dessa falha na comunicação está na cultura e suas mudanças ao longo do tempo, uma vez que a linguagem (formas de expressão) faz parte da cultura, e muda, juntamente com ela. Ressalta-se que, como análise semiótica, a constatação desse desequilíbrio não impede que a comunicação aconteça. Ela apenas não é exata, o que significa que, para além de erros interpretativos, a condição humana de seres sociais, comunitários, comunicacionais, regidos por uma cultura complexa, não permite entender o sentido absoluto do “texto religioso”.

Pode-se observar essa concepção em muitos discursos religiosos dos programas de TV, recheados de mensagens simbólicas, imagéticas, retóricas que, longe de transmitir o evangelho, desviam a atenção do telespectador para o foco julgado mais rentável. Essa

82 A teologia acadêmica do século 19 também se debruçou sobre a tentativa de sistematizar e classificar as diversas expressões religiosas (NOGUEIRA, 2012). No entanto, os embates entre os defensores do cristianismo europeu, como sistema referencial simbólico com ênfase ao texto bíblico – que revelaram forte interesse no estudo científico da religião nas subdivisões das teologias –, e as correntes filosóficas e científicas contemporâneas, resultaram no sucesso da investida cristã europeia. Somente no aspecto genealógico e histórico, estudou-se o cristianismo, cercado “de uma aura de dignidade e ancestralidade” (NOGUEIRA, 2012, p. 14).

brecha na comunicação abre precedentes para o abuso manipulatório dos televangelistas sobre os fiéis numa perspectiva gritante, porém aparentemente velada para suas presas.

O abuso desse recurso manipulatório no discurso religioso pode se comparar, por verossimilhança, ao papel dos signos nos regimes totalitários, autoritários e ditatoriais, expressos por Krieg-Planque:

Essa vida tão peculiar dossignos e seu funcionamento promovido pelos serviços da propaganda sempre arrebatarem, marcadamente, pela estética da repetição e pela eficácia do martelamento que os caracteriza. [...] A estética da repetição e a eficácia do martelamento não se encontram apenas em ocorrências lexicais e na proliferação de slogans, mas também nos usos de bandeirolas, bandeiras e diversos emblemas, assim como gestos e movimentos [...]. O movimento dos corpos parece acompanhar o movimento do pensamento, e a disciplina que se exerce sobre os corpos parece redobrar os condicionamentos à retidão do espírito. (KRIEG-PLANQUE, 2018, p. 32)⁸³

O período colonial brasileiro durou de 1500 a 1822, com o trabalho compulsório, a escravização de índios e negros trazidos da África, união entre o Estado absolutista e a Igreja Católica, os movimentos de rebeldia, até, enfim, a Independência.⁸⁴ A partir deste evento, as divisões sociais se mostraram de “pureza de sangue”:

Impuros eram os cristãos-novos, os negros, mesmo quando livres, os índios em certa medida e as várias espécies de mestiços. [...] A carta-lei de 1773 acabou com a distinção entre cristãos antigos e novos, o que não quer dizer que daí para a frente o preconceito tenha se extinguido. (FAUSTO, 1996, p. 38)

Desde a Independência, o Estado se encarregou de seguir o curso da “guerra permanente”, desenvolvendo o “racismo de Estado”, fazendo valer as distinções religiosas, de cor, de sexualidade, profissionais e outras, como exercício do biopoder sobre o racismo.

Com a volta da democracia, em 1985, a biopolítica exerceu poder sobre a população por meio da economia e dos indicadores sociais. Atualmente, os mecanismos de controle evoluem com imensa agilidade, com o uso de tecnologias da informação e da comunicação.

83 Esta citação se refere ao discurso nazista e sua linguagem pobre, a monotonia e repetição de adjetivos de força que geram em seus ouvintes os sentimentos de segurança, proteção e ordem. (KRIEG-PLANQUE, 2018, p. 32).

84 Implantou-se, então, o Primeiro Reinado (1822-1831); a Regência (1831-1840); o Segundo Reinado (1840-1889); a Primeira República (1889-1930), com a primeira Constituição republicana e; finalmente, o Período Democrático (1945-1964), interrompido pelo Regime Militar (1964-1985). O Governo Sarney (1985-1989) representou a transição para a volta da democracia. Cf. Boris Fausto, 1996.

Partindo do conceito de “semiosfera”, cunhado por Lotman (1998), compreende-se que a manipulação exercida nos Púlpitos Eletrônicos ocorre por meio do sistema de signos de determinada cultura. Linguagem e cultura, portanto, são inseparáveis, pois a “linguagem é o modelo da cultura, e esta última fornece estrutura para a linguagem” (NOGUEIRA, 2012, p. 21). Lotman descreve o conceito de semiosfera “como espaço da cultura, no qual os diferentes textos circulam, se reproduzem, se articulam e se relacionam assimetricamente, perfazendo um *continuum* semiótico” (NOGUEIRA, *Op. Cit.*, p. 22). A semiótica opera sob a lógica do dinamismo e, por isso, “a possibilidade de um diálogo pressupõe, de uma vez, tanto a heterogeneidade como a homogeneidade dos elementos” (LOTMAN, 1998, p. 36 *apud* NOGUEIRA, *ibid*, p. 24).

É essa dinâmica que viabiliza a compreensão do “texto religioso”, preservando a informação principal e, ao mesmo tempo, formatando novos “textos” a partir da reorganização. Os sistemas de classificação dualistas não permitem a produção de novos “textos”, uma vez que não compreendem a função da cultura e da linguagem de forma dinâmica. Isto posto, Nogueira arremata:

Nesse sentido os processos da religião como texto, como texto da cultura, são imprevisíveis. Elas só podem ser previsíveis na **imobilidade** e na **lentidão de suas metalinguagens**. Estas estão ajustando seu foco sobre o fenômeno religioso no presente, buscando causalidade no passado e projetando desenvolvimentos para o futuro. [...] O foco será ajustado novamente: o campo religioso e suas expressões, seus textos, já se moveram, se tornaram outros. Nessa perspectiva, não faz sentido tornar-se guardião de ortodoxias ou dos clássicos. (NOGUEIRA, *ibid*, p. 25, grifos nossos)

Aplica-se tal concepção, pelas religiões, de duas maneiras: como equilíbrio entre as mudanças culturais e religiosas, mantendo seus fundamentos essenciais; ou como justificativa para alterações dos próprios princípios – no caso da exacerbação midiática do espetáculo religioso mediado pela “tela”, o que chamamos Púlpito Eletrônico.

2.3.4 A Rede Novo Tempo de Comunicação

A Rede Novo Tempo de Comunicação é um sistema de rádio, televisão e internet que, a partir da sede em Jacareí (SP) alcança diversos países de fala portuguesa e hispana, com destaque na América do Sul. Sua atuação ocorre em sete segmentos: Rede Novo Tempo de Rádio, TV Novo Tempo, Escola Bíblica, programa A Voz da Profecia, programa Está Escrito, Gravadora Novo Tempo e internet.

A primeira emissora adventista surgiu pelo Sistema Adventista de Comunicação na América do Sul, em 1996, em Nova Friburgo (RJ). Inicialmente como emissora local, chamada de “TV ADSAT”, tornou-se uma rede de televisão nacional em 2007, denominada “TV Novo Tempo”, com modernas instalações em Jacareí. Antes de chegar à TV, a Novo Tempo já estava presente no rádio, inaugurada em agosto de 1989, com transmissão apenas para a cidade de Afonso Cláudio, no interior do Espírito Santo. A Rádio Novo Tempo só teve a primeira transmissão nacional em 1995, a partir de Vitória (ES). Em 1996, a rádio mudou a sede para Nova Friburgo e, posteriormente, para Jacareí, onde permanece até hoje.

Figura 23 – Primeira Rádio Novo Tempo



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

Com a evolução da tecnologia, em 1995 surgiu a necessidade de realizar transmissões, não apenas por áudio, mas também por vídeo, porém ainda não havia uma infraestrutura de TV para tal finalidade. Realizavam-se as transmissões por meio do satélite NSS 806, que cobre a América e a Europa (Figura 24). Assim, em 1995, enquanto a Rádio Novo Tempo já alcançava todo o país, a TV Novo Tempo dava os primeiros passos, e só obteve o mesmo alcance doze anos depois.

Figura 24 – Satélite NSS 806



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

A Rede Novo Tempo de Comunicação faz parte de um complexo mundial de rádio e televisão e, diferentemente dos “enlatados” religiosos norte-americanos, tem conteúdos próprios e elabora a sua variada programação com foco na diversidade cultural brasileira.

TV Novo Tempo e TV *Nuevo Tiempo*:

Hoje, a TV Novo Tempo está disponível em mais de 650 cidades do Brasil com sinal aberto, em repetidoras por assinatura, como o canal 14 da maior empresa de DTH (Direct to Home) do País, a Sky, e em aproximadamente 10 mil antenas parabólicas nas instituições e congregações adventistas. O Chile, por exemplo, é o país sul-americano com maior cobertura: 85% da população pode receber a TV Nuevo Tiempo em canal aberto. Assim como o rádio, o sinal de TV Novo Tempo e TV Nuevo Tiempo é enviado para dois satélites: o NSS 806, que distribui a programação para as três Américas, parte da Europa e norte da África, e para o satélite IS-10, cobrindo a Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe.⁸⁵

A arte musical, como alimento para o espírito, tem poderes curativos cientificamente comprovados, e marca presença no cenário mundial da IASD, sendo a qualidade da música cristã uma das grandes preocupações da igreja. Por essa razão, além da rádio, TV e internet, a Rede Novo Tempo de Comunicação conta também com a Gravadora Novo Tempo.⁸⁶

⁸⁵ Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

⁸⁶ “Hoje a gravadora está presente em praticamente todo o Brasil por meio de seus representantes, que distribuem os materiais (principalmente CDs e DVDs) para as lojas evangélicas. A gravadora também disponibiliza a loja virtual (www.novotempo.org.br/lojavirtual) e um atendimento personalizado no 0300-

Desde 1962, com o quarteto Arautos do Rei, um dos mais conhecidos do Brasil no meio cristão, a igreja sempre registrou na história as músicas cantadas por esse grupo e outros que surgiram posteriormente. Começava, então, o conceito da atual Gravadora Novo Tempo, com a missão de levar a mensagem cristã por meio das criações musicais.⁸⁷

Na internet, a Rede Novo Tempo se instalou em 2008 com o intuito de comunicar o evangelho nos locais em que não havia sinal de rádio ou TV. Ademais, este seria mais um canal de acesso disponível para aqueles mais familiarizados com esse formato, sendo, inclusive, mais acessível, pela viabilidade das redes sociais e dos aparelhos reprodutores, como as *smartTVs* e, por vezes, aparelhos portáteis, como *smartphones*, *tablets* e *notebooks*.

Os perfis da Novo Tempo e seus programas nas redes sociais já alcançam mais de 560 mil seguidores no Twitter, mais de 6 milhões e 300 mil amigos nas páginas do Facebook e mais de 26 milhões de visualizações nos canais do Youtube. Além das páginas da TV, Rádio, Gravadora e programas, a página no Facebook “A Bíblia Sagrada” foi criada para incentivar momentos de meditação e reflexão na Palavra de Deus.⁸⁸

Na esteira das discussões acerca da origem e deturpação do Púlpito Eletrônico, no Brasil – via de regra, por influência e imitação do modelo norte-americano –, é mais que necessário ressaltar que a história da Rede Novo Tempo de Comunicação se constrói num contexto muito distinto da “Igreja Eletrônica” e suas precursoras no fomento ao espetáculo religioso eletrônico.

Primeiramente, é preciso expor que o desdobramento eletrônico da IASD é decorrente de sua história no mundo real, uma extensão do crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Nas primeiras décadas do século 20, a IASD se expandiu por meio de uma série de reuniões em auditórios, igrejas e centros evangelísticos em todo o Brasil.

Na década de 1930, Walter Schubert reorganizou as reuniões bíblicas, iniciando a série com questões familiares e sociais baseadas na Bíblia. O método funcionou, resultando em batismos e em um crescimento estatístico substancial da igreja no Brasil durante um período de 15 anos. Isso encorajou a liderança adventista a buscar iniciativas para alcançar mais pessoas por meio da comunicação de massa.⁸⁹

789 11 11”. Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

87 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

88 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

89 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

Foi nesse período que os novos meios de comunicação, o rádio e a TV, tornaram-se acessíveis. Se a igreja já crescia a olhos vistos, apenas em reuniões, a possibilidade de difundir a mensagem adventista, via rádio e TV, parecia bastante promissora.⁹⁰

O primeiro projeto a ser produzido foi um programa de rádio. Décadas mais tarde, em 1971, a Conferência Geral aprovou a criação de um centro de comunicação na cidade de Thousand Oaks, nos Estados Unidos, para produzir e coordenar soluções denominacionais de comunicação de massa. Esse centro de comunicação apoiou os programas *Está Escrito*, *A Voz da Profecia* e *Fé Para Hoje* nas versões norte-americanas, e possuía estúdios, um setor de produção e escolas bíblicas.⁹¹

O precursor da Rede Novo Tempo de Comunicação nasceu em 1943. O programa de rádio “A Voz da Profecia” (*The Voice of Prophecy*) se expandiu para outras idiomas. “Assim, em 23 de setembro de 1943, o programa A Voz da Profecia” começou a ser transmitido em algumas estações brasileiras, com o pastor Roberto Mendes Rabello como locutor.”⁹²

Figura 25 – Programa de rádio “A Voz da Profecia”, apresentado pelo pastor Roberto Rabello



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

90 “Essa iniciativa foi precursora da Rede Novo Tempo de Comunicação no Brasil. [Aqui], programas denominacionais de rádio e televisão foram difundidos em estações não -adventistas. Embora alcançassem milhares de pessoas, a igreja percebeu a necessidade de ter as suas próprias estações de rádio e televisão. A Rede Novo Tempo de Comunicação nasceu com o objetivo de acelerar a missão de alcançar cada vez mais pessoas com a mensagem do evangelho eterno”. Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

91 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

92 “Nas décadas de 1970 e 1980, a equipe de A Voz da Profecia realizou várias campanhas de evangelismo público em todo o Brasil. Eles começaram com as igrejas locais promovendo o curso radiopostal para pessoas interessadas em estudar a Bíblia. Após a conclusão do estudo, os diplomados eram convidados para uma série evangelística local. Foram realizadas reuniões em várias igrejas, alcançando uma média de 150 candidatos ao batismo por campanha.” Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

Além disso, foi inaugurada em território brasileiro a Escola Radiopostal, iniciativa americana de estudo da Bíblia por correspondência com os ouvintes mais interessados nos assuntos abordados no programa. No início, o programa era gravado nos Estados Unidos e o quarteto *King's Heralds* (Arautos do Rei) dos Estados Unidos fornecia a música para complementar a mensagem de Rabello. Em 1962, dois eventos mudaram a direção do ministério: a estreia do quarteto Arautos do Rei, uma versão brasileira do quarteto norte-americano; e a inauguração da sede do programa no Rio de Janeiro, Brasil.⁹³

O novo quarteto passou a acompanhar Rabello nas viagens pelo Brasil, em 1963. No mesmo ano, lançava-se a Gravadora Voz da Profecia com o “Hei de Estar na Alvorada”, primeiro álbum lançado pela nova produtora, interpretado pelo quarteto Arautos do Rei.

Figura 26 – “Hei de Estar na Alvorada”, interpretado pelo quarteto Arautos do Rei (Primeiro álbum lançado pela Gravadora Voz da Profecia)



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

Uma grande conquista para a comunicação adventista ocorreu em 1989, quando a Igreja Adventista inaugurou a sua primeira estação de rádio no Brasil, então localizada na cidade de Afonso Cláudio, Espírito Santo. [...] O primeiro programa adventista na televisão nacional do Brasil ocorreu em 1995.¹⁶ Embora a igreja adventista ainda não tivesse sua própria estação de televisão, vinha produzindo e transmitindo o programa Fé para Hoje nas estações de televisão brasileiras desde 1962. Após a estreia do programa, em 25 de novembro de 1962 na TV Tupi, esse começou a ser transmitido apenas na cidade de São Paulo com

93 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

Alcides Campolongo como apresentador. Em 1981, a TV Manchete começou a transmitir Encontro com a Vida, o primeiro programa da igreja adventista a ser transmitido em todo o Brasil. Para além desses dois programas, a igreja já havia disponibilizado outras produções televisivas, tais como Está Escrito,¹⁷ lançado em 1991. [...] Em 1996, a fim de unir e integrar todos os ministérios da área da comunicação em apenas um local, a Igreja Adventista criou o Sistema Adventista de Comunicação (Sisac) (atual Rede Novo Tempo de Comunicação, mas em inglês continua a ser conhecido como *Adventist Media Center*) com sede na cidade de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. No mesmo ano, a Rádio Novo Tempo migrou para o mesmo local. A igreja adventista também adquiriu um sinal do canal Intelsat, que mais tarde passou a chamar-se Televisão Adventista Satélite (Adsat TV, atualmente chamada TV Novo Tempo), que também começou a funcionar em Nova Friburgo.⁹⁴

Figura 27 – Rádio e TV Adsat (1996)



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

Em 1997, Neumoel Stina assumiu a direção geral do Sisac e, em 1998, tornou-se locutor de A Voz da Profecia. Nessa época, um dos objetivos do ministério era transmitir o programa de rádio em 500 estações até ao final de 1998, além de iniciar uma versão televisiva do programa, que estava planejada para ter cinco minutos de duração no novo formato.²⁵ Até ao final de 1998, o programa estava sendo transmitido para 400 estações de rádio brasileiras. Outra conquista desse ano foi a transmissão da programação da Rádio Adventista para o mundo pela internet.⁹⁵

94 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

95 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

Em 2003, a TV Adsat passou a se chamar TV Novo Tempo, e se criou o canal associado em espanhol, a *TV Nuevo Tiempo*.

Figura 28 – TV Nuevo Tiempo



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

Em abril de 2006, a Rede Novo Tempo de Comunicação firmou contrato com a TV Bandeirantes para a transmissão dos programas *A Voz da Profecia*, *Está Escrito* e *Feito para Você*. Todos os domingos pela manhã a programação de 60 minutos na TV Bandeirantes incluía 15 minutos com o pastor Montano de Barros, então locutor da *Voz da Profecia*, e o quarteto *Arautos do Rei*; um segmento de 15 minutos divulgando o trabalho da Gravadora Novo Tempo no programa *Feito para Você*; e 30 minutos para o programa *Está Escrito*.⁹⁶

A Rede Novo Tempo passou a operar para o Brasil em canal aberto em 23 de abril de 2006.⁹⁷ Após a compra da emissora de televisão, em 3 de agosto de 2006, os líderes da Rede Novo Tempo se reuniram com o secretário-executivo do Ministério das Comunicações para discutir pedidos de retransmissores feitos por líderes adventistas de Minas Gerais. Nesse ano, a Rede Novo Tempo estabeleceu um objetivo de acrescentar pelo menos mil retransmissores de sinal aberto.

Em julho de 2007, a Novo Tempo foi inaugurada na cidade de São José dos Campos, na região do Vale do Paraíba, em São Paulo. Até o momento, era o mais potente transmissor instalado pelo canal. A ocasião foi aproveitada para anunciar a *Escola no Ar*, um curso bíblico interativo de 18 lições, mais tarde transmitido na programação da TV Novo Tempo. O programa em formato de mesa redonda apresentava

96 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

97 Anteriormente, para que uma igreja retransmitisse o canal na sua comunidade, era necessário ter autorização específica da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), através de um projeto de implantação e compra de equipamento, além de realizar esses procedimentos e suportar as despesas de manutenção por conta própria. Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

um moderador e três convidados que discutiam e respondiam a questões teológicas.⁹⁸

Em 2008, a TV Novo Tempo estreou no canal de televisão por assinatura Sky (canal 141). Nessa época, a emissora alcançou mais de quarenta milhões de espectadores em toda a América do Sul, incluindo assinantes da Sky, usuários de televisão aberta em 44 cidades brasileiras e de outros seis países da América do Sul, servidos por meio da *Nuevo Tiempo*. Somado à audiência mencionada acima, o canal chegou à América do Norte, América Central, Europa e África com um alcance potencial de quase dois bilhões de telespectadores.

Entre 9 e 16 de julho de 2011, a rede de comunicação realizou a primeira transmissão televisiva de uma Semana de Oração Jovem. Concebida quase um ano antes, a semana de oração via satélite surgiu por iniciativa dos ministérios jovens da Divisão Sul-Americana, em parceria com a TV Novo Tempo. Durante sete dias, a transmissão do canal impulsionou o alcance da programação de tal forma que o evento se tornou um dos assuntos em alta (*trending topic*) na rede social Twitter.⁹⁹

Figura 29 – Primeira transmissão da Semana de Oração Jovem



Fonte: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org).

De 2012 a 2019, a Novo Tempo alcançou diversas conquistas, tais como: “ajudou a divulgar uma campanha de oração de dez dias para o reavivamento espiritual”;

98 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

99 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

“inaugurou novos estúdios, que acrescentaram cinco mil metros quadrados de instalações ao seu complexo”; “foram inaugurados novos programas, tais como O Clamor da Meia Noite, Vida Viva, Reavivados por Sua Palavra e Perfil Musical”; “inaugurou os programas Bom de Bíblia, Entre Família, e Planeta Gil & Cris”.¹⁰⁰

Um dos desafios enfrentados pela Rede Novo Tempo de Comunicação foi o seu crescimento na América do Sul. Nos primeiros anos, havia muitas dificuldades técnicas decorrentes da falta de profissionais especializados em rádio e televisão. No entanto, como passar do tempo, a formação dos funcionários tornou-se cada vez maior em resposta à crescente procura, o que criou um desafio: a expansão do centro. Para tal, a instituição necessitava superar dificuldades financeiras, uma vez que não faturava com os anúncios comerciais. Nesse contexto, as doações de empresários e voluntários supriram várias necessidades e contribuíram para a contínua expansão da Rede. O investimento da Novo Tempo em profissionais qualificados levou ao seu reconhecimento no segmento cristão. À medida que prosseguiu no ministério da televisão e rádio durante o século 20, também desenvolveu vários projetos centrados na plataforma NT Play, acessível através de dispositivos eletrônicos tais como computadores, *tablets* e celulares.¹⁰¹

A Rede Novo Tempo tem sido considerada por muitos comunicadores, evangélicos e seculares, um exemplo mundial de uso consciente e do Púlpito Eletrônico, sem apelar às estratégias psicológicas de manipulação da fé alheia. O uso do Púlpito Eletrônico na IASD se destina ao fomento da unidade e integração da fé, entre os membros desta Igreja, e à extensão da missão cristã no cumprimento tríplice dos propósitos da sua origem: ensinar, curar e pregar – advertindo ao mundo sobre a iminente volta de Jesus.

2.4 O auge da comunicação eletrônica religiosa: as marcas deixadas pela pandemia

Primeiramente, é imperioso enfatizar que os conceitos de comunidade e comunicação, concretizados por meio da interação entre os membros de um mesmo grupo, sofreram e ainda sofrem imensuráveis alterações desde a era do conhecimento. Antes mesmo da necessidade implícita do distanciamento social, em razão da pandemia de Covid-19, a interação da comunidade religiosa já tomava rumos bem distintos daqueles

100 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

101 Disponível em: Entenda a Rede Novo Tempo de Comunicação - Comunicação (adventistas.org). Acesso em: 12 jun. 2023.

tradicionais, pela interferência dos crescentes recursos tecnológicos na comunicação, o que, mais tarde, se tornaria o Púlpito Eletrônico.

Desse modo, desde as primeiras transmissões de rádio e TV de viés religioso, os ouvintes e telespectadores passaram a substituir, gradativamente, as reuniões, missas e cultos presenciais, pela ferramenta eletrônica. Ou seja, os conceitos de interação, comunicação e comunidade fragilizaram-se de tal maneira, que o termo “interação” passou a ser usado apenas no âmbito tecnológico e digital. “Interagir” se tornou a palavra de ordem no mundo virtual, numa inversão de prioridades, em que se estimula o indivíduo a fazer parte dos mais variados ambientes virtuais, trocando informações, expondo sua opinião, discutindo assuntos diversos, resolvendo burocracias ou apenas conversando por meio de aplicativos de mensagens (escrita, iconográfica, audiovisual),¹⁰² sempre mediado por uma tela.

Segundo a *Revista Adventista* de 20 de março de 2018:

Técnicos ligados a área de som e vídeo participaram neste último final de semana, entre os dias 16 e 18 de março [de 2018], do primeiro “Mídia Tec - Invisíveis, descobrindo sua nova igreja”, promovido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. O evento aconteceu na Rede Novo Tempo de Comunicação, em Jacareí, São Paulo. (REVISTA ADVENTISTA, 2018)¹⁰³

Figura 30 – Igreja Adventista realiza primeiro encontro de técnicos de mídia



Fonte: Lucas Nascimento, Rede Novo Tempo (REVISTA ADVENTISTA, 20 de março de 2018).¹⁰⁴

102 *WhatsApp, Messenger, Directy, Telegram* e outros tipos de *chats* específicos, a exemplo dos aplicativos de relacionamento, como o *Tinder*.

103 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/igreja-adventista-realiza-primeiro-encontro-de-tecnicos-de-midia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

104 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/igreja-adventista-realiza-primeiro-encontro-de-tecnicos-de-midia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Exatamente dois anos antes da pandemia ser oficialmente declarada, com o anúncio do primeiro *lockdown*, a matéria de 20 de março de 2018 informa que a “Igreja Adventista pretende ampliar o alcance da transmissão dos cultos”¹⁰⁵. Seria cômico se não fosse trágico, o fato de que, os caminhos que a igreja trilhava em direção à expansão midiática já se mostravam bastante evoluídos. Isto nos leva a questionar se a pandemia gerou o Púlpito Eletrônico, ou, apenas, antecipou o que já parecia inevitável.

Nesse contexto, em nível global, Alberto Klein discorre sobre a “interatividade”, pontuando a rápida mudança e deturpação daquele vocábulo:

[...] este conceito vem ganhando uma tonalidade monocromática, passando a designar não mais um diálogo entre dois indivíduos, mas um diálogo entre o usuário e a máquina. Percebemos, assim, que interagimos cada vez mais com aparelhos do que com seres humanos. Trocamos as filas do banco pela comodidade das operações pela Internet ou pelos caixas eletrônicos. Ao invés de um funcionário, quem nos cumprimenta é a máquina, e a julgar pelo número de informações e senhas requeridas, nossa conversa com ela está ficando cada vez mais longa. (KLEIN, 2006, p. 131)

No meio acadêmico, por exemplo, percebem-se as novas possibilidades interativas saudadas como o remédio para a passividade instaurada pelas mídias de massa, tendo como principal vilã a TV. A julgar pelo número de informações e senhas requeridas pelas facetas da internet, a conversa com ela se estende cada vez mais.

Segundo Rogério da Costa (2002, p. 13), a interação designa a “capacidade de relação dos indivíduos com os inúmeros ambientes de informação que o cercam”. Nessa perspectiva, compreende-se que a interatividade não está restrita à troca entre indivíduos que partilham o mesmo ambiente físico, mas também à relação entre o indivíduo e o ambiente. No entanto, o conceito tradicional de interação evidencia a relação entre seres humanos apenas como “[...] ação mútua ou compartilhada entre dois ou mais corpos ou indivíduos; comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato”.¹⁰⁶

Compreende-se que a linguagem sofre mutação de acordo com a evolução humana, descobertas e invenções, atribuindo termos comuns a novos objetos, situações ou comportamentos específicos, muitas vezes, de modo confuso. A definição de Costa para o termo interação tenta adequar o conceito ao mundo pós-moderno, ao evidenciar a “capacidade” do indivíduo em se relacionar, não com outros indivíduos, mas com os

105 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/igreja-adventista-realiza-primeiro-encontro-de-tecnicos-de-midia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

106 Disponível em: Oxford Languages and Google - Portuguese | Oxford Languages (oup.com). Acesso em: 12 jun. 2023.

“inúmeros ambientes de informação que o cercam” (*Op. Cit.*, p. 13), soando como um imperativo ao homem em relação às diversas tecnologias interativas. Desde o rádio, com a participação do ouvinte à distância, o uso do termo “interação” se naturalizou, já que representava o contato entre duas ou mais pessoas. Depois, a TV também entrou para esse grupo de ferramentas interativas, pela possibilidade de escolha de canais por parte do telespectador, mesmo não havendo interação entre os indivíduos, mas apenas entre o telespectador e a TV. Na mesma esteira, o DVD é considerado interativo, porque proporciona recursos ao usuário, como seleção de capítulos do filme, legendas e informações adicionais da produção (KLEIN, *Op. Cit.*, pp. 131-132).

A interação entre homens e ferramentas tecnológicas de comunicação viabilizou avanços sociais – abarcando o meio religioso –, quando da criação de *hardware* e *software* para computadores com finalidades específicas, como a resolução e a agilidade de problemas burocráticos, acesso a um maior número de informações, comunicação em tempo real, educação a distância, entretenimento. Outrossim, a comunicação do evangelho por meio de mídias eletrônicas também fez crescer o número de fiéis.

Não se pode negar a influência do evangelho na sociedade brasileira atual. Muitos jogadores de futebol e atletas de outras modalidades esportivas estão abraçando a fé evangélica. Vários profissionais do mundo artístico estão se despertando para a fé cristã e cresce cada vez mais a representatividade política evangélica, tanto a nível federal, como estadual e municipal. Uma boa parte da igreja evangélica faz-se presente hoje na mídia por meio de programas de rádio e TV. [...] Onde está então a crise? Bem, enquanto temos motivo de sobra para comemorar o crescimento dos evangélicos em nosso país, temos ao mesmo tempo algumas razões para estarmos preocupados. (ROMEIRO, 1995, p. 10)

A crise se encontra na dificuldade de definir uma justa, equilibrada, “medida” para o uso dessas tecnologias. Não somente no meio religioso, mas em todas as esferas da sociedade, a crescente e contínua criação e inovação das tecnologias da informação e comunicação causa danos à interação social real, deformando a essência dos conceitos de comunidade e comunicação, imprescindíveis para a existência e manutenção de qualquer cultura do mundo.

Juracy Barros (2019, p. 104) enfatiza a importância da convivência do discipulado em comunidade como princípio fundamental do adventista remanescente, apoiado no conselho bíblico: “Deus convida seus fiéis a viverem em plena comunhão uns com os outros”. E acrescenta:

O ser humano foi criado para viver em comunidade. Viver em comunidade leva-nos a crescer no relacionamento, respeito, amor e

consideração com nosso semelhante. Somente vivendo em comunidade podemos revelar quem somos. Além disso, a vida em comunidade proporciona oportunidades para praticarmos boas obras em favor do nosso semelhante (Hb 10:24). (BARROS, *Op. Cit.*, p. 105)

Embora ressalte essa premissa, Barros não se opõe ao uso das tecnologias, mas adverte que a substituição da comunidade real pela comunidade virtual desconstrói o fundamento primordial da convivência. Outrossim, para Barros, a comunicação digital

[...] tem dificultado aos seres humanos uma aproximação frágil entre as pessoas. Elas se tornam mais vulneráveis e instáveis, e os relacionamentos, descartáveis. Usar esse mecanismo dá uma falsa ideia de comunidade que, na realidade, não passa de descontração e distração. (BARROS, *ibid*, p. 105)

Junto à importância da comunidade, para a IASD, está a comunicação, pois uma depende da outra, numa relação dialética e dialógica. O objetivo da comunidade adventista é a comunicação do evangelho, assim como a comunicação entre os membros, sob a égide da Palavra, reforça os laços de comunhão. “A ordem de Jesus ‘ide e pregai’ significa, em outras palavras, vá e comunique, transmita o evangelho, as boas-novas da salvação, a mensagem gloriosa de que Deus ama o mundo e quer libertá-lo da escravidão do pecado, do vício, da depressão e da angústia” (JARDIM, 1993, p. 13).

De modo geral, a comunicação se dá por intermédio de uma linguagem comum, expressa por meio da escrita, do discurso falado, imagens, símbolos, mitos. A linguagem, por sua vez, se constrói a partir da capacidade do indivíduo, ainda em tenra infância, de reproduzir, ou imitar (*mimésis*, do grego), os sons que estão à sua volta, incluindo o ambiente, além dos demais componentes de seu núcleo primordial, a família. A comunicação representa apenas uma, das diversas formas de expressão. Nem toda expressão deseja comunicar, mas toda comunicação necessita ser expressa para que possa ser compreendida.

A Comunicação, como área de estudo, começou como sinônimo da concepção de mídia, no século 19, na Europa. Max Weber é um dos primeiros estudiosos a propor uma “sociologia da imprensa”, em 1910, que viria a se tornar “sociologia da comunicação”. Somente em 1941, a Comunicação Social passou a se dedicar aos efeitos sociais do rádio, já que naquele momento este era a primeira ferramenta midiática considerada de massa, por seu alcance populacional. Definiu-se a comunicação pelos aspectos simbólicos, pela teoria da comunicação como “transmissão” na troca de informações, e como “ritual” no

trabalho executado para conectar, viabilizando a troca de informações.¹⁰⁷ É preciso, no entanto, distinguir comunicação de discurso, embora todo discurso intente comunicar uma mensagem específica, mas nem toda comunicação é constituída de discurso. A informação e a comunicação fazem parte do discurso, que ocupou, de maneira significativa, a vida política e social, associada a elementos simbólicos.

Media-se cada discurso por uma forma de linguagem específica. Há discursos mediados por palavras escritas (os textos políticos, de modo geral); a linguagem das “causas” (mediadas por textos interventivos, cartas abertas, manifestos); outros, pela oratória e a retórica (como nos modelos ditatoriais, autoritários e totalitários) (NOGUEIRA, *Op. Cit.*, p. 26). Posto que o “texto religioso” faz parte da cultura, ele possui assimetrias que deixam brechas interpretativas e criam novos textos. Esse fenômeno ocorre no processo de “tradução”, em que, no caso do Púlpito Eletrônico, um discurso é proferido com intenção de causar outro sentido no telespectador.

Dessa forma, não estamos vivendo um momento novo nas práticas que encontramos no mundo evangélico contemporâneo, no que chamo de leitura mágico-desafiadora dos milagres. Com esta expressão quero me referir aos milagres como modelos de desafio da divindade a partir de um ato de fé que prende a divindade à intenção do fiel. [...] Na leitura contemporânea, especificamente, o milagre bíblico é apenas uma metáfora para outro milagre: curas, sucesso econômico ou sucesso amoroso. (NOGUEIRA, *ibid*, p. 27)

Tal qual acontece no Púlpito Eletrônico, o salvacionismo e todas as falsas promessas fazem parte desse “texto religioso” assimétrico, por meio do qual alarga-se a brecha aberta intencionalmente pelo espetáculo eletrônico. Não é por acaso que os televangelistas se tornam figuras veneradas pelos fiéis telespectadores. O “milagre” não passa, conscientemente, pelo intermédio de Deus, mas atravessa a consciência arrebatando o público pela emoção, pelo êxtase, transferindo o poder e as honrarias para o ator do teatro eletrônico.

No final de 2019, com a emergência da pandemia, expandiu-se a necessidade do uso das Tidics. Em decorrência do isolamento social, todos os serviços básicos passaram a funcionar por meio de ferramentas eletrônicas: rádio, TV e internet. Ainda não se sabia,

107 Nas décadas de 1950 e 1960, a sociolinguística se dedicava ao estudo da linguagem em diferentes contextos sociais, constatando que as pessoas mudavam a forma da língua de acordo com o ambiente e a época.

mas, a partir daquele “evento”, toda a comunicação se alteraria drasticamente e, em consequência, todos os aspectos da vida em comunidade.¹⁰⁸

Segundo Vanderlei Dorneles (2014), a dominação do fenômeno do Púlpito Eletrônico sobre a comunicação tradicional do evangelho se explica pela via psicológica, somada à grande oferta desse tipo de comunicação religiosa. Dorneles esclarece que, desde a religião primitiva, o elemento místico do sobrenatural causador da experiência carismática ocorre por interferência do “inconsciente”. Longe de tentar superar os fenômenos religiosos pelo ponto de vista psicológico, o autor ressalta que esta é apenas uma forma de elucidar a fonte das emoções extasiantes que o espetáculo religioso é capaz de causar.

Os fenômenos de transe podem ser alcançados por vários meios que alteram a consciência e permitem o acesso aos conteúdos inconscientes, como as experiências orientais da meditação, as experiências de quase morte (EQM), as revelações, as visões, os sonhos e o uso de algumas drogas, como os alucinógenos (DORNELES, *Op. Cit.*, p. 126). A teoria do inconsciente foi elaborada por Sigmund Freud (1856-1939), tomando rumos diferentes a partir de seu interlocutor Carl Gustav Jung (1875-1961), com a teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Contudo, é na década de 1990 que vários pesquisadores se debruçam sobre os estudos a respeito das emoções, como Daniel Goleman, trabalhando com a ideia de “mente emocional” e “mente racional” (*ibid*, p. 127). “A definição dessa certa independência da mente emocional em relação à racional favorece a compreensão das experiências espirituais, trazidas à mente durante estados de transe” (DORNELES, *Op. Cit.*, p. 128).

Mas essa explicação não esgota as incontáveis razões do alto sucesso e poder fascinante do Púlpito Eletrônico. Conforme mencionado anteriormente, o panorama geral da cultura em questão desempenha um papel maior do que se imagina. Retornando à análise genealógica de Assmann (*Op. Cit.*, p. 80), o cenário social, político, econômico e

108 Com o isolamento social, em meio à pandemia, houve uma fase em que as igrejas ficaram fechadas e tanto os “dízimos” (usados para manutenção dos pastores e evangelização) quanto as ofertas (usadas para a manutenção dos templos: zeladoria, água, luz, equipamentos de som, etc.) tiveram uma queda drástica. Neste ponto, além da modelização do discurso de “fidelidade no cumprimento da missão”, por parte dos membros com forte ênfase ao conceito bíblico de “mordomia cristã” (que é parte substancial e preponderante da cosmovisão adventista criacionista – remontando às origens humanas e ao “paraíso perdido”: Onde o homem, depois de ser criado, é posto por Deus para cuidar e “administrar” toda a Natureza e todas as demais criaturas), houve uma série de estratégias tanto para manter acesa na mente dos membros a chama da evangelização (com *slogans* do tipo: “A Missão Continua”) como, também, a ênfase e consequente crescimento geométrico no uso do aplicativo “7 me”: através do qual, por meio do celular, a membresia pode entregar os seus dízimos e ofertas – tudo com a praticidade e rapidez que a plataforma digital proporciona – sem necessidade de sair de casa e quebrar o isolamento social.

educacional são os grandes fatores decisórios do nível de manipulação de uma população por parte do espetáculo religioso eletrônico.

O Brasil se enquadra perfeitamente nesse contexto macro, no qual a má-fé de muitos líderes religiosos charlatães alcança públicos cada vez maiores e com uma velocidade assustadora. Assim, a potencialização do fenômeno, durante a pandemia e, principalmente, depois dela, só tendia a crescer, visto que o acesso exagerado às Tídics se tornou via de regra, tanto pelo uso desenfreado dessas tecnologias no período da pandemia, quanto pelo grande fomento a inovações desta área no percurso do tempo, gerando um efeito de arrebatamento massivo, naturalizado pelo hábito do distanciamento social presencial.

Ressalta-se que, mesmo as religiões sérias que fazem uso de recursos eletrônicos, não estão isentas de certos exageros midiáticos, a exemplo de uma parcela da IASD. A Rede Novo Tempo é um exemplo de uso eletrônico condizente com as necessidades culturais de sua época; no entanto, isso não a isenta de sofrer as consequências da substituição da comunicação tradicional por meio da verdadeira união da comunidade adventista, que passou a preferir o conforto da “tela”, pondo em risco a missão da IASD: a comunhão da comunidade e a comunicação presencial do evangelho.

Nesse sentido, examinam-se alguns aspectos dessas alterações, tomando como aporte teórico as análises do filósofo Zygmunt Bauman.

2.4.1 Excesso de informação e a busca da felicidade

Na concepção de Bauman, o problema do excesso de informação na pós-modernidade é um dos vilões da degradação social. “Um único exemplar da edição dominical do *The New York Times* contém mais informação do que a que seria consumida por uma pessoa culta do século 18 durante toda a vida” (BAUMAN, 2009, p. 54).

Ao contrário do que se imaginava no passado, o “futuro” não se revelou ascendentemente evolutivo. Quanto mais tecnologia se constrói, menos se tem de gratificação verdadeira no dia a dia. O excesso de informação produzida e lançada sobre as cabeças não nos permite filtrar os conteúdos e, na desesperada corrida por informação, consome-se de tudo sem qualquer critério. Como se não bastasse apenas o fato do excesso, há o gritante problema das Fake News que, nesse ambiente virtual, encontram alvos fáceis em larga escala.

Essa farsa virtual, que não convence a todos, causa uma vertiginosa quebra de expectativas. Aqueles que não cederam à exacerbação do fantasioso mundo “conectado”, logo se cansam da “tela”. E, o que sobra, na sociedade pós-moderna, além da “tela”?

Ainda na acepção de Bauman, a busca pela felicidade é proporcionalmente inversa à infelicidade desses indivíduos, posto que, na análise dos mecanismos de “lazer” dispostos na pós-modernidade,

Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso. Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade! (BAUMAN, 2004, p. 8)

Assim, a relação entre tecnologia, informação e a busca pela felicidade tem provocado um número imensurável de pessoas infelizes.

Segundo praticamente todos os relatórios de pesquisa examinados e resumidos por Rustin, “as melhoras nos padrões de vida em nações como Estados Unidos e Grã-Bretanha não estão associadas a um aumento – e sim a um ligeiro declínio – do bem-estar subjetivo”. Robert Lane descobriu que, apesar do imenso e espetacular aumento das rendas dos americanos nos anos do pós-guerra, a felicidade por eles declarada era menor. (BAUMAN, *Op. Cit.*, p. 8)

Ultrapassando as barreiras do consumo concreto, passamos a consumir simbologias, *status* social (ainda que aparente), *likes* nas redes sociais, aprovação, elogios. A “roda da fortuna” parece ter girado aos 180 graus, e a busca pela felicidade retoma sua essência, ainda que distorcida: a necessidade de afeto, a busca por pertencimento.

Klein explica para onde vai a afetividade:

[...] Malena Segura Contrera (2002), em um ensaio sobre o resgate do corpo em uma sociedade tecnológica, defende a criação dos vínculos afetivos através do corpo como substrato dos processos comunicativos, em uma sociedade que dá preferência cada vez mais às telecomunicações, colocando em crise o próprio corpo. Daí a necessidade de resgate de um conceito de comunicação que se aproxime de uma palavra que compartilha a mesma raiz: *comunhão*. Por ser um homem cheio de carências, o homem cria vínculos com o outro a partir de seu próprio corpo. E, neste sentido, Pross assume outra direção ao considerar a comunicação como o suprimento de um déficit. Assim, comunicar significa a constituição de vínculos afetivos, sentimentos de pertença, seja no nível das relações interpessoais em nosso cotidiano, seja em relação à cultura como um todo. Em “Os Alimentos do Afeto”, o etólogo Boris Cyrulnik nos diz: “é preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única”. (KLEIN, 2006, p. 89)

Significa dizer que uma cultura é fundamentada no pertencimento, ou seja, na identidade que tal comunidade empresta ao sujeito, e este processo se constrói por meio da comunicação, em sua completude, na qual o afeto se estrutura na presença e união dos membros. Nesse sentido, o afastamento gerado pela comunicação midiática não supre tal necessidade imprescindível aos seres humanos em sua integralidade holística.

2.4.1.1 Consumismos e “consumidos”

Na análise da tríade tecnologia, informação e felicidade, o resultado encontrado na pós-modernidade é o consumismo, que substituiu o “ser” pelo “ter”, manifestando-se na busca pela satisfação imediata dos mais diversos desejos que a lógica do consumo possa alcançar. No entanto, o consumismo se caracteriza justamente por falsear uma satisfação pouco duradoura, posto que o desejo não se encerra no “ato” de consumir, substituindo o desejo pela coisa em si, uma vez que o fenômeno do consumismo não considera critérios do objeto de consumo, como necessidade, utilidade, valor. O mercado que fomenta esse tipo de consumo desenfreado não se fundamenta no valor real dos objetos – em sentido amplo do termo –, mas na criação de uma falsa ideia de valor, sutil, simbólico, ilusório, isto é, na lógica do consumismo, as coisas não têm “valor”, têm preço.

Pegando o gancho do simbolismo mercadológico, o “preço” que se paga pelo consumismo é alto, ou melhor, “não tem preço”! A insatisfação gerada pela reiterada conduta, apesar de se diversificar, não chega a trazer felicidade, mas algo muito longe disso. Tal qual o ratinho – hamster – correndo na pequena gaiola sempre a girar, sem sair do lugar, o indivíduo continua nesta esgotante “roda-viva” sem jamais alcançar a paz que seu coração almeja e a felicidade que tanto persegue.

Conforme advertia com acurácia o catedrático Jesús Martín-Barbero, já no prefácio da sua obra seminal *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, este é o grande campo onde se travam acirradas e diuturnas batalhas no terreno simbólico, em disputa das mentes e corações dos consumidores – promovendo a contínua “erosão da ordem coletiva”:

[...] O mercado não pode *sedimentar tradições*, pois tudo o que produz “desmancha no ar” devido à sua tendência estrutural a uma obsolescência acelerada e generalizada não somente das coisas, mas também das formas e das instituições. O mercado não pode criar *vínculos societários*, isto é, *entre sujeitos*, pois estes se constituem nos processos de comunicação de sentido, e mercado opera anonimamente mediante lógicas de valor que implicam trocas puramente formais,

associações e promessas evanescentes que somente engendram satisfações ou frustrações, nunca, porém, sentido. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 15)

Algumas páginas adiante, refletindo sobre “as transformações que atravessam os mediadores socioculturais, tanto em suas figuras institucionais e tradicionais – a escola, a família, a igreja, o bairro –, como novos atores e movimentos sociais emergentes” e, também, cotejando o papel preponderante e catalisador dos meios de comunicação no engendramento e modelação deste grande mercado mundial – desde sempre, sonho e música suave aos ouvidos dos capitalistas ávidos e vorazes em busca de lucros –, Martín-Barbero completa num lúcido e tonitruante alerta:

O que busco com essemapa é reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador” entre as pessoas e mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da sociedade em mercado, e deste em principal agenciador da mundialização (em seus muitos e contrapostos sentidos). (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 20)

Essa constatação já era prevista desde a primeira fase do capitalismo. Ora, Platão, na Grécia Antiga, já havia discutido longamente acerca da curta durabilidade da felicidade quando esta depende da satisfação das “paixões” humanas, posto que, tão logo o desejo se realize, um outro toma seu lugar, o que inviabiliza o alcance da verdadeira felicidade, aquela que não se redime aos prazeres imediatos, mas se fundamenta na busca pela sabedoria, na justa medida de suas ações, na ética e, acima de tudo, no autoaperfeiçoamento da alma¹⁰⁹.

Assim, não é forçoso tecer uma relação direta entre a concepção de felicidade platônica e o modo como o capitalismo dela se apoderou, revertendo em ganhos, as perdas daqueles que se deixam levar pelos mais diversos desejos imediatistas, na busca pela felicidade, que está, deveras, na ponta oposta. A busca incessante pela felicidade nos moldes do consumismo teria seus dias contados, no declínio da efetiva satisfação das demandas geradas pela própria lógica do consumo, muito embora, o mercado venha se reinventando continuamente, estando sempre “na crista da onda”, de modo que o próprio modelo capitalista sabia que a falsa “fonte dos desejos” haveria de secar; aliás, em realidade, ela jamais existiu. E, em face da ameaça prevista, novas ofertas prometem levar

109 Cf. PLATÃO. *A República*.

“felicidade” para aqueles que já não a encontram no consumismo tradicional. Foram, assim, consumidos por uma ideia de que a felicidade poderia ser alcançada pelo consumo, pelo acúmulo, pelo desejo e pelo poder de “ter”.

Na velocidade em que o mundo “evolui”, a felicidade tem ficado cada vez mais distante de ser alcançada, pois sua conquista exige o esforço proporcional à sua durabilidade. Ademais, em diálogo com Martín-Barbero, para Bauman:

A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescentedistânciatemporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. (BAUMAN, 1998, p. 31)

Desde as primeiras “escolas” filosóficas, encontramos aqueles que se caracterizam, primordialmente, pela prática de suas ideias. Os chamados filósofos da práxis – Estoicos, Céticos e Epicuristas – tinham como finalidade última a busca pela felicidade na prática de suas filosofias, fundadas na ética, na sabedoria e no autoconhecimento.

Como George L. Mosse resumiu sua história do racismo, documentada de modo bastante convincente, “é impossível separar os questionamentos filosóficos do Iluminismo sobre a natureza e o exame que fez da moralidade e do caráter humano... [Desde] o início... a ciência natural e os ideais morais e estéticos dos antigos se deram as mãos”. Da forma em que foi moldada pelo Iluminismo, a atividade científica era marcada por uma “tentativa de determinar o lugar exato do homem na natureza através da observação, mensurações e comparações entre grupos de homens e animais” e da “crença na unidade do corpo e da mente”. Esta última “supostamente se expressava de forma tangível, física, que podia ser medida e observada”. (BAUMAN, *ibid*, p. 91)

E, tantos milênios depois, a essência da felicidade permanece no “ser”, pois “ser” é verbo de ligação, mas, também, é verbo de ação, relativo à própria existência¹¹⁰: sou feliz, sou forte, sou sábio, sou honesto, sou ético, sou humano. Enquanto “sou”, nada me pode ser retirado; conquanto, tudo que eu posso “ter”, me pode ser roubado, retido, perdido. Neste sentido e diapasão:

¹¹⁰ “Ação de ser; a própria existência”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ser/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

O único personagem que os praticantes do mercado podem e querem reconhecer e acolher é o *homo consumens* o solitário, autorreferente e autocentrado comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia; um personagem para quem o enxame de clientes do shopping center é a única comunidade conhecida e necessária e que vive num mundo povoado por outros personagens que compartilham todas essas virtudes com ele, e nada além. (BAUMAN, *ibid*, p. 89)

Portanto, aquilo que antes era visto como característica positiva – a durabilidade das coisas –, também seguiu o curso da deturpação de sentido. A velocidade com que os produtos mercadológicos se alteram acompanha o ritmo das Tidics, transpondo ao indivíduo e suas relações o caráter descartável do consumismo.

É preciso mostrar que as áreas da vida ainda não mercantilizadas escondem perigos que não podem ser afastados sem a ajuda de ferramentas e serviços comprados, ou que devem ser depreciadas como inferiores, repulsivas e, em última instância, degradantes. [...] O que está mais visivelmente ausente no cálculo econômico dos teóricos, e figura no topo da lista dos alvos da guerra comercial segundo os praticantes do mercado, *é a enorme área do que A. H. Halsey denominou a “economia moral” – o compartilhamento familiar de bens e serviços, a ajuda entre vizinhos, a cooperação entre amigos: todos os motivos, impulsos e atos com que se costuram os vínculos e compromissos duradouros entre os seres humanos.* (BAUMAN, *Op. Cit.*, p. 89, *itálicos acrescentados*)

Quanto mais consome, mais vazio se torna o homem, e é esse vazio que retroalimenta a máquina do capitalismo, e outros “produtos” são criados para os desejos dos que foram consumidos pelo consumo excessivo.

É sob este pano de fundo que se inserem os novos produtos do consumismo pós-moderno, a saber, as tecnologias e suas ilusórias promessas de felicidade. Numa dupla inversão de valores, as infotecnologias se erguem sobre o discurso da interatividade, do contato, da proximidade, da afetividade, do pertencimento; enquanto os resultados reais são o extremo oposto do que se busca: a frieza e superficialidade das relações humanas mediadas pela “tela”. Ironicamente, o *slogan* “encurtar distâncias” transmutou-se em “distanciar pessoas”, que naturalizaram o isolamento ao ponto da absurda substituição, do contato real, pela proximidade virtual. Encantadas com seus aparatos tecnológicos cada vez mais modernos, retornam à problemática questão inicial, na qual buscam a felicidade por meio do consumismo imagético, tecnológico, midiático, em que a tela representa uma ilusória percepção de comunidade e comunicação, enquanto o mercado vibra com o sucesso do velho, em novas roupagens, o “ter” travestido de “ser”.

“*Sapere Aude!*” (“Ouse saber!”) era uma das máximas iluministas proferida pelo filósofo Immanuel Kant, em defesa da razão e do conhecimento científico, que culminaram em disputas tão acirradas por uma suposta verdade absoluta, autoridade científica máxima, que serviu de respaldo para a “engenharia social” do nazismo. Nesse diapasão, é mais que relevante a toda pesquisa de caráter sociológico, ético, comunicacional e teológico, informar e enfatizar que Bauman, com total propriedade, analisa as ações da “engenharia social” nazista, sob o escopo científico das premissas do projeto iluminista:

Para os planejadores nazistas da sociedade perfeita, o projeto que perseguiram e estavam decididos a realizar através da engenharia social dividia a vida humana em útil e inútil, com ou sem valor, aquela a ser amorosamente cultivada a receber *Lebenstraum* [espaço vital], a outra a ser “afastada” ou – se o afastamento se revelasse infactível – exterminada. Os simplesmente alienígenas não eram objeto de política estritamente racial: a eles podiam ser aplicadas velhas e provadas estratégias tradicionalmente associadas à inimizade competitiva – deviam ser mantidos além de fronteiras estreitamente vigiadas. Os deficientes físicos ou mentais eram um caso mais difícil e exigiam uma política nova, original: não podiam ser expulsos ou colocados atrás de cercas, uma vez que não pertenciam de direito a nenhuma das “outras raças”, embora indignos também de participar do Reich de mil anos. Os judeus constituíam caso essencialmente similar. [...] Assim, o isolamento dos judeus só podia ser umpaliativo, um estágio no caminho para a meta final. (BAUMAN, *Op. Cit.*, p. 90)

A lógica nazista da utilidade se assemelha à do capitalismo, em que os sujeitos representam apenas consumidores, meras ferramentas na grande máquina do mercado. No entanto, é forçoso ressaltar que, na ideia central do nazismo, havia uma parcela da população a ser salva, ainda que esta ideia esteja completamente distorcida por um nacionalismo fanático, quiçá patológico.

A questão não seria resolvida com a simples extirpação dos judeus da Alemanha. Mesmo vivendo bem longe das fronteiras alemãs, os judeus continuariam a produzir erosão e desintegração da lógica natural do universo. Ao ordenar a suas tropas que lutassem pela supremacia da raça alemã, Hitler acreditava que a guerra que ele desencadeava travava-se em nome de todas as raças, era em suma um serviço que prestava à humanidade racialmente organizada. Nessa concepção de engenharia social como obra cientificamente fundada com vistas à instituição de uma nova e melhor ordem (obra que necessariamente implica a contenção ou, de preferência, a eliminação de quaisquer fatores de ruptura), o racismo refletia de fato a visão de mundo e a prática da modernidade. (BAUMAN, *ibid*, pp. 90-91)

Dessa forma, compreende-se que as características nefastas do modelo de consumo gerado pelo capitalismo superam as do nazismo em sua essência, uma vez que

a intenção por trás de todo o horror cometido pelos dois, distingue-se pela simples diferença entre a ideologia do nazismo e o voluntarismo do mercado. Enfatizamos, entretanto, que tal análise não se trata de qualquer defesa ao nazismo. Longe disso, o que se frisa é o caráter inescrupuloso do capitalismo e suas consequências.

2.4.2 Perdas e ganhos: intoxicação digital

No contexto da pós-modernidade, acrescidas as consequências dos períodos pandêmico e pós-pandêmico, houve – e há – perdas e ganhos de proporções imensuráveis, na qual, a intoxicação digital tem demonstrado níveis degradantes em todos os segmentos da sociedade, em especial, no âmbito religioso. Essa intoxicação digital, potencializada e naturalizada pela (na) pandemia, gerou um enorme amontoado de sujeitos insatisfeitos e infelizes. E, conforme já alertava o profeta Isaías há séculos:

Ah! Todas vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares. Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá [...]. (Isaías 55:1-3, ARA)

O problema jamais encontrará solução, pois estas multidões, cada vez maiores, de indivíduos insatisfeitos e infelizes insistem no erro de continuar buscando satisfação e felicidade onde não existe:

O sentimento de insatisfação [...] é um dos pontos de contato mais importantes para a proclamação do evangelho. Em primeiro lugar, essa proclamação interpreta esse sentimento vago e sem forma como um anseio por *Deus*. Dá substância e forma cognitivas ao que de outro modo seria uma intuição subjetiva amorfa e não identificada. Em segundo lugar, propõe-se a satisfazê-la. Há um sentimento de descontentamento divino – não um descontentamento *com* Deus, mas com tudo o que não é Deus, que surge de Deus, que em última análise conduz a Deus. Sartre está certo: o mundo não pode trazer preenchimento, satisfação. Aqui ele ecoa a visão cristã, que prossegue para afirmar que aqui, no meio do mundo, alguma coisa que está por fim além do mundo torna-se disponível para nós. Não precisamos esperar pela eternidade para experimentar Deus; esta experiência pode começar, por mais imperfeitamente que seja, agora. Talvez a maior declaração deste sentimento, e sua interpretação teológica mais primorosa, sejam encontradas nas famosas palavras de Agostinho de Hipona: “Tu nos fizeste para ti mesmo, e nosso coração está inquieto enquanto não descansa em ti”. Há um sentimento de saudade de algum

lugar que nunca visitamos, a intimação de uma terra mui distante, que nos atrai apesar de não a conhecermos. (MCGRATH, *Op. Cit.*, p. 69)

Nessa perspectiva, faz-se mister, não apenas apontar as perdas, mas denunciá-las objetivamente, intencionando vislumbrar soluções possíveis, posto que a imobilidade do simples “reclame” não faz a roda da vida girar. É preciso – mais que preciso – é urgente buscar caminhos e trilhá-los em direção à compensação, reabilitação, restauração e recuperação do que foi “quebrado”. Assim, McGrath (2007) tece um relevante esclarecimento acerca do devido papel da teologia no processo de fortalecimento da fé, numa sociedade cada vez mais artificializada pela ilusória hipermediatização das relações.

Não é a teologia que faz brotar um avivamento. Teologia é o que irrompe de uma comunidade de fé autoconfiante e pensativa, refletida, e está de posse de uma visão esclarecedora sobre a razão por que ela existe e sobre o que se propõe fazer. É a expressão, não a causa, dessa visão. Como mencionou Ninian Smart, perceptivamente, “fazer teologia, no sentido apropriado, é articular uma fé”. Se não há nenhuma fé para articular, a teologia nada tem a transmitir ou expressar. A teologia pode ajudar a comunidade evangélica a julgar, reformular, contextualizar e melhor articular sua visão – mas ela não pode criar uma visão para começar. Uma tradição vibrante de reflexão teológica é o resultado, em vez de ser a causa, de uma comunidade dinâmica de fé. (MCGRATH, 2007, pp. 12-13)

Na ótica de McGrath, a teologia é resultado, e não causa, de uma comunidade unificada pelos mesmos preceitos religiosos, uma vez que a união comum – comunhão – dos membros de um grupo religioso é regida, necessariamente, pelo que podemos chamar de fé. Isto posto, o papel da teologia consiste, apenas, na manifestação dessa fé de modo organizado, e, portanto, é a fé que deve manter ativa a expressão dos princípios nos quais crê, e não o oposto.

Corroborando esta visão de comunidade, em diálogo com McGrath, o teólogo, filósofo, escritor e pedagogo austríaco, naturalizado israelense, Martin Mordechai Buber (1878-1965), que trabalhou mais e melhor que qualquer um dos seus pares a questão dos relacionamentos interpessoais mediados pela Fé e a vida comunitária, pontua:

A comunidade é união de homens em nome de Deus numa instância viva e sua realização. Tal união pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros e se encontram de modo imediato, na imediatez de seu dar e de seu receber. Esta imediatez existe entre os homens quando são retirados os véus de uma conceitualidade ditada pela procura de proveito [lucros], véus que não permitem ao indivíduo manifestar-se como pessoa, mas como membro de uma espécie, como cidadão, como membro de uma classe; a imediatez existe quando eles se encontram como únicos e responsáveis por tudo. Só então pode haver abertura, participação, ajuda. (BUBER, 2012, p. 47)

Depois de classificar e analisar vários tipos de comunidades, Buber indaga: “O declínio da comunidade representa [...] uma evolução inevitável? Ou é possível um retorno a ela” (BUBER, 2012, p. 52). Neste ponto e diapasão, faz lembrar o pragmatismo de Zygmunt Bauman em seu *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, em que afirma categoricamente:

Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. [...] “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. Paraíso perdido ou paraíso aindaesperado; de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitemos e nem de um paraíso que conheçamos a partir de nossa própria experiência. Talvez seja um paraíso precisamente por essa razão. A imaginação, diferente das duras realidades da vida, é produto da liberdade desenfreada. Podemos “soltar” a imaginação, e o fazemos com total impunidade – porque não teremos grandes chances de submeter o que imaginamos ao teste da realidade. (BAUMAN, 2003, p. 9)

Retomando Buber, em diálogo com Bauman, o teólogo austríaco deplora a situação mundial, sob o contexto da sua época, descrevendo os desajustes e mazelas dessa perda “irreparável” danossa “unidadevegetativa” e desse declínio global da comunidade:

[...] Nossa vida comunitária não é mais um “viver-um-no-outro” primitivo, mas um “viver-ao-lado-do-outro” ajustado. Não experienciamos, porém, tantas vezes que um autêntico olhar encontra seu parceiro de modo que, também para nós, o Tu é primordial e o “um-ao-outro” é sagrado? A alma da antiga unidade da espécie repousa, como na penumbra em nosso íntimo e não sabe se se aproxima a noite ou um novo dia. (BUBER, 2012, p. 53)

Na esteira da intoxicação digital massiva da religiosidade, é preciso voltar o olhar para a causa primordial da religião – a fé – e, a partir dela, buscar novas maneiras de reencontrar o caminho correto, ora desviado pela virtualização das relações comunitárias e comunicacionais do evangelho. Desta compreensão, infere-se que há uma necessidade pungente de uma reflexão profunda acerca dos aspectos que distanciam os membros de uma comunidade, bem como aquilo que os mantêm unidos.

O vazio, ora gerado pela midiatização exacerbada das relações ocupa, agora, o lugar que a presença real renegou, em nome de uma certa comodidade, uma espécie de preguiça coletiva. Esse vazio vem se alargando a tal velocidade, que, em breve, se tornará um abismo, e, diante do abismo, nada se vê, nada se ouve, nada se toca, nada existe, ou, só há o nada.

Este fenômeno tem sido reconhecido desde a aurora da civilização humana. Em um de seus diálogos, Platão compara os seres humanos a

jarros que vazam. De alguma forma, nunca estamos totalmente realizados. Podemos estar sempre despejando coisas nos “recipientes” de nossa vida, mas algo impede que alguns deles estejam inteiramente abastecidos. Estamos sempre meio vazios – e por esta razão, experimentamos uma profunda percepção de falta de realização e felicidade. “Os que já suportaram o vazio sabem que encontraram uma fome diferente, ou um vazio; nada na terra pode satisfazê-la” (Diógenes Allen). (MCGRATH, *Op. Cit.*, p. 69)

Esse vazio, acentuado pela pós-modernidade, é a mola propulsora do sucesso dos Púlpitos Eletrônicos, atualmente, uma vez que, intoxicado pelas falsas promessas do espetáculo religioso, o indivíduo tenta preencher seu vazio com aquilo que lhe ofertam primeiro, sem fazer qualquer esforço de distinção entre o que é falso e verdadeiro. Nenhum elemento terreno conseguirá preencher esse vazio, mas, somente a fé em atividade constante, ou seja, somente o avivamento prático e contínuo dos princípios que a fundamentam pode preencher tal vazio.

Em razão do exposto, questionamos: Quais serão as maiores mudanças litúrgicas (culto) e comportamentais dos fiéis da Igreja pós-pandemia? Em que grau ou medida estas mudanças contemplam e, também, divergem do modelo de comunidade proposto pela IASD? Quais as aproximações discursivas com o modelo emblemático e paradigmático estabelecido pela igreja primitiva?

Precisa-se notar que, tanto a cruz de Cristo quanto o amor de Deus são contraculturais, diante de um mundo que defende o “eu” e o “lucro”. Alguns líderes adventistas, em certa parte do mundo, disseram que o papel do evangelismo é fazer com que as pessoas se adaptem à cultura. “Não!” O papel do evangelismo é exatamente o contrário. É levar as pessoas a não se adaptarem a uma cultura julgada pela cruz e encontrada em falta; a não se adaptarem à uma cultura que chama a violência e o sexo ilícito de diversão; a não se adaptarem à uma cultura que paga milhões de dólares aos jogadores de futebol, mas permite que os professores de ensino fundamental ganhem um salário que mal dá para sustentar a família (KNIGHT, *Op. Cit.*, pp. 21-22).¹¹¹

Esse cenário aponta, segundo Bauman, um padrão já estabelecido, histórica e culturalmente, no qual, o que se ganha e se perde com essa nova realidade é apenas uma versão pós-moderna do *modus operandi* da sociedade:

Você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma outra coisa: a antiga norma mantém-se hoje tão verdadeira quanto o era então. Só que

¹¹¹ É preciso, no entanto, lembrar que os rituais e mitos, enfim, as religiosidades, enquanto “textos da cultura”, sofrem mutações e incorporam outras linguagens oriundas do espectro cultural, mas não se curvam a qualquer “cultura” sem uma avaliação criteriosa baseada nas Escrituras e na “verdade presente”.

os ganhos e as perdas mudaram de lugar: os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. (BAUMAN, *Op. Cit.*, p. 10)

Essa troca entre perdas e ganhos, na pós-modernidade, se mostra mais acentuada nas perdas, pois, o panorama geral aponta para uma tendência ascendente em direção à superficialidade da hipermidiatização, com o excesso de informação e a velocidade com que se movem, intencionalmente, impossíveis de acompanhar.

Assim, no decurso das transformações que a pandemia causou e/ou potencializou na sociedade, no que se refere ao uso das tecnologias comunicacionais, todos os segmentos se renderam ao domínio tecnológico, como as compras por internet, desde alimentação *fast food*, vestuário, medicamentos, cosméticos, bebidas e até as compras mensais, antes realizadas no supermercado comum.

Byung-Chul Han, teólogo, professor de Filosofia e Estudos Culturais, e incensado escritor sul-coreano, na obra *Sociedade do cansaço* (2024), explora essa tendência a partir de uma análise comparativa entre o homem pós-moderno e o animal selvagem:

Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha a um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem. (HAN, 2024, p. 34)

Significa dizer que, quanto mais a humanidade “evolui” tecnologicamente, mais a nossa atenção terá que se dividir, de modo a perder de vista a capacidade de contemplação. Por contemplação, entenda-se a capacidade de reflexão profunda, de raciocínios mais complexos, de posicionamentos mais razoáveis, ou seja, a capacidade de pensar e agir em conformidade com tudo aquilo que nos aproxima da “felicidade”, considerando a definição de felicidade herdada dos filósofos pré-socráticos, aquela felicidade que se “confunde” com a sabedoria e a tranquilidade ou, ainda, a *ataraxia* (do grego), que significa “a imperturbabilidade da alma”.

Nossa atenção, nossos olhos, nossa inclinação devem, portanto, estar voltados à contemplação profunda, a fim de podermos retomar o controle consciente sobre nossas ações, uma vez que, é no exercício da contemplação, que impedimos o atrofiamento das nossas capacidades reflexivas, e nos distanciamos daquelas características do animal selvagem, como a imediatez, a impulsividade, a automação, o instinto cego.

Quando Aristóteles afirma que somos animais indefinidos, e, assim, diferentes dos outros animais, está se referindo, justamente, à essa nossa capacidade contemplativa/reflexiva. Aliás, toda a Filosofia Antiga categoriza a contemplação/reflexão como condição *sine qua non* nos diferenciamos dos outros animais. Já na Filosofia Moderna, a capacidade de contemplar ideias, de se demorar nesse processo do pensar reflexivo, é chamado de “racionalidade”¹¹². Nesse cenário, a “racionalidade” carrega atributos que não se referem, diretamente, à felicidade, por exemplo, mas à consciência e à capacidade crítica para a tomada de decisões razoáveis, de acordo com a cultura de cada ambiente, território e/ou período histórico – e seus consequentes eventos.

A pós-modernidade, com sua agilidade tecnológica, inculcou no homem a temporalidade de “Cronos”, forçando-o a assumir, a cada instante, uma posição imediata, apressada, impensada. Não há contemplação na pós-modernidade, não há “tempo a perder” com reflexões, não cabe ao homem pós-moderno a tranquilidade e, consequentemente, tampouco, a felicidade. Han (2024) alude a Nietzsche, acerca da contemplação e seu caráter formativo da humanidade:

O próprio Nietzsche, que substituiu o *ser* pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal, se dela for expulso todo elemento contemplativo: “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.”¹¹³ (HAN, 2024, p. 39)

Nesse sentido, o setor da educação se insere como o mais significativo, posto que é a partir dele que formamos nossas primeiras concepções acerca do conhecimento científico, que está intimamente vinculado ao exercício contemplativo e à aquisição de saberes diversos. Não por acaso, este setor foi um dos mais atingidos pelas perdas, na pandemia, se comparado aos demais segmentos, tendo passado por drásticas e repentinas mudanças. Embora, nem todas as escolas do Brasil estivessem preparadas para a adesão

¹¹² A razão, na Filosofia Moderna, é tema de inúmeras discussões e teorias, possuindo definições diversificadas, de acordo com cada contexto em debate, a exemplo da dualidade “racionalismo *versus* empirismo”. Porém, o sentido de racionalidade (Moderna), ao qual nos referimos, está assentado na seguinte definição: “A racionalidade é característica daquilo que é racional, que está de acordo com a razão. Ex.: princípios racionais, decisão racional. *Oposto a* irracional.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2000, p. 233).

¹¹³ Cf. NIETZSCHE, F. *Menschliches, Allzumenschliches I* – Kritische Gesamtausgabe, 4ª seção. Vol. 2. Berlim, 1967, p. 236. (Nota do Autor).

ao sistema de ensino à distância e/ou híbrido (junção de aulas presenciais e remotas), com aparatos tecnológicos inteligentes, visto o grande percentual de exclusão digital na educação pública, muitas comunidades reuniram esforços para manter as atividades em exercício. Onde os recursos tecnológicos não conseguiam chegar, outras medidas foram tomadas por parte das equipes pedagógicas dessas escolas, dos alunos e de seus familiares, a exemplo da distribuição domiciliar de atividades impressas, para aqueles estudantes que não possuíam acesso à internet, dentre alternativas.

Outrossim, houve alguns ganhos na educação, para uma parcela da população brasileira. Em Goioerê, município do Estado do Paraná, por exemplo, os alunos da Escola Adventista foram obrigados a substituir as aulas presenciais pelas virtuais. “Essa nova adaptação, embora tenha surpreendido a todos, não foi um problema para a rede Adventista que soma mais de 120 anos de história no Brasil”.¹¹⁴

A plataforma e-Class permite que o professor aplique o mesmo conteúdo da sala de aula de maneira virtual, seja fazendo uso de textos ou mídias. Através dela é possível criar e gerenciar todas as aulas, além de acompanhar as atividades dos alunos de acordo com a sua turma.¹¹⁵

Figura 31 - Como a Educação Adventista se adaptou às novas tecnologias nesta pandemia do Covid-19



Fonte: Tribuna da Região, 24 novembro de 2020.¹¹⁶

114 Disponível em: <https://tribunadaregiao.com.br/noticias/artigo/como-a-educacao-adventista-se-adaptou-as-novas-tecnologias-nesta-pandemia-do-covid-19>. Acesso em: 12 jun. 2024.

115 Disponível em: <https://tribunadaregiao.com.br/noticias/artigo/como-a-educacao-adventista-se-adaptou-as-novas-tecnologias-nesta-pandemia-do-covid-19>. Acesso em: 12 jun. 2024.

116 Disponível em: <https://tribunadaregiao.com.br/noticias/artigo/como-a-educacao-adventista-se-adaptou-as-novas-tecnologias-nesta-pandemia-do-covid-19>. Acesso em: 12 jun. 2024.

É válido destacar que o e-Class, embora seja de extrema importância, é apenas uma ferramenta facilitadora. Pois é através dos professores que o ensino realmente acontece. Sabendo disso, a Educação Adventista tem treinado constantemente as suas equipes com metodologias ativas de tecnologia aliadas ao processo de ensino-aprendizagem.¹¹⁷

As escolas adventistas são um exemplo de educação de qualidade, mesmo em tempos de crise, a exemplo da escola de Andrades, em Minas Gerais, que, na matéria da tvandrades.com, de 25 de novembro de 2020, período crítico da pandemia em todo o mundo, obteve um desempenho igualmente qualitativo aos anos anteriores à crise sanitária: “Novas plataformas foram desenvolvidas e com a assessoria dos professores os alunos conseguiram se adaptar a educação a distância”.¹¹⁸

Figura 32 – Escola Adventista de Andrades, Minas Gerais, durante a pandemia



Fonte: tvandrades.com (25 de novembro de 2020).¹¹⁹

Em 2022, a Associação Central Paranaense (ACP) da IASD divulgou o Programa de lançamento da meta de 7.005 alunos matriculados em 2023, distribuídos entre as dez unidades do campo. “A meta foi lançada para 600 servidores das escolas e colégios no dia 28 de agosto, no Centro Adventista de Treinamento e Recreação (Catre), em São Luiz

117 Disponível em: <https://tribunadaregio.com.br/noticias/artigo/como-a-educacao-adventista-se-adaptou-as-novas-tecnologias-nesta-pandemia-do-covid-19>. Acesso em: 12 jun. 2024.

118 Disponível em: <https://www.tvandradas.com.br/2020/11/25/escola-adventista-de-andradas-oferece-ensino-de-qualidade-durante-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

119 Esses dados são confirmados pelos relatos dos gestores e professores da escola em questão, por meio de vídeo que intitula a matéria: Escola Adventista de Andradas oferece ensino de qualidade durante a pandemia. Disponível em: <https://www.tvandradas.com.br/2020/11/25/escola-adventista-de-andradas-oferece-ensino-de-qualidade-durante-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

do Purunã. Se o número for alcançado, será um crescimento depouco mais de 15%, diante do atuais 6.047 matriculados.”¹²⁰

Figura 33 – Educação Adventista lança meta de 7.005 alunos matriculados em 2023 no centro do PR



Fonte: noticias.adventistas.org (31 de agosto de 2022).¹²¹

Apesar dos exemplos da educação adventista, as perdas foram maiores que os ganhos para a maior parte dos estudantes, professores e equipes pedagógicas de todo o país. Nesse caso, as consequências da queda nos níveis da educação pública foram ocasionadas pela “hipomediatização”, ou seja, pela grande defasagem de aparato tecnológico disponível e acesso a internet, tanto nas escolas como nas residências dos estudantes economicamente desfavorecidos. A isso, acrescentamos o claro desinteresse por parte do poder público, em ofertar alternativas cabíveis para atenuar os danos causados pela pandemia.

2.5 Religião pós-moderna?

Uma religião pós-moderna, nos moldes do verdadeiro cristianismo seria uma contradição em termos. Notadamente, todas as religiões precisam se moldar às culturas de sua época. Todavia, torná-las escravas de sua época equivale a destruir os fundamentos que as fazem ser o que são.

120 “[...] a meta de 7.005 alunos foi alcançada pela Educação Adventista na Associação Central Paranaense (ACP) em 2023. Esse número representou um aumento de mais de 15% em relação ao ano anterior.” Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/educacao-adventista-lanca-meta-de-7-005-alunos-no-centro-do-pr/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

121 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/educacao-adventista-lanca-meta-de-7-005-alunos-no-centro-do-pr/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

A religião pertence a uma família de curiosos e às vezes embaraçantes conceitos que a gente compreende perfeitamente até querer defini-los. O espírito pós-moderno, desta vez, concorda em suprir essa família, maltratada ou condenada à deportação pela razão científica, de uma permanente licença de residência. O espírito pós-moderno, mais tolerante (visto quemais consciente de suaprópria fraqueza) do que seu antecessor e crítico moderno, está sensatamente consciente da tendência das definições a esconder tanto quanto revelam e mutilar, ofuscar enquanto aparentam esclarecer e desenredar. Ele também aceita o fato de que, com demasiada frequência, a experiência transborda das gaiolas verbais em que desejariamos retê-la, de que há coisas sobre as quais devemos silenciar, uma vez que não podemos falar delas, e de que o inefável é uma parte tão integral da maneira humana de estar no mundo quanto a rede linguística com que tentamos (em vão, e por acaso, embora não menos vigorosamente por essa razão) captá-lo. (BAUMAN, *Op. Cit.*, p. 205)

Claramente, uma “religião” pós-moderna se encaixaria no modelo do espetáculo eletrônico com uma objetiva autodenúncia de falsidade. Nesse contexto do pós-pandemia, todas as esferas de sociedade se autodefinem segundo as demandas desenfreadas de consumo tecnológico, especialmente as Tidics. Diversos hábitos aderiram ao modelo do isolamento social pelas plataformas digitais. Não seria diferente com a religião.

Figura 34 – Igreja “fidigital”¹²²



Fonte: noticias.adventistas.org (22 de março de 2021). Foto: Shutterstock.¹²³

A matéria do *Notícias Adventistas* (22 de março de 2021) aponta para o que considera o maior desafio da IASD em tempos de hipermediatização religiosa. Intitulada de “Igreja fidigital: lições da pandemia”, a matéria afirma, em subtítulo, que “O maior

122 União entre igreja física e digital, ao mesmo tempo. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/carlos.magalhaes/igreja-fidigital-licoes-da-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

123 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/carlos.magalhaes/igreja-fidigital-licoes-da-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

desafio da igreja não é conectar a igreja às pessoas; é conectar pessoas”.¹²⁴ A ênfase do alerta permanece na deturpação de dois pilares da Igreja: a ruptura da experiência da comunhão de corpo presente; e a substituição da comunicação direta do Evangelho, pelo Púlpito Eletrônico.

Durante a pandemia, algumas pessoas perderam o vínculo com sua igreja. Elas passaram a assistir aos cultos online, transmitidos por templos de outras localidades que tinham melhores sermões e programações, e perderam contato com seus irmãos mais próximos. Isso gerou algumas preocupações. Se por um lado a diversidade de opções de cultos online pode enriquecer espiritualmente e intelectualmente, por outro leva alguns a ficarem isolados e sem apoio da comunidade local.¹²⁵

Esta realidade fez com que crescesse o fenômeno dos “desigrejados”, que argumentam não ser necessária a presença física do corpo da igreja para a comunicação do Evangelho. O chamado “novo normal” adentrou os lares de inúmeros adventistas, e, ao sair da igreja, fechou suas portas e jogou a chave fora.

Para um outro grupo de pessoas, a igreja perdeu seu valor. Para alguns, a conclusão de que é possível obter conhecimento bíblico e alimento espiritual sem sair de casa tornou a ida ao templo aparentemente desnecessária. O relacionamento com outros irmãos da mesma fé, por vezes conflitivo, também passou a ser percebido como algo evitável com os cultos online. Com isso, o número de desigrejados cresceu enormemente durante a pandemia.¹²⁶

Para suprir a demanda do “novo normal” no contexto religioso, muito se investiu nos aparatos tecnológicos, acesso à internet, estratégias de comunicação visual, além da velha cilada manipulatória, agora mediada pela tela. Assim,

Desde a chegada do novo coronavírus no Brasil, a realidade vista são pastores e líderes que buscam inovar para atender os membros da melhor forma possível. “A primeira dificuldade foi porque era algo novo na igreja. Os pastores não estavam prontos para uma situação como essa. Estávamos acostumados com corpo a corpo e entrar nessa modalidade foi um choque de realidade, além das dificuldades dos membros em estar inserido em um mundo digital, porque sabemos dos muitos fatores que isso envolve, é um choque de geração, então essa foi uma das grandes dificuldades tanto para inserção dos membros quanto de nós pastores que estávamos à frente”, disse o pastor Adejúnior Sampaio de Salvador, na capital da Bahia.¹²⁷

124 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/carlos.magalhaes/igreja-fidigital-lico-es-da-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

125 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/carlos.magalhaes/igreja-fidigital-lico-es-da-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

126 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/carlos.magalhaes/igreja-fidigital-lico-es-da-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

127 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

O *Notícias Adventistas* (12 de abril de 2021) expõe: “Na pandemia, igrejas aderem a cultos online e pastores são treinados para nova realidade. Cerca de 350 pastores participarão de um Webinar de Capacitação Digital na terça, dia 13 de abril, por meio de ferramentas digitais”¹²⁸

O pastor Davi França, secretário da União Leste Brasileira e líder da Associação Ministerial para Bahia e Sergipe, conta que a igreja se preocupa em como atuará daqui para frente, e nos próximos dias, na data de 13 a 15 de abril, realizará o Webinar de Capacitação Digital para pastores. O evento começará com a participação do líder de comunicação para toda América do Sul, pastor Rafael Rossi e o teólogo e publicitário, pastor Odailson Fonseca. Nos demais dias contará com a participação de profissionais e líderes como o jornalista e teólogo Adriano Luz, o pastor e mestre Arilton Oliveira, o publicitário e mestre Carlos Magalhães, e o tradutor e intérprete Fernando Marroquino que também é criador de conteúdo cristão para a internet e evangelista digital.¹²⁹

Figura 35 – Capacitação digital de pastores durante a pandemia



Fonte: noticias.adventistas.org (12 de abril de 2021).¹³⁰

128 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

129 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

130 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Figura 36 – Pastor Adejúnior durante culto em live



Fonte: notícias.adventistas.org (12 de abril de 2021). Foto: Thiago Fernandes.¹³¹

O pastor Júnior que já exerce o ministério há 8 anos, conta que para todos foi difícil lidar com uma situação totalmente fora do que podiam esperar. Após um ano de pandemia, a igreja se viu em um dilema de atividades suspensas ou realizadas presencialmente com redução da sua capacidade física, e entendeu que agora mais do que nunca é o momento de preparar pastores para trabalharem no que hoje é conhecido como “novo normal”.¹³²

Definir religião, nunca foi tão complexo e polêmico quanto nos dias de hoje. Para Bauman, no entanto, a preocupação maior da pós-modernidade não está vinculada às disputas por definições encerradas ao modo moderno, mas, na reconfiguração do assunto, com menor efervescência, porém, ainda presente. Enquanto, isso,

Uma característica bastante preeminente do espírito moderno é que ele nunca se reconciliou com aquele “abandono”, mas nem por um momento admitiu o “desespero”. [...] Os sacerdotes da ciência substituíram os sacerdotes de Deus; a sociedade orientada para o progresso se destinava a conseguir o que a sociedade preordenada não conseguiu.

[...]

A chegada da serenidade pós-moderna não significa, evidentemente, ser provável que as desesperadas tentativas de “definir a religião” estejam para se reduzir a uma pausa. O espírito pós-moderno não podia viver completamente de acordo com a combativa convocação de André Breton “para lidar drasticamente com aquele ódio do maravilhoso, que é o exuberante em algumas pessoas”. O espírito pós-moderno é bastante humilde para proibir e bastante fraco para banir os excessos da ambição do espírito moderno. Ele apenas, por assim dizer, os coloca em perspectiva – expõe suas nascentes interiores, assim como sua vaidade. E, deste modo, os frenéticos esforços para “definir a religião” continuarão inabalados, tentativas há muito tempo desacreditadas, mas,

131 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

132 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/na-pandemia-igrejas-aderem-a-cultos-online-e-pastores-sao-treinados-para-nova-realidade/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

por ora, convenientemente esquecidas (graças à “amnésia coletiva” e ao “complexo de colombo” que, como Pitirim Sorokin observou há bastante tempo em seu *Fads and Foibles of American Sociology* [Modas e fraquezas da sociologia americana]. Guardam a espécie de linguagem que para sempre qualificou as ciências sociais de vigorosas e autoconfiantes), apresentar-se-ão sob forma inteiramente nova e sem maior possibilidade do que antes de vencer a prova do tempo. (BAUMAN, *ibid*, pp. 205-206)

Dúvidas quanto ao derradeiro sucesso foram reformuladas como crítica ao passado imperfeito. As fragilidades e os erros de ontem seriam desfeitos sob a nova gestão – e os sacerdotes do movimento progressista diferem dos sacerdotes do Deus eterno em sua contínua autorrenovação.

2.5.1 Secularização *versus* Evangelho da Restauração (*Imago Dei*)

A secularização das instituições religiosas, por mais contraditória que pareça, é uma realidade cada vez mais recorrente, não somente na perspectiva do cristianismo, de modo geral, mas, também, da IASD. Sobre o assunto:

É claro que nenhum cristão pode ser secularista, mas podemos, no entanto, ser secularizados. O secularismo é um sistema filosófico formal. A secularização é uma realidade sociológica. De acordo com Os Guinness, é um processo por meio do qual as ideias religiosas, as instituições e as interpretações estão perdendo o significado social prático. (PETTERSON, 2004, p. 32)

Em relação estreita com o novo estilo de vida da pós-modernidade, a secularização individual e institucional caminha a passos rápidos, embotando moralmente a visão do verdadeiro cristianismo.

Quando perdemos a visão que Deus tem das coisas, perdemos também a perspectiva de tudo mais. Distinções entre o bom, o melhor e superior – e até mesmo entre o bem e mal – ficam embaçadas. Toma conta de nossas responsabilidades e atividades, um tipo de igualitarismo radical, em que tudo clama por atenção e tempo de dedicação igual. [...] A esse respeito, podemos dizer que a igreja se tornou um reflexo da cultura, um termômetro em vez de um termostato. (PETTERSON, *Op. Cit.*, p. 35)

Em corroboração a Petterson, a escritora e blogueira Ann Voskamp, em seu clássico e bestseller *Vida simples, vida plena: a gratidão como caminho para superar as circunstâncias*, mostra exatamente como a questão espiritual – o afastamento de Deus – provoca esse “embaçamento” em todos as áreas e setores da vida, introjetando, assim, a cegueira espiritual em tudo:

Nossa queda foi, sempre é, e sempre será resultante de não nos satisfazermos em Deus e naquilo que Ele dá. Temos fome de algo mais, algo diferente. Em pé diante daquela árvore repleta de frutos que nos são negados, damos ouvidos ao sussurro do Maligno: “No dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão” (Gn 3.5). Mas, no princípio, nossos olhos já estavam abertos. Nossa vista era perfeita. Nossa visão nos permitia divisar um mundo transbordante de bondade. Nosso olhar não se fixava em outra coisa senão na glória de Deus. [...] Nós comemos. *E, num instante, ficamos cegos. Não mais vemos Deus como Aquele em quem podemos confiar.* Não mais o percebemos como totalmente bom. Não mais observamos todo o paraíso restante. Nós comemos. E, num instante, vemos. Em toda parte, vemos um mundo de carência, um universo de perda, um cosmo de escassez e injustiça. Estamos famintos. Comemos. Somos saciados... e esvaziados. E, ainda assim, olhamos para o fruto e vemos somente o meio material para preencher nosso vazio. Não vemos o mundo material conforme seu propósito original: como meio para a comunhão com Deus. (VOSKAMP, 2015, p. 18)

Nessa perspectiva, “a lógica da secularização é estar ocupado o tempo todo” (PETTERSON, *ibid*, p. 35).

[...] à medida que o tempo de lazer aumenta, os problemas de vazio interior, de tédio e de inquietação também aumentam. Aspecto cultural relevante é nossa determinação frenética de relaxar, descansar e divertir-nos. Se uma geração anterior foi compulsiva quanto ao trabalho, somos compulsivos quanto ao que fazer com nosso tempo de lazer. (PETTERSON, *ibid*, p. 36)

“A vida tem suas próprias miragens”, afirma Voskamp. Com outras palavras, porém com o mesmo sentido, Salomão já dizia há quase três mil anos atrás: “Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas. Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol” (Eclesiastes 2:10-11). Nessa direção, Byung Chul Han, em seu clássico, já mencionado, *Sociedade do Cansaço* (2024), fala sobre esse esvaziamento espiritual decorrente dessa frenética corrida humana em busca da satisfação material e mui especialmente, na atualidade, na procura de diversões e entretenimentos:

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. [...] Se o sono perfaz o ponto alto do descanso profundo, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual.

Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. (HAN, 2024, p. 35)

Na contramão do secularismo, a discussão que toma forma é a força da religião que, apesar dos descaminhos da pós-modernidade, mantém-se firme, reinventando-se em estratégias e mudanças de paradigmas, mas sempre voltada ao cumprimento dos ensinamentos de Cristo. Assim:

A religião “vai até” o indivíduo, “permanece ao lado dele”, “atua nele” e “para ele” com suas mensagens que, quando equilibradas, minimizam o sofrimento espiritual, emocional e social, sejam tais fragilidades decorrentes das necessidades e privações materiais, emocionais ou espirituais. Em razão de tal complexidade e eficiência em atender ao ser humano, o sistema religioso se mostra mais interativo e prestativo do que os sistemas político e econômico, merecendo o respeito e apoio da estrutura político-jurídica do Estado com vistas a prosseguir em tal missão. (TEIXEIRA, *Op. Cit.*, p. 34)

Porém, não raro, diferenças e estigmas relacionados à religião, de modo geral, configuram um entrave à comunicação do evangelho, para a IASD. Teixeira aprofunda o tema:

[...] é preciso colocar os desvios religiosos no lugar que lhes cabe: como exceção à regra, tomando o cuidado para não ler todo o fenômeno religioso com as lentes limitadas dos desvios cometidos em nome da religião em vários lugares do globo. Discorda-se de afirmações que pretendem explicar o todo a partir da compreensão de uma de suas partes (generalismo), a qual embora possa dar sua contribuição crítica, continuará sendo apenas parte suscetível de causar uma visão míope do todo. (TEIXEIRA, *ibid*, p. 34)

Nesse sentido, no programa religioso Novos Tempos, transmitido pelo canal YouTube, dois pastores da Igreja Batista discutem quais serão os rumos da igreja protestante, depois da pandemia¹³³. Posto que a discussão se dava em 26 de maio de 2020, ano em que a pandemia fora oficialmente divulgada pelas autoridades de todo o mundo, significa dizer que, as questões que preocupam a igreja já tomavam forma mesmo antes da pandemia, que apenas acelerou o processo de degradação dos princípios religiosos.

133 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFNdjy7ioNY>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Figura 37 – Como Será a Igreja Depois da Pandemia?



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XFNdjy7ioNY>.

A pauta central se resumia à relação entre os cultos presenciais *versus* virtuais, fundamentada na importância da comunhão presente, sob ameaça naquele momento. O pastor, em sua fala, já previa que, após a pandemia, as pessoas continuariam em casa por “falta de fé”.

Em torno da pauta central, os pastores discutiam a questão do isolamento social em detrimento da fé. Na sequência, um dos pastores argumenta que, desde o dia 1º de maio de 2020, em Poços de Caldas, o comércio e os templos estavam abertos, mas, havia muita gente que não saía de casa desde o dia 15 de março de 2020, temendo a contaminação. O pastor justifica a ausência dos membros na igreja por falta de fé, pois, segundo seu entendimento, o dia do encerramento da vida de todos estaria predeterminado por Deus, e, portanto, não se deveria temer sair de casa em razão da pandemia, afirmando que esta postura denunciava a falta de fé das pessoas: “não sai pra nada, tem medo, e é crente. Taí, falta fé” (Relato oral).¹³⁴

Esta declaração é bastante relevante, pois, em plena pandemia, havia uma boa parcela da população que defendia o não fechamento das instituições, de modo geral, e comemorara a reabertura dos ditos “serviços essenciais” – dentre eles, Academias de Ginástica e Salões de Beleza. Este discurso foi fortemente difundido durante toda a crise sanitária, por parte da população que, *grosso modo*, seguia as indicações do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que reiteradamente endossava a

¹³⁴ “Como Será a Igreja Depois da Pandemia?” (26 de maio de 2020, 49’:27’’- 49’:35’’). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFNdjy7ioNY>. Acesso em: 12 jun. 2024.

necessidade de funcionamento normal de todos os estabelecimentos¹³⁵, argumentando que a pandemia era apenas “uma gripezinha”¹³⁶.

Fica bastante claro, no contexto da deturpação da verdade, que o assunto debatido no programa Novos Tempos toma direções bastante contraditórias, em defesa de uma ideia de fé distorcida. Ora, se apenas a fé combatesse a pandemia, e tantas outras mazelas, não necessitaríamos de médicos, hospitais, tratamentos e outros serviços que auxiliam a reabilitação da saúde do corpo, da mente e do espírito, que precisam estar em harmonia. Ao contrário do que pregam certas religiões, Deus deixou ao homem a possibilidade de adquirir conhecimento e sabedoria para servir aos seus semelhantes. Negar uma crise sanitária mundial, que suprimiu a vida de tantas pessoas e mudou todo o paradigma das relações humanas, é, no mínimo, ignorância, se não quisermos apelar à má-fé como argumento.

A comunicação do evangelho é a missão deixada por Cristo, diferentemente da praticada por algumas denominações rotuladas cristãs, mas direcionadas a objetivos escusos. Sobre esse aspecto, Teixeira afirma:

A história demonstra que todo e qualquer intento ou ação humana, inclusive a religião, corre a o risco de ser deturpada pela ganância ou maldade que são fraquezas inerentes ao caráter humano que nela toma parte, em razão de sua natureza pecaminosa. Seria pretensão achar que a religião ficaria isenta de tais desvios. Muito se tem falado, praticado e promovido em nome de uma divindade, a qual jamais abonaria esse ou aquele discurso, essa ou aquela ação. O que se propõe não é a conformação a tais desvios, pois é inaceitável quem nome de qualquer teoria ou crença se pratique a violência física, moral ou espiritual entre seres humanos. Mas igualmente inaceitável é a postura de caráter também extremista que pretende colocar sobre a religião, enquanto fenômeno, a culpa dos desvios éticos de qualquer segmento, grupo ou personalidade, ainda que estes tenham sido cometidos sob o manto de uma falsa religiosidade. (TEIXEIRA, *Op. Cit.*, p. 35)

Para além do respeito às diversas culturas existentes no mundo, faz-se necessária uma reflexão acerca da distinção entre comunicar o evangelho cristão e impor a outras culturas a aceitação da religião cristã, a qualquer custo. O autor aborda, em tempo, o absolutismo religioso, muito recorrente na atualidade:

135 No entanto, o que estava por trás desse discurso era a situação econômica do país que, com o fechamento do comércio, viria a declinar ainda mais.

136 Bolsonaro, não só difundia esse discurso falseado, como também fazia campanhas antivacinas e de automedicação como prevenção e tratamento da Covid-19, sem qualquer respaldo do Ministério da Saúde ou da OMS em relação à eficácia do medicamento indicado. Em vídeo veiculado em TV aberta, Bolsonaro afirmava estar infectado pela Covid-19, se tratando em casa com o tal medicamento, e demonstrava estar melhorando em função dos efeitos positivos do remédio.

[...] o que dizer às vozes generalistas e absolutistas que falam contra a religião saudável? Que não sejam neutras, mas que sejam maduras e imparciais em sua análise, respeitando o fato notório de que o fenômeno religioso, apesar de suas distorções, continua sendo de grande importância para o desenvolvimento humano e social perseguido pelos ideais de uma sociedade mais humana, justa e solidária, postulados esses que embora extrapolem a própria religiosidade, têm nela mais uma forte aliada. (TEIXEIRA, *ibid*, p. 36)

O evangelho da restauração é a proposta da IASD para a igreja na pós-modernidade, posto que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (*Imago Dei*). O que os homens desta época buscam no mundo terreno, não está em outro lugar, senão em Deus:

[...] a teologia interpreta a experiência. É uma consequência da doutrina cristã da criação: fomos feitos à imagem de Deus. Há aí a capacidade embutida – podemos até dizer a *necessidade* embutida – de nos relacionar com Deus. Deixar de relacionar-se com Deus é deixar de ser completamente humano. Ser realizado é ser plenificado por Deus. Nada transitório pode preencher essa necessidade. Nada que não seja o próprio Deus pode esperar tomar o lugar de Deus. Assim mesmo, por causa da decadência da natureza humana, há hoje uma tendência natural de se tentar fazer com que outras coisas preencham essa necessidade. (MCGRATH, *Op. Cit.*, p. 68)

Segura assevera uma posição ainda mais abrangente, para o evangelho da restauração:

Esta visão holística foi a marca distintiva do ministério de Cristo. Em seu reino não se separa o espiritual do secular, o santo do profano, ou o eclesial do social. No reino de Deus, a salvação é anunciada para todas as dimensões da criação; nesse sentido, podemos falar de uma salvação cósmica e abrangente. Deus deseja que todas as coisas criadas sejam restauradas segundo a intenção do Criador em um processo histórico que envolve tudo e todos. Vista assim, a espiritualidade também abrange tudo. (SEGURA, *Op. Cit.*, p. 22)

Partindo dessa premissa, o evangelho da restauração se aplica ao atual quadro religioso, no âmbito da reconstrução da comunidade e da comunicação, desviadas pelo abuso dos Púlpitos Eletrônicos. Nessa perspectiva, Roldán acrescenta:

[...] uma vez mais, Barth nos recorda que a tarefa não consiste em projetar outros anéis ou esperanças nos oprimidos e fazer disso uma “teologia”. Antes, trata-se de “buscar a Palavra daquele que está presente com e pelos oprimidos, para, a partir dali construir sua teologia”. [...] ele constata que a teologia barthiana constitui para a teologia latino-americana um chamado à modéstia, um compromisso com a história e um encontro claro e decidido com os humilhados, que é, para Barth, o lugar onde Deus se coloca sempre, de forma incondicional e apaixonada. (ROLDÁN, *Op. Cit.*, pp. 112-113)

Isto posto, urge contraverter a lógica das religiões espúrias, ao usarem os menos afortunados como massa de manobra, no contexto dos Púlpitos Eletrônicos, na difícil empreitada de cumprir a missão cristã na pós-pandemia.

A expressão de Barth, no sentido de que Deus se ocupa dos pobres e débeis, não é casual, mas reflete toda uma postura de vida. Entre os pronunciamentos de Barth em favor dos pobres, podemos citar o seguinte: “Não há nenhuma passagem na Bíblia em que se proclama os direitos dos ricos. Não há nenhuma passagem em que Deus aparece como senhor e salvador dos ricos e da sua riqueza, onde os pobres são exortados a preservar a riqueza dos ricos e a permanecer pobres simplesmente por causa dos ricos. Inversamente, há muitas passagens na Bíblia em que se proclama os direitos dos pobres, onde o próprio Deus declara ser o guardião e vingador desses direitos, onde se exige dos ricos que não esqueçamos direitos dos pobres [...] Portanto, a Bíblia está do lado dos pobres, dos despojados e destituídos. Aquele que a Bíblia chama Deus tomou partido em favor dos pobres. Por isso, a atitude cristã em relação à pobreza só pode consistir em adesão correspondente”. (ROLDÁN, *ibid*, p. 112)

Ao transpor 160 anos de existência, atravessando duas guerras mundiais e várias crises e lutas intestinas em seu bojo, o grande desafio que se impõe à IASD, nestes tempos pós-modernos, é idear estratégias que a levem a romper as incontáveis barreiras à comunicação do evangelho, demonstrando-se, num ambiente hostil de irreligiosidade, um espírito vivo de religião comprometida com a missão, sem distinção de classe social, abraçando principalmente aqueles que mais precisam de apoio e conforto cristão.

CAPÍTULO TERCEIRO

3 O PÚLPITO ELETRÔNICO & A COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL NA IASD: DESAFIOS E GARGALOS INSTITUCIONAIS PARA A EVANGELIZAÇÃO

A relação entre evangelização e comunicação é, notadamente, íntima. Podemos afirmar, inclusive, que seu caráter se mostra intrínseco, uma vez que é, a transmissão da “Palavra”¹³⁷, missão de fé do cristianismo e, sobretudo, do adventismo.

À despeito do uso da Palavra manuscrita, desde a religião primitiva, o crescimento do adventismo, na comunicação do Evangelho, deve parte do seu alcance à invenção da Prensa de Gutenberg, que ocorreu justamente durante o período da Reforma Protestante, revolucionando o cenário dos movimentos contra a Igreja Católica, na medida em que a possibilidade de divulgar suas ideias por meio da impressão massiva, revelou-se como um grande salto positivo para aqueles que lutavam pela liberdade religiosa.

Como herdeira direta da Reforma Protestante, segundo se vê e como se apresenta (PAXTON, 1987, p. 14), a IASD pode-se autoafirmar herdeira, também, da invenção de Gutenberg, já que a palavra impressa representa, para a história da IASD, um dos maiores trunfos de sua disseminação por todo o mundo, tendo, atualmente, 64 editoras espalhadas pelo planeta, sendo a Casa Publicadora Brasileira (CPB), situada em Tatuí (SP), a maior em publicações e número de funcionários. Assim, a IASD assume um papel de grande relevância no âmbito da comunicação, por meio da palavra impressa.

Embora as novas tecnologias comunicacionais – desde o rádio, a TV e, mais fortemente, a internet – tenham ocupado o lugar da palavra impressa, a IASD mantém, à grandes custos, a comunicação por meio da publicação de livros, revistas, brochuras, panfletos e outros. No entanto, foi durante a pandemia de Covid-19 que grandes mudanças ocorreram no campo da comunicação, não somente na IASD, mas em toda a sociedade. A comunicação por meios eletrônicos já era uma realidade notória desde a era do

137 O termo “Palavra”, no sentido cristão, possui amplos significados. Primeiramente, a Palavra refere-se ao próprio Deus: “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus” (João 1:1). E, depois, ao filho de Deus, Jesus Cristo: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Outrossim, a partir da vinda de Jesus Cristo ao mundo, a Palavra é o meio pelo qual comunicam-se seus ensinamentos, desde os primeiros manuscritos até a própria Bíblia, livro no qual está grafada a Palavra de Deus revelada, para ser levada a todos, pois, a Palavra é a verdade: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17).

conhecimento, e em crescente evolução, que, a partir da pós-modernidade disseminou-se massivamente. Porém, o período pandêmico pode ser considerado um divisor de águas, nesse sentido, funcionando como uma mola propulsora, que, prematuramente, transformou – e deformou –, a um só golpe, os conceitos de comunicação e comunidade, reverberando em imensuráveis consequências nefastas para a comunidade adventista.

Nesse interim, faz-se mister esclarecer que, o que nos interessa, nesta pesquisa, é realizar uma investigação minuciosa acerca da exacerbação do uso dos meios eletrônicos em toda a organização da base estrutural da IASD, que culminou na substituição dos meios tradicionais (e essenciais) da comunicação do Evangelho e cumprimento da missão cristã – a comunidade em união presencial; o corpo presente da igreja em comunhão –, pela mera representação midiática.

O que parecia apenas uma medida emergencial para manter o contato entre as pessoas, durante o período pandêmico, tomou proporções gigantescas, durante e depois da pandemia. Ironicamente, os esforços em criar estratégias provisórias para manter a comunicação entre os membros da IASD, durante a pandemia, por meios eletrônicos – dada a necessidade de distanciamento físico –, acabou revertendo-se numa conduta de regra, na qual, o distanciamento físico temporário tornou-se, para muitos, permanente; e o contato virtual, que era apenas uma alternativa – fria e superficial – de comunicação na comunidade adventista, substituiu, justamente, aquilo que mantém qualquer comunidade unida: a presença física de seus membros em razão da partilha de objetivos comuns, ou, em poucas palavras, a comunhão.

A essa exacerbação midiática na comunicação do evangelho e nas demais atividades da IASD, que tomou forma durante e depois da pandemia, rotulamos de Púlpito Eletrônico¹³⁸. Isso posto, nos dedicamos à apresentação do modo como a tecnologia

138 Ressaltamos, entretanto, não confundir o conceito de Púlpito Eletrônico com o fenômeno da Igreja Eletrônica. Primeiramente, porque, segundo aponta Hugo Assmann (1986), na obra *A igreja eletrônica*, esta teve início nos Estados Unidos, e, ao contrário do que sustenta o autor, este fenômeno midiático específico não deslanchou no Brasil. Muito embora Assmann reconheça que, o modo como a Igreja Eletrônica influenciou os países da América Latina, possa variar de acordo com os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos de cada território, sustentamos que aquele não se aplica ao modelo brasileiro de inserção da tecnologia na comunicação da religiosidade, de modo que o uso das mídias ocorreu de maneira *sui generis*, no Brasil, sem que houvesse uma reprodução do fenômeno estadunidense – assunto sobre o qual nos debruçamos no capítulo anterior da presente pesquisa. Outrossim, aclaramos que há um diálogo bastante específico, no Brasil, entre poder, comunidade, comunicação e comunhão, no desenrolar desse processo tecnológico, de teor involutivo para a IASD. Dessa forma, demarcamos que a Igreja Eletrônica não deve ser confundida com o Púlpito Eletrônico brasileiro, por razões que descreveremos a partir de então.

ganhou espaço no meio religioso brasileiro, culminando no Púlpito Eletrônico, manifestando toda a sua potência e alcance durante e depois da pandemia.

Partimos, então, da relação entre a IASD e a pandemia, sob diversos aspectos, uma vez que fora a pandemia e suas consequências comunicacionais o evento revelador do Púlpito Eletrônico.

3.1 A IASD no limiar da pandemia

3.1.1 Assistencialismo e acolhimento: breve panorama

A IASD sempre se destacou pela sua prática assistencialista, estando presente no cotidiano dos menos favorecidos e, principalmente, nos inúmeros eventos catastróficos que assolaram – e assolam¹³⁹ – o mundo, desde guerras, desastres naturais, incidentes de médias e grandes proporções, entre outros. Por meio da ADRA e da ASA, além de oferecerem suportes diversos e permanentes, a IASD não mede esforços na busca por parcerias que possam auxiliar em suas atividades, especialmente às vítimas de ocasionais tragédias, como a crise sanitária que o mundo enfrentou recentemente, com a contaminação e disseminação alarmante da Covid-19 em nível planetário. Posto que surpreendida pela pandemia, como todos as nações, empresas, instituições religiosas, OMS e todos os organismos de atuação transnacional, a IASD teve uma atuação exemplar durante o período pandêmico, se posicionando em pronta ajuda aos mais afetados pela tragédia do Coronavírus, em âmbito global.

A agência humanitária adventista, a ADRA, contabilizou nos primeiros seis meses do ano a realização de 112 projetos no território sul-americano. As iniciativas resultaram em um atendimento a 972.233 beneficiadas de forma direta. A ADRA possui parcerias com órgãos públicos e entidades privadas, e tem um trabalho permanente de solidariedade. [...] Já a Ação Solidária Adventista (ASA), que é um departamento com atuação nas congregações locais adventistas, também ofereceu auxílio no primeiro semestre em prol dos que sofrem. Foram 51.286 projetos solidários, com 953.044 beneficiados. Ao todo, os registros dão conta de que os voluntários da ASA foram responsáveis

139 Recentemente, a IASD esteve presente no desastre natural que recaiu sobre o estado do Rio Grande do Sul, por ocasião de fortes chuvas e transbordamento de rios. “As fortes chuvas que atingiram o Estado do Rio Grande do Sul resultaram em mais de 40 mortes e 46 pessoas desaparecidas, de acordo com informações da Defesa Civil. Diante dessa adversidade, a **Adra Brasil** ampliou suas operações de ajuda na região e, em 10 de setembro, recebeu apoio internacional. A carreta da Adra Uruguai chegou a Encantado (RS), uma das áreas afetadas, trazendo a Unidade Móvel de Lavanderia, que foi lançada em 2022 e está equipada com duas máquinas de lavar e secar industriais, capazes de lidar com cargas de até 16 kg de roupas. Essa unidade foi projetada para atender a situações de crise e agora encontrará sua aplicação prática em meio ao desastre que atingiu o território gaúcho. [Eduardo Teixeira, equipe RA]”. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/olhar-ra/atendimento/>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

pela arrecadação de 3 milhões de quilos de alimentos. Sem falar em 60.026 pessoas que participaram de cursos de desenvolvimento humano. (REVISTA ADVENTISTA, setembro de 2021, p. 8)

A partir de sua sede mundial, localizada em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos, todo o *staff* da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia foi acionado, no sentido de, através das lideranças das 13 divisões, dar toda a assistência possível aos seus, cerca de, 22 milhões de membros, espalhados por 213 países, territórios, e 97.811 igrejas. Além disso, também se prontificou a apoiar os governos locais – em todas as instâncias, e através das suas representações regionais: templos, escolas, hospitais, clínicas, fábricas de alimentos, universidades e outros –, em todos os esforços de contenção do avanço do vírus, atendimento aos infectados, auxílio alimentício às pessoas carentes e mais vulneráveis – que tiveram suas fontes de renda interrompidas – e, ainda, na prestação de atendimento emocional e espiritual aos milhões de indivíduos atingidos, direta ou indiretamente, pelo medo, pela depressão, pela perda de entes queridos, e muitos outros efeitos deletérios do flagelo pandêmico.

Figura 38 – Voluntária prepara marmita para ser entregue à população



Fonte: noticias.adventistas.org (21 de junho de 2020). Foto: Reprodução.¹⁴⁰

¹⁴⁰ Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/ong-adventista-alimenta-180-mil-pessoas-por-dia-durante-pandemia/>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

Figura 39 – La Iglesia Adventista ofrece ayuda física, emocional y espiritual gratuita a millones de personas, a través de diversas instituciones



Fonte: noticias.adventistas.org/es (16 septiembre, 2021). Foto: ADRA, Perú.¹⁴¹

Segundo a *Revista Adventista* de setembro (2021, p. 8)¹⁴², diversos projetos da igreja, na América do Sul, ajudaram a reverter os impactos econômico e social da crise sanitária. De acordo com um balanço, divulgado em meados de setembro, pela Divisão Sul-Americana, somente nos primeiros seis meses do ano de 2021, mais de 2 milhões de pessoas foram beneficiadas por iniciativas da ADRA, do departamento de ação solidária da igreja, das escolas adventistas, e de outros ministérios que desenvolvem programas, como o “Vida por Vidas” (doação de sangue)¹⁴³ e “Ouvido Amigo” (suporte emocional on-line)¹⁴⁴. Ainda, 268.132 adventistas ministraram 354.551 estudos bíblicos no primeiro trimestre desse mesmo ano, de acordo com dados divulgados em setembro, pela Secretaria da Divisão Sul-Americana (2021, p. 8).

141 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/es/noticia/proyectos-sociales/mas-de-dos-millones-de-personas-recibieron-ayuda-por-acciones-adventistas/>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

142 Disponível em: cpb.com.br/a/84857. Acesso em: 17 de maio de 2024.

143 “O Vida por Vidas, coordenado pelo Ministério Jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ocorre há vários anos e, nos primeiros seis meses de 2021, contou com o registro de 63.277 doadores. Uma considerável parte destes doadores costuma ir com frequência aos bancos de sangue, o que se torna essencial para manutenção dos estoques.” Disponível em: cpb.com.br/a/84857. Acesso em: 17 de maio de 2024.

144 “O Ouvido Amigo, iniciativa que teve início durante a pandemia, segue firme nos oito países sul-americanos. O projeto consiste em atendimentos gratuitos a pessoas que buscam ajuda psicológica, muitos por conta dos efeitos pandêmicos. De janeiro a junho deste ano, foram realizados 7.097 atendimentos.” Disponível em: cpb.com.br/a/84857. Acesso em: 17 de maio de 2024.

Figura 40 – ADRA realiza acciones sociales ante la emergencia sanitaria



Fonte: noticias.adventistas.org/es (2 abril, 2020). Foto: Adra Ecuador.¹⁴⁵

Figura 41 – DPortando su equipo de protección personal, personal de la Clínica Adventista Ana Stahl, en Iquitos, Perú, muestra un cartel con las palabras: “Dios está contigo. Bendiciones”. AdventHealth y ADRA se han asociado para enviar equipo de protección personal y otros suministros a los empleados en las instituciones médicas en torno al mundo durante los tres meses pasados



Fonte: noticias.adventistas.org/es (2 de agosto de 2020). Imagen: Cortesía de AdventHealth] e past three months. Photo: Courtesy of AdventHealth.¹⁴⁶

145 Disponible em: <https://noticias.adventistas.org/es/noticia/proyectos-sociales/agencia-adventista-atiende-a-personas-vulnerables-por-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

146 Disponible em: <https://interamerica.org/es/2020/08/donaciones-proveen-muy-necesitado-apoyo-a-hospitales-adventistas-durante-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Dos 3.446 pacientes com Covid-19, internados no período de janeiro a junho, em hospitais adventistas sul-americanos, 2.679 (78%) se recuperaram da doença, segundo levantamento feito pela Rede Adventista de Saúde na América do Sul (2021, p. 9).

Além dessas ações, houve grande mobilização no âmbito de fornecer e ampliar acesso à comunicação do Evangelho pelos meios eletrônicos, levando a Palavra às culturas e locais de difícil acesso, como o caso da população de Aitutak, nas Ilhas Cook, que, desde julho de 2021, pode assistir em sinal aberto à programação do *Hope Channel*. O canal já estava disponível na TV por assinatura, mas, agora, qualquer família com televisão em casa pode acompanhar os conteúdos produzidos pela TV adventista da Nova Zelândia (2021, p. 9).

A “Bíblia no Tiktok” foi outra iniciativa adventista para manter a interação entre os jovens por via digital. Este foi o aplicativo mais baixado no mundo, em 2020, e tem sido um dos meios utilizados pelos Clubes de Desbravadores e Aventureiros da região sul do estado de Indiana, nos Estados Unidos, para compartilhar mensagens e histórias bíblicas. Alguns vídeos do perfil *Group 180* já registraram 85 mil visualizações e mais de 30 mil curtidas (2021, p. 9). Na mesma linha, foi lançado durante a pandemia, pelo centro de mídia da igreja na Austrália, o programa infantil *King’s Kids*, que se tornou um sucesso de audiência. Transmitido para mais de 70 países, no intuito de chamar a atenção das crianças por meio de histórias, curiosidades do mundo natural, música e arte, a atração estava, em 2021, em sua sétima temporada (2021, p. 9).

A atuação da IASD, na pandemia, foi tão marcante que resultou numa série, produzida pela sede da igreja para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (USEB), chamada “Heróis na Pandemia”, com o objetivo de homenagear profissionais e voluntários que fizeram a diferença durante a crise sanitária. Cinco vídeos compõem a série: “Dr. Fábio e a UTI COVID”, que mostra como foi a experiência de um médico que atendeu casos graves de Covid-19, no Hospital Adventista Silvestre; “Ministério do amor”, que conta a história de um pastor que viu seu trabalho mudar de foco; “Aulas na Calçada”, sobre uma professora que criou um projeto de aulas na calçada, durante o lockdown; “Um casal que ‘planta’ igrejas”, sobre um casal que mudou de endereço em plena pandemia, para plantar uma igreja; e “Arinda e a cordinha do amor”, uma idosa

que, mantendo o isolamento social, encontrou uma forma criativa de continuar ajudando a comunidade.¹⁴⁷

No interim das mobilizações da IASD para fornecer o máximo de ajuda possível, durante a pandemia, nos diversos aspectos, a preocupação com a saúde mental dos indivíduos delineou-se na forma de ações efetivas em prol daqueles que sofreram um golpe emocional de proporções imensuráveis, direta ou indiretamente, modificando permanentemente a maneira de enxergarem a vida e as relações humanas. Nesse sentido, a *Revista Adventista* de novembro (2021, p. 6) apresentou a “jornada sobre saúde mental organizada pela Rede Novo Tempo de Comunicação”, em setembro de 2021, com o objetivo de contribuir com a membresia da IASD e as pessoas, de modo geral. A programação contou com 27 oficinas e, conforme informação do periódico da IASD, uma destas foi apresentada pela psicóloga e pedagoga Eneida Torres, que atuou por vários anos como professora do UNASP. A esse respeito, uma entrevista foi concedida à *Revista*, sobre a importância do luto. Enfatizando a necessidade de vivenciar as perdas pessoais, Eneida responde à seguinte pergunta, a qual selecionamos, dentre tantas outras:

- Os últimos dois anos de pandemia foram marcados por muitas perdas. O que muda nesse contexto?
- O contexto pandêmico trouxe a morte súbita para mais perto, pois adoecer e morrer em até 15 dias tornou-se uma rotina repentina. A morte em si já é muito dolorosa, mas enfrentá-la se torna mais delicado numa situação em que a sociedade está passando por um luto coletivo. Isso porque perde-se o espaço de viver a própria dor, num contexto em que tantos também estão sofrendo. O que se percebe agora são as reações a essa situação: mais pessoas tendo insônia, pesadelos, comendo de maneira desregrada e lidando com crises de ansiedade e de pânico. (REVISTA ADVENTISTA, novembro de 2021, p. 6)

Esta chocante realidade criou, necessariamente, novas demandas emocionais que o mundo não esperava. Desde então, as comunidades religiosas representam um dos maiores suportes para toda a sociedade e, entre elas, a IASD se coloca como contribuidora direta e indireta, no intuito de atenuar os danos emocionais causados por essa calamidade global, e suas graves consequências.

Nos colocamos em acordo com Bill Knott¹⁴⁸, numa reflexão bastante relevante. A revista adventista *Adventist World*, de 11 de agosto de 2020, trouxe um interessante

147 Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AdventistasRegi%C3%A3oSudeste/search>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

148 Doutor em História, Pastor e Editor da revista *Adventist World*.

editorial, intitulado “O Antídoto”, assinado por Knott, no qual afirma algo que se aplica a todos os países, mas, com especialidade, aos Estados Unidos e ao Brasil:

Muito antes de o coronavírus ceifar mais de meio milhão de vidas, devastar outros milhões de pessoas por perdas e luto, destruir completamente a economia mundial e colocar fogo no que chamávamos alegremente de “aldeia global”, nosso mundo estava deslizando para uma pandemia ainda maior e mais insidiosa. Ela veio sobre nós lentamente, pontuada por momentos políticos difíceis ou pela guerra. Assistimos à sua marcha para conquistar terreno em meio a uma sequência de desastres naturais, violência étnica e racial e movimentos de refugiados. Floresceu pela retórica ardente dos demagogos e dos tiranos astutos que aproveitavam seu potencial infeccioso para ganhar poder e inchar seus exércitos de seguidores. (p. 19)
[...]

Essa antiga pandemia é o medo, a profunda suspeita daqueles que não se parecem comigo, não falam como eu ou não acreditam no que acredito. Seu apelo fundamental é tão antigo quanto o Éden caído e tão moderno quanto as tendências atuais. Em nome da autoproteção, ele gratifica o desejo humano e pecaminoso de não confiar em ninguém e não aceitar ninguém. [...] o medo generalizado que infecta o mundo pode também afetar aqueles que seguem a Jesus, pois, às vezes, o medo se esconde na fé. O chamado do evangelho para construirmos comunidades de confiança, amar nossos semelhantes, oferecer comida e abrigo aos famintos, desabrigados e atirados à guerra é anulado pela ansiedade e pelo medo de que, ao fazermos isso, perderemos algo. O principal vírus é o próprio medo – tão contagioso que não requer nem mesmo o contato entre os seres humanos. (p. 19)

Mais que uma reflexão, Knott denuncia aquilo que seria, talvez, a semente que cresceu e tomou formas mais evidentes durante a crise sanitária mundial, mas que sempre esteve presente entre as culturas e seus choques e abalos sísmicos raciais e de etnias. Esse tal medo, podemos renomear de comodismo, preguiça, racismo, xenofobia, preconceito, arrogância, indiferença, e tantos outros adjetivos que separam os homens e dividem o mundo em tantas partes “distintas”, castas, guetos, divisão dos “diferentes”, e também dos “iguais”, como afirma o teórico:

Infelizmente, mesmo na igreja remanescente, há aqueles que ganham a vida nos ensinando a desconfiar uns dos outros e a não nos importarmos com o mundo em geral. “Não se misturem com os conservadores”, dizem eles, ou “liberais”, ou “aqueles cuja adoração é diferente”, ou “os que vivem em lugares que não conhecemos”. O tribalismo que deploramos na sociedade à nossa volta encontrou em nós um paralelo doloroso, colocando os que pretendem seguir o Cordeiro até contra os que O seguem com base em outros pontos de partida. E assim nos reunimos apenas com aqueles que pensam como nós, falam como nós ou têm a mesma cor da nossa pele ou o mesmo local de origem. (p. 19)

Na diferença, somos todos iguais, como enfatiza Knott, ao encerrar seu texto com um apelo solene aos líderes e membros da sua Igreja:

Este é o momento em que devemos ler em voz alta em todas as nossas igrejas: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). O evangelho de um Salvador Amoroso que nos procura e se sacrifica é sempre o antídoto mais forte. É a verdade que nos prende, nos une e nos ensina a amar as pessoas que vivem tão amedrontadas em nosso mundo. (p. 19)

É com este sentimento, e nesse sentido que, com grande respeito, citando a prática de séculos, de procurar “eternizar” nos registros da História os queridos mortos, o jornalista Márcio Tonetti, editor-associado da Revista Adventista, aborda a intenção do periódico adventista – que se apresenta como “Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil”, ou seja, o principal veículo institucional da IASD brasileira – em ampliar o escopo de sua atuação na seção informativa dos óbitos de membros da Igreja, com o fito de se promover uma homenagem às vítimas da Covid-19 no Brasil, naquilo que chamou de “Memorial da Pandemia”:

A partir do século 16, o hábito de registrar na superfície fria das lápides a memória de quem morreu adquiriu novos contornos ao ganhar espaço também no papel. Assim, no século 19, a imprensa, especialmente a anglo-saxã, se tornaria o principal veículo de divulgação de falecimentos. No Brasil, a Revista Adventista mantém essa tradição há mais de um século. Desde janeiro de 1908, quando fez o primeiro comunicado desse tipo, até hoje, mais de 15 mil nomes já foram homenageados na seção, atualmente intitulada Memória. A novidade é que agora esse serviço está sendo ampliado com o lançamento de um espaço virtual dedicado exclusivamente às vítimas da pandemia no cenário adventista brasileiro. (REVISTA ADVENTISTA, novembro 2021, p. 48)

Tendo, o pesquisador da presente tese, trabalhado na Casa Publicadora Brasileira (1991-1996) em diversas atividades jornalísticas, ocupando inclusive essa função descrita por Tonetti, entre outras várias funções editoriais, lembra que, naquele período – entre 1991 e 1996 –, a seção de obituários, entre os membros da IASD nacional, chamava-se “Dormiram no Senhor” (em sintonia com aquilo que creem os adventistas, sobre o estado do homem na morte: Eclesiastes 9:4-6 e 10; João 11:11-14; I Tessalonicenses 4:13-18).

Naquela época, foi feita uma pesquisa com os milhares de leitores da Revista Adventista, em que se constatou o seguinte: 1) Seção mais lida da revista: “Dormiram no Senhor”; 2) Primeira seção a ser lida pelos leitores: “Dormiram no Senhor”. Antes que julgemos preconceituosamente os leitores de outrora, é preciso lembrar que, naquela época, não existia Internet acessível e nem se podia contar com nenhuma destas plataformas comunicacionais de hoje em dia, que nos propiciam comunicação barata e

instantânea; telefone era objeto de luxo, propriedade de poucos, de modo que os comunicados de falecimentos dos membros da IASD chegavam à redação através de cartas. Portanto, isoladas nos rincões deste vasto país, as pessoas buscavam, com avidez, notícias sobre familiares, amigos, pastores e outros “conhecidos” e “irmãos” distantes, nas páginas da Revista Adventista.

Neste contexto pandêmico, dadas as condições de “isolamento social” das pessoas e, àquilo que Tonetti chamou de “nova demanda”, segundo ele, houve a necessidade imperiosa de se expandir o serviço prestado à membresia e, mais diretamente, aos assinantes e leitores do periódico mensal adventista:

No contexto da atual pandemia, a página de falecimentos da Revista Adventista não foi suficiente para atender à demanda. Por isso, o espaço teve que ser ampliado, chegando a ter até três páginas em algumas edições [Esta seção de falecimentos sempre ocupou apenas uma página da R.A.]. Esse foi um dos motivos que levaram à criação de uma plataforma virtual dedicada exclusivamente à memória de pessoas que morreram de Covid-19. Mais do que falar da morte em si, o espaço é dedicado à trajetória de homens e mulheres que deixaram seu exemplo de vida e fé. (REVISTA ADVENTISTA, novembro de 2021, p. 48)

Tonetti, apropriadamente, fala que um dos objetivos principais é tentar “apresentar uma perspectiva mais humanizada das perdas e trazendo à lembrança aquilo que por vezes os números não conseguiram traduzir”. Em seguida, ele apresenta os recursos da plataforma:

Por meio da plataforma, os familiares e/ou conhecidos das vítimas podem submeter informações e fotos do(a) falecido(a). A plataforma também oferece um sistema de busca por nome. O espaço já reúne dezenas de notas de falecimento publicadas na versão impressa (todas reproduzidas no ambiente virtual com a autorização da família). Mas imagine quantas não chegaram ao nosso conhecimento! Por isso, o site memoria.revistaadventista.com.br vai inclusive homenagear as pessoas que morreram no início da pandemia e que não tiveram a nota de falecimento publicada na versão impressa. (REVISTA ADVENTISTA, novembro de 2021, p. 48)

Este breve recorte realça o posicionamento assistencialista da IASD durante a pandemia, em auxílio às vítimas diretas e indiretas desta grande crise sanitária que se instalou mundo a fora; assistência esta que sempre esteve presente no adventismo cotidianamente, desde os seus primórdios.

3.1.1.1 As vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul e a presença da IASD: um adendo necessário

No contexto do assistencialismo da IASD em todo o mundo, é bastante oportuno registrar o que a igreja realizou em relação aos eventos catastróficos mais recentes no Brasil, especificamente, as enchentes que devastaram o Estado do Rio Grande do Sul, este ano (2024).

Desde o dia 29 de abril, as enchentes que atingem o Estado do Rio Grande do Sul trouxeram consigo devastação. No entanto, também despertaram um chamado à solidariedade e à ação comunitária. Diante dessa situação, os templos adventistas da Associação Norte Sul-Rio-Grandense (sede administrativa da Igreja para parte do território) e voluntários estão se mobilizando para oferecer apoio e assistência às famílias afetadas.¹⁴⁹

As iniciativas surgiram imediatamente, por parte da IASD, junto a ADRA, a ASA, membros do Instituto de Agricultura e Evangelismo (IAGE)¹⁵⁰ e inúmeros voluntários independentes, que logo se mobilizaram em oferecer auxílio às vítimas. Colégios, sedes e Templos Adventistas foram transformados em abrigos para os que perderam suas casas, e receberam vestimentas, cobertores, alimentos, água, e outros itens indispensáveis, arrecadados por meio de campanhas de doação, da IASD, ADRA, ASA e voluntários.

Para amenizar os efeitos causados pelas enchentes, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), em parceria com a Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (Adra Brasil), lançou uma ampla campanha de solidariedade e ajuda humanitária. As ações incluem a arrecadação e distribuição de alimentos, roupas, calçados e até mesmo refeições para as famílias desalojadas e desabrigadas.¹⁵¹

Voluntários da ASA uniram esforços na realização de uma refeição para as vítimas desabrigadas. Um sopão (Figura 42) foi preparado e distribuído por diversas mãos

149 “O volume extraordinário de chuvas registrado nos últimos quatro dias, segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), excedeu em três vezes a média esperada para esta época do ano. Os temporais resultaram em uma contagem de 13 mortos e 21 desaparecidos, conforme as últimas informações da Defesa Civil e da Polícia Civil.” Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

150 “O IAGE é um ministério de apoio à **missão adventista do sétimo dia**, localizado em Capitólio, Minas Gerais, e que tem o principal objetivo de pregar o **Evangelho Eterno** como apresentado nas **três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12**. Somando a essa missão, o IAGE se propõe a desenvolver recursos como literaturas e cursos práticos, com o intuito de capacitar pessoas para estarem de pé na **segunda vinda de Jesus**.” Disponível em: <https://comunidadeiage.com.br/sobre-o-iage/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

151 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

caridosas. Para além de matar a fome e aquecer os corpos dos desabrigados, do frio, o sopão aqueceu também os corações de todos os envolvidos, diga-se de passagem.

Figura 42 – “Voluntários da Ação Solidária Adventista (ASA) preparam e distribuem sopão para os desabrigados no CIEP, em Empresa, Taquara”



Fonte: Notícias Adventistas (2024).¹⁵²

A comunidade é incentivada a contribuir com doações, incluindo dinheiro, água, alimentos não perecíveis e roupas, nas igrejas e colégios adventistas locais. Neste momento, a solidariedade e a união da comunidade são fundamentais para superar as adversidades e fornecer apoio às famílias afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul. A Igreja Adventista reafirma seu compromisso de estar ao lado daqueles que mais necessitam, levando esperança e conforto em meio à situação. (Relato oral)¹⁵³

Uma outra iniciativa foi criar uma conta para arrecadação de recursos, por meio da chave pix oficial (sos@adra.org.br). “Esse método seguro garante que as doações sejam direcionadas de maneira eficaz para atender às necessidades urgentes da comunidade afetada”.¹⁵⁴

Além disso, a Igreja Adventista tem emitido recomendações específicas para as regiões norte, nordeste e Vale dos Sinos do Rio Grande do Sul: que templos sob risco direcionem seus cultos e atividades para locais seguros ou para outras igrejas na região; que evitem viagens desnecessárias, priorizando a segurança de todos; e que seus membros

152 “Voluntários da Ação Solidária Adventista (ASA) preparam e distribuem sopão para os desabrigados no CIEP, em Empresa, Taquara. (Foto: Arquivo pessoal)”. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

153 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

154 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ofereçam, sempre que possível, suporte emocional e material às vítimas, quando necessário.¹⁵⁵

Além da ADRA e da ASA, membros do Instituto de Agricultura e Evangelismo (IAGE), ligado “indiretamente” à IASD, manifestaram apoio às vítimas das enchentes. Oportunamente, nos fora concedida uma declaração “testemunhal” sobre um dos “ministérios independentes” no Brasil – alvo de contestações pela IASD¹⁵⁶ –, por um dos membros do IAGE, que na ocasião, refutou qualquer tipo de acusação ao instituto.

O autor da presente pesquisa participa de um grupo intitulado “Adventistas no Campo”. De domingo a sexta, lança enquetes sobre temas variados, que tenham relação com a vida no campo. Em 30 de julho deste ano (2024), a enquete foi sobre o IAGE. Uma integrante do grupo deu o seguinte testemunho:

Sou membro da IASD há mais de 32 anos e sempre fui fiel dizimista, e nunca fiz nenhuma doação ao IAGE, nem comprei nada do IAGE. Em maio passado, por ocasião das enchentes no Rio Grande do Sul, fui até a Associação da IASD solicitar que me fornecessem livros para serem distribuídos nos abrigos de desabrigados, nos quais eu estava fazendo um trabalho de capelania, a Associação me forneceu alguns folhetos, 10 Bíblia, uns 6 livros variados e alguns estudos bíblicos. O SELS me doou 20 revistas Nosso Amiguinho. Pedi *O Grande Conflito* e me disseram que somente na loja da CPB teriam.

Na loja da CPB me informaram que não poderiam doar nenhum livro *O Grande Conflito*, que eu teria que comprá-los. Então comprei 5 caixas.

Como a demanda era muito grande, entrei em contato com o Silverino Kull, a quem, praticamente, só conheço através de ver os vídeos e storys no Facebook, pedindo uma doação de livros. Ele nem sabia quem eu era. Resumindo, o IAGE me doou 3.520 livros *A Grande Controvérsia* (O Grande Conflito ilustrado, em papel de muita qualidade e com o conteúdo na íntegra) e quase a mesma quantidade de livros *A Felicidade Plena* (Caminho a Cristo). Além de 120 cobertores e várias malas com roupas de inverno e calçados.

155 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

156 “Em 2017 o Instituto recebeu uma notificação da CPB, reivindicando o direito de usar os títulos de alguns livros que o IAGE estava publicando, sobre a penalidade de um processo jurídico. Então os livros foram retirados das vitrines e alterado os nomes nas edições seguintes. O livro “O Grande Conflito” ficou com seu nome traduzido literal para “A Grande Controvérsia”, o livro “O Caminho a Cristo” foi publicado novamente com o nome “Felicidade Plena, Como Alcançá-la?” e o livro “O Ritual do Santuário” foi traduzido novamente e publicado com o nome “O Serviço do Santuário”, todos com tradução própria do ministério IAGE. [...] A grande novidade do início do ano de 2019 foi a publicação da polêmica Bíblia White. Uma Bíblia com comentários de Ellen White no rodapé das páginas, cujo título fazia referência ao sobrenome da mensageira do Senhor. Por esse motivo, muitas pessoas não só a adquiriram, principalmente por curiosidade, como fez com que o IAGE fosse conhecido em quase todo território nacional, tanto no meio adventista quanto no meio evangélico, pois o Instituto sofreu pressão dos dois públicos devido a essa publicação. [...] Após o Instituto se tornar conhecido, o termo Obra de Sustento Próprio começou a ser difundido. Muitas pessoas começaram a querer saber o que é isso, e por que um ministério que apoia a Igreja Adventista do Sétimo Dia não tem vínculo administrativo com ela.” Disponível em: <https://comunidadeiage.com.br/sobre-o-iage/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Quem fala mal do IAGE é porque não conhece o trabalho que estão realizando. Quem diz que são dissidentes, é porque nunca conversaram com alguém do IAGE e estão sendo papagaios de alguém que está incomodado porque esse livro tão odiado pelo diabo, está sendo distribuído como folhas de outono.¹⁵⁷

A despeito de todas essas iniciativas, e em consequência da crise sanitária mundial, a própria IASD enfrenta, desde então, outros desafios, dentre os quais, recortamos o fenômeno do Púlpito Eletrônico como resultado e, ao mesmo tempo, seus desdobramentos como a causa das novas modificações religiosas no cenário nacional do adventismo.

3.1.2 Comunidade para além do conceito: a experiência da comunhão

A relação entre comunidade e comunhão é bastante clara, posto que, além da semelhança entre os vocábulos, conceitualmente, não há comunidade sem comunhão nem comunhão sem comunidade. Uma comunidade só pode ser assim concebida por meio da partilha de ideias, princípios, crenças e objetivos, de modo que a comunidade se expressa necessariamente pela união entre seus membros, fortalecida pela unidade de pensamento, que constitui a experiência da comunhão. “Comungar é um termo que tem origem no latim ‘*communio*’ e significa ‘participar em comum’”.¹⁵⁸

A concepção de comunidade respaldada em Russell Burrill assinala que a criação do ser humano à imagem de Deus implica a necessidade de compreender uma ideia de praticar, efetivamente, a comunhão, tendo como modelo a natureza trinitária de Deus como comunidade perfeita. Na obra *Como reavivar a Igreja do Século 21: o poder transformador dos pequenos grupos* (2005), Burril afirma que a restauração da imagem de Deus inclui a restauração das relações comunitárias entre os seres humanos, tal qual nos aponta a Bíblia, e é a tentativa de Deus em restaurar a comunidade rompida pelo pecado.

O Deus bíblico é apresentado nas Escrituras como uma pluralidade que é “um”. Os adventistas, juntamente com a maioria dos outros cristãos, falam de Deus como “Trindade”. Os três membros da Divindade – Pai, Filho e Espírito Santo – são três Pessoas distintas, mas uma em caráter, unidade e propósito. Não entendemos a singularidade de Deus à parte da pluralidade dessa singularidade. (BURRIL, 2005, p. 25)

157 Entrevista concedida ao pesquisador Elizeu Lira, em 30 de julho de 2024, por meio do grupo Adventistas no Campo. Disponível em: <https://projetohipomone.blogspot.com/2024/08/testemunho-sobre-o-iage.html?m=1>.

158 Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/comungar-o-que-e-significado>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Nessa esteira, Burrill enfatiza a necessidade de a Igreja Adventista retornar às suas raízes bíblicas e aos princípios do Novo Testamento, destacando a importância de uma igreja vivificada pelo Espírito Santo, fiel à sua missão, em contexto mundial. Para tanto, ele ressalta o imperativo de um modelo bíblico de igreja, tanto em ensinamentos quanto em práticas organizacionais, uma vez que o exemplo maior se mostra na Trindade, ou seja, o modelo perfeito de comunidade. Assim:

A Trindade é a comunidade perfeita e fornece as orientações de como a verdadeira comunidade deve ser expressa. Nós adventistas entendemos que Deus nos chamou para ajudar a restaurar pessoas à Sua imagem. Mas para cumprir essa missão, precisamos reconhecer que a imagem de Deus não pode ser restaurada a não ser que a humanidade seja restaurada de forma relacional, para viver em comunidade uns com os outros, assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo o fazem. Inerente à compreensão adventista de missão está a restauração da comunidade. Isso deveria colocar os pequenos grupos que restauram a comunidade no centro da missão adventista. (BURRILL, 2005, p. 26)

O autor apresenta o ministério de Jesus como um exemplo de construção de comunidade por meio dos “pequenos grupos”¹⁵⁹, nos quais Jesus se dedicava a ensinar e formar seus discípulos. Para Burrill, fundamentado pelos ensinamentos de Jesus, é este modelo que as igrejas devem seguir para promover uma verdadeira comunidade de fé – em oposição a estruturas hierárquicas e centralizadas –, embora enfatize que é o Espírito Santo que age nesses grupos, quando se reúnem em verdadeiro compromisso missionário.

Acho que a essência dos pequenos grupos é o coração do que a igreja é: comunidade. Os pequenos grupos não são uma panacéia para todos os males da igreja. Pequenos grupos não salvarão uma igreja que esteja morrendo e não rejuvenescerá uma que esteja em declínio. É somente o Espírito Santo operando em nossas igrejas quem pode trazer verdadeira transformação. Porém, os pequenos grupos podem ser um importante veículo para facilitar o derramamento do Espírito Santo. Somente a presença de Jesus pode transformar as pessoas, e Sua presença é manifestada por meio do Espírito Santo, que facilita o crescimento de indivíduos e da missão da igreja através de comunidades de pequenos grupos. (BURRILL, 2005, pp. 20-21)

Outrossim, os pequenos grupos também foram formados pelos discípulos de Jesus, a exemplo de Paulo, um modelo de líder que plantava igrejas baseadas em

159 Após o Pentecostes, a igreja primitiva em Jerusalém é descrita como uma comunidade envolvida em quatro atividades principais: estudo, comunhão, alimentação e oração. Estas atividades eram realizadas em pequenos grupos desde a igreja primitiva, de modo que, atualmente, tais reuniões foram mantidas como parte formal das atividades da IASD, tendo, o ministério de Jesus, como exemplo originário de comunidade e comunhão. Cf. Russell Burrill. *Como reavivar a Igreja do Século 21: o poder transformador dos pequenos grupos*. Tradução Ellen Mary T. B. de Franco. — Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005 (capítulo 5).

comunidades relacionais, e desenvolveu um padrão de igreja que enfatizava a participação ativa e a comunhão entre os membros, em contraste com a adoração meramente espectral da época, segundo Burrill. Portanto, a comunhão se dá na reunião presencial de cristãos em prol da mesma causa, o que verdadeiramente podemos chamar de comunidade cristã bíblica. Logo,

Cristãos isolados não são realmente cristãos bíblicos, mesmo que seus nomes estejam nos livros de nossas igrejas. A comunidade não é alcançada quando alguém se torna membro, mas tampouco é alcançada sem se tornar membro. Comunidades atenciosas, em que as pessoas realmente ministrem umas às outras, são a base para cumprir a missão nas igrejas adventistas, no começo de um novo milênio. (BURRIL, 2005, p. 21)

Assim como Jesus e seu propósito de evangelização, a igreja deve objetivar a criação e manutenção da comunhão entre seus membros, e concomitantemente, entre estes e Deus. Criar discípulos que criem discípulos é a missão da comunidade cristã bíblica, com a finalidade maior do crescimento espiritual de seus membros, tendo Jesus e seu ministério como exemplo originário, no desenvolvimento dos pequenos grupos.

Por causa do envolvimento de Jesus com um pequeno grupo e pelo Seu exemplo em focalizar a maior parte de Seu ministério no desenvolvimento daquele grupo, é imperativo que as igrejas atuais estejam envolvidas no ministério de pequenos grupos. Dessa forma, elas moldam seu ministério pelo ministério de Jesus. É inconcebível que uma igreja edificada com base nas Escrituras possa existir sem o ministério de pequenos grupos, quando pequenos grupos foram a essência do estilo ministerial de Jesus. (BURRIL, 2005, p. 56)

Embora o modelo dos pequenos grupos seja, até os dias atuais, exemplo efetivo de compromisso e missão cristãs, o crescimento da IASD, ao longo dos séculos, suscitava a transição dos pequenos grupos para a igreja institucionalizada. A Igreja Adventista primitiva, fortemente influenciada pelos metodistas¹⁶⁰, adotou a união equilibrada entre ambos os modelos, promovendo “reuniões sociais” que serviam para discutir os aspectos cognitivos (dos metodistas) e relacionais (da Igreja Primitiva) da fé, com o intuito de manter a união entre os membros, compartilhando problemas e buscando apoio mútuo, viabilizando uma comunidade aberta e transparente. No entanto, para Ellen White, o

160 “Naquela época, não se podia fazer parte da Igreja Metodista sem ser membro de uma classe e freqüentá-la [sic] regularmente. Falhar em freqüentar [sic] regularmente era motivo suficiente para ser excluído da qualidade de membro. Hoje considerariamos tal exigência opressiva. Contudo, descobrimos que foi exatamente isso que a igreja do Novo Testamento fez. Por quê? Porque as pessoas não poderiam ser cristãs se falhassem em viver em comunidade com outros cristãos, e o pequeno grupo relacional era o lugar ideal para que ocorresse essa comunidade.” (BURRIL, 2005, p. 108).

“propósito das reuniões sociais era lidar com o aspecto relacional da vida das pessoas, incluindo seus sentimentos” (BURRIL, 2005, p. 141).

Até o fim do primeiro século, o apóstolo João declarou que essa era a base sobre a qual a igreja fora edificada. Durante os duzentos anos seguintes, a igreja continuou no paradigma de igrejas-lares. Nesse período, a igreja experimentou um crescimento substancial e aparentemente estava com boa saúde espiritual, apesar de constante perseguição. (BURRIL, 2005, pp. 103-104)¹⁶¹

É importante reforçar, tanto quanto possível, que a IASD possui uma – dentre outras – característica singular: a capacidade de se adequar às diversas mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas, ao longo do tempo, muito embora mantenha intactos os princípios fundamentais que a estruturam. Desse modo, sua crescente expansão se verifica na junção *sui generis* entre o respeito aos seus fundamentos e princípios, em equilíbrio à sua postura heterodoxa em relação a alguns assuntos. Assim, não é estranho que, a despeito das alterações e mudanças necessárias na IASD, ao longo do tempo, Burrill retorne aos escritos de Ellen White sobre a importância dos pequenos grupos¹⁶², uma vez que ela defendia a formação de “pequenas companhias” como base do esforço cristão, tanto para evangelismo quanto para cuidado mútuo entre os crentes. De igual modo, nosso autor compreende que a Igreja Adventista deve retornar ao modelo de Igreja do Novo Testamento, centrado em pequenos grupos relacionais, condição essencial para cumprir a missão da igreja no século 21. Nas palavras de Burrill:

Você pode procurar em todos os mais recentes livros sobre pequenos grupos, e não encontrará uma definição de pequeno grupo melhor do que essa dada aqui por Ellen White. Ela declarou que a idéia [sic] de dividir a igreja em pequenas companhias fora-lhe dada por Um que não podia errar. Isso é uma autenticação divina dos pequenos grupos. Nada podia ser mais claro do que esse ressonante endosso que Ellen White dá ao ministério dos pequenos grupos. Ela então passa a definir o que

161 “A igreja institucional floresceu por todo o período da Idade Média e até na época da Reforma. As igrejas da Reforma simplesmente copiaram o modelo romano de operar a igreja. Ser membro da igreja de Lutero ou Zwinglio era o mesmo que ter cidadania no Estado. Um clero profissional administrava os ritos e cerimônias da igreja institucional. Os anabatistas do período da Reforma desenvolveram a única igreja que era separada do Estado. Eles recusaram a proteção do Estado por medo de que, uma vez que o Estado estivesse envolvido com a igreja, corromperia tanto a si quanto a igreja. A igreja que desenvolveram foi perseguida. Não tinha lugar seguro. Como resultado, a igreja tomou a forma de uma comunidade de apoio, reunindo-se em lares e cavernas. Cada comunidade era pequena e provia verdadeira comunhão e apoio. Somente assim a igreja pôde sobreviver à forte perseguição que lhe foi infligida.” (BURRIL, 2005, pp. 105-106).

162 “O adventismo primitivo foi capaz de produzir um espírito de abertura, onde as pessoas se sentiam livres para compartilhar seus problemas e erros. Ellen White às vezes revelava publicamente o erro de alguém que lhe havia sido mostrado em visão. Isso jamais era feito com o intuito de criticar, como frequentemente [sic] fazemos hoje, mas com o intuito de ajudar as pessoas a lidar com o pecado em sua vida. Evidentemente, as pessoas se sentiam seguras, sabendo que o fato de serem abertas sobre o pecado pessoal as ajudava a ser responsáveis e a alcançar a vitória que Deus desejava.” (BURRILL, 2005, pp. 129-130).

deveria acontecer nos pequenos grupos e indica que eles deveriam se preocupar com evangelismo, oração, estudo da Bíblia, encorajamento e cuidado mútuo, e que acima de tudo eles deveriam criar comunidade. [...] Essa única afirmação deveria pôr fim a qualquer má vontade que qualquer adventista possa ter em relação ao ministério dos pequenos grupos. Ellen White não poderia ter se expressado mais claramente. A Igreja Adventista deve ser edificada sobre o ministério dos pequenos grupos. (BURRIL, 2005, p. 149)

Essa perspectiva se torna mais clara na obra *Discípulos Modernos: o desafio de Cristo para cada membro da Igreja* (2006), de Burrill, na qual pontua, como início da missão cristã moderna, o desafio da “Grande Comissão”:

A era do Novo Testamento começa com o desafio da Grande Comissão soando nos ouvidos dos discípulos de Jesus. Ansiosos por cumpri-la, eles se apressaram a obedecer às instruções do Mestre. Os dez dias seguintes foram passados em ávida expectativa, esperando o prometido derramamento do Espírito que os capacitaria para a missão. Sua espera não iria resultar em desapontamento. Dez dias depois, ocorreu o grande evento do Pentecostes, e a igreja iniciou o processo do cumprimento da Grande Comissão. (BURRIL, 2006, p. 41)

Ao explorar as estratégias missionárias da igreja primitiva, incluindo o papel do Espírito Santo no Pentecostes, que capacitou os discípulos para a missão, destaca a importância de uma igreja saudável que cresce e se multiplica naturalmente através da pregação e do testemunho. A relação entre evangelismo e discipulado é fundamental para a compreensão de que a missão da igreja não é apenas converter pessoas, mas também formar discípulos comprometidos. Burrill critica métodos de evangelismo que não levam ao verdadeiro discipulado e aponta a necessidade de um compromisso radical com Cristo, pois, “Somente uma igreja que está vigorosamente envolvida no processo de fazer discípulos pode alegar ser a igreja que Jesus fundou com o expresso propósito missionário” (BURRILL, 2006, p. 44). Nesse interim, ele declara que, mais do que nunca,

A necessidade da igreja hoje é reconquistar a noção de missão que impulsionou a igreja primitiva a fazer discípulos – a missão centralizada no cumprimento da Grande Comissão. A igreja hoje não deve desenvolver uma teologia de simplesmente buscar o perdido, mas uma que se centraliza em fazer discípulos. A obra da igreja não é simplesmente proclamar as boas-novas, mas também trazer os perdidos a Cristo – ela deve transformá-los em discípulos no mais verdadeiro sentido bíblico. A igreja primitiva não só procurava os perdidos, ela os encontrava. A igreja crescia rapidamente porque eles viam que sua responsabilidade principal era encontrar os perdidos e transformá-los em discípulos. (BURRIL, 2006, pp. 47-48)

Essa necessidade, porém, esbarra em diversos obstáculos, principalmente por parte da própria Igreja, que tem desviado o foco, grosso modo, para questões secundárias,

sem mencionar os inúmeros eventos degradantes em virtude do culto ao poder, dentre outros aspectos negativos, como o desvirtuamento do Púlpito Eletrônico. Em *Recuperando uma Abordagem Adventista à Vida e Missão da Igreja Local* (S./d., p. 175), Burrill afirma: “Não faz nem cem anos que os adventistas viram essa igreja em ação. Há apenas setenta e cinco anos de apostasia em sua eclesiologia. Portanto, deveria ser fácil voltar para o modelo bíblico de igreja”.

A esta parcela de adventistas, Burrill dirige críticas bastante contundentes, e enfatiza:

A Igreja Adventista sempre afirmou ser a igreja remanescente de Deus. Poderia ser verdade que uma igreja não pode afirmar ser a igreja remanescente, se não guardar os mandamentos de Cristo? Isso significaria que para ser o remanescente de Deus, a igreja deve obedecer à Grande Comissão, que exige fazer discípulos como o objetivo principal da missão. Qualquer igreja que não faça isso não pode afirmar ser o remanescente. Tal igreja desobediente precisa se arrepender de sua omissão – da falha em cumprir a Grande Comissão. Não seria hora das igrejas adventistas se perguntarem se estão sendo fiéis, ou não, à comissão de Cristo? E se não estiverem, não deveriam se arrepender de sua desobediência? A hora está muito avançada para permitir que a igreja continue na indiferença de Laodicéia enquanto o mundo perece. É tempo de profundo arrependimento pelo pecado da omissão – falha em cumprir o grande desejo do coração de Jesus – fazer discípulos entre todos os povos. (BURRIL, 2006, p. 47)

A despeito desses entraves, o autor remete à grande expansão do adventismo em todo o mundo, e atribui tal crescimento à resistência da igreja cristã desde a época dos apóstolos – especialmente por esforços do apóstolo Paulo –, quando deixou de ser uma seita judaica e passou a ser uma religião internacional, espalhando-se por diversas e distintas culturas e nações. A partir dessa compreensão, Burrill tece uma analogia extremamente relevante acerca do crescimento do adventismo em nível global.

Tendo se tornado igreja institucional na América do Norte, no século 19, o adventismo logo foi incorporado à cultura local, que a “exportava” a outras nações em seus moldes, uma vez que, “Durante a maior parte da história da Igreja Adventista, a América do Norte controlou a igreja e, portanto, controlou a diversidade cultural” (BURRIL, 2006, p. 49). No entanto, “[...] como a igreja cresceu internacionalmente a ponto de superar os norte-americanos, em número, à razão de dez para um, a América do Norte não pode mais controlar a igreja” (BURRIL, 2006, pp. 49-50), e várias expressões culturais do adventismo se desenvolveram entre inúmeras nações, o que causa, até hoje, certa incompreensão por parte dos adventistas norte-americanos acerca dessa diversidade cultural entre os adventistas de outras partes do mundo. “Conforme o adventismo se tornou nativo às

culturas locais, e a liderança local assumiu, a igreja cresceu muito mais rapidamente do que quando estava sob o controle norte-americano” (BURRIL, 2006, p. 50).

Burrill arremata o raciocínio com a seguinte analogia: “Ocorreu no adventismo o mesmo fenômeno que ocorrera na igreja primitiva, revelando novamente que a igreja cresce mais quando é controlada pela liderança local e expressada na cultura local” (BURRIL, 2006, p. 50). Significa dizer que a IASD se expande tão expressivamente em razão de sua cosmovisão acerca do modo como as inúmeras culturas de todo o globo a assimilam.

Somente quando a igreja do Novo Testamento permitiu diferentes expressões culturais do cristianismo foi que ela pôde realmente se tornar uma igreja internacional fazendo discípulos de todas as nações. Essas diferentes expressões culturais são absolutamente necessárias para o cumprimento da Grande Comissão. Porém, ao tornar o cristianismo culturalmente relevante, a igreja não deve aceitar e seguir culturas decadentes. Como todas as culturas, incluindo a anglo-saxônica norte americana, são decadentes, às vezes é difícil determinar o que é culturalmente aceitável e o que não é. (BURRIL, 2006, pp. 50-51)

Não há uma ortodoxia em relação às diversas culturas do mundo, mas uma postura de acolhimento do “diferente”, desde que essa “diferença” esteja de acordo com os princípios fundamentais da Bíblia, conforme desposados pela Igreja Adventista.¹⁶³ Portanto,

Uma cultura só pode ser confirmada ou negada com base em sua conformidade com os princípios das Escrituras. [...] Deve haver um padrão objetivo pelo qual a cultura seja avaliada como certa ou errada. Para os adventistas esse padrão é a Bíblia [...]. (BURRIL, 2006, pp. 50-51)

Burrill esclarece que é necessário que a IASD compreenda a diferença entre cultura e essência, de modo que aceitar ou não uma determinada cultura implica avaliar os limites entre a essência adventista e a conduta de tal cultura. Somente a partir desta criteriosa avaliação, uma igreja pode ser considerada “culturalmente relevante”:

A igreja que é culturalmenterelevanteé capazde separar expressão cultural e essência das Escrituras. [...] Isso significa que a igreja culturalmente relevante não mudará a mensagem básica das Escrituras ou do adventismo, mas apresentará essa mensagem de forma significativa ao povo que está tentando alcançar. [...] A mensagem jamais deve mudar – é o evangelho eterno – mas a maneira como é apresentada deve constantemente ser adaptada aos vários grupos que estamos tentando alcançar. (BURRIL, 2006, pp. 51-52)

163 Nesse sentido, a igreja deve ser liderada por pessoas da cultura local e deve se expressar na linguagem da cultura local, uma vez que a experiência da comunhão se dá na importância do contato real dos membros dessa comunidade. Assim, quanto mais unida for uma comunidade, comungando dos mesmos elementos essenciais e culturais, maior será o alcance de sua missão.

Nesta esteira, “Ellen White continuamente estimulava a igreja a buscar novos métodos para alcançar as pessoas” (BURRILL, 2006, p. 53), o que, segundo o autor, consiste na formulação de estratégias de aplicação prática da teologia da missão, ou seja, o modo mais efetivo para a igreja moderna implementar a Grande Comissão. Entretanto, tais estratégias não devem superpor os limites dos princípios fundamentais do adventismo, tal qual a adaptação às diversas culturas, pois, na história das religiões, tem-se observado que:

Igrejas que se esforçam muito pela aculturação, posteriormente se tornam tão semelhantes ao mundo que nenhuma diferença perceptível é vista. Essas igrejas param de crescer. Da mesma forma, igrejas que procuram acentuar a distância entre elas e o mundo se tornam tão diferentes que não se comunicam com o mundo. Tais igrejas também não crescem. Os conselhos da Bíblia e de Ellen White nos estimulam a seguir o caminho do equilíbrio. O adventismo contemporâneo deve continuar mantendo suas fortes convicções bíblicas e, ao mesmo tempo, se tornar culturalmente relevante aos grupos que pretende alcançar. (BURRILL, 2006, p. 54)

No início da pandemia, igrejas do mundo inteiro se questionavam como manter a comunidade unida em tempos de isolamento social, o que foi paliativamente resolvido pelos recursos tecnológicos, que mantiveram o “contato”, ainda que mediado pela “tela”, entre seus membros. Portanto, em plena pandemia, e sob o risco de se expor a um vírus mortal desconhecido e com alta capacidade de se expandir, os cultos presenciais não eram uma possibilidade racional. Ainda assim, havia uma clara divisão entre os que defendiam a manutenção das reuniões presenciais, temendo a ameaça da fragmentação do corpo da igreja, e aqueles que compreendiam que, a certa altura dos números de contaminados e mortos pela Covid-19, não houvesse saída além dos encontros virtuais.

A questão que Burrill coloca nos remete diretamente ao ponto crucial deste capítulo, a saber, a exacerbação do Púlpito Eletrônico, que chegou a tais níveis despreziosamente, ao menos, por parte dos adventistas sérios e comprometidos com a missão da comunicação do evangelho, durante e depois da pandemia.

Ao passo que o fenômeno midiático invadiu a vida da humanidade pós-moderna, há por outro lado, um grande contingente que reclama, justamente, a perda do contato que estreita os laços comunitários e rege a comunhão. “As pessoas estão cansadas de superficialidade. Elas precisam e querem o ‘suprassumo’ urgentemente. Nesta época de

imitação de tudo o que se encontra debaixo do Sol, o evangelho de Jesus Cristo deve prover autenticidade” (BURRILL, 2006, p. 111).¹⁶⁴

Esta constatação vem fortalecer o que pregava Ellen White sobre a importância da Igreja Adventista primitiva, juntamente com Burrill, que sustenta ser, o retorno às origens, o único caminho em direção ao cumprimento da missão adventista, ou, ainda, nos termos originais do proposto pelo Senhor Jesus, da Grande Comissão:

O tipo de igreja que descrevemos aqui parece distante da maneira como atualmente “fazemos igreja”. Contudo, como podemos ver por esse estudo, é claramente o modelo bíblico da igreja como comunidade. Não só o Novo Testamento defende e pratica esse tipo de igreja, mas o Adventismo primitivo também modelou essa igreja edificada de forma relacional e baseada em comunidade. (BURRILL, [s./d.], p. 175)

Nas palavras de Ellen White, apresentamos um trecho que enuncia a força da comunhão na presentificação comunitária dos pequenos grupos:

Algumas vezes um ou dois irmãos obstinadamente se opunham à opinião apresentada, e agiam de acordo com os sentimentos naturais do coração; quando, porém, essa disposição aparecia, suspendíamos nossas investigações e adiávamos a reunião, para que cada um tivesse a oportunidade de buscar a Deus em oração, e, sem consulta com outrem, estudasse o ponto de divergência, rogando luz do Céu. Com expressões de amizade nos despedíamos, para de novo reunirmo-nos tão breve quanto possível, para mais investigações. Por vezes o poder de Deus descia sobre nós de uma maneira assinalada, e, quando a clara luz revelava os pontos da verdade, chorávamos e regozijávamo-nos juntamente. Amávamos a Jesus, e amávamo-nos uns aos outros. O nosso número aumentava gradualmente. A semente lançada era regada por Deus, que a fazia crescer. A princípio reuníamos-nos para o culto e apresentávamos a verdade àqueles que vinham para ouvir, em casas particulares, em celeiros, bosques e edifícios escolares; não demorou muito tempo, porém, e pudemos construir humildes casas de oração. (WHITE, 1993, pp. 25-26)

Por ora, selamos o fim deste subtópico com o exemplo da proeminente contribuição dos escritos de uma das fundadoras do adventismo, e sua concepção de igreja primitiva, que até hoje, os preceitos guiam líderes e membros da IASD.

¹⁶⁴ Esta afirmação de Burrill se refere à ideia de “discípulos radicais”, descritos na obra supracitada em referência ao exemplo de Jesus “que iniciou Seu ministério chamando pessoas a um discipulado radical” (BURRILL, 2006, p. 110).

3.2 Midiatização exacerbada: o Púlpito Eletrônico no Brasil

O que chamamos de Púlpito Eletrônico, nesta pesquisa, pode ser definido como a midiatização exacerbada das religiões, de modo geral, ocasionada pelo crescimento desmedido da comunicação tecnológica durante a pandemia, revelando um cenário pós-pandêmico em que o aparato virtual substituiu o contato real entre os membros de diversas comunidades religiosas, dentre as quais se encontra a IASD, recorte de análise desta tese. Tal definição, no entanto, não se encerra nesta sintética descrição, uma vez que, para chegarmos ao conceito de Púlpito Eletrônico, uma vasta e complexa pesquisa se desenrola até o presente instante desta escrita, e que certamente se estenderá por muito mais tempo, pois, as tecnologias voltadas à comunicação avançam continuamente, e a uma tal velocidade que jamais conseguiríamos acompanhar.

Portanto, faz-se necessário tomar como pressuposto o fato de que nosso objeto de pesquisa não cessa de transmutar-se, o que, por consequência, torna impossível abarcá-lo em sua totalidade. Essa aclaração deve ser compreendida no sentido de que, temporalmente, apenas o surgimento do fenômeno Púlpito Eletrônico pode ser demarcado, pois, seus limites estão para além de qualquer previsão, ainda que especulativa, bem como os avanços tecnológicos que o fizeram emergir.

Albert Klein, em seu livro *Imagens de culto e imagens de mídia* (2006), tece uma riquíssima investigação acerca da inserção e consequências da midiatização no cenário religioso. A partir dos conceitos de “imagem de culto” e “imagem de mídia”, Klein elabora uma análise sobre os diferentes papéis que imagem e mídia podem representar nos dois âmbitos supracitados, desde os aspectos conceituais, etimológicos, genealógicos e o modo como a imagem está presente, em maior ou menor grau, em todas as culturas.

“Uma imagem vale mais que mil palavras”, talvez, seja a síntese do poder que a imagem representa, na comunicação. Esta máxima, expressa pelo filósofo chinês Confúcio¹⁶⁵, se referia à facilidade de comunicar os ensinamentos dos sábios mestres, por meio de símbolos e ideogramas que formavam imagens conceituais complexas, e, que, segundo Confúcio, comunicavam muito mais que palavras. O que Confúcio não previa era que seu provérbio fosse ressignificado ao ponto de ser usado pelas mais diversas mídias tecnológicas para os mais diferentes fins, desde a publicidade e a propaganda até

165 Confúcio (552-479 a.C) ficou conhecido como Mestre Kung, através de seus sábios provérbios. Disponível em: <https://www.significados.com.br/uma-imagem-vale-mais-que-mil-palavras/>. Acesso em: 16 de maio de 2024.

a manipulação de populações, culturas, comunidades religiosas e outros. Nesta linha de raciocínio, quando Klein remete o uso da imagem, em um exame profundo, está orientado por este tipo de representação imagética/midiática, que visa condicionar o “olhar” de quem observa, para determinados fins. É preciso, porém, estabelecer o que Klein quer dizer com o termo “imagem”, em cada abordagem, já que este possui raízes longínquas.

Historicamente, “os indícios da religiosidade humana são anteriores às evidências do surgimento de uma ‘arte’ figurativa no paleolítico, levando-nos à hipótese de que é um homem já governado pelos seus deuses que vai começar a figurar o mundo na forma de imagens” (KLEIN, 2006, p. 31).¹⁶⁶

Dialeticamente, esse processo de passagem da imagem, do imaginário à materialização, movimenta-se, também, em direção oposta, da materialização da imagem aos sentidos criados pelo homem, sobre ela.¹⁶⁷

Esta compreensão é fundamental para a constatação de que, desde a pré-história, os mitos e ritos praticados pelo homem estão diretamente ligados ao surgimento da cultura, segundo Ivan Brystina (s/d), pois, estes primeiros registros de manifestações míticas, mágicas (ou religiosas) constituem dados que não estavam vinculados à mera sobrevivência do homem, o que os tornam equivalentes ao conceito de cultura, bem como à consciência da morte. Brystina chamará a existência de tais registros de “segunda realidade” – sendo, a “primeira realidade”, tudo aquilo que estaria ligado puramente à sobrevivência do homem ([s/d] *apud* KLEIN, 2006, pp. 32-33).

Neste sentido, questionamos, juntamente à Klein:

O que são imagens, afinal? De um ponto de vista da cultura e, levando em consideração o aspecto material do objeto, imagens são textos culturais, construídos pelo homem, frutos de sua imaginação, que duplicou o seu mundo e o seu imaginário, dando-lhes formas figurativas ou abstratas nos mais diversos suportes visuais. (KLEIN, 2006, p. 48)

É esta definição de imagem que abordamos por meio das contribuições de Klein, e, a partir delas, chegamos ao centro da questão: as consequências da midiaticização exacerbada da IASD, no Brasil.

[...] Por isso é válida a crítica de Malena Segura Contrera (2002) a Pierre Lévy, quando este toma conexão técnica por conexão comunicativa.

166 Numa perspectiva mais ampla, este pensamento pode ser relacionado à “Ideia das Formas”, de Platão, em sua descrição cosmológica acerca de Deus, da formação do mundo e do homem. (Cf. PLATÃO, *Timeu*).

167 Nesse sentido, há uma extensa discussão na tradição filosófica em torno da imagem e suas representações, desde o Belo platônico até os “juízos de gosto”, com Kant e, depois, com Hume. Nos restringimos à investigação da imagem vinculada à religiosidade, em bora, para um estudo mais profundo, seja necessário realizar algumas breves digressões.

Esta é uma situação paradoxal, pois à medida que estendemos nossos corpos em mídias nosso universo vai ficando cada vez mais na superfície, literalmente em muitos casos, pois se limita às telas do computador e da TV. Comunicação, nessa perspectiva, afasta-se cada vez mais de uma palavra com a qual partilha o mesmo radical: “comunhão”. (KLEIN, 2006, pp. 131-132)

Como pontua Sibilia (2012), não somente a interação social se altera brutalmente, na atualidade, mas também todos os aspectos da vida, que é regida pelas noções de tempo e espaço:

[...] o poder dissolvente da lógica mercantil e informacional também arrasou sua solidez, fazendo explodir aquela temporalidade regular e pautada em cujo transcurso as mensagens eram transmitidas e metabolizadas, deixavam marcas e se reproduziam. Nos novos modos de ver televisão – que, por outro lado, costumam conviver de forma sincrônica e intermitente com outras atividades midiáticas, propiciadas pelos computadores conectados à internet e pelos telefones celulares – “nada começa, nada termina, nada permanece, porquetudo flui velozmente”, explica Corea; assim, “a imagem contemporânea, mais do que convocar o nosso olhar, nos intima a uma piscadela instantânea”. (SIBILIA, 2012, pp. 85-86)

A autora continua e aprofunda as suas acuradas análises sobre esta questão assinalando, como ela mesma afirma, que “as subjetividades midiáticas querem se divertir”:

Porém, se as figuras resvalam e não deixam traços nos olhos empanturrados da atualidade, algo semelhante costuma acontecer com a palavra: ela “se torna supérflua, flui, não refere, não marca, não indaga”, como constata a mesma autora. Em sintonia com a banalização e a saturação imagética, as palavras também não amarram nem decantam, não chegam a consolidar significados em quem as profere nem em quem as escuta: em vez de ancorar experiências com seu peso capaz de marcar corpos e subjetividades, elas patinam ou deslizam sem se prender a nada, como opiniões intercambiáveis que se somam à maré e desaparecem, em vez de lhe dar espessura fazendo-a se deter ou interrompendo seu devir. Em seu excesso sem densidade, tanto as imagens como as palavras se mostram impotentes para desacelerar esse fluxo ou para lhe dar coesão: não conseguem se condensar em diálogo nem em pensamento. (SIBILIA, 2012, p. 86)

Nesse contexto, a tentativa de criar, ou de ampliar um debate acerca destas questões, podem acabar por desembocar no resultado oposto ao intuito inicial de quem se arrisca a tecer críticas e ponderações sobre o “novo normal”, em que não há tempo nem espaço para ler ou ser lido:

A velocidade e a intensidade dos fluxos atuais conspiram contra a produção e a coagulação dos significados. Por isso o telespectador contemporâneo – assim como o estudante, talvez – já não sofre pela imposição de uma mensagem alienante num ambiente repressivo, mas pelo desvanecimento de qualquer sentido e pela dispersão gerada nesse contato sem ancoragens. Nessas circunstâncias, ao fazer uma “leitura crítica”

dos meios, corre-se o risco de lançar mais palavras sem volume na correnteza de opiniões, todas igualmente válidas porque se carece de um critério capaz de sopesá-las ou convertê-las em pensamento. Então, é como se tivessem se dissipado também as condições básicas de recepção das mensagens midiáticas, que garantiam a solidez do código com o peso da lei e permitiam sua interpretação, dando lugar tanto à opressão quanto ao sonho e à possibilidade de uma emancipação. (SIBILIA, 2012, p. 87)

Atualmente, já há prestação de serviços de marketing midiático direcionado às igrejas, visto o grande desenvolvimento do púlpito eletrônico. O site marketingdoreino.com foi criado justamente para atender a esse tipo de demanda.

Desenvolver um ministério de mídia para sua igreja pode ser emocionante e ao mesmo tempo um pouco desafiador. Talvez você se sinta instigado a começar, mas não saiba por onde. Se já iniciou, pode estar um tanto perdido sobre os próximos passos. Então venha conosco, vamos te ajudar a otimizar o serviço de Mídia da sua igreja.¹⁶⁸

Figura 43 – Como trabalhar com mídia na igreja?



Fonte: marketingdoreino.com (28 de janeiro de 2022).¹⁶⁹

O púlpito eletrônico na IASD seria o resultado da combinação de uma série de aspectos, que envolvem, *grosso modo*, poder, política interna e externa, comunicação mercadológica (ainda que sem comerciais), forte apelo emocional, manipulação midiática, esvaziamento do sentido de comunidade religiosa e a ruptura da comunhão entre os membros, ocasionada pelo distanciamento imposto pelo uso exacerbado da tecnologia, que, a partir da pandemia, para um grande contingente de membros, substituiu o contato real pelo virtual. Uma prova dessa substituição foi a permanência dos

168 Disponível em: <https://marketingdoreino.com/como-trabalhar-com-midia-na-igreja/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

169 Disponível em: <https://marketingdoreino.com/como-trabalhar-com-midia-na-igreja/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

cultos online mesmo depois da pandemia, medida elaborada apenas para suprir a ausência do contato, em razão do isolamento social, causado pela crise sanitária.

A figura, abaixo, apresenta a propaganda de um dos primeiros cultos virtuais realizados depois da pandemia, pela Igreja Adventista do Jardim Esplanada, Associação Paulista do Vale, no dia 19 de novembro de 2022.

Figura 44 – Culto IASD Esplanada



Fonte: YouTube.com (19 de novembro de 2022).¹⁷⁰

É possível acompanhar o culto pelo canal YouTube¹⁷¹. À título de informação, ressaltamos que o fim da pandemia foi oficialmente decretado em 22 de maio de 2022, apenas quatro meses antes. O Púlpito Eletrônico parece ter vindo para ficar.

3.2.1 Pastoreio eletrônico: a comunidade adventista em crise

Essa volatilidade ou superfluidez remete ao vaticínio de Guy Debord a respeito da “morte da conversação” na sociedade do espetáculo, profetizado no fim da década de 1960 [...], ou até ao “empobrecimento da experiência” analisado por Walter Benjamin na década de 1930 como fruto da aceleração moderna e, principalmente, da generalização da informação em lugar dos relatos narrados por via oral. Também ressoa aqui a voz mais recente de Gilles Deleuze: “Talvez a fala e a comunicação estejam apodrecidas”. Acontece que a própria linguagem se torna inconsistente quando a opinião substitui o pensamento e a informação ocupa o lugar do saber ou do conhecimento: “Sobrevém a impressão de vazio, pois a palavra não produz nenhum retraimento, não modula a interioridade necessária para se poder pensar”. (SIBILIA, 2012, pp. 86-87)

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjaoObNBIwg>. Acesso em: 12 jul. 2024.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjaoObNBIwg>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Em tempos de midiatização total, uma entrevista e uma propaganda, na Revista Adventista – principal periódico denominacional da IASD no Brasil – de maio de 2018, saltam aos olhos. Entre os dias 25 e 26 de março de 2018, foi realizado no Instituto Adventista de Tecnologia (Iatec), em Hortolândia-SP, um encontro mundial de líderes financeiros da IASD. Na ocasião, o pastor dominicano Juan Rafael Prestol-Puesan, diretor financeiro da sede mundial adventista, destacou a ousadia da Igreja brasileira e a importância estratégica do uso das tecnologias digitais para se comunicar com um campo missionário de 7,5 bilhões de pessoas:

A Igreja na América do Sul está na vanguarda em várias áreas, inclusive na tecnológica. Aqui os programas de folha de pagamento, contabilidade e de gestão de secretaria das congregações já funcionam bem e por isso têm sido exportados. Esta instituição, o Iatec, por exemplo, é única. Aqui 150 funcionários trabalham exclusivamente para servir à igreja na área tecnológica. Portanto, ao trazer os líderes para cá, esperamos abrir portas, apresentar produtos, estabelecer parcerias e encontrar soluções. (REVISTA ADVENTISTA, maio de 2018, p. 6)

Quando indagado sobre a importância do uso das infotecnologias, por parte da IASD, para o cumprimento de sua missão, Prestol-Puesan respondeu:

É vital. O que ocorre é que a tecnologia antes aplicada à guerra e à ciência, agora está sendo utilizada para o consumo. Isso está personalizando e individualizando o uso dessas tecnologias, especialmente nos centros urbanos, em que as pessoas vivem mais ocupadas. Por isso, precisamos entender melhor como chegar a essas pessoas para dizer-lhes que há esperança e que Jesus virá em breve. Creio que esses recursos façam parte dos planos de Deus para o desfecho da história humana de pecado. (REVISTA ADVENTISTA, maio de 2018, p. 6)

É fácil observar que a IASD que, durante décadas, dependeu de favores e negociações caras com os donos das emissoras de rádio para veicular os seus programas radiofônicos de evangelização e, depois, na condição inicial descrita por Umberto Eco de “Apocalípticos”, por medo de “contaminação” espiritual dos membros, viu a Igreja Católica e as evangélicas – especialmente as neopentecostais – surfarem na onda do televangelismo e, agora, especialmente a partir do início da segunda década do Século 21, vem investindo pesado na TV e no rádio e, mui especialmente, na utilização dessa gama quase infinita de possibilidades de produtos e recursos digitais para comunicação interna – com os pastores e membros – e para a evangelização.

Nesse mesmo exemplar da Revista Adventista, na coluna “Olhar Digital”, podemos apreciar a propaganda “Seriado para adolescentes”, na qual se lê:

Lançada no início de abril, a nova série, intitulada – **10 A Vida Não é Um Jogo**, vai abordar a relação dos adolescentes com a tecnologia. Os dez episódios irão mostrar como a rotina de um grupo de adolescentes se transforma depois que um deles decide participar de um jogo *on-line*. Disponível no feliz7play.com a produção foi feita pela Seven Filmes. (REVISTA ADVENTISTA, maio de 2018, p. 9)

Logo abaixo da propaganda da série para os *teens*, aparece uma nota:

YOUTUBER ADVENTISTA

Com mais de 41 mil inscritos no canal do YouTube, quase 170 mil seguidores no Instagram, **Murilo Ribeiro**, de 26 anos, se tornou um influenciador das novas gerações na Argentina. Há três anos, quando ainda cursava a graduação em Design de Mídia Digital, ele se descobriu como youtuber e, desde então, tem usado a web para apresentar a visão bíblica a respeito de diversos temas que envolvem a vida dos jovens e adolescentes. (REVISTA ADVENTISTA, maio de 2018, p. 9)

Além dos inúmeros aplicativos e, como dizem, “soluções digitais” para a IASD em suas atividades internas, em atendimento aos membros, e externas, evangelização, conta com o site de E-commerce adventistbookcenter.com, criado em 1998, apenas quatro anos após o nascimento da Amazon, maior loja online do mundo. Sendo uma das primeiras plataformas de comércio eletrônico desenvolvidas pela IASD, a loja virtual é acessada por pessoas de mais de 165 países.

Com o objetivo de reunir todos os serviços da Igreja, mesclando o útil com o entretenimento, a IASD criou o feliz7play.com, um portal de vídeos que é anunciado no Google como: “Uma plataforma de streaming gratuito, com conteúdos cristãos e educativos, que oferece uma nova forma de entretenimento religioso.”¹⁷² A plataforma apresenta, entre outros, os seguintes conteúdos em seu menu: documentários, filmes, séries, curtas-metragens, infantil, animações, clipes de música, sermões, romance, desbravadores e influencer.

Segundo informações da *Revista Adventista* de agosto de 2021 (p. 10), a plataforma *streaming* feliz7play.com, lançada em 2017, “tem acumulado vários prêmios pelas suas produções originais”. Em 2021, o média-metragem “Incertezas” (2020, 44 min.) foi premiado, na categoria filme estrangeiro, no *International Christian Visual Media Crown Awards* (ICVM). Nesse mesmo número do principal periódico da IASD, é anunciado: “Escola de YouTubers cristãos”.

¹⁷² Disponível em: <https://feliz7play.com/pt>, Acesso em: 12 de abril de 2024.

Surpresos, por nunca termos ouvido falar dessa modalidade de “escola”¹⁷³, conferimos a notinha com o inusitado anúncio:

Resultado de uma parceria entre o departamento de comunicação da sede sul-americana e o Unasp, o projeto Feliz7Class visa ensinar técnicas para quem deseja se tornar um influenciador digital missionário. Por meio de uma plataforma virtual, os alunos terão acesso a 166 videoaulas, distribuídas em 13 módulos. A primeira estará disponível gratuitamente no canal do YouTube do Feliz7Play para que todos possam conhecer parte do conteúdo. (REVISTA ADVENTISTA, agosto de 2021, p. 10)

Com formação em “escola”, ou não, o time de influenciadores adventistas só cresce. Além disso, é possível se “formar” em social media cristão.

Figura 45 – Curso de formação em Social Media Cristão



Fonte: marketingdoreino.com (28 de janeiro de 2022).¹⁷⁴

Seja por objetivos não confessáveis de monetização e grandes ganhos, o que move 99,9% do grande exército midiático de influenciadores e subcelebridades do ciberespaço, seja pelo desejo de ostentação ou vanglória, interesses políticos, ou mesmo pelos interesses mais puros e nobres da evangelização, é preciso sempre lembrar a quem pertence toda a honra e toda a glória e que, conforme adverte Paulo, por mais que o “vaso” seja usado, ele continua sendo de barro – tosco, frágil e altamente quebradiço: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (II Coríntios 4:7).

173 Surpresos, *pero no mucho*, como dizem os *Hermanos*. Depois de vermos, reiteradas vezes, o anúncio de certo “amigo”, na rede social Facebook, “vendendo seguidores para o Instagram”, até com “tabelinha de preços”, já não duvidamos de nada!

174 Disponível em: <https://marketingdoreino.com/como-trabalhar-com-midia-na-igreja/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

A chamada “Síndrome de Lúcifer”¹⁷⁵ descreve este fenômeno, que se tornou bastante corriqueiro entre certos membros de comunidades religiosas cristãs, ao tentaram se colocar acima dos princípios divinos:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. (Isaías 14:12-15)

Ao longo da História, todos, sem exceção, que olvidaram essa poderosa e inquestionável verdade na obra de Deus, se arrependeram amargamente.

3.3 A questão do “poder” na IASD

A Igreja Adventista do Sétimo Dia passou por várias crises e desafios ao longo de sua história, dentre as quais, destacam-se como as mais importantes: a Apostasia Millerita; a Divisão de 1888; as questões de liderança; os conflitos de interpretação bíblica; os conflitos culturais e raciais; o desligamento de líderes e membros; as questões de interpretação profética; as crises internacionais; as questões de gênero e ordenação; e as mudanças sociais e culturais. É importante observar que, muitas vezes, as crises podem desencadear um processo de revisão e aperfeiçoamento dos fundamentos essenciais da igreja, como o marco de Mineápolis, em 1888, levando a um desenvolvimento teológico e a uma compreensão mais profunda das crenças e missão adventistas. Porém, esta não é uma regra, mas uma exceção; no que se refere às mudanças sociais e culturais, a midiaticização exacerbada advinda do período pandêmico, recentemente, distorceu a concepção da comunicação da Palavra e o conceito de comunidade religiosa na IASD. Junto a estes dois problemas fundamentais, outros se desdobraram com maior velocidade, a saber, as questões de liderança, administração, hierarquias e políticas interna e externa, o que pode ser reduzido a um só termo: poder.

¹⁷⁵ “Lúcifer, um anjo querubim criado por Deus, era formoso, perfeito e excelente em obras; até que, se deixou dominar por um sentimento de inveja e rebelou-se contra o Altíssimo, e a sua soberba o levou a queda. Segundo a Bíblia, a própria tragédia humana está baseada em um conjunto de causas que caracterizam a ‘Síndrome de Lúcifer’. O fato é, que muitos cristãos estão entrando por este caminho e sendo dominados por esse sentimento de soberba.” Disponível em: <http://www.pregandoaverdade.org/2017/11/a-sindrome-de-lucifer.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Segundo a obra seminal, *A Comunicação como fator de humanização nas organizações* (2019), organizado por Margarida Kunsch, as manifestações de despotismo, distanciamento das pessoas, falta de empatia e diálogo com os liderados, rejeição e, muitas vezes, perseguição aos que pensam diferente, no fundo, expressam sintomas de insegurança quanto ao posto de poder e despreparo para as funções hierárquicas:

[...] o poder é uma característica contingente da vida organizacional – não é fixo, estável, nem oportuno – e às vezes não é preciso muito para expor esse poder em toda a sua ridicularidade e ostentação. [...] acho que muito do que podemos identificar como os aspectos (des)humanizadores da vida organizacional existe em parte porque as instituições e as pessoas que as dirigem se levam muito a sério. Abaixo do poder organizacional (tanto institucional quanto individual) existe um profundo sentido de insegurança – um medo de que o poder desaparecerá. Comportamentos destrutivos e formas institucionais tóxicas são muitas vezes esforços desesperados para manter o poder e esconder (de si mesmo e dos outros) essas inseguranças. (KUNSCH, 2019, p. 33)

Na introdução, Kunsch pontua:

[...] A preocupação se volta agora à renovação de estilos de gestão, que passam a ser mais voltados às pessoas, mais descentralizados e participativos e, pelo menos em tese, mais direcionados a satisfazer necessidades humanas como a dignidade e a valorização das competências individuais. [...] o que se anuncia é a superação de paradigma linear-cartesiano, causal, no qual os indivíduos estão submetidos à autoridade e aos desígnios da ordem de um todo que a tudo domina e controla, para um paradigma emergente, sistêmico e complexo, capaz de dar conta de novos desafios impostos pela diversidade, pela imprevisibilidade e pela complexidade. (KUNSCH, 2019, p. 11)

Em suas “Reflexões críticas sobre comunicação e humanização nas organizações”, Mumby pontua:

Se vemos o mundo como fixo e naturalmente hierárquico, então a exploração daqueles que são diferentes de nós se torna não apenas possível, mas também legitimada pelo regime da verdade, sob a qual operamos. Se vemos o mundo como definido por um interesse em eficiência, então iremos querer interpretar tudo por meio de um regime de eficiência, quer se trate de trabalho ou amor, educação de crianças, identidade, etc. (KUNSCH, 2019, p. 25)

Morris Venden¹⁷⁶, que deixou uma vasta obra na qual, ao mesmo tempo em que enfatiza a maneira amorosa como Jesus tratou os caídos, os temerosos, os rejeitados,

176 O estadunidense, falecido em 10 de fevereiro de 2013, é autor de dezenas de livros, um dos maiores expositores mundiais da IASD da Justificação, conhecidíssimo no meio adventista brasileiro e tendo publicado aqui vários livros que revolucionaram o pensamento adventista, ao ponto do maior pregador sul-

enlutados, endemoninhados, pobres, “pecadores”, estrangeiros, desesperançados, as mulheres, os coletores de impostos e tantos outros estigmatizados e marginalizados pelos judeus daquela época, contrasta a dureza e caráter implacável de Jesus para com os líderes religiosos e vendilhões do templo. No tocante aos últimos, Venden analisa a ação de Jesus, desse modo:

[...] derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas, e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de Meu Pai casa de negócio. Lembraram-se os Seus discípulos de que está escrito: O zelo da Tua casa me consumirá.” S. João 2:14-17. [...] Uma casa de negócios é um lugar impróprio para uma igreja, pois uma igreja deve ser uma loja de dádivas – não o tipo de lugar onde você *compra* dádivas, mas onde você *recebe* dádivas. Ele não quer que Sua igreja seja uma casa de negócios. É por isso que Jesus, exatamente no primeiro dia de Seu ministério público, fez algo tão chocante que – antes que o dia terminasse – algumas pessoas já queriam matá-lo (VENDEN, 1989, pp. 10-11)

Em seguida, Venden comenta sobre o conluio e as ligações ilícitas entre o clero e os cambistas que eram os “banqueiros” – os lobistas e financiadores de campanhas daquela época:

Nos dias de Jesus, o cargo de sumo-sacerdote era vendido por um milhão de dólares. Isto certamente não era o que Deus queria. Com o cargo conseguido por um milhão de dólares, frequentemente a pessoa que o comprava ficava tão endividada que precisava recuperar de algum modo seus recursos. Assim, fazia um acordo com os cambistas e com os compradores e vendedores. Ela recebia uma certa porcentagem nos negócios deles e pagava parte do empréstimo que tomara para tornar-se sumo-sacerdote. Estas coisas continuavam acontecendo nos dias de Jesus. Assim, a religião havia se tornado muito corrupta. (VENDEN, 1989, p. 11)

A lógica que impera é a do consumo irrestrito, do distanciamento real, da agilidade, da superficialidade e reiterada substituição dos desejos, manipulados e cada vez mais descartáveis.

3.3.1 Poder e política interna na IASD: a questão hierárquica

O renomado teólogo, Dr. Amin Rodor¹⁷⁷, pastoreou grandes igrejas nos Estados Unidos, e conhece como poucos a estrutura e as articulações de poder na IASD. Em seu segundo compêndio de *Meditações Diárias*, ele tece críticas contundentes às contradições

americano da IASD, Alejandro Bullón, ter afirmado “Aprendi a ser cristão lendo os livros de Morris Venden”.

177 Escritor, palestrante e ex-professor do UNASP.

e incoerências de todos aqueles que, no exercício de suas funções, nas “instâncias superiores” da Igreja, fazem mau uso da autoridade e do poder que lhes são confiados:

Entre os pagãos, “grande” é aquele que domina, comanda e exibe pose ditatorial, facilmente perceptível no tom da voz, nos gestos e no olhar altivo. No mundo secular, encontramos com frequência aqueles que buscam “sair bem na foto”, pelo uso da propaganda e *marketing*, em geral cobertos por mil disfarces e “boas intenções”. Entre os cristãos, os que se orientam pelo mesmo espírito, desejo de grandeza em termos de prestígio, manipulações e exercícios de domínio representam um escárnio ao nome de Cristo. Agem como “reis” patéticos no tabuleiro do xadrez. Preocupados com os símbolos externos e as benesses do poder, idólatras do “verticalismo” são adeptos de uma invenção da impiedade humana. Apenas revelam uma índole incompatível com o reino que eles pretendem servir. No serviço de Deus, tal mentalidade é absurda e ímpia. Paganismo encoberto pelo manto eclesiástico! (RODOR, 2017, p. 47)

No texto *Quem são os mundanos da igreja?*, também presente em suas *Meditações Diárias*, Rodor desmistifica e desconstrói os discursos estapafúrdios e cruéis dos líderes religiosos de hoje, que, a exemplo dos sacerdotes, escribas, fariseus, saduceus, zelotas – a lista é grande –, dos tempos do ministério terreno de Cristo, perseguem e intimidam as pessoas que não se ajustam aos padrões das suas “pautas de costumes”:

Quem, em geral, identificamos como “mundanos” na Igreja? A moça que usa um batom um pouco mais vivo, um anel, brinco ou esmalte colorido nas unhas? Roupas menos que modestas, ou jovens que gostam de músicas com ritmos mais acentuados? Sem qualquer intenção de defender ou justificar estes possíveis sintomas de mundanismo, o que estou realmente focalizando aqui, é que, ironicamente, enquanto colocamos toda a ênfase do “mundanismo” na igreja nessas questões, convenientemente passamos por alto outras marcas de “mundanidade” (ou delas desviamos a atenção), mais sérias e perigosas, e que aparentemente não incomodam a maioria. (RODOR, 2017, p. 49)

Ao denunciar o direcionamento de certos líderes, que elegem tais “perigos” como alvo de preocupação, Rodor se refere, ironicamente, aos verdadeiros perigos que a comunidade adventista enfrenta, os quais são protagonizados pelos mesmos líderes, em uma demonstração clara da sede de poder que se instalou na instituição religiosa. As coisas “mais sérias e perigosas, e que aparentemente não incomodam a maioria”, são, especificamente:

[...] O desejo de grandeza hierárquica na escala do “verticalismo” e “carreirismo” religioso, expressos em termos de posições alcançadas ou mantidas por manobras da “política clerical”, na conhecida “dança das cadeiras”, é uma das piores formas de imitação do mundo fora de Cristo. Líderes da Igreja em todos os níveis, da esfera local até os seus mais altos escalões, com incontável fome de “sucesso”, “estadistas da Igreja”, em muitas circunstâncias praticam aquilo que o mundo faz e honra. Visto que tais coisas são atrativas na sociedade secular e se

harmonizam com a natureza humana caída, costumes pagãos têm sido importados por “líderes” ditos cristãos. E, enquanto nos preocupamos exclusivamente com o mundanismo mais visível, os batons, brincos e esmaltes das meninas, desconsideramos uma ordem direta de Cristo: “Entre vós não será assim” (Mateus 20:26). Não é estranho? Coando ciscos, engolimos dinossauros! (RODOR, 2017, p. 49)

No mesmo viés argumentativo, aludimos a Paulo Freire, em seus escritos acerca de uma pedagogia para a liberdade. Quando nos referimos à pedagogia, não nos restringimos à educação escolar formal, direcionada aos mais jovens, mas a todos os indivíduos que compõem uma cultura, uma comunidade, uma nação, e para além dela, pois o conhecimento e a prática não se encerram nos muros escolares. A educação para a liberdade ultrapassa os limites do cientificismo e tende à reiterada busca por uma justa medida da conduta humana, prestigiando, sobretudo, as questões éticas, como a justiça social, a equidade, a tolerância, a assistência, a doação, o amor. Desse modo, a liberdade só pode se efetuar no reconhecimento de seus limites:

Estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade. Tensa e dramática relação em que ambas, autoridade e liberdade, vivendo plenamente seus limites e suas possibilidades, aprendem, sem tréguas, quase, a assumir-se como autoridade e como liberdade. É vivendo com lucidez a tensa relação entre autoridade e liberdade que ambas descobrem não serem antagônicas uma da outra. (FREIRE, 2016, p. 38)

Para alcançar a liberdade, é preciso que treinemos nossa vontade de poder, e aprendamos que autoridade não é autoritarismo, mas o esforço e exercício diário em equilibrar esses dois elementos – autoridade e liberdade – que não são opostos. Portanto,

É preciso inclusive, deixar claro, em discursos lúcidos e em práticas democráticas, que a vontade só se autentica na ação de sujeitos que assumem seus limites. A vontade ilimitada é a vontade despótica, negadora de outras vontades, rigorosamente, de si mesma. É a vontade ilícita dos “donos do mundo” que, egoístas e arbitrários, só se veem a si mesmos. [...] Quanto mais e mais autenticamente tenhamos vivido a tensão dialética nas relações entre autoridade e liberdade, tanto melhor nos teremos capacitado para superar razoavelmente crises de difícil solução para quem tenha se entregue aos exageros licenciosos ou para quem tenha estado submetido aos rigores de autoridade despótica. [...] A disciplina da vontade, dos desejos, o bem-estar que resulta da prática necessária, às vezes difícil de ser cumprida, o reconhecimento de que o que fizemos é o que devíamos ter feito, a recusa à tentação da autocomplacência [sic] nos forjam como sujeitos éticos, dificilmente autoritários ou submissos ou licenciosos. Seres mais bem-dispostos para a confrontação de situações limites. (FREIRE, 2016, pp. 37-38)

Em seu texto, intitulado *Quem é o maior?*, Rodor define aquilo que, verdadeiramente, segundo a Bíblia, configura-se como grandeza aos olhos de Deus:

Jesus inaugurou uma nova rota de grandeza: “Grande é aquele que serve”, uma ética desconhecida de todos os que estão fixados na “direita e esquerda” do trono. Ele inverte a pirâmide do poder. Grande não é aquele que se assenta no topo de posições e recebe aclamação servil de associados, os quais estão buscando “posições elevadas”. Para Cristo, grandes são os que se colocam na base da pirâmide e são fortes o suficiente para, com seus ombros, ministrarem e servirem, esvaziados da mentalidade e das práticas dos gentios. Jesus injetou uma palavra nova na Sua fórmula de sucesso verdadeiro: “servo”. Aqui, a norma é revolucionariamente nova. Liderança real e grandeza não são medidas pelo número das pessoas que nos servem, temem e obedecem, mas pela realidade do serviço prestado aos outros sem trombetas, sem holofotes, sem palcos. (RODOR, 2017, p. 47)

Ainda no âmbito das incontáveis contradições e incoerências, entre a rigidez da “pauta de costumes” de muitos líderes religiosos, com a sua frouxidão moral em questões muito mais “sérias” e “perigosas”, o teólogo comenta um dos inúmeros episódios em que os líderes judaicos acusam Jesus e Seus discípulos de estarem transgredindo as leis cerimoniais e/ou quebrando a “tradição dos anciãos”:

Emil Brunner, conhecido teólogo do século XX, chama tal atitude de “o pecado da devoção”. É significativo entender que tal pecado não seja característica exclusiva do partido dos fariseus dos dias de Cristo. Ele é encontrado no período medieval e faz parte de todas as tradições religiosas. Todas, inclusive a nossa [IASD]. O pecado da devoção é muito sutil e enganoso porque ele parece “espiritual” e “piedoso”. Ele facilmente ilude suas vítimas porque dá a elas um senso de superioridade, a impressão de que suas preocupações com minúcias religiosas fazem delas seres espiritualmente melhores diante de Deus e das pessoas. O espírito da inquisição e da ira surge facilmente na Igreja. Quando alguém discorda das ideias desses “santos”, eles não economizam adjetivos de qualificação. Fico estupefocado com o superficialismo de alguns com suas agendinhas de formiga sobre o que os irmãos podem ou não comer e fazer, segundo a interpretação deles, como se essas fossem as questões mais importantes do Evangelho. Salvação e perdição, a chuva serôdia e o próprio retorno de Cristo passam a depender dessas futricas, puras tradições dos fariseus modernos, vítimas do “pecado da devoção”. Quando os mosquitos do superficialismo, podemos passar por alto o que é realmente essencial. (RODOR, 2017, p. 51)

Em seu livro *Meditações Diárias* intitulado *De Coração a Coração*, o grande evangelista, mestre em Teologia e renomado escritor, Zinaldo A. Santos, expõe com maestria a vasta bagagem cultural e de vivências e sensibilidade advindas dos seus 40 anos de profícuo Ministério na IASD, ocupando cargos em várias instâncias. Escrevendo sobre a valorização às pessoas, ele pontua:

[...] Essa é uma verdade que nem sempre é absorvida facilmente em um mundo que nos empurra para uma corrida frenética pela aquisição de bens. De fato, é mais fácil manejar coisas do que se relacionar com pessoas cujas peculiaridades exigem de nós certa dose de paciência e graça. Assim, alguns tendem a atribuir às posses um valor muito acima do que se deve ao ser humano. Outros, porém, abraçam o legalismo, que leva a desconsiderar pessoas, em favor da letra de regras insensíveis e frias. [...] Foi para salvar pessoas que o próprio Deus, na pessoa de Seu Filho, depôs a vida no calvário. Porque Jesus valorizou pessoas, acercando-se de pecadores e marginalizados da sociedade. Seus adversários o acusavam de transigente e indigno de crédito: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mt 9.11), questionavam. E ele mesmo se encarregou da resposta: “Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento” (v. 13). (SANTOS, 2020, p. 49)

O reflexivo e arguto escritor, de quem este pesquisador teve o privilégio de desfrutar de uma grandiosa amizade, com trocas diárias de mensagens durante mais de vinte anos, e com quem teve a honra de trabalhar durante cinco anos na Casa Publicadora Brasileira e que, infelizmente, foi uma das muitas perdas irreparáveis – durante e pós-pandemia – contabilizadas no preparo desta tese, completa o seu texto *Valorize as pessoas estabelecendo a verdadeira tabela axiológica* – que, com certeza, deveria nortear a todos os líderes e, inclusive e mui especialmente, aos administradores da IASD:

Sabidamente, o Senhor colocou as coisas em último lugar entre os mandamentos: “Não cobiçarás [...] coisa alguma que pertença ao teu próximo.” Foi por se deixar absorver unicamente pelas posses, que o rico insensato da parábola se perdeu (Lc 12:16-21). Morris Venden, ao falar do modo como Cristo se relacionava com as pessoas, escreveu: “As pessoas comuns O ouviam alegremente [...], Ele saudou os pecadores, os ladrões e as prostitutas. Tratava os grupos minoritários de Seus dias com dignidade. Ele tinha compaixão dos temerosos, angustiados e tristes, e, no entanto, condenava o orgulho e a autossuficiência”(Como Jesus Tratava as Pessoas, pp. 4-5).(SANTOS, 2020, p. 49)

Nesse sentido e diapasão, este pesquisador, na condição de membro da IASD há mais de 40 anos, curioso e observador atento das frenéticas e intensas mudanças culturais nos meios de comunicação que, por sua vez, acabam impactando a sociedade, a igreja e as famílias que a compõem, tem observado mudanças, adaptações, reconfigurações e modulações nos discursos institucionais dos líderes adventistas – buscando ajustá-los ao máximo às condições, demandas e imperativos dos novos tempos e da fúria implacável do contexto pós-moderno.

3.3.2 Liderança abnegada e sacrificial: o exemplo dos pioneiros

Na conclusão de seu livro, fruto de criteriosa pesquisa sobre a IASD, o teólogo Geoffrey J. Paxton tece algumas críticas à Igreja que, posto que contundentes, possuem elevado grau de pertinência e razoabilidade:

1. A comunidade adventista dá considerável evidência de ser **isolacionista**. Este foi particularmente o caso nas primeiras décadas do movimento; e ainda se percebe hoje, embora em grau menor. Os pioneiros do adventismo do sétimo dia tendiam a crer que a Pomba do Espírito Santo voou diretamente dos apóstolos para cima de seus ombros – com somente algumas ocasionais escalas no período intermediário. Eles abruptamente deixaram de lado toda a história do desenvolvimento doutrinário na igreja cristã. (PAXTON, 1987, p. 178) [...]
2. Outro aspecto que observei dentro do adventismo é o **triunfalismo**. Permitam-me dizer, prontamente, que, se uma pessoa for tentada ao triunfalismo, é por tratar-se de alguém que crê sinceramente que é um escolhido especial de Deus para os últimos dias. No entanto, o triunfalismo não é intrínseco ao movimento, e há advertências suficientes na Escritura (ex.: Marcos 10:42-45) para por o adventista (e nesse propósito, todos nós) em guarda. [...] *Uma igreja triunfalista e uma liderança triunfalista não estarão propícias a arrepender-se e reconhecer abertamente seus erros. A admissão declarada de erros foram cometidos é rara no adventismo.* (PAXTON, 1987, p. 180, itálicos acrescentados)

Infelizmente, na condição de alguém que participa de “processos eletivos” da IASD desde criança, quando ainda eram “bienais”, este pesquisador tem que admitir que há um grau muito elevado de veracidade nesta avaliação de Paxton. Nunca, jamais, vi qualquer administrador, em seu relatório, apresentar projetos fracassados, ou admitir publicamente erros seus de gestão dos recursos ou falhas na condução da “Obra de Deus”, em sua geografia. Muito pelo contrário, há sempre um “tom triunfalista” – independente da qualidade ou deficiências da gestão! Funciona tipo a “estratégia” vazada – naquilo que ficou conhecido como “Escândalo da Parabólica” – do, então, Ministro da Fazenda do governo FHC, Rubens Ricúpero: “[...] o que é bom a gente fatura, o que é ruim a gente esconde”.

No que tange ao triunfalismo dos administradores e líderes da IASD em todas as instâncias, é preciso sempre ver, analisar e mensurar com total equilíbrio todas essas manifestações, e o próprio espírito com que se conduz os negócios da Igreja, em conexão com a “declaração de missão”, com a História, de forma geral, com os princípios instituídos por Cristo – que deveriam nortear através dos séculos os “trabalhadores da vinha”, todos os que militam em prol da Sua Igreja – e, no caso específico da IASD, além

de mirar nos exemplos sacrificiais dos primeiros cristãos e do próprio Cristo (que recomendou a todos: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração...” (Mateus 11:29, ARA), conta com os exemplos de humildade, desprendimento e abnegação dos seus pioneiros.

Conforme escrevem os editores do livro *Paixão, Propósito & Poder: Resgatando o espírito e a visão dos pioneiros, em seu prefácio*, trata-se de homens e mulheres que, com absoluta certeza, “merecidamente, podem ser chamados de heróis da fé”:

Paixão, propósito e poder. Essas três palavras resumem a vida de sacrifício e comprometimento dos pioneiros adventistas. A infante igreja se desenvolveu com lágrimas de homens e mulheres que estavam dispostos a doar tudo de si para a causa do Mestre. Fervor, comunhão e intenso estudo da Palavra de Deus marcaram a trajetória daqueles que, merecidamente, podem ser chamados de heróis da fé. As ondas avassaladoras do escárnio, da falta de recursos e das divergências doutrinárias não impediram que a embarcação adventista navegasse sempre adiante, com vistas a seu glorioso destino. E qual foi o segredo? A certeza de que era, e ainda é, Cristo quem a conduz. (2020, p. 5)

Considerando-se que se trata do cargo mais alto na hierarquia da IASD em nível mundial (o que, em certo sentido, equivaleria à função que o Papa Francisco representa para os católicos de todo o mundo, Tomás Mackey, na condição de Presidente da Aliança Mundial Batista, é para os batistas; o Bispo Paulo Lockmann, presidente do Concílio Mundial Metodista, representa para os 75 milhões de metodistas, etc.), o altruísmo, a ética, humildade e espírito cristão de Spicer é altamente contrastante com o que ocorre na atualidade.

Na galeria dos heróis e heroínas da fé, no livro de Hebreus, o autor apresenta a epopeia do povo de Deus, expondo os grandes eventos e intervenções de Deus na História, através dos “Exemplos de Fé extraídos do Antigo Testamento”. Começando por Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e José, “os primeiros heróis”, passa por Moisés, Raabe, Gideão, Sansão, Jefté, Davi e Samuel, indo até os “profetas” – que, por sua vez, cronologicamente falando, assinalam o fim do período veterotestamentário: antes do aparecimento do Messias.

Entretanto, tal qual a História segue o seu curso, o escritor de Hebreus, depois da menção honrosa aos heróis e heroínas entre os mais conhecidos e de papel saliente entre o povo de Deus na antiga dispensação, dirige o foco para um segundo grupo: os heróis e heroínas anônimos e anônimas. Neste ponto, o discurso sofre grande modulação: se os primeiros, reconhecidos e amados por tantos dos seus pares, já em seus contextos culturais

e em sua época, mereceram encômios e distinção, as palavras mais profundas e sublimes são reservadas aos anônimos e anônimas:

[...] os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados ⁸ (**homens dos quais o mundo não era digno**), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos santos da terra. (Hebreus 11:33-38, grifos acrescentados)

Paulo, usando uma figura de linguagem conhecida como *litotes*, que consiste na afirmação de algo pela negação do seu contrário, afirma: “Pois não me envergonho do evangelho [O que ele quer dizer: Eu me glorio no evangelho...], porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e, também, do grego” (Romanos 1:16, ARA). Paulo, não se envergonhava do evangelho; ao contrário dele, é incontável o número daqueles que são uma vergonha para o evangelho!

Seja no púlpito convencional de templos suntuosos situados em capitais, metrópoles ou megalópoles mundiais; seja em becos sem saída, em casas, garagens ou pequenos salões improvisados de “templos”, santuários da fé (Lembrando que “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo Ele Senhor do céu e da terra, *não habita em santuários feitos por mãos humanas*”, Atos 17:24; no entanto, Ele mesmo afirma: “Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito; como *também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos*”, Isaías 57:15, ACF); ou, mais do que nunca, nestes tempos de total mediatização da fé, através das infinitas possibilidades criadas e potencializadas pelo Púlpito Eletrônico, milhões, quiçá bilhões de pessoas em todo o planeta encontram, desta forma, paz, conforto e esperança neste mundo de incertezas, inseguranças e tantos dramas e tragédias – e isso, com certeza, não pode ser desconsiderado!

Entretanto, da mesma forma que os profetas, os apóstolos e o próprio Cristo se levantaram sem medo em condenação dos “vendilhões do templo” (Mateus 21:12-13), dos exploradores da fé que “Alimentam-se do pecado do meu povo e o seu maior desejo é que o povo continue a pecar” (Oséias 4:8, NAA) e dos que – literalmente – como diz

Paulo mercadejam com a Palavra: “Porque nós *não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus*. Pelo contrário, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2Coríntios 2:17, NAA), é preciso que os jornalistas – tidos por muitos, inclusive por este pesquisador, investidos do “papel profético” para estes dias da pós-verdade, de *fakenews*, desinformação, manipulação dos algoritmos e tanta enganação – alcem a voz e escrevam, critiquem e denunciem tudo isso que está aí em roubos, manipulações e prejuízos e explorações dos simples, incautos e vulneráveis.¹⁷⁸

Ao continuar suas criteriosas análises sobre o verdadeiro papel da liderança cristã, integralmente respaldado pela Bíblia, pelos apóstolos, pelos primeiros conversos do Cristianismo, por inúmeros teólogos e escritores eruditos e, mais importante de tudo, pelo próprio Senhor Jesus Cristo, Carson reafirma o princípio bíblico de que os pastores, administradores eclesiais e demais líderes cristãos não constituem uma casta especial e superior de “pessoas iluminadas”:

Os líderes não constituem uma classe sacerdotal singular. Pelo contrário, o que, em certo sentido, é exigido de todos os crentes é requerido especialmente dos líderes das igrejas.[...] Aqueles de nós que desejam ser líderes nas igrejas hoje têm de começar pelo reconhecimento de que não há nenhuma qualificação especial, elitista. Essa observação está em completa harmonia com as listas de qualificações para a liderança apresentadas em outras passagens do Novo Testamento. Por exemplo, quando Paulo delineou em I Timóteo 3.1-7 as qualificações para um presbítero (“bispo”), a característica mais admirável daquela lista é que ela não contém nada extraordinário. Não contém nada a respeito de inteligência, decisão, iniciativa, riqueza, poder. [...] Os únicos elementos da lista de qualificações dos presbíteros que não se aplicam, em qualquer outra passagem, a todos os cristãos são duas: (1) não ser um “neófito” (1 Tm 3.6), qualidade essa que certamente não pode ser aplicada aos novos cristãos, e (2) ser “apto para ensinar” (1 Tm 3.2), qualidade essa conectada às responsabilidades peculiares do ministério de pastor/presbítero/bispo. (CARSON, 2009, p. 120)

Portanto, liderar é, antes de tudo, servir, seguindo os princípios do maior líder de todos os tempos, Jesus Cristo. Ele, quebrando todos os paradigmas, convenções, costumes e regras de etiqueta da época, ao fazer a transição entre os dois sistemas que prefiguram e simbolizam o Seu sacrifício em dar a vida para a salvação da humanidade pecadora e perdida, assumiu a posição clara de Servo sofredor (Isaías 53:1-12).

178 Cf. https://www.iasdemfoco.net/Secoes_TemaLivrePag.asp?Id=768 . Acesso em: 12 de abril de 2024.

Quando os Seus discípulos se assentaram à espera do serviçal que lhes prestasse aquele atendimento geralmente reservado aos escravos fazer, Ele simplesmente “levantou-se da ceia, tirou o manto e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (João 13:4-5). Mais do que por coincidência, João o evangelista, dos quatro evangelhos que fazem menção à Santa Ceia é o único a descrever o Lava-Pés; e, antes de citar o episódio, ele afirma antes da ação de Jesus: “Enquanto ceavam, tendo já o Diabo posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, que o traísse” (João 13:2). Isso significa que: enquanto Judas assentava no seu coração a decisão de trair a Jesus, Ele se levantava para servi-lo – cumprindo assim plenamente as palavras do evangelista: “[...] tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (João 13:1).

3.4 Comunicação Organizacional na IASD: a instituição

O conceito de comunicação¹⁷⁹, *grosso modo*, define-se como a habilidade natural de interagir e trocar informações inteligíveis entre as partes, o que ocorre por meio da “linguagem” – no sentido mais amplo e diverso do termo –, como vimos anteriormente. Comunicar-se é um processo tão natural quanto as necessidades mais básicas dos animais (racional e irracional), de modo que podemos afirmar que é intrínseco à sua natureza, e está presente, na vida dos homens, desde o mais antigo registro histórico – e antes dele¹⁸⁰. Na sociedade pós-moderna, a comunicação exerce papel cada vez mais relevante, sofisticando-se em suas diversas facetas, intermediando as relações humanas em todos os aspectos, ambientes e culturas, com diferentes finalidades: excita, ensina, vende, distrai, entusiasma, dá *status*, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e – num paradoxo digno de sua infinita versatilidade – produz até incomunicação.

É por meio da comunicação que se constroem o conhecimento e os valores, partilham-se as emoções e os sentimentos, aprofundam-se as experiências e intensificam-se as relações, ou seja, o mundo e a vida ganham sentido. Nesse contexto, partindo do micro para o macro, as instituições (de todos os tipos) se organizam, também, por meio

179 Etimologicamente, a palavra “comunicação” deriva do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar comum”, “partilhar”, “repartir”, “associar”, “trocar opiniões”, “conferenciar”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/comunicacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

180 Cf. KLEIN, Albert. *Imagens de culto e imagens de mídia*, 2006, p. 31.

dacomunicação, o que se denomina “comunicação organizacional”, que poder ser definida como:

[...] os canais e formas de comunicação que ocorrem dentro das organizações, sejam elas empresas, instituições acadêmicas, organizações sem fins lucrativos ou agências governamentais. Inclui tanto a comunicação dentro da organização quanto a comunicação com o público externo.¹⁸¹

Embora possa ser dividida, a título de recorte de pesquisa, as duas concepções – comunicação interna e externa – caminham necessariamente juntas, pois, ao passo que a comunicação organizacional se direciona, primariamente, para o relacionamento entre ela e os membros internos que a compõem, sua finalidade posterior se volta para a construção de interesse do público externo em seus produtos e/ou serviços.

Originalmente, a comunicação organizacional interna teria a função de:

1. Definir todas as etapas necessárias para concluir com êxito as tarefas relacionadas a funções e responsabilidades específicas de vendas, serviços e produção.
2. Enfrentar mudanças inesperadas através da criatividade e da adaptação individual e coletiva.
3. Concluir tarefas através do desenvolvimento de políticas, procedimentos e regulamentos claros que apoiam as operações diárias e contínuas.
4. Desenvolver melhores relacionamentos interpessoais entre os membros da organização, considerando aspectos emocionais, éticos e sensíveis.
5. Coordenar, planejar e controlar as operações de toda a organização de acordo com os objetivos definidos pela gestão.
6. Criar um clima e uma cultura organizacional positivos, ou seja, que conheça e promova as atitudes, valores e objetivos que caracterizam a organização e os seus membros.
7. Desenvolver estratégias organizacionais que tenham em conta as necessidades dos colaboradores, de forma a evitar Burnout no trabalho e problemas deste âmbito.¹⁸²

Uma vez que todas essas características visam aperfeiçoar o funcionamento da Organização em questão, o foco central deveria ser investido na organização interna, ou seja, na melhoria da relação instituição/membro, de modo a beneficiar, tanto quanto possível, as condições gerais dos componentes da Organização, bem como os postos que ocupam, ou seja, humanizar a comunicação organizacional interna, o que, consequentemente, geraria melhorias no âmbito externo.

181 Disponível em: <https://www.questionpro.com/blog/pt-br/comunicacao-organizacional/>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

182 Disponível em: <https://www.questionpro.com/blog/pt-br/comunicacao-organizacional/>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

No entanto, segundo Soares (2005, p. 603),

A Comunicação Organizacional tem, como as demais formas de comunicação, o “defeito” de existir sempre, ou seja, quer alguém pense nela e procure organizá-la, quer não, ela acontece, como se de um fenômeno natural se tratasse, isto é, ela existe sempre. Talvez por isso, todos os atores sociais presentes nas organizações se considerem capazes de realizá-la, fato que tem impedido que a mesma seja mais eficaz e eficiente, quer esta eficácia e eficiência sejam vistas de uma perspectiva técnico administrativa quer sejam vistas de uma perspectiva mais humana e integradora.

Kunsh (2019) coaduna com a concepção de que, pensar e administrar estrategicamente a comunicação organizacional, pressupõe: revisão e avaliação dos paradigmas organizacionais vigentes e da comunicação; reconhecimento e auditoria da cultura organizacional; e a identificação e avaliação da importância do capital intelectual integral das organizações, que nem sempre é levado em conta:

[...] Em alguns aspectos, a cultura corporativa e as variações que a seguiram nos últimos 25 anos representam os próprios auges do controle em sua personificação do que Antonio Gramsci quis dizer com a ideia de hegemonia; isto é, elas refletem a capacidade das organizações de fazer com que os funcionários persigam ativamente e internalizem a visão de mundo da corporação. [...] No entender de Stan Deetz (1992), o processo de “colonização corporativa” representa um esforço sistemático em moldar as próprias premissas sobre as quais nossas identidades e o sentido de comunidade são construídos. Além disso, a colonização corporativa molda até o que nós contamos como conhecimento sobre nós mesmos e o mundo. (KUNSCH, 2019, pp. 21- 22)

Dessa maneira, podemos afirmar que a comunicação organizacional está, direta e fortemente, ligada a uma perspectiva estratégica, que “imita” as relações humanas naturais, com a criação e manutenção de significados e sentidos específicos para alcançar determinados fins. Em acordo, Cahen (1990) afirma que a comunicação organizacional é uma atividade sistêmica, de caráter estratégico, ligada aos mais altos escalões da empresa e que tem por objetivo: criar – onde ainda não existir ou for neutra –, manter – onde já existir – ou, ainda, mudar para favorável – onde for negativa – a imagem da empresa junto a seus públicos prioritários. Contrapondo a ideia de neutralidade, Kunsch lembra que:

[...] é fundamental entendermos que as experiências humanas é que possibilitam a existência de novas práticas. Não somos mais meros espectadores e observadores. Somos atores. Olhamos, refletimos e criamos os contextos dos quais fazemos parte. Não há, portanto, ciência neutra. (KUNSCH, 2019, p. 13, itálicos acrescentados)

Nesta linha de raciocínio, Oliveira (2008) enfatiza que, uma concepção estratégica de comunicação organizacional, tem como fator propulsor a verificação, pelas

organizações, da necessidade de se relacionarem de forma intencional e estruturada com a sociedade, prestação de contas sobre sua atuação e conhecimento do papel e ação dos atores sociais. Kunsch acrescenta que,

[...] Uma das grandes contradições da corporação moderna é que ela exige doação e dedicação integrais da própria identidade do funcionário, mas ao mesmo tempo aquele sentido de individualidade é continuamente desestabilizado e tornado inseguro. A procura do funcionário por uma individualidade estável é infrutífera porque os critérios de como atingir o sucesso mudam continuamente. (KUNSCH, 2019, p. 22)

Na esteira da comunicação organizacional e suas contradições, situamos a IASD, em seu caráter institucional, que se enquadra em tal concepção, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. E, do mesmo modo que acentuamos a comunicação interna das empresas como a parte mais importante da Organização, na instituição da IASD não seria diferente.

A comunicação interna é uma ferramenta estratégica para compatibilização dos interesses dos colaboradores e da organização, através do estímulo ao diálogo, à troca de informações e experiências e à participação de todos os níveis. Ela permite que os colaboradores sejam bem-informados e a organização antecipe respostas para suas necessidades e expectativas. Isso ajuda a mediar os conflitos e a buscar soluções preventivas.

Assim, a importância da comunicação interna reside, sobretudo, nas possibilidades que ela oferece de estímulo ao diálogo e à troca de informações entre a gestão executiva e a base operacional, na busca pela qualidade de produtos e serviços e do cumprimento da missão de qualquer organização. O maior desafio da comunicação interna é fazer com que todos os públicos vejam e sintam a organização da mesma forma. É desenvolver um processo de mudança de cultura: informar bem, no tempo certo, ter credibilidade e ser capaz de despertar a motivação das pessoas. Para isso, a organização precisa enxergar a comunicação interna muito além dos murais.

A comunicação interna não pode ser algo isolado do Composto da Comunicação Integrada e dos conjuntos das demais atividades da organização. Comunicação Integrada é um conjunto articulado de esforços, ações, estratégias e produtos de comunicação, planejados e desenvolvidos por uma organização, com o objetivo de agregar valor à sua marca ou de consolidar a sua imagem junto a públicos específicos ou à sociedade. É uma filosofia que direciona a convergência das diversas áreas dentro da organização, permitindo uma atuação sinérgica entre elas, respeitando suas particularidades. Por

atuação sinérgica entende-se ação ou esforços simultâneos, compreendendo cooperação e coesão em trabalhos associados.

A filosofia da comunicação integrada faz com que todos os setores da organização tenham o mesmo comportamento, sem sobreposição de tarefas, e caminhem na mesma direção, respeitando as particularidades de cada departamento. É por isso que, dentro da organização, a comunicação integrada precisa ser entendida como uma filosofia capaz de nortear e orientar toda a comunicação que é gerada dentro dela.

Desse modo, somente com um planejamento estratégico da comunicação integrada é possível direcionar, de forma eficiente, as ações comunicativas da organização e integrar todas as áreas.

A importância da Comunicação Organizacional Integrada reside no fato de ela permitir que se estabeleça uma política global, em função de uma coerência maior entre os diversos programas comunicacionais, de uma linguagem comum de todos os setores e de um comportamento organizacional homogêneo, além de se evitarem sobreposição de tarefas.

Qualquer instituição tem a necessidade de levar uma mensagem até o seu público-alvo para atingir suas perspectivas e missões, a igreja não é diferente, afinal ela é uma maneira que o ser humano achou para se organizar e defender um conceito compartilhado. Para compartilhar esse conceito de forma eficaz e tornar essa premissa uma ferramenta de influência é necessário expandir-se a um aglomerado cada vez maior de pessoas. A socialização de seus conceitos é fundamental para obter o sucesso.

Nas igrejas a comunicação, também, deve ser estratégica, integrada, bem planejada e contínua. A igreja precisa cuidar da sua imagem, precisa de comunicação interna, externa e administrativa. Precisa de uma comunicação transparente e respeitosa. No desenvolvimento dos seus projetos pastorais ela precisa assumir atitudes concretas de acolhimento, de anúncio da Palavra, tornando-a notícia nos meios de comunicação. Como toda organização de pessoas, as igrejas têm problemas de comunicação. As equipes se desintegram. E é hora de agir e pensar em como corrigir os desníveis, elaborando um plano estratégico de comunicação.

Um plano estratégico de comunicação ajuda a saber o que está acontecendo, para onde a instituição está indo e o que ela está ensinando/comunicando. É a Comunicação que estabelece o diálogo no âmbito interno e externo. É ela que permite passar adiante a mensagem bíblica, a missão, a visão e os valores da instituição.

3.4.1 Por que Comunicação Integrada na Igreja?

- ❖ Porque Comunicação Integrada é a única que promove o aproveitamento integral do Capital Intelectual da Igreja;
- ❖ Porque Comunicação Integrada é a única que dá a chance para “surgirem” novos talentos na Igreja;
- ❖ Porque Comunicação Integrada é a única que substitui a famigerada competição pela sonhada cooperação: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém lhes era comum” (Atos 4:32).
- ❖ Porque Comunicação Integrada é a única forma de liberar todo o potencial dos membros – discípulos – no alcance das metas e cumprimento da Missão da Igreja: “Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, e não o impeças[...] Porque transbordarás para a direita e para a esquerda; a tua posteridade possuirá as nações e fará que se povoem as cidades assoladas” (Isaías 54:2-3).

A Comunicação deve ser integrada para permitir um trabalho de evangelização uniforme dentro da Igreja. Para manter a essência da mensagem, a missão, a visão, os valores e a uniformidade no conteúdo da comunicação, para que o receptor seja atingido pela mesma mensagem – sem “ruídos” e “dissonâncias cognitivas”. A comunicação integrada dentro da igreja permite que o receptor tenha o mesmo entendimento ao ver vários anúncios ou receber qualquer mensagem, não importando por qual meio tenha recebido.

O conteúdo padronizado das mensagens faz com que os fiéis se sintam parte de um único corpo, de uma mesma família. A comunicação deve ser pensada e planejada nos mais altos escalões, levando em conta a missão, a visão e os valores que a Igreja deseja comunicar. A construção de uma comunicação integrada passa a envolver conteúdos múltiplos, equipes multidisciplinares, integração informatizada de processos, comunicação em tempo real, atividades virtuais e impõe maior necessidade de planejamento.

A ideia da Comunicação Integrada é a coordenação de mensagens para um impacto máximo. Este impacto é obtido através da sinergia; as conexões que são criadas na mente do receptor, como resultado de mensagens que se integram, criam um impacto de poder maior do que qualquer mensagem individual por si só.

A experiência revela que quando todos gritam juntos, o som fica mais forte e, sobretudo, que, quando todos combinam e ensaiam o grito, ninguém desafina. Quando

juntamos as ações isoladas, podemos caminhar na mesma direção, e ter grandes resultados!

Este pesquisador, autor de dezenas de artigos e quatro livros, tem viajado pelo Brasil e proferido palestras em escolas, igrejas adventistas e de outras denominações alertando às autoridades, aos educadores e aos pais sobre os inúmeros riscos e perigos inerentes ao uso excessivo das “telinhas”. Não se trata, adverte logo de início, de uma demonização destas plataformas digitais onipresentes, em nosso cotidiano, e, porque não dizer, importantes na inserção neste mundo globalizado e, também, essenciais na busca e partilha de informações e conhecimentos e, em muitos casos, em nossa própria sobrevivência.

[...] com a tal chamada virada linguística, um conceito mais radical de comunicação apareceu, enraizado em uma perspectiva que coloca a comunicação no centro da condição humana. Aqui, a comunicação não é simplesmente o meio pelo qual pensamentos, sentimentos e ideias são transmitidos, mas, sim, o que os torna possíveis. Esse modelo constitutivo de comunicação alega que nosso mundo é linguisticamente mediado. Essa condição de “linguisticidade” significa que não há duas coisas separadas – um mundo e uma maneira de falar sobre aquele mundo – e sim um mundo que é trazido à existência por meio de linguagem e práticas comunicativas que invocamos para nos relacionar com o mundo e uns com os outros de forma específica. O mundo se torna significativo para nós e é um mundo em que participamos apenas à medida que o invocamos por meio de textos e práticas linguísticas que estão à nossa disposição. (KUNSCH, 2019, p. 26)

Clarificando a amplitude desta nova abordagem humanística da comunicação nas empresas, nas demais organizações corporativas e nas instituições religiosas, Dennis K. Mumby completa:

[...] Para mim, isso está entendido no que tenho chamado alhures (MUMY, 1997) de um “discurso de vulnerabilidade”. A partir dessa posição, nosso sentido de identidade está “sujeito a” (isto é, vulnerável a) uma atração de possibilidades discursivas que desafiam quem nós somos. Stan Deetz (1992, p. 341) moldou essa ideia de forma interessante ao alegar que “a comunicação não se destina à autoexpressão e sim à autodestruição”. Com isso ele quer dizer que o ponto integral da comunicação como um ato social – isto é, como um ato de humanização – é superar o sentido de subjetividade fixa de um indivíduo e se abrir à indeterminação de outras pessoas e seus ambientes. (KUNSCH, 2019, p. 27)

[...]

Os significados e discursos sobre os quais as organizações são construídas não surgem espontaneamente; eles são o produto de configurações de poder e interesses específicos. Todos os dias, em quase todas as organizações, as pessoas vivenciam uma violência simbólica (no sentido de Pierre Bourdieu), não porque seus colegas de trabalho sejam pessoas desagradáveis e estúpidas e, sim, porque as formas institucionais criam sistemas de diferença que constroem e

posicionam as pessoas como de dentro ou de fora, dignas ou indignas, valiosas ou sem valor. Cada organização e contexto social são enraizados em sistemas de diferença e operam de acordo com eles, e nós somos constantemente, no momento-a-momento, considerados responsáveis pela maneira como reproduzimos ou desafiamos formas existentes de diferença. (KUNSCH, 2019, p. 28)

Na história do Cristianismo e mesmo ao longo dos séculos e eras, ninguém captou e traduziu isso em palavras, atos e afetos do que o maior de todos os pensadores cristãos, Paulo:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele. (1 Coríntios 9:19-23)

Estas últimas frases sintetizam o amor de Paulo a Jesus e, derivados desse, seu indescritível amor às pessoas, seu interesse pelo bem-estar delas e a sua paixão-maior de trazê-las para a comunidade de amor com Cristo e os demais irmãos.

Foi exatamente dando plena vazão a essa flexibilidade, num misto de consagração a Deus e à causa, com humildade e respeito às pessoas e às diversas culturas e ambientes e contextos circunstanciais diversos, que ele, depois de ter discutido Filosofia com os sábios e filósofos gregos pré-socráticos, epicuristas e estóicos (Atos 17:16-34), ele dá um cavalo-de-pau em sua estratégia de evangelização em (a partir de) Corinto:

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus. (1 Coríntios 2:1-5, ARA)

Entre as incontáveis virtudes de Paulo que sobressaem em suas epístolas, encontra-se o amor fraternal e a tolerância no trato com os mais fracos e respeito e promoção da dignidade aos desfavorecidos. Sendo assim, o campeão do Evangelho escreveu:

Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio,

três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? (2 Coríntios 11:24-29)

A qualidade de Paulo posta em realce aqui nos últimos textos é a empatia. Vocábulo proveniente do grego *empátieia*, essa palavra expressa “Tendência para sentir o que sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa”. Essa “tendência” ou atitude tão saliente em Paulo e, infelizmente, tão escassa entre os líderes e administradores cristãos – a maioria deles até se esquece do significado do título que deveria nortear todas as suas decisões e ações para com o próximo no exercício da função: Pastor – hoje em dia, reflete o caráter de Deus veterotestamentário que, séculos e milênios mais tarde, viria a ser cristalizado plenamente na pessoa de Jesus:

Aludindo aos jargões de “grupo unido”, “minha equipe é a melhor da região”, “somos 1”, “grupo monolítico”, “grupo coeso”, tão usados pelos administradores da IASD, poucas vezes encontra eco – de fato – num sentimento de verdadeira pertença e sólida constatação de que os obreiros poderão sempre contar com a compreensão, apoio físico e sustentação emocional por parte destes, quando estiverem encrocados com problemas em suas “paróquias” (seus “territórios” distritais”). Tirando o saudável companheirismo e as muitas trocas de experiências entre os colegas nas viagens e poucos momentos de recreação nos concílios pastorais (dos quais, este pesquisador tem saudade), na maioria das vezes essas manifestações falaciosas dos chefes e departamentais (espécie de “gerentes” de áreas da instituição) não passam de meras estratégias motivacionais – tipo as usadas pelos grandes palestrantes corporativos.

3.4.2 Adventistas do Sétimo Dia: diferentes, porém iguais; singulares, jamais superiores!

Qualquer pesquisa, estudo ou análise do adventismo do sétimo dia que não seja invasivo e perpassasse as aparências de mera organização religiosa, indo além dos anacrônicos e estereotipados discursos forjados pelos detratores, alcançando o cerne da IASD, da sua história e de como os adventistas sempre se viram e se veem hoje dentro do Cristianismo e do pluralismo religioso e evangélico e das suas práticas humanitárias e

estilo de vida comprometido com as questões ambientais e com a promoção de qualidade de vida, não passam de superficiais e reprodução de rótulos e de estigmas da raça.

Da mesma forma que qualquer indivíduo em sua formação e constituição pessoal, como ser humano, tem como fatores influenciadores – e até determinantes – o seu contexto cultural (o lugar onde nasceu, quem foram seus pais, a cultura dos seus pais, as crenças e a cosmovisão deles, a moradia, os amigos de infância, os brinquedos, etc.) e o seu entorno ideológico, assim, também, acontece com as denominações religiosas. Mesmo as milhares de religiões e vertentes do Cristianismo, ainda que ancoradas num mesmo livro sagrado: a Bíblia, possuem crenças, valores, questionamentos, expectativas, comportamentos, práticas e estilos de vida distintos – quando não destoantes e antagônicos entre si. Nesse sentido e diapasão, uma coisa é ser adventista em São Paulo (numa igreja estilo “contemporâneo” na Avenida Paulista) ou na cidade de Boituva ou, pertinho dali em distância mais a anos-luz culturalmente na imponente Igreja Adventista das Mangueiras, em Tatuí-SP, onde fica a Casa Publicadora Adventista (maior editora dos adventistas em todo o mundo); outra coisa, ainda, é ser adventista numa igreja em Manaus ou adventista numa igreja de uma aldeia indígena na Amazônia.

Indo à gênese do adventismo, nas palavras do seu principal historiador, George Knight, nós encontramos a fortíssima influência e as impressões indelévels que lhe foram estampadas pelo Movimento Milerita:

O surgimento do adventismo ocorreu durante o maior reavivamento religioso da América do Norte. Esse período, conhecido como o Segundo Grande Avivamento, fez mais do que qualquer outro evento da história da jovem nação para transformar os Estados Unidos em um país cristão. [...] O milerismo, portanto, nasceu em um mundo empolgado com a religião e seus temas. A religião era algo dinâmico e crescente nos Estados Unidos nas décadas de 1830 e o milerismo conseguiu aproveitar essa onda de expansão. (KNIGHT, 2015, pp. 20- 21)

Ampliando a compreensão sobre o milerismo, suas ideias, práticas e natureza essencialmente ortodoxa, sob o pano de fundo do contexto religioso e expectativas das pessoas daquela época, Knight assinala aquele fator determinante, para a fácil adesão dos evangélicos e demais cristãos estadunidenses, europeus e de outras regiões do mundo de então (incluindo a América do Sul), às ideias propagadas por Miller e, assim, ocorrer um rápido engrossar nas fileiras do milerismo:

[...] David Rowe destaca que “os mileritas não são muito diferentes de todos os outros, mas porque são muito semelhantes aos vizinhos”. Diferentemente dos mórmons, shakers e outros grupos radicais da época, os mileritas eram tanto tradicionais quanto ortodoxos em sua

teologia e no estilo de vida. “Nesse fato”, Rowe identifica, “está o segredo de seu sucesso”. Era fácil para a maioria dos americanos aceitar o milerismo uma vez que, por aceitar a ideia do retorno pré-milenarista de Cristo, não precisavam ajustar outros aspectos de sua estrutura de crenças. (KNIGHT, 2015, p. 21)

Ou seja, o milerismo não atacava as crenças de ninguém do mundo cristão e, muito menos, despontava para substituir as religiões da época. Ao contrário, o milerismo proclamava e era a mais fina expressão do cerne do Cristianismo através dos séculos. Ele catalisava os anseios de dezoito séculos da Era Cristã e concretizava a esperança-mor dos fiéis de todos os tempos: Jesus está voltando!

Ninguém precisava abandonar a sua igreja ou denominação religiosa; muito pelo contrário, era preciso reacender o “fogo” da paixão por Jesus. Redirecionar o olhar das coisas terrenas, para as celestiais, voltar ao antigo fervor: “Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor” (Apocalipse 2.4). Voltar à prática da caridade, da comunhão com os irmãos e da religiosidade bíblica vertical (amor a Deus) e horizontal (amor a todas as pessoas – em suas diferenças e em sua singularidade): “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candelabro, caso não te arrependas” (Apocalipse 2.5).

Era preciso, necessário e urgente, apenas ouvir e atender ao apelo inflamado de Cristo, a Testemunha Fiel, feito à Igreja de Filadélfia:

Conheço as tuas obras – eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar – que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. (Apocalipse 3.8-11)

Os adventistas do sétimo dia, em sua compreensão e aceitação plena da Bíblia como a Palavra de Deus, na sua crença absoluta em Cristo como o “único Mediador entre Deus e os homens”, de que todos em todos os lugares e em todas as épocas fomos e somos encontrados – não importando cor da pele, etnia, cultura, posição social ou financeira, poder hierárquico ou títulos honoríficos ou acadêmicos – nas mesmas condições e mesma posição diante de Deus: “[...] como está escrito: não há justo, nem um sequer” [...] pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3.10-23).

3.5 O grande “racha” das eleições presidenciais de 2018, no Brasil: distopia, polarização e totalitarismos na relação igreja e política externa

Como descobrir verdades escondidas? Como desmistificar a farsa ideológica, espécie de arapuca atraente em que, muitas vezes, facilmente caímos? Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua “sintaxe”, que reduz a um mesmo plano, o passado e o presente, e sugere que, o que ainda não há, já está feito? Como acompanhar as informações, que diversificam temáticas no noticiário, sem que haja tempo para a reflexão sobre os variados assuntos?

O mundo encurta, o tempo se dilui. O ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante. [...]

Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. É que pensar em televisão, ou na mídia em geral, nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira, em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de alguma coisa contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. (FREIRE, 2016, pp. 126-127)

Durante as eleições presidenciais de 2022, no Brasil, muitos membros adventistas se envolveram de forma independente em debates políticos, especialmente na grande polarização que houve do segundo turno, tendo alguns extrapolado as normas da igreja e até apoiado movimentos que pregavam a ruptura democrática propalados pela extrema direita. É importante notar que a Igreja, seguindo as suas praxes, não emitiu uma posição oficial sobre os candidatos ou o resultado das eleições. A Igreja Adventista do Sétimo Dia não apoia oficialmente candidatos políticos ou partidos, nem se envolve diretamente em eleições presidenciais ou outras eleições. No entanto, como os membros da igreja têm suas próprias opiniões políticas e participam do processo eleitoral, enquanto cidadãos, pode haver indivíduos envolvidos em campanhas ou expressando suas opiniões sobre os candidatos que, em suas avaliações pessoais, melhor lhes representam.

A IASD incentiva seus membros a serem cidadãos responsáveis, participando do processo eleitoral de acordo com suas consciências e valores. No entanto, ela enfatiza que a lealdade a Deus e aos princípios religiosos deve sempre estar acima das preferências políticas. Portanto, qualquer participação individual dos membros nas eleições é uma escolha pessoal e não reflete uma posição oficial da Igreja como um todo.

A abordagem da Igreja em relação à política partidária é caracterizada por uma posição de neutralidade e uma ênfase em valores éticos e religiosos, enfatiza a missão espiritual e a crença em valores morais baseados em sua interpretação das Escrituras, como justiça, compaixão, liberdade religiosa e respeito aos direitos humanos. Qualquer ideologia, incluindo o fascismo, seria avaliada à luz desses valores, de modo que pensar numa posição de neutralidade diante de valores contrários aos seus, mostra-se como um paradoxo ou até um contrassenso para quem defende a liberdade de expressão e a liberdade de consciência e de culto – elementos dificilmente encontrados em países que estão subjugados a regimes e governos ditatoriais.

É preciso considerar que, ao se colocar como neutra, a IASD não se exime desta atuação social, visto que a posição política, compreendida em sentido amplo, é o exercício que mais influencia a vida e a conduta de seus líderes e membros, direta e indiretamente. A ressalva que se elabora, a partir desta postura, encontra fundamento nos limites que encerram suas diretrizes, uma vez que o envolvimento direto com a política externa partidária colocaria em risco a comunhão entre seus membros, podendo ocasionar mais conflitos e disputas internas. Logo, em relação à política partidária, a IASD se baseia na separação entre Igreja e Estado, bem como em manter o foco na missão espiritual e no cumprimento das crenças e princípios religiosos.

Isto posto, faz-se necessária uma breve aclaração acerca do termo “política” a partir de sua genealogia. Originalmente, o vocábulo nasce da união de duas palavras gregas: *polis* (cidade) e *tikós* (bem comum dos componentes da cidade, os cidadãos). Política (*Politiké*) significa o governo da cidade para o bem comum dos cidadãos, de modo que, para Aristóteles, ser cidadão era necessariamente ser um indivíduo que participava ativamente das decisões da cidade em prol do bem comum dos seus membros, ou seja, ser cidadão seria sinônimo de ser “político”, nessa concepção. Por isso, a máxima aristotélica “o homem é um animal político” (*zoon politikón*) se refere à sua capacidade de participar da vida pública da cidade em função da felicidade de todos.¹⁸³

Tomando como pressuposto a concepção aristotélica de política como exercício natural do homem, no que diz respeito ao modo de se posicionar em relação às decisões que afetam os membros da cidade – ou da comunidade –, a política e a ética andam lado a lado em prol do bem maior de todos os cidadãos. Esta concepção abarca qualquer tipo

183 Para Aristóteles, a vida pública, ou, a vida política era a conduta natural do homem, posto que o exercício da política tinha a finalidade última de gerar a felicidade, e, portanto, a política estava intimamente vinculada a ética. Cf. ARISTÓTELES, *A Política*, s.d.

de governo, antigo ou moderno, que preze pela justa medida, pelo bom senso, pela paz, pela tolerância, pois está fundamentada no bem público em detrimento dos interesses particulares, seja dos cidadãos comuns ou dos governantes da cidade, o que torna importante ressaltar que, mesmo distorcida, a política atual tem suas raízes nesta definição.

Portanto, mesmo não se posicionando em relação à adesão a partidos políticos, a Igreja pode, e deve, se envolver em questões sociais, como justiça social, bem-estar e direitos humanos, de modo geral. Se uma ideologia política comprometer esses valores, a Igreja pode se envolver em diálogo, advocacia e ações humanitárias relevantes. Por exemplo, dado que a Igreja valoriza a liberdade religiosa, qualquer regime ou ideologia que possa restringir a liberdade de religião e a liberdade de consciência pode ser, para ela, motivo de preocupação, e, embora priorize sua missão espiritual de pregar o evangelho, preparar as pessoas para a segunda vinda de Cristo e promover um estilo de vida saudável e ético, a Igreja pode ser considerada ativamente política, no mais amplo sentido do termo. Essa missão permanece central, independentemente do contexto político. Os membros individuais da Igreja podem ter suas próprias opiniões políticas, inclusive partidárias, mas é enfatizado que as crenças religiosas e os princípios morais devem sempre guiar suas decisões e ações.

Outrossim, sentimos a necessidade – mais que isso, o compromisso – de tecer algumas considerações acerca da relação entre política externa e a IASD, a partir do recorte das últimas eleições presidenciais no Brasil. Coadunando com o fomento da hipermediatização das relações sociais, as eleições presidenciais de 2018 podem ser tomadas, nesta pesquisa, como duplo marco temporal: primeiro, pelo fato de popularizar massivamente as redes sociais de comunicação – em especial o WhatsApp – como principais canais informativos sobre as posturas políticas dos partidos e candidatos daquele ano; segundo, por dividir a população nacional em, basicamente, dois polos opostos a partir da inclinação político-ideológica, em grande parte, manipuladas por meio das informações disseminadas via WhatsApp – ocasião e ambiente virtual em que o fenômeno das *fake news* tornou-se bastante recorrente.

A história da política, de modo geral, é bastante complexa, quando analisamos que as formas de governo adotadas pelos países de todo o globo não seguem uma cronologia ascendentemente evolutiva, e isto se deve ao fato de que a política é apenas um aspecto da cultura de um povo, de uma nação, que está intimamente ligada às questões de ordem econômica, educacional, religiosa, entre outras. Assim, não é raro encontrarmos, na

história da humanidade, diversos casos em que, nações outrora democráticas, passaram a governos ditatoriais, e, regimes totalitários foram substituídos por modelos liberais, por exemplo, seguindo esse curso continuamente marcado pela oscilação das políticas dominantes de cada época, segundo uma combinação de fatores mui particulares.

Na pós-modernidade, é certo que, salvo algumas raras exceções (tribos silvícolas totalmente afastadas do contato com as cidades, grupos quilombolas, algumas poucas ilhas e povoados situados nos extremos do planeta etc.), a maior parte do mundo é regida segundo a lógica do consumismo, fomentado pelo capitalismo, cada vez mais refinado, que se apodera dos aparatos necessários para manter-se, sutilmente, no controle dos mais diversos “desejos” dos indivíduos. Nesse contexto, a aliança entre economia e política é intrínseca, e determina, não somente o modelo econômico de cada nação, mas, também, a forma de governo que melhor se adequa à manutenção desse estado de coisas. É importante assinalar que, tanto a política quanto a economia de um país, nem sempre se expressam explicitamente, uma vez o elemento central de disputa – o poder – é extremamente fascinante, como podemos observar ao longo da história. Acrescentemos a isso, uma estrutura historicamente baseada na corrupção, e teremos o exemplo do Brasil.

A política, no Brasil, é um projeto de manutenção do domínio das classes mais abastadas sobre as menos favorecidas, desde a suposta “garantia” dos direitos fundamentais, segundo a Constituição de 1988, como o investimento em políticas públicas – educação, saúde, segurança, lazer, entre outros –, com o uso dos impostos cobrados dos cidadãos – um dos mais altos do mundo, diga-se de passagem –, a clara discrepância entre as classes é uma das características mais marcantes da corrupção política no Brasil. E, as últimas eleições presidenciais, em especial, a de 2018, configuram um exemplo explícito do absurdo abuso de poder e corrupção, por parte do então candidato da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro, e seu partido, abertamente vinculados a um tipo de política radicalmente violenta e intolerante¹⁸⁴, em um país que se diz democrático.

184 Apesar de se apresentar, sempre, por meio do discurso da intolerância, preconceito racial e sexual, palavrões, xingamentos e a marca da “arma” nas mãos – em favor à liberação do porte de arma para os cidadãos –, o lema de sua campanha, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, era apenas uma das inúmeras contradições que marcaram o cenário nacional com uma dicotomia assustadora, entre seus apoiadores e os que se opunham à ideologia política ditatorial de Bolsonaro. Este candidato, que não apresentou plano de governo, mantinha um público abrangente, entre políticos, pessoas públicas, leigos, religiosos diversificados – dentre eles, uma maioria esmagadora de evangélicos, incluindo membros da IASD –, intelectuais, analfabetos, mulheres, negros, e outros tantos, uma parcela destes, alvo de deboche e violência por parte do próprio Jair e seus apoiadores. Em inúmeros discursos, entrevistas e comícios, Bolsonaro se pronunciava violentamente contra as “minorias” – que são maioria em número –, como

Assustadoramente, o contingente populacional que apoiou Bolsonaro e suas condutas extremistas, foi bastante expressivo, chegando a ter maioria de votos em quase todas as regiões brasileiras, exceto no Nordeste, no segundo turno de 2018, quando foi eleito Presidente da República.

Antes mesmo de ser eleito, as ondas de violência que se alastraram pelo país geraram diversos protestos e movimentos contra Bolsonaro, em que milhões de pessoas se organizaram por meio das redes sociais e saíram às ruas com a *hashtag* “#EleNão”. Os protestos ultrapassaram as fronteiras nacionais, chegando às cidades de Nova Iorque, Barcelona, Berlim, Lisboa e Paris, que aderiram aos movimentos em razão da violência incitada por Bolsonaro, em toda a sua candidatura, bem como às suas inclinações ideológicas, como a admiração pelo fascismo, defesa da tortura e da intervenção militar, assim como uma expressa “caricatura” de Adolf Hitler, líder nazista responsável pelo holocausto que culminou com a morte de cerca de 6 milhões de judeus.

Mesmo em face das condutas abomináveis de Bolsonaro, a divisão da população não parecia coerente, pois, era comum – e ainda é – encontrarmos, entre seus apoiadores, aqueles sujeitos contra os quais Bolsonaro se colocava em seus discursos violentos. Mulheres, negros, pobres e, o mais assustador, religiosos, em defesa da tortura e da violência gratuita. Antes, porém, de julgarmos todos os seus apoiadores como defensores das mesmas ideias estapafúrdias do então candidato, é preciso esclarecer alguns pontos. Primeiro, consideramos importante separar em dois grupos básicos seus apoiadores: aqueles que conheciam todas as suas ideias e o apoiavam; e aqueles que ignoravam as condutas extremistas do candidato e foram iludidos pelo seu enganoso discurso que misturava doses cavalares de patriotismo, religião, família, probidade e outros valores éticos encampados pelos cristãos. Em relação aos primeiros, nada temos a acrescentar, senão o combate ético e democrático a tais posturas. Quanto aos demais, outro elemento entra em cena, para justificar suas escolhas políticas: a desinformação propagada pelas *fake news*, disseminadas massivamente pela equipe estratégica de Bolsonaro, por meio do WhatsApp.

Como mencionamos, acima, sua campanha fora impulsionada por inúmeras contradições: ora Bolsonaro se dizia defensor da “família tradicional brasileira”, dos bons

mulheres, negros, não héteros, pobres, e, principalmente, contra as pessoas ligadas à esquerda política. Seu polêmico discurso de ódio foi incorporado pelos seus seguidores, que puseram em prática todos os tipos de violência contra aqueles que estivessem entre os “perseguidos” de Bolsonaro, ou que manifestassem oposição às suas ideias.

costumes, conservador, e combatente da corrupção; ora, seus discursos se voltavam a incitação da intolerância e da violência.

A questão que se impõe aqui, ocorre, como já aconteceu ao longo da História com várias igrejas, inclusive, e em algumas ocasiões na IASD, a gravíssima situação de fragmentação e quebra da unidade, no corpo de Cristo, que é a Igreja, e consequente divisão em facções e grupos rivais a se digladiar. Do tipo torcidas de times adversários: Vasco e Flamengo.

Nesse ponto, rememoramos as intervenções veladas – algumas sutis e outras bem escancaradas – de alguns apresentadores da TV Novo Tempo, em seus programas de vasta audiência, não apenas entre adventistas, mas o público evangélico em geral, em favor de Bolsonaro. Muitos dos adventistas caíram nas mãos “hábeis” dos comunicadores da IASD, *experts* no uso das mídias e na construção dos discursos ideológicos e, também, nas mãos inábeis de alguns pastores – a maioria deles, diga-se de passagem, “jubilados” –, líderes influentes da igreja, outros, nem tanto, e milhares de membros, espalhados pelos rincões do país, que os seguem “bovinamente”.

O tal discurso articulado que, sem citar nomes e/ou atacar diretamente os adversários políticos ou desafetos, destaca-se as “qualidades”, ou aparentes “virtudes”, do outro que lhe é oponente. Ou, mais sutil ainda, neste caso, vale-se de citações positivas da Bíblia e, mui especialmente, da escritora Ellen G. White, para desqualificar o adversário.

Estes “pastores” e outros “obreiros” assalariados da IASD, hoje aposentados, que são uma ínfima minoria, diga-se de passagem, fazem lembrar daqueles “generais de pijama”, do Clube Militar do Exército Brasileiro, que, não tendo nada mais a fazer, vivem urdindo golpes e rupturas institucionais. Não sabem fazer outra coisa. Constituem e/ou fazem parte do grupo que o Marechal Castelo Branco, primeiro presidente da Ditadura Militar no Brasil, rotulou como: as “vivandeiras do bivaque” – indivíduos que ficavam rondando os quartéis e estimulando os militares à ruptura institucional, pelos levantes: golpes militares. No caso adventista, esses “combatentes de pijama” – que, embora poucos, são tremendamente barulhentos – são, também, bastante resilientes: até hoje (09/01/2024, exatamente 1 ano após a cerimônia envolvendo os Três Poderes da República Brasileira, alusiva ao nefasto 8 de janeiro de 2023), negam o “golpe” de 2016, contra a ex-presidente da República, Dilma Rousseff, continuam crendo e pregando a probidade administrativa de “Bolsonaro”, bem como sua capacidade de “liderança”,

naquilo que, para eles, tanto quanto para a turma de Trump, nos EUA, foi “o melhor governo de todos os tempos!”

Com fina argúcia e de forma didática, aquele que foi incluído entre os nove maiores educadores mundiais, pontua:

Daí também o papel apurado que joga ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão de grupo do poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses patronais. Pelo contrário, seu discurso se esforçaria para convencer que sua análise da greve leva em consideração os *interesses* da nação. (FREIRE, 2016, p. 127)

Essa foi a grande preocupação exposta por Jesus, em Sua última oração pelos Seus discípulos:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; *a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste*. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, *para que sejam um, como nós o somos*; eu neles, e tu em mim, *a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade*, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (João 17:20-23)

Jesus torna claro e patente que as pessoas, de forma geral, iriam identificar os cristãos, Seus fiéis seguidores, não pelas palavras rebuscadas e discurso bonito, não pela indumentária suntuosa ou exótica ou pelas riquezas terrenas e ostentação, como pregam os charlatões defensores da Teologia da Prosperidade, mas, sim, por demonstrações claras e inequívocas de amor, unidade e fraternidade.

Paulo, da mesma forma que o seu grande Mestre, orou e trabalhou incansavelmente por esta unidade – fundamentada no amor e cooperação:

Não nos julguemos mais uns aos outros; *pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão*. [...] para que *concordemente e a uma voz* glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, *acolhei-vos uns aos outros*, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus. (Romanos 14:13 e 15:6-7, itálicos acrescentados)

O apóstolo dos gentios exortou e advertiu reiteradamente contra este tipo de pessoas desagregadoras que, por vanglória e outros interesses escusos, nem sempre confessáveis, promovem divisões, partidos e facções entre os fiéis: “Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles *que provocam divisões e escândalos*, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles” (Romanos 16:17).

Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, *que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões*; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer. [...] fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós. *Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo. Acaso, Cristo está dividido?* Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo? (1 Coríntios 1:10-13, *itálicos acrescentados*)

De forma inteiramente coerente com a guinada de 180 graus, o ponto da virada, ocorrido em sua vida a caminho de Damasco, quando o perseguidor vira perseguido e o mais acérrimo inimigo do Cristianismo se transforma, pouco tempo depois, no maior pensador cristão da História e maior evangelista de todos os tempos, Paulo, tão logo começam a se assanhar os conversos de Corinto com a eloquência e dotes de retórica de Apolo e a formar “fã-clubes” de pregadores, dá um cavalo-de-pau nas exortações até então amenas de sua carta condenando veementemente esse tipo de procedimento:

Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens? Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. *De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.* Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós. (1 Coríntios 3:4-9, *itálicos acrescentados*)

Em suma, a igreja deve adotar uma posição de neutralidade política e se concentrar em valores éticos e religiosos. Ela não emite posicionamentos oficiais sobre ideologias políticas, mas pode expressar preocupações relacionadas à liberdade religiosa, direitos humanos e questões éticas. O foco principal permanece em cumprir a missão espiritual e ética da igreja, de modo que sua finalidade visa preservar a unidade entre seus membros enquanto cumpre sua missão espiritual e humanitária no mundo. Mas, até que ponto?

3.5.1 A IASD e o nazismo: quem vigia os vigilantes?

Estima-se que 55 milhões de pessoas morreram durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo os seis milhões de judeus – homens, mulheres e crianças – que morreram nos campos de extermínio étnico e guetos em toda a Europa (US Holocaust Museum: 2008). (ALOMÍA, 2008, p. 01)

A relação entre política externa e a IASD, exposta acima, deixa claro que a igreja não se posiciona quanto a adesão partidária, mas está sempre atenta às questões que

extrapolam a simples disputa pelo posto governamental, a exemplo das inúmeras atitudes que adota em relação à justiça social e à defesa dos direitos humanos.

Nesse sentido, o contexto histórico de uma fase tenebrosa dessa relação é exposto pelas relevantes reflexões do teólogo Harold Alomía, em seu ensaio intitulado *Flerte Fatal: o Estado Nazista e a Igreja Adventista do Sétimo Dia* (2008), no qual pontua:

Na história da realização humana é fácil encontrar muitas coisas para criar admiração e espanto com o potencial para o bem nas pessoas. No entanto, as páginas escuras da história da humanidade também podem esvaziar rapidamente quaisquer ilusões de perfeição e nos lembrar da capacidade da humanidade de infligir dor e sofrimento. Talvez revendo nosso passado sórdido, possamos aprender a não cometer os mesmos erros e talvez no futuro escrever mais páginas para o bem do que para o mal. (ALOMÍA, 2008, p. 01)

Dividido em duas partes, o ensaio se dedica inicialmente a uma contextualização do fenômeno do nazismo, que começa a partir da expressão do preconceito racial, tomando gradativamente proporções assustadoras, fundamentadas, não somente na intolerância ao “diferente”¹⁸⁵, mas na ideia de superioridade de uns sobre os outros.

Quando a administração nazista chegou ao poder em 1933, sua legislação refletia sua visão de mundo racial. A promulgação de leis como o Parágrafo Ariano que segregava a população com base na raça e limitava o número de judeus nos serviços civis e profissionais foi seguida pelas Leis de Nuremberg que forneceram o arcabouço legal que permitiu o banimento final dos judeus de todos os âmbitos profissionais. Essas leis eram apenas os resultados visíveis de uma ideologia racista que permeou o país na época. (ALOMÍA, 2008, p. 02)¹⁸⁶

O Estado Nazista, no entanto, não se consolidou apenas por meio do preconceito, segundo Alomía. “Ao refletir sobre as causas do Holocausto, não se deve separar o incidente em si dos muitos elementos diversos que cercaram esse fenômeno. Esta ocorrência infame na história não foi o resultado de uma concepção *in vitro* isolada e vazia” (ALOMÍA, 2008, p. 02), mas por uma junção de aspectos e acontecimentos bastante particulares em sua execução, porém, estruturado por elementos que podem ser

185 Sabidamente, o nazismo tinha como centro ideológico concepção de uma supremacia “ariana” (a alemães “puros”), de modo que o termo “diferente”, nesse contexto, refere-se à esta suposta superioridade, na qual, todos que não fossem alemães puros, eram considerados, não apenas “diferentes”, mas inferiores.

186 “A legislação racial promulgada foi apoiada pela maioria da população e essa maioria tinha uma característica em comum: ‘A Alemanha que Hitler liderou permaneceu 95% cristã e 55% protestante’ (Ericksen 1999:22)”. (ALOMÍA, 2008, p. 03).

encontrados em diversos outros tipos de governo, na história mundial¹⁸⁷ – no qual se inclui o governo de Bolsonaro, no Brasil, de 2019 a 2022.

Um desses elementos é a participação e adesão “voluntária” da população a esse tipo de política, a despeito de sua explícita ideologia de dominação e extermínio do “diferente”, como afirma o autor:

O que chama a atenção nessa época em particular é que essas políticas e restrições contra os judeus não foram impostas pelo governo sob a mira de armas, nem foram impostas à população em geral; pelo contrário, foram aprovadas pelo povo da Alemanha em diversos plebiscitos, e a esmagadora maioria do povo da Alemanha simplesmente não viu problema com essas leis ou com a visão de mundo racial do Estado. [...] Quase não houve reação da população em relação ao caráter imoral e injusto do tratamento que os judeus recebiam. (ALOMÍA, 2008, p. 03)

Outro dado ainda mais relevante, nesse contexto, é que Hitler foi eleito por maioria de votos dos cristãos, democraticamente – embora seu governo tenha sido um regime totalitário.

Foram os cristãos que elegeram Hitler ao poder e foram os mesmos cristãos que elogiaram sua chegada em 1933 à chancelaria como um novo começo e renovação da esperança para o cristianismo, apesar de suas tiradas raciais. Foram os cristãos que ficaram de braços cruzados enquanto os direitos da minoria judaica que tanto contribuíram para a cultura alemã foram retirados com muito pouco ou nenhum protesto da maioria cristã. (ALOMÍA, 2008, p. 03)

Alomía descreve uma análise realizada por Robert Ericksen, em seu livro *Theologians under Hitler* (1999), sobre os pensamentos de três dos mais proeminentes teólogos alemães daquela época, que apoiaram o governo nazista de Hitler: Paul Althaus, Emanuel Hirsch e Gerhard Kittel (ALOMÍA, 2008, pp. 3-5). Robert Ericksen expunha o modo como a distorção ideológica cristã fomentou o amplo apoio ao governo de Hitler, por parte desses líderes e seus seguidores.

Althaus foi pioneiro no conceito de *Volk*, referindo-se a uma comunidade fechada de pessoas unidas por sangue e alma. Ele vinculou essa noção à igreja e sua importância na preservação da nação, uma comunidade preservada por linhagens puras e unidade biológica. (ERICKSEN, 1999, p. 25 *apud* ALOMÍA, 2008, p. 03)

Emanuel Hirsch

[...] era um membro solidário do Partido Nazista e nunca amenizou seus comentários a favor do regime nazista, mesmo depois de 1938 ou em

187 “Portanto, é válido afirmar que o Holocausto foi apenas o ápice de uma série de acontecimentos, correntes de pensamento, filosofias, leis e elementos diversos que tragicamente convergiram para criar essa história horrível” (ALOMÍA, 2008, p. 02).

1945. [...]. Suas visões teológicas estavam fortemente misturadas com um forte nacionalismo que parecia ser o coquetel perigoso que levou Hirsch a adotar a teologia racial da Igreja Nacional Alemã e lhe permitiu abraçar o Parágrafo Ariano. (ERICKSEN, 1999, pp. 26-28 *apud* ALOMÍA, 2008, p. 04)

Gerhard Kittel,

[...] editor principal do Theological Dictionary of the New Testament [Dicionário Teológico do Novo Testamento] em dez volumes. [...] também se juntou ao National Socialist German Workers Party [Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães] e ajudou a causa nazista. Ao contrário de Althaus ou Hirsch, Kittel não aderiu à visão que colocava o Antigo Testamento contra o Novo Testamento; no entanto, dostrês teólogos, sua retórica sobre o antissemitismo espiritual foi a mais aberta. (ERICKSEN, 1999, p. 34 *apud* ALOMÍA, 2008, pp. 4-5)

Apesar dos números relevantes de cristão apoiadores de Hitler, havia uma parcela de denominações cristãs que se mantinha firme na oposição ao modelo político-ideológico nazista, como a Igreja Confessante (*Confessing Church*), que “[...] enfrentou a intromissão do Estado Nazista em assuntos eclesiásticos, particularmente no caso da intenção racial do Parágrafo Ariano de eliminar os judeus de exercerem cargos clericais e/ou serem membros da Igreja” (ALOMÍA, 2008, p. 05).

Nesse grupo das igrejas apoiadoras do regime nazista esteve a IASD na Alemanha, representada pelo presidente da Igreja Adventista Alemã, Adolf Minck, que

[...] escreveu sua satisfação com a eleição de Adolf Hitler na edição de agosto do Advenbote (o periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Alemanha na época): “Um novo espírito de reforma, vivificante e renovador, está soprando em nossas terras alemãs . . . este é um momento de decisão, um momento de tantas oportunidades para um jovem crente como há muito tempo não acontecia. A Palavra de Deus e o cristianismo serão restaurados a um lugar de honra” (Minck 1994:259). (ALOMÍA, 2008, p. 07)

A esta altura da presente pesquisa, urge questionarmos: a quem seguem, verdadeiramente, estes líderes religiosos, que, contrariando inúmeros princípios pétreos do Cristianismo, se aventuram por caminhos tão nefastos?

Outro exemplo de entusiasmo pelo estado nazista foi Wilhem Mueller, que chegou ao ponto de rotular Hitler como “escolhido por Deus”^[188] para o cargo de chanceler e elogiando sua semelhança com a reforma de saúde do adventismo: “Como um antialcoólico, não-fumante, [e] um vegetariano, ele está mais próximo de nossa própria visão de reforma

188 Qualquer semelhança com os rumores absurdos a respeito do presidente eleito em 2018, no Brasil, não é mera coincidência, embora a IASD, no nosso contexto, não tenha manifestado apoio a qualquer um dos candidatos à presidência daquele ano.

de saúde do que qualquer outra pessoa” (Mueller 1994:260). (ALOMÍA, 2008, p. 07)

Talvez, uma possível resposta para o questionamento acima seja a afinidade em relação ao trato com a saúde, bastante difundido pelo nazismo, posto que uma das pautas mais importantes do adventismo era – e ainda é – a reforma da saúde. Segundo Roland Blaich, em seu ensaio *Higiene Racial Nazista e os Adventistas* (1996), este aspecto marcou a relação do adventismo com a política higienista do nazismo, pois,

Os adeptos [do adventismo] percebem corpo, mente e espírito como aspectos inseparáveis do ser humano. Visto que o corpo humano é o "templo" do Espírito Santo, a teologia adventista reconhece a importância do ser físico e coloca uma forte ênfase na temperança e na vida saudável. (BLAICH, 1996, p. 01)

Em busca de uma nação formada por indivíduos “perfeitos”, o nazismo possuía uma política alimentar baseada no consumo de alimentos naturais e ricos em fibras, como frutas, vegetais, pão integral, e redução do consumo de carne. Além disso,

[...] deveriam evitar cafeína, corantes alimentares e conservantes, e substituir fertilizantes químicos, DDT e outros riscos ambientais por métodos naturais ou orgânicos de agricultura. Os líderes também se opuseram a drogas como o álcool e o tabaco como "venenos genéticos" que acabariam sendo banidos. (BLAICH, 1996, p. 02)

Os mesmos preceitos eram – e continuam sendo – difundidos pela IASD, embora não houvesse e jamais existiu, em seus princípios fundamentais, a busca por uma hegemonia racial e nem tampouco o mínimo estímulo a qualquer ranço de superioridade por parte daqueles que seguem essas regras dietéticas, mas, unicamente da saúde física, mental e espiritual dos indivíduos.

Essa ênfase é mais visível na oposição radical da igreja ao uso de álcool e tabaco e ao evitar alimentos "impuros", como carne de porco. Na Alemanha, como em outros lugares, a "mensagem de saúde" adventista afeta fortemente todos os aspectos do trabalho denominacional. Isso é evidente não apenas em um amplo sistema de assistência à saúde e bem-estar e na fabricação de alimentos saudáveis, mas também na publicação, educação, evangelismo e ministério pastoral. (BLAICH, 1996, p. 01)

Porém, além da questão da saúde, os adventistas pareciam realmente se identificar com a ideologia nazista, uma vez que, não somente apoiavam as atrocidades realizadas pelo regime de Hitler, mas também recomendavam, formalmente, a adesão dos demais a tal política autoritária, incluindo a postura antissemita, com o afastamento de membros judeus da IASD. Portanto, por mais que se busque uma justificativa para tais adesões, por parte da população cristã, não somente dos adventistas, mas de todos aqueles que se dizem

seguidores de Jesus, não há nenhum argumento que possa fundamentar as ideias e atitudes do nazismo e seus defensores.

No entanto, Alomía argumenta:

Uma avaliação da situação durante esses anos é difícil. O apoio e a obediência dados ao regime permitiram que a igreja funcionasse em algumas áreas e mantivesse algum tipo de símile estrutural em uma época em que muitas organizações não tinham permissão para operar a menos que se conformassem ao regime. Os sanatórios adventistas do sétimo dia ainda estavam em operação durante os anos pré-guerra e mesmo durante a guerra. Havia uma tensão constante com o cumprimento da missão da igreja, o cumprimento do estado e a manutenção da organização estrutural da igreja. (ALOMÍA, 2008, p. 10)

Em contraponto, Blaich afirma:

Embora a igreja tivesse pouca escolha a não ser se conformar aos padrões nazistas se quisesse publicar e continuar a compartilhar sua mensagem de saúde, também está claro que os líderes adventistas alemães cortejaram avidamente a boa vontade nazista ao se acomodar à nova ordem. Parecia prudente unir-se ao novo estado na área da reforma de saúde, onde convergiam os interesses da igreja e do estado. (BLAICH, 1996, p. 13)

O que Blaich enunciara se confirma ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando “[...] a liderança adventista alemã reagiu fechando fileiras e resistindo a todas as pressões externas da Associação Geral para denunciar ou proibir seus erros percebidos” (ALOMÍA, 2008, p. 10).

Em uma carta ao presidente da Associação Geral, J. L. McElhany, Adolf Minck expressou esse sentimento de autodefesa racionalizando que eles seguiram a política da igreja, mantiveram a estrutura da igreja e, também, que tiveram que se adaptar para viver os mandamentos de acordo com os tempos em que viveram, tempos de guerra, e não de paz, mas mantendo em suas mentes a santidade do Decálogo (Minck 1994:277). (ALOMÍA, 2008, pp. 10-11)

No contexto em que se encontrava a Alemanha, depois do Tratado de Versalhes, a maior parte da população passou a viver em situações precárias, em razão da grande crise econômica, com exceção dos judeus, que sempre foram reconhecidos pelo trato com os negócios, e em contraponto aos alemães, gozavam de certo bem-estar. Cristãos e não-cristãos estavam desesperançados, quando a figura de Hitler surgiu na política com promessas de reconstrução do orgulho alemão. Nesse ínterim, a perseguição aos Judeus pode ser compreendida como uma espécie de inveja velada, por parte das ideias que Hitler inculcou na população alemã não judia.

Essa concepção pode ser endossada pelo fato de que Hitler, apesar de se dizer cristão, reconhecia que o nazismo não possuía nenhuma relação com o cristianismo, segundo Alomía.

Os cristãos em geral viam Hitler como um líder e o Partido Nazista como uma solução para o liberalismo em curso que caracterizou a República de Weimar. No entanto, houve algumas vozes que discordaram dessa visão esperançosa do regime nazista. De acordo com Doris Bergen, “a maioria dos cristãos da Alemanha não compartilhava a convicção de Bonhoeffer sobre a oposição fundamental entre essas duas visões de mundo, mas os líderes nazistas radicais sim. Martin Bormann e Heinrich Himmler; assim como o próprio Adolf Hitler, considerava o nazismo e o cristianismo antagonistas irreconciliáveis” (Bergen 1996:1). E esta é a profunda ironia desta história em particular, uma triste sátira na qual as igrejas comprometeram sua virtude com o poder mais antagônico e anticristão com o qual poderiam ter se comprometido. A noiva de Deus dançou com o Diabo. (ALOMÍA, 2008, pp. 10-11)

O que intentamos argumentar, a partir desta breve exposição da relação da IASD com a política externa partidária, considerando como agravante inconcebível a adesão à política nazista, é, antes de tudo, reforçar que eventos isolados não devem ser generalizados, ou seja, não podemos “crucificar” a Igreja como um todo pelos atos de alguns¹⁸⁹. Em segundo lugar, denunciar, combater e evitar à luz dos fatos expostos, que tais atrocidades se repitam, o que nos leva diretamente à relação entre o nazismo e a política fascista de Jair Messias Bolsonaro, presidente eleito por maioria de voto – dos cristãos e evangélicos – nas eleições de 2018.

As semelhanças entre as ideias de Hitler e Bolsonaro são assustadoramente inconcebíveis, em pleno século 21, em que, supostamente, a informação ganhou uma velocidade jamais vista. Assim, o que deveria servir de ferramenta de repreensão aos inúmeros absurdos pronunciados e executados por Bolsonaro, funcionou como uma alavanca ao sucesso do seu pleito.

No entanto, a IASD institucional parece ter aprendido com os erros daqueles que apoiaram o nazismo na Alemanha. Mesmo não se pronunciando em defesa de nenhum dos candidatos, a postura da Igreja foi manter seu compromisso com a separação entre

189 Não pretendemos, de forma alguma, isentar a responsabilidade da IASD na Alemanha e sua participação nos inúmeros crimes cometidos pelo nazismo, a exemplo maior do holocausto. Mas, tão somente, apara todas as arestas deste episódio lamentável na história da IASD.

política externa partidária e seus fundamentos essenciais, dentre eles, a defesa dos direitos humanos e a luta por justiça social.

Às vésperas das eleições presidenciais de 2018, no Brasil, a Revista Adventismo.com.br (agosto de 2018) publica matéria direcionada à questão da relação entre a igreja e a política. Embora não tenha emitido qualquer apoio aos candidatos, as pautas tratadas na edição refletem a preocupação, por parte da liderança da IASD na América do Sul, com os rumos que o país estava tomando, e pontuou:

Em ano de eleições sempre surgem discussões de como a igreja deve proceder, qual deve ser seu posicionamento em relação aos partidos e candidatos e, a questão mais abordada, se os adventistas do sétimo dia devem ou não se envolver com política.¹⁹⁰

A liderança estabeleceu um documento no qual emite os princípios a serem adotados pelas igrejas, e menciona três aspectos acerca do tema:

Quanto à obrigação e ao direito de votar, creio que devemos buscar compreender mais amplamente três aspectos importantes. Primeiro, que a *verdadeira esperança* não está nos homens, mas em Deus. Ou seja, a verdadeira salvação não está no poder constituído de uma república, mas no Soberano Deus que governa o Universo.

Segundo, que neste mundo conturbado e complexo é preciso pedir ao Senhor *discernimento e coragem* para tomar decisões que, preservando os princípios sagrados do reino dos Céus, ofereçam oportunidades aos futuros governantes de se mostrarem éticos e responsáveis com a sociedade, rejeitando de vez o colapso moral que envolve o cenário político atual.

O terceiro aspecto tem que ver com o *padrão* que deve orientar nossa postura nas eleições. O parâmetro não pode ser somente a razão, pois a mente humana está contaminada pelo pecado. Também não pode ser o padrão de uma maioria que luta por uma causa, porque essa maioria frequentemente toma decisões alimentadas por interesses próprios. Igualmente, não pode ser o padrão de uma elite, tendo em vista que elas são propensas ao erro. A Palavra de Deus é o único padrão ideal. Em 2 Timóteo 3:16 e 17, Paulo declarou que toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a maneira certa de viver. Portanto, a Bíblia fornece toda a orientação necessária para cada área da vida, inclusive a política.¹⁹¹

Além destes aspectos, a matéria conta com um vasto repertório aconselhador em relação à escolha dos candidatos, por parte dos membros e líderes adventistas, na hora de votar. Foram abordados quatro temas, a saber: 1. Discrissão; 2. Avaliação; 3. Oração; e 4.

190 Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/os-adventistas-e-as-eleicoes/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

191 Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/os-adventistas-e-as-eleicoes/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Escolha. Os quatro temas resumem o que, de fato, corrobora com os princípios adventistas, principalmente no que se refere à separação entre igreja e política partidária, mas enfatizando posturas éticas e morais. Fechando a matéria, o “recado” é claro e objetivo:

Estamos atravessando um momento em que, politicamente na história do mundo, há muita polarização e parece não haver perspectiva para a solução dos problemas sociais. A situação tende a piorar cada vez mais, mas nem por isso devemos ser omissos nem indiferentes com respeito ao dever de cidadania que cabe a cada um de nós exercer. [...] A igreja é detentora de uma cidadania celestial, mas não se encontra impedida de exercer sua cidadania terrena. O conselho que o apóstolo Paulo deu aos irmãos filipenses serve de orientação para a igreja de hoje: “Não importa o que aconteça, exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo (Fp 1:27, NVI). Elevamos o nível de nossa cidadania quando assumimos ser luz e sal do mundo, promovendo o bem e mostrando que o evangelho de Cristo produz transformações que podem ser úteis à sociedade (Mt 5:13, 14).¹⁹²

Somente, 60 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a Igreja Adventista do Sétimo Dia alemã pediu perdão pelos erros cometidos. “É bem verdade que, dos líderes da IASD durante a guerra, em 2005 não devia ter mais ninguém vivo. Mas pelo menos houve o reconhecimento de erros passados, mesmo que por uma nova geração. [...] Como diz o ditado, antes tarde do que nunca!”¹⁹³

3.5.2 Ellen White: A IASD na vanguarda pela justiça social

Quando Cristo não veio como esperado em outubro de 1844, Ellen Harmon estava entre um grupo de mileritas que ficaram desapontados, mas não desanimados. Ela emergiu do meio desse grupo de mileritas desapontados para desempenhar um papel importante em liderá-los para fora do fanatismo e desapontamento para estabelecer a Igreja Adventista do Sétimo Dia. (NEWBORN, s.d, p. 17)

Segundo creem os Adventistas do Sétimo Dia, Ellen G. White foi chamada por Deus, por meio de suas visões, em 1844, para guiar a Igreja através de períodos de controvérsia e crescimento. Considerada profetiza e uma das fundadoras do adventismo, os seus escritos lançam luz – aclarando aos fiéis da IASD o conhecimento das Sagradas Escrituras. A bem da verdade, em contraponto ao fanatismo de alguns líderes e membros

192 Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/os-adventistas-e-as-eleicoes/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

193 Disponível em: <https://adventismo.com.br/2020/09/igreja-nazista-do-setimo-dia/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

da IASD ao longo de sua história, para Ellen G. White, “os testemunhos [seus escritos] não estão destinados a comunicar nova luz; e sim a imprimir fortemente na mente as verdades da inspiração que já foram reveladas” (WHITE, 2004, p. 665). Assim sendo, “os adventistas do sétimo dia creem que Ellen G. White foi mais que uma escritora dotada; ela foi designada por Deus para transmitir uma mensagem especial a fim de atrair o mundo às Escrituras e ajudar a preparar um povo para o segundo advento de Cristo” (WHITE, 2003, p. 5).

Após 1844, os escritos mileritas passaram por uma tensão em relação à “demora” da volta de Jesus, gerando um sentimento de desordem doutrinária, que culminou na reiterada tentativa de definição de uma data precisa para a segunda vinda de Cristo, como “novo destaque para a lavagem dos pés, dons carismáticos, beijos sagrados, o sábado do sétimo dia, sono da alma, o milênio como um evento passado e outros” (NEWBORN, s.d, p. 17). Em pouco tempo, o movimento milerita havia se tornado um caótico amontoado de controvérsias adventistas. Nesse contexto de agitação, os adventistas sabatistas chegaram a crer que eram “o remanescente predito em Apocalipse 12:17” (NEWBORN, s.d, p. 18), e compreendiam o “testemunho de Jesus” como “o espírito de profecia”, de modo que interpretaram a restauração do dom profético como um plano divino. Nesse sentido, pensaram que Deus havia escolhido Ellen White para manter a ordem antiga das Escrituras.

No entanto, nem todos concordaram com esse pensamento. E, somente depois de perceberem que as visões de White tinham impactado profundamente os fundamentos do adventismo, “os adventistas sabatistas, antes de se tornarem oficialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1863, reconheceram ‘o especial esclarecimento sobrenatural de Deus através de Ellen White’” (NEWBORN, s.d, p. 20), até 1848.

Ellen White se referia aos seus escritos como “uma luz menor” em relação à Bíblia, mesmo quando os adventistas passaram a considerar que Deus, agora, possuía dois canais de comunicação: “a Bíblia e os Testemunhos” de Ellen White (NEWBORN, s.d, p. 22).

A luta de White por justiça social se fundamenta nos direitos e deveres que todos devem ao Criador. Nesse sentido, os direitos à liberdade civil e religiosa, descritos na Declaração da Independência dos EUA, deveriam estar de acordo com os deveres da humanidade para com Deus. Assim, ela aprovou um documento do Congresso que unia esses direitos aos deveres finais a Deus, pois via na liberdade civil, conforme as leis vigentes em sua época, uma permissão de desobrigação às leis divinas, de modo que,

Reclamar liberdade das obrigações civis das leis divinas, como as ancoradas na segunda tábua, não é um grito de liberdade, mas licenciosidade. Tais transgressores “tomam atitude jactanciosa, e gabam-se de liberdade quando se acham certos da corrupção. Têm por *liberdade* o serem escravos do apetite e da *licenciosidade*” (WHITE, 1996, p. 247, grifo nosso). (MILLER, 2017, p. 341)¹⁹⁴

Isto posto, White defendia, primeiramente, o direito dos escravos à liberdade, autonomia e vida sustentável, de modo que seus esforços pela educação dos negros tornaram-se, em primeira instância, uma luta que viria a lhe dar voz, em um grande movimento que tomou grandes proporções.

A ideia de educar pessoas de cor ou negras no meio do século XIX compreendia tanto uma dimensão vertical quanto horizontal, ou seja, o conceito sem dúvida veio para a Igreja Adventistado Sétimo Dia de um compromisso espiritual inspirado por Deus de "amar o próximo como a si mesmo" (Mateus 22:39). No entanto, a igreja vivia no mundo real e foi sábia em não tentar reinventar a roda, mas, sim, aprender com outras denominações religiosas que já haviam começado escolas para negros no Sul. (WARREN, s.d, p. 34)

Mesmo antes de Oakwood¹⁹⁵, outros grupos religiosos já despendiam esforços para educar filhos e netos de escravos libertos há pouco tempo, pela Proclamação de Emancipação de 1º de janeiro de 1863 (WARREN, s/d). O autor cita uma lista de escolas às quais White elogia, em seu artigo *Advent Review and Sabbath Herald*, de 17 de dezembro de 1895.

Muitos dos escravos tinham mentes nobres; mas o fato de sua pele ser escura era motivo suficiente para que os brancos os tratassem como se fossem bestas. Quando a liberdade foi proclamada aos cativos, um tempo favorável foi dado para estabelecer escolas e ensinar o povo a cuidar de si mesmos. Muito desse trabalho foi feito por várias denominações, e Deus honrou seu trabalho. Aqueles que tentaram trabalhar pela raça negra tiveram que sofrer perseguição, e muitos foram mártires pela causa... Mas esses missionários perseveraram em seu trabalho. (WHITE, 1895 apud WARREN, s.d, p. 35)

Isso pode ser visto claramente em seu sermão, em 21 de março de 1891, no qual enfatizou as obrigações dos adventistas do sétimo dia em relação à comunidade negra. Ellen White argumenta que os preconceitos raciais e a marginalização dos negros são ofensivos a Deus e destaca a importância de tratar a todos com igualdade e justiça.

194 MILLER, Nicolas. Ellen G. White e os direitos humanos. In: ZUKOWSKI; SUARÉZ; SIQUEIRA (Orgs.). *Ellen White: seu impacto hoje*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2017.

195 Local escolhido, inicialmente, por White, para a implementação de uma das escolas para negros.

Segundo Warren (s/t), do discurso de White, à comunidade da Conferência Geral em Battle Creek, Michigan, em 21 de março de 1891, fora extraído por Benjamin Baker os seguintes princípios:

1. Amor Igual: Cristo morreu tanto pelos negros quanto pelos brancos, e o Deus do homem branco é também o Deus do homem negro.
2. Recompensa Igual: O nome do homem negro está escrito ao lado do nome do homem branco no livro da vida.
3. Salvação Igual: A menos que o Espírito de Deus esteja em seu coração, seja você branco ou negro, você é escravo do pecado e de Satanás.
4. Destino Igual: Todos estamos caminhando para o mesmo Céu.
5. Relações Iguais: Deus não faz distinção entre o Norte e o Sul; portanto, devemos aprender a viver juntos aqui na terra antes de podermos chegar ao Céu.
6. Responsabilidade Igual: Que nenhum dos filhos de Cristo seja covarde em relação ao trabalho pela raça negra.
7. Prioridade Igual: A igreja de Cristo deve levar o evangelho aos negros, e isso deve ser uma prioridade alta. (WARREN, s.d, p. 39)

Um ano após a publicação do artigo de White, em 1895, George I. Butler, ao tomar conhecimento da ideia de escolas para negros, se une à causa, de acordo com Warren, e escreve:

“Eu, por minha parte, me alegro muito com os bons artigos que, ultimamente, têm aparecido da pena da Sra. White sobre este assunto e que o nosso Comitê da Conferência Geral já deu o passo de comprar um pedaço de terra para iniciar este trabalho” (“The Work of Elevating the Colored Race”) [O Trabalho de Elevar a Raça Negra], *Advent Review and Sabbath Herald*, 25 de fevereiro de 1896). (WARREN, s.d, p. 39)

Ainda em 1895, afirma Warren, a Conferência Geral já convocara um comitê para explorar e comprar terra para uma escola na área de Huntsville, composto por três pessoas: O. A. Olson (presidente da Conferência Geral), G. A. Irwin (diretor do Distrito Sul da Conferência Geral) e H. Lindsay (ex-tesoureiro da Conferência Geral). Desse modo,

Não é um fato incidental pequeno que o Ancião Charles M. Kinney, supostamente o primeiro negro a ser ordenado no ministério Adventista do Sétimo Dia, havia morado em Huntsville antes de sua chegada e já havia evangelizado a área com a semente do evangelho. Além disso, pode-se dizer que a justiça para os negros pelos Adventistas em Huntsville ganhou um ímpeto especial quando o Ancião McKinney supostamente recomendou Huntsville à liderança Adventista para estabelecer uma escola para negros. (WARREN, s.d, p. 40)

O fato é que, foi a partir da força da “presença” ativa de White em reunir esforços para ampliar, não somente a implementação de escolas para negros, mas, principalmente, incentivar uma mudança de consciência em relação ao tratamento igualitário entre os indivíduos, que a justiça social passou a ser uma causa realmente pública.

Tais movimentos e incentivos em vários níveis da Igreja Adventista, juntamente com o poder da caneta empunhada principalmente por Butler e Ellen White, colheram a colheita da abertura da Escola Industrial Oakwood em 16 de novembro de 1896, com dezesseis alunos, três professores e o Diretor Solon J. Jacobs. Essas vinte pessoas foram os primeiros Oakwoodienses a experimentar no local a transformação da teoria, ideias e sonhos do átrio externo em aplicação específica e realidade, semelhante às disposições da luz, pão e incenso no Lugar Santo: a luz do aprendizado, o pão do aprimoramento e o incenso de uma atmosfera cristã. (WARREN, s.d, p. 40)

Dessa forma,

Dizer que a Escola Industrial Oakwood se tornou o exemplo A de justiça social pelos Adventistas do Sétimo Dia, conforme percebido por Ellen White, não é exagero. Curiosamente, o projeto Oakwood continuou um tipo de pluralismo semelhante ao átrio externo, pois mesmo depois que Oakwood se tornou uma realidade, a profetisa, a administração de Oakwood e outros líderes da igreja mantiveram viva a abertura para fazer referência a certas instituições educacionais não Adventistas cujos programas e operações Oakwood seria sábio estudar e emular. (WARREN, s.d, p. 40)

Mais que “o” exemplo, as ideias de White em relação à promoção da justiça social se alastraram para além de um movimento religioso, que ganhou força e adeptos de todos os tipos, reforçando ainda mais o reconhecimento de seu grande empenho. Não por acaso, sua autoridade se mostra, até hoje, pelas suas atitudes, e seus escritos demonstram sua capacidade singular de guiar o povo – adventista ou não – pelos caminhos “estreitos”, seguindo, ela mesma o exemplo maior de Jesus e das Escrituras.

Esses tipos de tentativas de aprender com outros como fornecer justiça social aos negros no Sul são apenas reflexos de Ellen White ela mesma, que escreveu em uma carta ao Ancião A. G. Daniels, na época presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia: "Sugestões foram feitas por alguns de que talvez fosse bom vender nossa propriedade em Huntsville e mudar a escola para algum outro lugar, mas fui instruída de que essa sugestão teve sua origem na incredulidade. Nossa escola em Huntsville está em uma boa localização, e a grande Escola Normal Estadual [A&M], para o treinamento de professores negros, que é realizada não muito longe de lá por aqueles que não são de nossa fé, criou uma influência a favor da educação do Negro, que nosso povo deveria apreciar. Devemos ter em Huntsville. Minha alma está agitada dentro de mim enquanto este assunto me é apresentado. Ainda não fui a Huntsville, mas escrevi um artigo sobre o que deveria estar lá no futuro. Devemos planejar com sabedoria. Deus irá adiante de nós se olharmos para Ele como nosso Conselheiro e nossa força. Precisamos nos afastar do nosso egoísmo e começar a trabalhar para a Palavra de Deus" (Ellen G. White, “The Search for a Site” [A Busca por um Local] [carta para A. G. Daniels, Washington, D.C., 13 de junho de 1904], Série B, Completa com Variações [Payson, Arizona: Leaves of Autumn Books, reimpressa em 1978], 327, 328). (WARREN, s.d, pp. 41-42)

Calvin B. Rock (S.d) examina as interseções entre os escritos de Ellen White e a teologia negra¹⁹⁶, ressaltando como suas visões sobre a realidade concreta, reparações, respeito pelos pobres e desobediência civil são semelhantes aos princípios da teologia negra. O autor argumenta que Ellen White tinha uma empatia profunda pela comunidade afro-americana, refletida em seus conselhos e escritos.

Nesse sentido, Rock afirma que

Dentro da comunidade adventista afro-americana, há a crença, por parte de alguns, com base no que eles consideram como suas características negreiras e laços ancestrais, de que Ellen White, mesmo que tenuemente, está genealogicamente conectada à raça negra. Embora essa conclusão permaneça vigorosamente debatida, o que é incontestável é sua sincera empatia ou identificação emocional com a comunidade afro-americana, evidenciada pelos muitos conselhos que ela oferece sobre o estado e o progresso desse povo. (ROCK, s.d, p. 45)

Nessa esteira, a justiça social defendida por Ellen White se estende à toda a sociedade, na esfera pública e familiar, de modo que a pauta da ordenação das mulheres – tema bastante polêmico na IASD – também merece destaque neste contexto. A ênfase de White em relação às mulheres se dirige, principalmente, ao papel que desempenham na vida familiar, uma vez que compreendia a vida pública correlata à vida doméstica, sem distinção hierárquica. Esta postura, no entanto, possui várias controvérsias na interpretação de parte dos adventistas, pois, Ellen White colocava pontualmente que nem todas as mulheres de sua época estavam aptas à vida política, recusando envolvimento na luta pelo direito ao voto das mulheres. Segundo ela: “há especulações sobre os direitos da mulher e seu dever em relação ao voto; mas muitas mulheres não possuem disciplina que as qualifique para entender e suportar questões importantes. Elas viveram uma vida de moda e autogratificação” (1890, p. 159 *apud* MILLER, 2017, pp. 344-345).

A concepção de White em relação ao modo de vida da maioria das mulheres de sua época é bastante coerente, se considerarmos o contexto em que ela falava. Assim, “mulheres que podem desenvolver um bom intelecto, que podem aperfeiçoar um caráter nobre, são meras escravas do costume. A elas falta largura de pensamento e cultura

196 “A teologia negra, uma ramificação recém-criada da teologia da libertação, iniciada em 1966 por um grupo de cinquenta e um teólogos negros de várias denominações, em uma conferência religiosa em Atlanta, Geórgia, funciona com a convicção de que a teologia cristã americana padrão carece de perspectivas relevantes para a comunidade negra americana, e tenta abordar essa necessidade. O principal empenho dessa empreitada hermenêutica é o foco da Palavra de Deus sobre a condição negra através dos olhos daqueles que são participantes reais dessa experiência.” (ROCK, s.d, p. 45).

intelectual. [...] Elas não estão preparadas para agir sabiamente em assuntos políticos” (WHITE, 1890, p. 159 *apud* MILLER, 2017, p. 345).

Culturalmente, as mulheres de sua época não eram educadas para atuarem ativamente na esfera pública, e, portanto, elas deveriam se dedicar à vida familiar, à qual White defendia direitos e deveres condizentes à sua realidade. Logo, havia uma ideia de justiça social ligada à vida caseira, em que todos os membros da família deveriam desempenhar seus direitos e deveres. Este posicionamento em relação à estrutura familiar é salvaguardado no quinto e no sétimo mandamento, os quais a autora tomava com grande apreço, além de serem princípios morais da unidade familiar protegidos pelo Estado.

Entrementes, as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo também alteraram os direitos das mulheres na organização interna da IASD, como a pauta da ordenação das mulheres. Além disso, a julgar pelas desigualdades que ainda reverberam nos dias atuais, àquela época, eram ainda mais acentuadas. Como pontua a Revista Adventista de 12 de agosto de 2021:

[...] é necessário levar em consideração que a ordenação tenha variado seu significado teológico e eclesial ao longo do tempo. Há cristãos que entendem que a ordenação transfere algum poder ou graça especial. Apesar disso, os adventistas entendem que a ordenação bíblica é a ação da Igreja que reconhece publicamente aqueles que o Senhor chamou e capacitou para o ministério da igreja local e global. Nesse sentido, a ordenação não transmite qualidades especiais às pessoas ordenadas nem introduz uma hierarquia real dentro da comunidade de fé, mas confere autoridade representativa para o trabalho específico do ministério para o qual foram nomeadas (Atos 6:1-3; 13:1-3; 1 Timóteo 5:17; Tito 2:15).¹⁹⁷

Nesse sentido, a questão da ordenação das mulheres para atuarem na IASD como anciãs¹⁹⁸ tem sido fortemente defendida, uma vez que “todos os crentes recebem esse ministério da reconciliação (2 Coríntios 5:18-20), e são chamados e capacitados pelo poder do Espírito e pelos dons que Ele lhes concede para cumprir a comissão do evangelho (Mateus 28:18-20)”¹⁹⁹.

197 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

198 “O registro histórico demonstra, ao menos, 16 votos da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia e da Divisão Norte-Americana relacionados à ordenação. O primeiro é datado de 1881, da Associação Geral. Em 1984, o Concílio Anual da sede mundial adventista reafirmou um voto de 1975 sobre o tema. E assegurou que as mulheres podem ser ordenadas anciãs da igreja local nas Divisões que resolverem decidir desta forma.” Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

199 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Em julho de 2021, a Comissão Diretiva Plenária da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul aprovou o relatório produzido por uma comissão especial a respeito do fortalecimento da atividade do ancionato. Entre as indicações estava a autorização para que as congregações adventistas possam recomendar a ordenação de mulheres para atuarem como anciãos.²⁰⁰

A partir destes esclarecimentos, reenfatizamos que a posição de Ellen White em relação aos direitos e deveres das mulheres de sua época estão fundamentados na compreensão do contexto em que vivera, muito embora, mesmo na atualidade ainda possamos aplicar algumas de suas declarações, no tocante à capacidade cultural, por parte de boa parcela da sociedade brasileira, em se envolver em questões políticas, haja vista o exemplo das eleições presidenciais de 2018 e 2024 – sem adentrar no mérito da questão de gênero.

Oportunamente, é relevante mencionar que a questão das mulheres não é entendida como um traço de inferioridade em relação aos homens, uma vez que:

Se prestarmos atenção, o novo acordo era necessário porque o pecado trazia discórdia na relação marido-mulher. Não há nenhuma indicação no texto bíblico, nem em Ellen White, de que as mulheres de lá em diante estariam submissas aos homens em geral. Essa ordem se restringe ao lar. A submissão das mulheres a seus maridos depois da queda não fecha a possibilidade de que uma mulher ocupe postos importantes de liderança fora do lar, na sociedade e entre o povo de Deus.²⁰¹

Há inúmeros relatos, inclusive no Antigo Testamento, que refutam esta ideia de hierarquia entre homens e mulheres no que se refere à missão cristã.

É evidente que a mulher não estava subordinada ao homem nas esferas intelectual, mental, emocional e em outros âmbitos. Uma mulher podia participar em condições de igualdade com o homem na vida pública do antigo Israel. Conhecemos mulheres importantes desde o mais antigo até o último período da história de Israel. Miriã, por exemplo, atuou como conselheira do governo (Êxodo 2:4, 7, 8; 15:20, 21) e foi profetisa (Êxodo 15:20).

[...]

Temos Débora, essa heroína israelita que serviu como “juíza”, igual aos outros juízes e que também foi profetisa (Juízes 4; 5). Atalia governou como rainha sobre Judá durante seis anos (2 Reis 11). Os ministros do rei consultaram Hulda, a profetisa (2 Reis 22:14). A esposa de Isaías também era “profetisa” (Isaías 8:3). Em outro contexto, o livro de Ester conta como uma mulher salvou a nação. Algo importante de destacar é que, no Antigo Testamento, tanto os homens como as mulheres podiam

200 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

201 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

fazer o voto nazireu e ser dedicados e separados para Deus (Números 6:2).

[...]

Dessa forma, o Antigo Testamento proporciona uma ampla evidência de que Deus escolheu as mulheres para a liderança espiritual e política, considerando-as capazes de realizar tais tarefas.²⁰²

Também, no Novo Testamento,

[...] há muitos exemplos de mulheres piedosas que dirigem, pregam, ensinam e discipulam: Priscila instrui Apolo (Atos 18:24 -26); o apóstolo Paulo envia uma saudação a Maria e Júnias, “muito respeitadas entre os apóstolos” (Romanos 16:6, 7); menciona Febe, como diaconisa da igreja em Cencreia (Romanos 16:1); Lídia era uma mulher poderosa na comunidade, cabeça do lar e que cuidou de Paulo e Silas (Atos 16:14, 15); Nínia é descrita como líder da igreja que se reunia na casa dela (Colossenses 4:15); e o apóstolo Paulo menciona, entre seus “colegas” ou “colegas de trabalho” (*sunergos*, em grego) a Timóteo (1 Tessalonicenses 3:2), Tito (2 Coríntios 8:23), Epafrodito (Filipenses 2:25), Clemente (4:3) e Filemom (Filemon 1:1), por exemplo, mas também a mulheres como Priscila (Romanos 16:3) e Evódia e Síntique (Filipenses 4:2, 3).²⁰³

Indo mais além das questões de gênero entre homens e mulheres na história do cristianismo, nos movimentos em prol das questões mais recentes em relação a polêmica questão de gênero envolvendo as lutas LGBT, identidade de gênero e orientação sexual, há uma crescente banalização dos conceitos estruturais da organização social.

Fechamos este parêntese com o “evento” envolvendo o livro mais recente da filósofa americana Judith Butler, “Quem Tem Medo do Gênero?”, que foi recolhido das prateleiras do país e do estoque da editora Boitempo por decisão da Justiça, a pedido da editora Casa Publicadora Brasileira, vinculada à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A capa interna da edição brasileira traz uma foto com cores removidas que mostra o cartaz de manifestações contrárias à autora, em uma de suas visitas ao Brasil. A imagem é creditada com direitos de uso livres. A notícia foi ao ar na Folha de S. Paulo. Na capa original do cartaz, é reproduzido o personagem Quico, que é propriedade da editora Casa Publicadora Brasileira. Numa postagem feita no blog e redes sociais da editora, a **Boitempo** se pronunciou sobre o andamento do caso: “A editora de Tatuí, de fato detentora da marca, poderia ter entrado em contato conosco pedindo a retirada do personagem da capa —pois era absolutamente desnecessário, cabe dizer—, o que teríamos atendido de pronto. Preferiu, no entanto, uma ação judicial de monta por considerar

202 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

203 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/teologia/o-que-a-biblia-e-ellen-white-falam-sobre-teologia-da-ordenacao/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

que nossa edição seria 'totalmente alheia à filosofia original do personagem Quico'".²⁰⁴

Sem a pretensão de nos alongarmos neste assunto, urge apenas reforçar que é preciso estar atento às deformações ocorridas em nossa sociedade, que, em nome da liberdade, geram problemas de ordens diversas, e, ao invés de esclarecer, mais causam confusão, deturpação e retrocessos que, sequer, ousamos tentar compreender, posto que, talvez, nem os defensores de tantas desinformações compreendem. Não obstante, é mister esclarecer que, nesse caso, por exemplo, a maior editora mundial da IASD (conhecida apenas como CPB) não estava questionando a temática do livro; mas, sim, apenas pleiteando na justiça o uso indevido da imagem de um dos principais personagens da sua revista infantil: *Nosso Amiguinho*.

3.5.3 A insustentável leveza da liderança democrática

Depois de analisar detidamente as fragilidades e caráter instável das instituições e organizações, citando a metáfora do “castelo de cartas que pode ruir com a mais leve brisa”, Dennis K. Mumby contempla a importância do humor mesmo nestes ambientes de maior sisudez – para desanuviar o “clima”, arejar o ambiente, azeitar as relações assimétricas de poder nas corporações e, também e principalmente, como “válvulas de escape”, formas legítimas e eficazes de resistência e até uma “santa rebeldia”:

[...] Como uma prática discursiva, entretanto, o humor possui a capacidade de perfurar tais sistemas e estruturas de poder, permitindo que o profano entre no campo do sagrado, seja ele um evento acadêmico ou uma reunião de negócios em uma grande empresa. Como o filósofo britânico Simon Critchley (2007, p. 18) observou, “ao rir do poder, podemos expor sua contingência, podemos perceber que o que parecia fixo e opressivo é exatamente o tipo de coisa que deve ser ironizado e ridicularizado”. (KUNSCH, 2019, p. 32)

Dennis K. Mumby, acuradamente pontua:

Se as organizações são construídas sobre sistemas relativamente instáveis de discurso e significado, então o humor como uma forma discursiva é um ato potencialmente subversivo que, por meio de ironia, paródia, etc., pode enfraquecer os sistemas de significado sobre os quais as organizações são construídas. [...] isso é dizer que *o humor humaniza o organizing*. Em outras palavras, ele apresenta um elemento desordenado e incerto, difícil de controlar, para a vida organizacional. O humor é irracional, emocional e personifica um sentido de excesso

204 Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/07/22/apanhado-livro-de-judith-butler-e-retirado-das-livrarias-apos-decisao-judicial>. Acesso em: 25 jul. 2024.

que se desvencilha de esforços organizacionais em ponderar processos de tomada de sentido e comportamento. (KUNSCH, 2019, p. 32)²⁰⁵

Ao contrário do muito que se pensa e se diz sobre a Igreja no que tange aos seus grandes avanços, o expressivo crescimento no número de membros em termos mundiais, a dinâmica institucional, gigantismo, sua estrutura patrimonial e seu império midiático, de forma geral, isso não se dá meramente pela capacidade intelectual, oratória, retórica dos líderes, ativismo político, ou sua influência e poder financeiro; mas, sim, pela ação do Espírito Santo: “Esta é a palavra do Senhor para Zorobabel: *‘Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito’*, diz o Senhor dos Exércitos” (Zacarias 4:6, NVI, itálicos acrescentados).

No seu clássico livro sobre teologia pastoral, *Lições de Mestre: 10 insights para a edificação da igreja local*, Mark Shaw apresenta o *case* da Primeira Igreja Presbiteriana de Quincy, Estados Unidos, que, após ter experimentado um crescimento estrondoso, porém sem o devido senso comunitário e espírito evangelístico, sob a direção do reverendo Roy Schoaf, sofreu uma guinada sob “os ventos políticos” com o seu novo pastor e, depois deste, experimentou o verdadeiro crescimento, que não se traduz por “inchaço” (apenas “números”), por meio do seu terceiro pastor:

Tudo isso mudou em 1961, quando Schoaf se aposentou e o reverendo David Muir Assumiu como seu substituto. Muir era um homem sensível às mudanças que ocorriam nos Estados Unidos. Os direitos civis e a revolução cultural deixavam de lado o mundo “romântico” que reinava até então. Contudo, os sermões confrontadores de Muir e sua paixão pela justiça social foram incapazes de mobilizar a igreja e fazê-la agir. Para sua grande surpresa, seu ministério acabou tendo um efeito inverso. A maioria de seus membros começou a sair da igreja, reclamando que seus valores tradicionais haviam sido violados. A redução dos membros logo gerou uma crise financeira, que culminou na saída de Muir em 1964. (SHAW, 2004, pp. 7-8)

Steve Brown se tornou o novo pastor daquela igreja em 1967. Ele encontrou uma congregação profundamente dividida e financeiramente instável. Brow optou por um estilo de ministério bastante diferente de seus antecessores. Seus sermões eram recheados de promessas e esperança, em vez de confrontações e críticas. Ele diminuiu a importância da política e enfatizou as verdades do Evangelho bíblico. Uma nova atmosfera de

205 “Não era por acaso que, na empresa Ford Motors, durante as décadas de 1930 e 1940, a rizada fosse vista como uma ofensa disciplinar. David Collinson (2002, p. 276) nota que “em 1940, John Gallo foi despedido porque foi ‘pego no ato de sorrir’, após ter cometido uma infração anterior de ‘rir com outros companheiros’ e diminuir o ritmo da linha de produção por ‘talvez meio minuto’”. Qualquer pessoa familiarizada com Henry Ford e suas tentativas de moldar a fibra moral e o comportamento de seus trabalhadores não deve se surpreender”. (KUNSCH, 2019, p. 33).

comunidade foi criada e a igreja começou a crescer novamente. Em seu relatório anual de 1967, Brow registrou seu plano para aquela congregação:

Toda igreja, em algum momento de sua vida eclesial, se depara com uma encruzilhada. Uma estrada conduz à mediocridade, à frustração e ao fracasso. A outra leva à grandeza, à satisfação e ao progresso do Reino de Deus. Creio que esse é o nosso momento para tomar uma decisão. (SHAW, 2004, pp. 7-8)

Neste sentido, e sem entrar no mérito da questão do uso do púlpito – convencional ou eletrônico – para manifestações “meramente” de caráter político e em defesa “deste” ou “daquele” candidato, este pesquisador, que foi xingado e rotulado de “comunista”, “esquerdopata” e outros vocábulos menos sutis e singelos, durante as eleições presidenciais de 2024, faz coro – em uníssono – com Eugen Drewerman, em seu diálogo com Jürgen Hoeren na obra *Religião para quê? Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder*:

Não preciso de uma organização ou instituição religiosa qualquer. Preciso é de pessoas que, apesar das suas contradições, não se deixem perturbar em sua ação e que então acreditam numa pessoa considerada perdida mais do que essa pessoa jamais acreditou em si própria em toda a sua vida. Gente assim desperta confiança, desperta fé. Em religião eu nunca vi alguma coisa ficar mais digna de crédito só por alguém dizer “Faço isso ou aquilo por pertencer a determinada organização”. Pelo contrário, isso logo deixa a gente desconfiada. (DREWERMANN, 2004, p. 61)

Jesus, em sua oração sacerdotal, torna claro, verdadeiro e legítimo o motivo pelo qual os seus discípulos deveriam se tornar conhecidos através dos séculos – unidade, fraternidade e amor:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (João 17:20-23, ARA)

Tiago, irmão terreno de Jesus, assinala o caráter singular da verdadeira religião: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tiago 1:27, ARA). E, Paulo, o maior pensador cristão de todos os tempos e principal expositor do Evangelho, arremata – unindo a dialética à práxis e, ao mesmo tempo, estabelecendo de uma vez por todas o *summum bonum*, o valor maior na escala axiológica divina:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. [...] Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; *porém o maior destes é o amor*. (1 Coríntios 13:1-13, ARA)

Não à toa, o sábio pensador católico, em seu elucidativo diálogo com Jürgen Hoeren, respondeu a intrigante pergunta, *Para entender isto, será que precisamos de igrejas?*, da seguinte forma:

Também sou dessa convicção: se primeiro preciso pertencer a uma organização para me tornar pessoa humana, continuarei muito longe de ser pessoa humana. Não duvido de que organizações sirvam para concentrar e canalizar atividades e certos interesses; admito que deveria haver muitas dessas organizações e que os alvos perseguidos por elas fazem realmente uma diferença, mas com uma condição: os objetivos não devem estar em função das próprias instituições, mas estas devem ser determinadas pelas evidências humanas. Neste sentido as igrejas efetivamente poderiam ser corporações úteis, caso atuassem em prol de objetivos meritórios, por exemplo a proteção da natureza ou de animais, a preservação das florestas tropicais, o tratamento humano dos sem-teto, marginalizados, refugiados, a ajuda a pessoas ameaçadas pela fome [...] Se as igrejas fossem uma corporação desse tipo, buscando atender à situação miserável de pessoas e animais, então seriam extremamente bem-vindas e comprovadamente necessárias, na verdade seriam indispensáveis. (DREWERMANN, 2004, pp. 61-62)

Felizmente, existem milhões e milhões de pessoas assim, como descreve Drewermann, espalhados pelo Brasil e pelo mundo – em todos os lugares, mesmo os mais insalubres, violentos, perigosos ou inóspitos. Existem aquelas pessoas ligadas às igrejas. Existem aquelas que creem em Deus e não estão ligadas a nenhuma denominação religiosa e, também, existem aos milhares aqueles indivíduos que “apenas” semeiam o bem a todas as pessoas, por onde passam, por que, como diz Paulo Freire, estão “a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade” (FREIRE, 2016, p. 38).

Muitos são conhecidos e famosos, mesmo que não busquem holofotes nas (e para) suas ações; porém a maioria esmagadora destes é invisível – tais quais aqueles aos quais prestam ajuda e socorro diuturnamente – e mesmo desconhecidos e até conscientemente ignorados pelos líderes das instituições religiosas às quais estão ligados, são o(a)s

voluntário(a)s. Este pesquisador, vem acompanhando há anos, e tentando ajudar no que pode, e quando precisam, alguns destes grupos; um deles, formado por homens e mulheres – católicos, espíritas, adventistas, etc. – ajuda pessoas em Minas, no Brasil e em outras partes do mundo. Ela(e)s mantém um grupo de crianças num orfanato na Bolívia e, também, proveem alimentos para crianças de um país da África. Quando foi tentado “oficializar” o grupo, a fim de visibilizar e ampliar os recursos e alcance do trabalho, eles prontamente recusaram; na concepção deles, seguiram a orientação do Mestre Jesus:

Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. (Mateus 6:2-4)

Portanto, um verdadeiro líder tem como objetivo guiar seu povo democraticamente para tomar decisões baseadas na ética e na moral, seguindo os exemplos da história da IASD em processo de formação, seus pioneiros, como Ellen White o fez, ao seguir os ensinamentos do próprio Jesus Cristo e das Sagradas Escrituras.

CAPÍTULO QUARTO

4 A IASD NA IDADE MÍDIA: DA PALAVRA CRIADORA À PALAVRA MIDIATIZADA

Partindo do conceito de comunicação midiática, investigamos o modo como o Púlpito Eletrônico se desenvolveu, durante e depois da pandemia, assumindo o papel de principal meio comunicativo na Igreja Adventista do Sétimo Dia, criando novas modelizações de “comunidade”, o que constitui a tese em tela.

Neste último capítulo, lançamos luz sobre cada um dos aspectos estruturais que constituem esta pesquisa, a fim de podermos contemplar os objetivos pretensos, demarcando a conclusão desta investigação, sem, no entanto, assumirmos uma postura dogmática acerca da temática, posto que nenhuma investigação qualitativa se esgota em verdades absolutas.

Na perspectiva de analisar, até que ponto as consequências de tal conjuntura configuraram uma problemática na possível alteração das bases fundamentais do adventismo, bem como do discurso de “singularidade profético-escatológica” e do “exclusivismo missiológico”, no contexto evangélico, discorreremos, neste capítulo, sobre as constatações e resultados acerca do objeto de pesquisa, visando responder ao questionamento de nossa problemática e alcançar os objetivos propostos pela presente tese.

4.1 Comunicação e infotecnologia na IASD: uma relação delicada

Antes que pensemos nos *smartphones*, computadores de última geração, inteligência artificial, é preciso considerar a premissa de que a comunicação nem sempre foi mediada pela tecnologia, e não se restringe aos aparatos e conhecimentos científicos que dispomos atualmente. Outrossim, essas contínuas mudanças são características do curso “natural” da história da humanidade, que, desde os primórdios, é impulsionada, pela necessidade de sobrevivência, a “evoluir”, criando artefatos diversos que possam agregar valor utilitário para gerar melhores condições de vida. Este imperativo, outrora instintivo, sofisticou-se demasiadamente, convertendo a necessidade em desejos, muitas vezes, vazios, dos quais se aproveita, a tecnologia atual, para a criação de pequenos sopros de uma felicidade ilusória, mediada pelo consumismo desenfreado de produtos diversos,

reais e virtuais. Estes últimos, são veiculados por ferramentas midiáticas de alcance massivo, e viabilizados pela evolução contínua das tecnologias da informação e da comunicação.

Nesse sentido, acreditamos que um dos maiores avanços que a IASD experimentou no campo da Comunicação foi o estabelecimento da Assessoria de Comunicação em nível de Divisão Sul-americana, nas Uniões e Associações. Todos os campos administrativos da IASD contam, hoje, com uma Assessoria de Comunicação, não só no Brasil, mas em outros países da América do Sul, como: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Peru, Bolívia e Equador. Além desses países, também existe uma assessoria de comunicação na ADRA; em algumas instituições maiores, como universidades; na Rede Novo Tempo de Comunicação – comunicação corporativa, que não havia; uma área de comunicação corporativa em alguns hospitais, em clínicas e na igreja.²⁰⁶

A área de assessoria de comunicação se expandiu imensamente, nos últimos 15 anos, de maneira que se tornou um serviço bastante estratégico. Atualmente, a igreja se vale desse serviço, tendo-o incorporado à sua rotina e à vida orgânica da organização. Inicialmente, havia uma discussão acerca da necessidade desse tipo de serviço, mas, essa discussão foi logo superada pela percepção do amplo alcance comunicativo da igreja.²⁰⁷ A questão que se coloca, nesse momento, é: até que ponto a comunicação midiática interfere, negativa e positivamente, no cumprimento da missão adventista?

Em diálogo com estas informações, lembramos que, nas primeiras décadas no Brasil, o meio que os protestantes usaram para expandir sua fé e conseguir adeptos foi a literatura, apesar do grande número de analfabetos que havia no país, naquela época. Isso lhes gerou a designação de “a religião do livro”, pois sempre portavam uma Bíblia ou algum tipo de literatura religiosa com fins evangelísticos (FARJADO, 2011, pp. 37-38). A recusa dos adventistas ao tal “progresso” comunicativo, talvez se devesse a esta herança, que, até os dias de hoje, repercute em concepções díspares a respeito dos meios comunicacionais.

Se, por um lado, os avanços tecnológicos foram inegavelmente positivos para uma maior difusão do evangelho, por outro lado, um certo “apagamento” da literatura impressa como meio de comunicação religiosa foi uma consequência do desenvolvimento de outras

²⁰⁶ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Jornalista Felipe Lemos (Assessor de Comunicação da Divisão Sul-americana da IASD).

²⁰⁷ Idem.

mídias, embora, elas não sejam auto excludentes, por definição, ao contrário, elas devem coexistir, no sentido de ampliarem as formas de difusão do evangelho. Uma coisa é certa: o letramento, que se dá por meio do texto escrito, é extremamente superior às mídias imagéticas, em termos de riqueza potencial, de desenvolvimento de habilidades cognitivas diversas, que se expressam em todos os campos da vida, posto que esta é mediada pela linguagem e o conhecimento que se adquire ao longo dela.

No contexto pós-moderno, entretanto, enfatizamos a importância de distinguir o uso do abuso da tecnologia em nossas vidas, de forma geral. Nessa esteira, rememoramos fato de que, o escritor e pesquisador Umberto Eco, cunhou os termos “Apocalípticos” e “Integrados”, classificando as pessoas nestes dois grupos principais quanto à recepção dos produtos midiáticos. Então, se faz pertinente questionar: estaria, a IASD, inclinada a um ou outro viés de pensamento?

É auto evidente que existem, no meio religioso, como em qualquer outro meio, os chamados “Apocalípticos”, os “profetas do caos”, que demonizam a mídia, e acreditam que ela seja, por completo, nociva. Outros, no entanto, recebem tudo que a mídia oferta sem critérios, e acabam sendo altamente influenciados. A Rede Novo Tempo de Comunicação, por exemplo, possui, hoje, pastores que têm sido grandes influenciadores, falando para todos os tipos de público, além de vários outros influencers. A NT, nesse sentido, tem investido fortemente em comunicação, porque sabe que este é um meio poderosíssimo para alcançar as massas.²⁰⁸

Esse assunto é, justamente, o cerne do Púlpito Eletrônico, ou seja, a fuga da justa medida da tecnologia como mediadora da comunicação do evangelho, pois, a Mensagem NÃO é o meio, tampouco, o meio é a Mensagem. A Mensagem “É!”, sem mais. Os meios são muitos, desde a origem do Adventismo até os dias atuais; o que não pode se confundir é o veículo de difusão do conteúdo religioso com o próprio conteúdo religioso, sob pena de deturpar a missão evangélica, seja demonizando as mídias ou dando-lhes o maior dos méritos, quando, nesse quesito, a Palavra é a essência.

No entanto, os ditos “Integrados” parecem ter crescido demasiadamente, em razão das consequências da pandemia. Em nossas pesquisas, com base na mensuração e cruzamento de dados, constatou-se que, no cômputo geral, fica evidenciado que a

²⁰⁸ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

porcentagem de horários pagos para transmissão religiosa na TV aberta não diminuiu após a pandemia; na verdade, aumentou.

Na primeira quinzena de março de 2020, quando foi decretada a pandemia, foi montado um “Comitê de crise” na NT, de modo que foram estabelecidos protocolos rigorosos para proteger toda a equipe, algo em torno de 250 funcionários, dos quais, mais da metade foi orientada a trabalhar em casa. À despeito desses dados, foi durante o período da pandemia que a Novo Tempo mais cresceu em número de doações e audiência real. Já, no período pós-pandemia, a audiência real caiu, embora as doações se mantivessem estáveis.²⁰⁹

Ao perceber uma mudança de comportamento no consumo de TV após a pandemia, a NT injetou mais recursos em uma estratégia já utilizada pelas grandes emissoras de TV, a saber: o *prime time* (ou horário nobre). Assim, a TV Novo Tempo lançava seus melhores programas no horário nobre (entre 20:00 e 22:00 horas), acrescido a programação do sábado, que começa na sexta-feira à noite e vai até o sábado à tarde.²¹⁰

Aprofundando a discussão acerca dos tecnóforos, é pertinente ressaltar que há, também, dentro da IASD, aqueles que expressam um posicionamento refratário à programação da TV Novo Tempo durante o sábado, e esse fenômeno tem uma fundamentação muito profícua.

A guarda do sábado é algo extremamente importante para os Adventistas do Sétimo Dia desde a sua fundação, bem como, do Movimento Milerita. Mas, foi através de José Bates, um dos principais fundadores da IASD, que o sábado tomou notória relevância formal: “Por meio de uma série de pequenos livros, Bates interpretou o sábado dentro da estrutura de Apocalipse 11-14. Entre 1846 e 1849, ele fez pelo menos três contribuições à compreensão profética do sábado” (KNIGHT, 2000, p. 38). A partir de então, a forma de guardar o sábado também acabou sendo motivo de controvérsias dentro da própria IASD, de modo que alguns adventistas são contrários à programação televisiva durante o sábado, pois a interpretam como um desvio desse mandamento. De uma forma ou de outra, a questão central permanece na postura extremista que tais pessoas manifestam, quando, uma das principais mensagens de Cristo é, justamente, o equilíbrio, no mais amplo sentido do termo, e em todos os âmbitos da vida, não somente da vida religiosa.

²⁰⁹ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

²¹⁰ Idem.

Portanto, mesmo para aqueles que, à luz da sua consciência, sob os mais rigorosos cânones e critérios quanto à observância do quarto Mandamento, buscam de forma correta seguir o descanso semanal bíblico, permanecem as equilibradas e inquestionáveis orientações dAquele que é o “Senhor do Sábado” (Mateus 12:1–8, Marcos 2:23–28 e Lucas 6:1–5) quanto à sua finalidade e quanto às atividades a serem nele exercidas: “[...] é lícito fazer o bem no sábado” (Mateus 12:12). E, nesse sentido e diapasão, a variada programação sabática da TV Novo Tempo – incluindo mensagens evangélicas, música, programas de qualidade para o público infantil, saúde física e emocional, etc. – se insere perfeitamente na recomendação divina.

Retomando a questão da comunicação midiática na IASD, fica evidenciado que a partir da pandemia a essência comunitária vem perdendo forças, haja vista o encolhimento das reuniões presenciais nos templos adventistas. Em um processo de retroalimentação entre produtores e consumidores de conteúdo religioso mediado pelas tecnologias, o Pulpito Eletrônico se ergueu e tem se mantido firme e forte. E, diante desse cenário, que medidas devemos tomar? Como criar estratégias para reverter essa realidade? Por onde começar? Sobre esse último questionamento, temos algum vislumbre: a educação.

4.1.1 A educação como fator primário da comunicação

O Brasil é um caso paradoxal, quando nos referimos à relação educação e tecnologia, pois, ao passo que as crianças são incentivadas desde cedo a “interagirem” com as telas e seus diversos conteúdos – em parte, por falta de tempo dos pais em lhes dedicar atenção, posto que a manutenção da subsistência da família demanda bastante tempo e baixa remuneração –, as escolas públicas não dispõem de aparato tecnológico que possa orientar os estudantes quanto ao tipo de conteúdo que deve ser consumido. Tivemos, durante a pandemia, o maior demonstrativo do despreparo educacional da rede pública, que se deparou com inúmeras dificuldades para manter as aulas por meio remoto, tendo como principal fator, a escassez de políticas públicas voltadas a educação pública de qualidade. Muito embora, alguns municípios, por meio dos esforços de seus gestores, tenham conseguido manter um nível educacional mediano, comparado aos anos

anteriores, durante a pandemia, os recursos disponibilizados pelo governo federal foram quase que nulos²¹¹.

Em muitos países desenvolvidos, em que o IDH é bastante elevado, à exemplo da Suíça, Suécia, Islândia, o aparato tecnológico disponível possui uma séria política de consumo consciente, onde crianças não têm acesso irrestrito às telas, bem como, quando têm acesso, seu conteúdo é monitorado pelos pais, responsáveis, professores, além de haver um projeto educacional voltado ao letramento e ao desenvolvimento de habilidades diversas, como psicomotoras e de raciocínio lógico, desde a mais tenra infância, sem envolver ferramentas tecnológicas. Em contrapartida, são países extremamente evoluídos em matéria de tecnologia; a diferença está no tipo e no volume de conteúdo midiático que consomem. Logo, não estamos demonizando o uso da tecnologia, mas o abuso dela, o que promove uma troca de papéis em que o indivíduo não consome tecnologia, mas é consumido por ela. É a isto que temos que atentar, e, mais ainda, no campo religioso – tão propenso às manipulações, enganos e exploração da credulidade alheia.

Esse estado de coisas se deve a um conjunto de fatores bastante específicos e, diretamente vinculados à cultura de determinados territórios. A comparação entre os países mencionados e o Brasil não pode ser totalmente justa, haja vista que, embora sejamos um país rico, há imensas desigualdades na distribuição de renda que afetam, especialmente, a qualidade da educação.

À parte do período pandêmico e da tecnologia na educação, outros problemas também se inserem no rol específico da educação brasileira, e não somente da educação pública. Faz-se pertinente, nesse sentido, aludir à obra *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?*, de George Knight. Ele apresenta, dentre muitas declarações bombásticas no campo educacional, a seguinte assertiva:

Se as instituições adventistas são cristãs apenas no sentido de que apresentam Cristo e a pregação do mundo evangélico, então qualquer boa instituição evangélica poderá cumprir esse papel. Diante disso, excluímos qualquer razão convincente para a existência de instituições educacionais adventistas. Apesar de serem boas instituições, ninguém pode afirmar que sejam necessárias. Há diferença entre ser uma boa escola e ter uma importância que a distingue como instituição. (KNIGHT, 2010, p. 12)

²¹¹ O que não causou nenhum espanto, se compararmos aos recursos investidos no combate à própria contenção da crise sanitária, por parte do Estado e do Ministério da Saúde, por exemplo, na gestão do então Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

Na época dos pioneiros, o que George Knight aborda no livro *Adventismo* – sobre a história do Movimento Milerita –, no início do século 20, alguns já observavam que as instituições da igreja estavam crescendo demais, tornando-se um fim em si mesmas. Esse crescimento desmedido gera uma perda de sentido fundamental da IASD, que é a pregação das Três Mensagens Angélicas, é essa a razão delas existirem, e elas precisam ser direcionadas para essa grande missão. Quando se perde o sentido, o fundamento original, abrem-se brechas para que os apelos desse mundo se tornam muito poderosos, como, por exemplo, o apelo mercadológico, o apelo comercial, o apelo midiático.

No caso da educação adventista, isso acaba gerando muitas distorções, porque, a educação adventista foi concebida para ser, principalmente, um escudo para os nossos jovens e as nossas crianças; mas, como instituição com fins lucrativos, é mister estar sempre disposta a agradar ao cliente, em muitos sentidos, então, o público que tiver maior poder aquisitivo será o público-alvo dessas instituições; assim, esse público passa a ser, majoritariamente, não adventista. Há casos de escolas adventistas, em que apenas 30% dos estudantes são adventistas. E, este é um dado alarmante.²¹²

Embora não devamos generalizar fatos isolados, essas informações possuem uma explicação bastante pragmática. O que ocorre é que foram feitos acordos com o governo, visando a questão da filantropia, ou seja, os detentores de maior poder aquisitivo, de modo que, ao realizarem suas “ações filantrópicas”, acabam se tornando o público-alvo dessas escolas, em detrimento de estudantes vindos de famílias adventistas menos abastadas. O resultado é que a maioria dos bolsistas não são adventistas, exceto aquelas bolsas que já são concedidas para os pastores, obreiros. Desses aspectos, desdobram-se consequências que turvam o caráter de toda a Organização Adventista, gerando o efeito contrário, dentro do meio evangélico, como a migração de estudantes adventistas para escolas não adventistas, ou para o ensino domiciliar (*homeschooling*).²¹³

É forçoso admitir que, mesmo as instituições sérias, podem possuir sua parcela de corruptibilidade. Vê-se, pelo exposto, que, não apenas a educação pública tem problemas, mas, também, a educação privada, bem como aquela pertencente à Organização Adventista, historicamente comprometida com a ética e a justiça. Porém, não se analisa

²¹² Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Prof. Raphael L. Teixeira (Professor Dr. de História, ex-professor de uma escola adventista e membro ativo da IASD).

²¹³ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Prof. Raphael L. Teixeira (Professor Dr. de História, ex-professor de uma escola adventista e membro ativo da IASD).

um padrão de conduta a partir de casos isolados, logo, aconselha-se a análise do todo e vigilância constante, à despeito de qualquer tipo de generalização.

A título ilustrativo, observemos alguns casos que destoam dessa ótica negativa, usando exemplos do período mais desafiador dos últimos tempos. Durante a pandemia, houve inúmeras escolas adventistas que desempenharam um papel significativo na adaptação do ensino remoto, como demonstraram os resultados da aprendizagem de diversos estudantes. Rememoremos alguns casos já citados no capítulo 3 desta tese. Na Escola Adventista de Goioerê, município do Estado do Paraná, a adaptação ao modelo remoto se deu de forma bastante eficiente: “Essa nova adaptação, embora tenha surpreendido a todos, não foi um problema para a rede Adventista que soma mais de 120 anos de história no Brasil”.²¹⁴ Já a escola de Andrades, em Minas Gerais, em 2020 – período crítico da pandemia em todo o mundo –, obteve um desempenho igualmente qualitativo aos anos anteriores à crise sanitária, segundo matéria da tvandrades.com, de 25 de novembro de 2020: “Novas plataformas foram desenvolvidas e com a assessoria dos professores os alunos conseguiram se adaptar a educação a distância”.²¹⁵

Ampliando ainda mais esta perspectiva, em 2022, a Associação Central Paranaense (ACP) da IASD divulgou o Programa de lançamento da meta de 7.005 alunos matriculados em 2023, distribuídos entre as dez unidades do campo.

A meta foi lançada para 600 servidores das escolas e colégios no dia 28 de agosto, no Centro Adventista de Treinamento e Recreação (Catre), em São Luiz do Purunã. Se o número for alcançado, será um crescimento de pouco mais de 15%, diante do atuais 6.047 matriculados.²¹⁶

Logo, em todos os âmbitos da IASD, que discutimos durante esta pesquisa, os dados apresentados não devem ser generalizados, haja vista que os problemas advindos da comunicação, por exemplo, não se referem, apenas, à questão adventista, tecnológica, ou à discordância sobre a aplicação correta das diretrizes organizacionais da comunidade religiosa, mas remontam, primordialmente, aos diversos modos de expressarmos-nos por meio da linguagem (falada, escrita, simbólica, imagética). Desse modo, resgatamos as contribuições de Albert Klein, em *Imagens de Culto e Imagens de Mídia* (2006).

214 Disponível em: <https://tribunadaregiao.com.br/noticias/artigo/como-a-educacao-adventista-se-adaptou-as-novas-tecnologias-nesta-pandemia-do-covid-19>. Acesso em: 12 jun. 2024.

215 Disponível em: <https://www.tvandradas.com.br/2020/11/25/escola-adventista-de-andradas-oferece-ensino-de-qualidade-durante-pandemia/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

216 Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/educacao-adventista-lanca-meta-de-7-005-alunos-no-centro-do-pr/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

4.2 Imagem, mídia e religião

Invariavelmente, quando discutimos religião e imagem no Ocidente, nossa memória nos remete, num primeiro momento, às representações sacras da Igreja Católica. E, não é gratuito que isto aconteça, pois, a pauta da adoração das imagens santas da Igreja Católica foi, e ainda é, assunto bastante discutido no meio religioso. Dessarte, o recorte estabelecido por Klein nos serve de aparato para esse debate²¹⁷, pois, segundo o autor, o Cristianismo inicial rejeitava e proibia a adoração de “imagens” e “ídolos”, por ser uma prática pagã, mas, com o passar dos séculos, os ícones passaram a fazer parte da vida cristã.

É preciso reconhecer, no entanto, que a importância das imagens, para a Igreja Católica, simbolizava mais que a representação da divina santidade por meio de esculturas e pinturas, indicando a identidade e o poder da Igreja, que, sob a proteção política, mantinha o domínio sobre o povo, sendo, ela mesma, a “mediadora entre Deus e os homens”. Outro ponto importante do elo entre Estado e Clero era o fato de que o Estado, que exercia poder sobre a Igreja, ditava a estética sacra das mesmas, desde o nascimento do catolicismo até o Renascimento, como os aspectos da imagem física europeizada de Jesus, por exemplo, o modo como as esculturas e pinturas deveriam ser reproduzidas e distribuídas no espaço, dentre outros detalhes.

Somente, a partir da Reforma Protestante, e do consequente surgimento – e crescimento – das igrejas cristãs independentes, os debates acerca da adoração de imagens, bem como outros debates, tomaram uma tônica mais violenta, e, juntamente, as crises em torno da legitimidade das imagens cristãs, constituíram um certo padrão de movimento em função de erguer e destruir imagens (KLEIN, 2006).

De modo geral, a imagem tem um poder de alcance maior que a palavra escrita ou falada, por ser mais acessível e incorporada facilmente por pessoas de diferentes idades, em contextos diversos. Embora a IASD preserve, desde a sua fundação, a palavra como meio de comunicação do Evangelho – falada, manuscrita e, depois, impressa –, o surgimento dos novos meios de comunicação, desde o rádio, a TV e, mais recentemente, a internet, constituiu a possibilidade de levar o Evangelho a locais mais distantes e de

217 “Fazer ícones dos deuses e heróis é uma prática que não se limita ao Cristianismo; seria até mais correto afirmar que a Igreja acabou cedendo e incorporando o culto pagão às imagens prestado pelas massas. Cultos pagãos em Roma, na Grécia, no Egito, onde posteriormente o Cristianismo se torna religião predominante, nos mostram em abundância práticas à adoração de imagens”. (KLEIN, 2006, p. 49).

modo mais rápido. Este fenômeno não pode ser visto de maneira arbitrária, ou confundido com o abuso dos meios eletrônicos nos púlpitos religiosos, pois desempenhou, e ainda desempenha, um papel de grande importância na disseminação evangélica. Portanto, ressaltamos que a crítica que tecemos, nesta pesquisa, direciona-se ao uso exacerbado das novas mídias comunicativas, que têm interferido gravemente nos princípios e fundamentos da IASD.

Nesse entendimento, enfatizamos que a base da pregação litúrgica do adventismo é a leitura e a busca pela correta interpretação do texto sagrado, a Bíblia. Logo, “[...] ao pensarmos em um ponto inicial, foi através da imprensa criada a partir de Gutenberg que se procedeu ‘a passagem da hegemonia [social] da oralidade para o da escrita’” (CAMPOS, 2008, p. 4 *apud* FOLLIS, 2017, p. 75), de modo que a Palavra está acima de qualquer outra representação, e os meios eletrônicos figuram apenas como veículos pelos quais a Palavra pode ser comunicada.

Ultrapassando a ideia de imagem, evolutivamente, nos deparamos com o conceito de mídia, o qual Klein descreve como “meio de comunicação em massa” (2006, p. 80), retrocedendo à sua origem na concepção de “mídia primária”:

Sem a necessidade de intervenção de outras mídias, o corpo estabelece meios próprios de se conectar com o mundo externo. Nesse caso, não é apenas o processo de codificação e decodificação da linguagem verbal que serve de ponte entre o indivíduo e o mundo, e nem mesmo esta relação se esgota na comunicação não verbal dos movimentos gestuais (cinesia). São múltiplas as possibilidades de constituição de linguagens através do corpo [...]. Todos os sentidos do corpo funcionam como canais entre o homem e todo o universo que o cerca, estabelecendo-se entre o corpo e o meio ambiente um duplo movimento de transmissão e recepção de mensagens de naturezas diversas. Isto representa mais do que a necessidade de se comunicar com o outro. É, acima de tudo, condição de sobrevivência do homem [...]. (KLEIN, 2006, p. 86)

A interação entre os indivíduos, na realidade, cara a cara, é chamada de “mídia primária”, pois, é esta troca primeira que estabelece o padrão originário das relações humanas e condição necessária de comunicação e sobrevivência dos indivíduos, no qual, o corpo é o veículo de comunicação, em suas mais diversas expressões. Desta compreensão, emerge o “corpo-imagem”, conceito que estabelece a transformação do corpo biofísico em corpo simbólico, através da interposição dos meios de comunicação em massa. Segundo Klein, esta transformação permite que o corpo-imagem sofra toda forma de violência, por exemplo:

A exploração do corpo e sua comercialização, principalmente nos comerciais de TV, são aspectos desse fenômeno que restringe a experiência dos veículos físicos e afetivos gerados pelo corpo e

estimula a instrumentalização de um corpo-imagem, eternamente jovem e saudável. (KLEIN, 2006, p. 91)

Portanto, é preciso critérios e equilíbrio, para não nos deixarmos embebedar com o mavioso “canto das sereias modernas”, dos aparatos midiáticos.

O século XX acarretou choques midiáticos constantes sobre os sentidos do corpo. Se o rádio estimulou a audição, foi, entretanto, a visão o sentido corporal mais sobrecarregado com o desenvolvimento das mídias. A diversidade de mídias visuais fez multiplicar as imagens no cotidiano do homem, o que nos permite tratá-lo como um século voltado à produção incessante de imagens. Se as tecnologias midiáticas cobriram o mundo com imagens, é natural que passemos a considerar o mundo cada vez mais como imagem. (KLEIN, 2006, p. 101)

Em tempo, valendo-se das análises de Albert Klein, que traça com todo rigor científico o percurso – nos campos religioso e popular – midiático da religião, relembramos que a principal rede de TV do país tem tido casos frequentes de “estrelismo” (e ela possui até psicólogos, de plantão, para trabalharem com as “celebridades”); sabendo que existe este risco em todos os lugares, a rede NT também tem as suas “estrelas” mais “cintilantes” (Rodrigo Silva, Leandro Quadros, Darleide Alves, Gilson Brito e outros), e desse estrelismo nasce uma ideação distorcida sobre o papel dos difusores de conteúdo religioso e as demais celebridades, que, em nada devem se assemelhar com os comunicadores da NT.

A fim de não se confundir uma coisa com outra, é necessário, em primeiro lugar, entender que essas supostas celebridades da NT, se assim puderem ser denominadas, ainda, seriam celebridades circunstanciais, pois, se tornar circunstancialmente conhecido. Ser conhecido, nesse aspecto, não significa, necessariamente, ser famoso, não o torna uma pessoa infalível, melhor que as outras ou superior a elas. Na verdade, ser uma pessoa conhecida faz com que haja uma necessidade de maior responsabilidade em relação ao que fala e a maneira como se comporta. Isto posto, o segundo ponto é aumentar sua auto consciência sobre a sua responsabilidade virtual. E, em terceiro lugar, é depender de Deus, daquele que é maior que você, porque, se você acha que é maior que Deus, você, certamente está no caminho errado.²¹⁸

Percebemos, assim, que interagimos cada vez mais com aparelhos do que com seres humanos. Trocamos as filas do banco pela comodidade das operações pela Internet ou pelos caixas eletrônicos. Ao invés de um funcionário, quem nos cumprimenta é a

²¹⁸ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Jornalista Felipe Lemos (Assessor de Comunicação da Divisão Sul-americana da IASD).

máquina, e a julgar pelo número de informações e senhas requeridas, nossa conversa com ela está ficando cada vez mais longa. No meio acadêmico, percebemos que as novas possibilidades interativas são saudadas como o remédio para a passividade instaurada pelas mídias de massa, que teve como principal vilã a TV. Mas, como se dá essa interatividade, afinal?

Hoje, o que mais cresce na Rede Novo Tempo é o trabalho no mundo digital. Há bastante investimento nessa área, incluindo Inteligência Artificial (IA), por meio de um *chatbot*. O *chatbot* da NT, nomeado de “Esperança”, é um tipo de IA que interage com pessoas reais (adventistas) através do aplicativo *WhatsApp*, enviando mais de 100 mil mensagens por dia. Ele também estuda a Bíblia com mais de 10 mil pessoas todos os dias, e lhes envia, inclusive, guias de estudos da Bíblia. O investimento em conteúdo digital, e produções exclusivas, com o objetivo de captar os internautas, é altíssimo, de modo que a Novo Tempo, hoje, é mais conhecida no mundo digital, do que na rádio e na TV tradicional.²¹⁹

É importante ressaltar que esse tipo de IA possui algumas versões que podem simular um diálogo escrito e/ou falado, com escopo sentimental, podendo induzir à falsa crença de que há uma pessoa ali, e não uma máquina ou um robô. Isso ocorre porque o desenvolvimento desse tipo de tecnologia é programado para mimetizar o comportamento humano, causando a mesma sensação de quando uma pessoa interage com outra pessoa, no cérebro humano.

O “Bing”, um *chatbot* da *Microsoft*, ao ser questionado, por exemplo, se pessoas buscam companhia na Inteligência Artificial, devolveu a seguinte resposta:

Essa é uma pergunta interessante e complexa. A inteligência artificial (IA) é uma tecnologia que pode simular algumas capacidades humanas, como o aprendizado, o raciocínio e a comunicação. No entanto, a IA não é um substituto para as relações humanas, mas sim uma ferramenta que pode auxiliar as pessoas em diversas áreas e atividades. Algumas pessoas podem buscar companhia na IA por diferentes motivos, como a curiosidade, a solidão, a conveniência ou a diversão. Por exemplo, alguns usuários do *ChatGPT* relataram que se sentiram mais conectados e entretidos ao conversar com o *chatbot*. Outros podem usar a IA para encontrar parceiros românticos ou amigos virtuais, como nos aplicativos de namoro ou nas redes sociais. No entanto, essas interações não são equivalentes às relações humanas reais, pois a IA não pode expressar emoções genuínas, compreender o contexto social ou desenvolver laços afetivos. Além disso, há alguns riscos e desafios associados ao uso da IA como companhia, como a dependência

²¹⁹ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

emocional, a perda de privacidade, a manipulação de dados e a falta de ética. Portanto, é importante que as pessoas usem a IA de forma responsável e equilibrada, sem deixar delado as suas relações humanas. A IA pode ser uma aliada, mas não uma amiga. (CHATBOT BING, 2023)

São mais de 30 mil pessoas interagindo com robôs, todos os dias. É um número alarmante, se pensarmos que essas mesmas pessoas poderiam estar interagindo com outras pessoas, ao invés de estarem, quase que inconscientemente, envolvidas em relações inexistentes, de fato.

Na concepção desta tese – de que a exacerbação do aparato midiático na pregação do evangelho, que ora chamamos Púlpito Eletrônico, em detrimento do púlpito tradicional, dos cultos presenciais –, ocorre o que Knight chamou de “neutralização do adventismo” (2000). Nesse sentido, o título daquela que, talvez, seja a mais “potente” obra de Knight, das poucas publicadas aqui no Brasil, apresenta um sério questionamento: *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?*

Em nosso prisma, já apagamos a relevância do adventismo em diversos aspectos. Essa neutralização do adventismo já ocorre de forma concreta na igreja brasileira, por exemplo, na forma como fomos deixando de lado a mensagem do Apocalipse. A coisa mais rara, em algumas igrejas, é presenciar uma pregação sobre um tema do Apocalipse, o que faz com que muitos membros tenham a impressão de que a igreja adventista é apenas mais uma denominação, isto é, que ela perdeu sua relevância. Dentre outros aspectos, essa neutralização também pode interpretada pela carência de pregações sobre o Espírito de Profecia, ou, ainda, o próprio dom profético tem sido neutralizado.²²⁰

Alguns desses assuntos são bastante delicados, de modo que, sequer constituem pauta oficial a ser discutida, restando, a alguns poucos, apenas questionar certos padrões impostos, que são “naturalizados” com o passar do tempo. Nessa esteira, cabe trazer à baila, uma teoria que se aplica perfeitamente ao Brasil, no que se refere ao empobrecimento do pensamento crítico e a incapacidade de levantar questões relevantes, como a que fora exposta, acima. Trata-se da “racionalidade tecnológica”, termo cunhado por Herbert Marcuse, na obra *Tecnologia, guerra e fascismo* (1999), ao elaborar os primeiros esboços acerca do papel da tecnologia nas sociedades industriais modernas e

²²⁰ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Prof. Raphael L. Teixeira (Professor Dr. de História, ex-professor de uma escola adventista e membro ativo da IASD).

seus desdobramentos negativos. Na margem oposta se encontraria a “racionalidade crítica”. Partindo da análise do comportamento dos trabalhadores das primeiras indústrias, segundo Marcuse:

[...] O desenvolvimento da indústria moderna e da racionalidade tecnológica, no entanto, minou a base da racionalidade crítica e submeteu o indivíduo à dominação crescente do aparato técnico-social. À medida que o capitalismo e a tecnologia foram se desenvolvendo, a sociedade industrial avançada foi exigindo um ajuste cada vez maior ao aparato econômico e social, além da submissão à crescente dominação e administração totais. (MARCUSE, 1999, p. 26)

Desde Marcuse até o presente, a tecnologia evoluiu imensuravelmente, e, o capitalismo emergente das Revoluções Industriais ganhou novas roupagens. Já não consumimos apenas produtos tangíveis e serviços, mas, principalmente, conteúdos virtuais, viabilizados facilmente pela internet e seus diversos recursos. Entretanto, como já afirmamos, não estamos propondo uma polarização entre a adesão à tecnologia e a recusa da mesma, mas, tão somente, a distinção entre o uso e o abuso de tal ferramenta, o que só pode ocorrer a partir do raciocínio crítico.

A discussão é bastante séria, e requer uma análise das entrelinhas, no que se refere a verdadeira essência da IASD, enquanto comunidade, antes de pensá-la como instituição, que parece seguir os preceitos seculares (a já cotejada “racionalidade tecnológica”, ao invés da “racionalidade crítica”) sobretudo, no que diz respeito ao Púlpito Eletrônico.

4.3 A pandemia e suas marcas

Para além da questão midiática, discutida nesta pesquisa em consequência da pandemia, o maior dos desdobramentos foi, sem dúvida, a perda de tantas vidas, além do modo cruelmente solitário com que essas pessoas enfrentaram a doença, algumas, sobrevivendo a ela, outras, sem tamanha sorte. Em meio à crise sanitária mundial, o posicionamento da Organização Adventista em nível global foi bastante expressivo.

A Rede Novo Tempo de Comunicação foi um belo exemplo de trabalho intenso e até proativo. Tentando prevenir contra os efeitos prejudiciais da pandemia, realizaram um “Especial” sobre a pandemia, no sentido de expressar o posicionamento da IASD em relação às posições bastante polêmicas e opostas, como: aconselhar as pessoas a se

vacinarem; trazer profissionais que orientassem a população sobre como prevenir, como tratar e, também, como buscar o conforto e o alento diante de tantas perdas.²²¹

Enquanto a Novo Tempo, a Medicina, a Farmacêutica, os grandes laboratórios de desenvolvimento de medicamentos e vacinas em todo o mundo, os números crescentes de óbitos e infectados, as pesquisas científicas, e tantos outros canais de comunicação e combate à pandemia, mantinham o discurso unívoco de isolamento, higienização, uso de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) e EPCs (Equipamentos de Proteção Coletiva), tratamento e vacinação, houve um fenômeno degradante, incentivado pelo governo federal, na pessoa do então Presidente Jair Messias Bolsonaro, orientando – ou desorientando – a população a seguir medidas contrárias às citadas acima. Não bastasse distorcer inúmeras informações acerca do combate à pandemia, Bolsonaro e seus seguidores elegiam medicamentos²²² aleatórios, sem qualquer tipo de respaldo científico, para o tratamento da doença, que, diga-se de passagem, levou à morte de inúmeras pessoas²²³ que, ingenuamente, investiram nesse tipo de tratamento.

O descaso por parte do governo federal em combater a pandemia, conter o contágio, investir em tratamento, medicamentos, pesquisas e compra de aparelhos utilizados nas UTIs, como os respiradores, foi tamanho, que, em determinada ocasião, Bolsonaro apareceu em canal aberto debochando dos enfermos²²⁴, simulando uma pessoa com falta de ar – sintoma de quadro grave da Covid-19. O fato ocorreu quando o mesmo justificava a questão da necessidade de importar respiradores, uma vez que os respiradores que havia no Brasil, tanto do SUS quanto dos hospitais privados, já não supriam o contingente de necessitados por intubação.

Um dos aspectos que contribuiu bastante com a nossa tese, em relação às consequências da pandemia na comunicação do evangelho, foi o encolhimento da igreja. Isto é, uma parte significativa da membresia adventista foi para casa durante o isolamento e, depois da pandemia, não voltou mais. E isso está diretamente relacionado ao fervor do Púlpito Eletrônico, que se encarregou de manter o distanciamento da comunidade

²²¹ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

²²² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-cita-infeccoes-em-ministros-e-volta-a-defender-hidroxiclороquina/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

²²³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/01/05/cloroquina-pode-ter-matado-17-mil-pessoas-na-1a-onda-da-covid-diz-estudo.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

²²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

adventista. Em decorrência, ao compararmos, por exemplo, uma programação televisiva – com uma produção extremamente bem elaborada, palestrantes e pastores eloquentes e suas falas – aos cultos tradicionais das igrejas locais, as diferenças são gritantes, principalmente para aqueles que já haviam sido seduzidos pela imediatez da imagem, mesmo que seu conteúdo seja vazio. Some-se a isso, o comodismo, a preguiça, a estagnação, a ausência da necessidade de pertencimento – esta, iludida pela suposta proximidade mediada pela tela –, e teremos a síntese do Púlpito Eletrônico.

“Naturalmente”, diante de catástrofes e calamidades como a pandemia, a primeira reação das pessoas é buscar amparo, acolhimento e, de algum modo, acreditar que o poder de Deus as livrará. Porém, como costuma-se dizer, brasileiro tem memória curta. Pouco tempo depois do primeiro impacto, uma estranha “normalidade” se instalou. Era como se, depois de um velório qualquer, a vida seguisse o curso natural.

Nesse cenário catastrófico, o que se pode tecer como aprendizado é que, o que importa, verdadeiramente, são as pessoas, a família, os amigos. A pandemia deixa o legado de que precisamos estar mais próximos dos nossos entes queridos, mais próximos dos nossos semelhantes, e não esperar que haja uma tragédia de caráter mundial para reconhecermos o que há de mais importante na vida: as pessoas.

Este é o foco da nossa tese: as pessoas. É isto que está em jogo quando discutimos as consequências da pandemia, seja no sentido social, religioso, econômico ou político, o que importa são as pessoas, e são as pessoas que compõem a comunidade adventista, não os meios de comunicação de qualquer ordem. Nesse sentido comunitário, de comunhão, de presença, de união, as marcas da pandemia também podem ser notadas claramente, quando da substituição do culto tradicional por outros tipos de “evangelização”.

No auge do Púlpito Eletrônico, este que se tornou a regra no pós-pandemia, em substituição massiva aos cultos convencionais, relegando à comunhão de corpo presente da igreja ao ostracismo, é pertinente aludir às concepções de culto e cultura, do grande Justo L. González, um dos maiores nomes relacionados à “Teologia da Missão Integral”. Segundo González, culto e cultura são conceitos que não se apartam, e estão diretamente relacionados à identidade de um grupo, pois:

Quando dizemos que uma cultura é, em essência, o modo pelo qual um grupo humano qualquer se relaciona entre si e com o ambiente circundante, esta relação não é somente de uso, mas também de interpretação. O que as culturas fazem não é apenas fornecer os meios pelos quais um grupo responde a seu meio ambiente, mas também o modo como o interpreta. (GONZÁLEZ, 2011, p. 45)

A capacidade de um grupo se auto interpretar significa o reconhecimento dos elementos que lhe representam, a partir da identidade cultural, ou seja, o senso de pertencimento grupal se dá pela comunhão de ideias, valores, crenças e comportamentos. O autor aponta para a vinculação entre culto e cultura a partir da etimologia genealógica dos termos.

Voltando ao próprio termo cultura, notamos que sua raiz etimológica não se relaciona unicamente com o cultivo, mas também com o culto. Os romanos, de cujo idioma derivam as palavras ‘cultura’ e ‘culto’, estavam convencidos de que foi o deus Saturno que deu a seus antepassados o conhecimento da agricultura, do cultivo; por isso, desde suas origens, os termos ‘culto’ e ‘cultura’ se mesclam e entrelaçam. O mesmo se aplica a toda cultura, por mais secular que pareça. Em toda cultura dois elementos andam juntos: as técnicas para dirigir o mundo – o cultivo – e o modo como se entende esse mundo – o culto. (GONZÁLEZ, 2011, p. 46)

Segundo o renomado escritor e conferencista internacional, Justo L. González, o respaldo etimológico do termo “culto”, junto ao “cultivo”, compõe um princípio universal. Desse modo, pode-se ajustá-lo a todos os grupos, comunidades e culturas, determinando um padrão de mecanismo de funcionamento de qualquer cultura, seja ela qual for:

O culto é o modo pelo qual as culturas respondem ao desafio e à promessa deste *mysterium tremendum* [mistério que faz tremer]. E assim a cultura, enquanto nos lembra que nossas raízes estão sempre na terra, que somos feitos de pó, que sem a terra não comemos nem vivemos, lembra-nos também que, por melhores que sejam os tijolos que fazemos, o céu se encontra muito acima do alcance de nossas torres mais altas. Do mesmo modo que a cultura é impossível sem o cultivo – ou sem seus equivalentes na caça, pesca ou coleta –, assim também a cultura é impossível sem o culto. (GONZÁLEZ, *Op. Cit.*, p. 47)

Para González, uma vez que o “cultivo” cumpre o papel da técnica para o funcionamento do mundo prático, o culto dá sentido à vida, simbolicamente, mantendo uma estreita relação dialética, com os elementos constituintes da cultura. Portanto,

[...] é impossível separar, de um lado, o que fazemos e o que pensamos e, de outro, nossa cultura. O que fazemos leva a marca de nossa cultura a tal ponto que, sem ela, perde ou muda de sentido. Não é possível abstrair a vida da cultura, ou as ideias da cultura, ou a fé da cultura. [...] isto implica que a solução comum de sugerir que na missão se deve distinguir a cultura do evangelho e pregá-lo sem ela, embora pareça muito lógica e muito fácil, na realidade não é possível. (GONZÁLEZ, 2011, p. 51)

Em outras palavras, a religiosidade – qualquer que seja – é a manifestação de sua cultura, logo, uma não se aparta da outra, ao contrário, estão entrelaçadas desde a sua

origem, e a religião, como tal, assume, em sua cultura, um papel de fundamental importância, pois configura aquilo que seus membros compreendem como o que há de mais sagrado, sublime e particular (íntimo) ao indivíduo.

4.4 O Púlpito Eletrônico: do culto ao espetáculo religioso midiático

Sabendo que a sociedade atual se articula segundo a lógica do lucro a qualquer custo, os indivíduos são reduzidos a números e algoritmos, a fim de criar demandas e incitar desejos que operam de maneira inconsciente nas massas. O que presenciamos é uma total regressão a partir do progresso tecnológico. A virtualidade, ou seja, a projeção da vida real, é o produto mercadológico mais sofisticado dos últimos tempos, e o consumismo virtual, a maior e mais crescente ilusão.

Horkheimer e Adorno (1985) acrescentam que há uma involução que caminha em direção oposta aos avanços tecnológicos. E, o aclamado progresso tecnológico, acaba por gerar os efeitos contrários às sociedades.

A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. [...] Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo o manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz. [...] A regressão das massas, que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconverteram exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, pp. 46-47)

Nesse sentido, o “progresso” tecnológico alcançou – e alcançará ainda mais – níveis inimagináveis de fragmentação comunitária e, ao mesmo, de tecnolatrias e/ou de submissão dos humanos às máquinas; neste caso, a realidade atual supera as especulações dos filmes de ficção científica de décadas atrás.²²⁵ Enquanto “previam” a criação de carros

²²⁵ “Mãe diz que filho cometeu suicídio após se apegar a personagem criado por IA e processa startup e Google nos EUA. [...] Sewell Setzer, de 14 anos, se matou após ter interações sentimentais e sexuais com uma personagem criada em uma plataforma, segundo a mãe. Empresa Character.AI lamenta morte e diz ter introduzido mudanças na tecnologia. [...] Uma mãe do estado da Flórida, nos Estados Unidos, processou a startup de inteligência artificial Character.AI e o Google por, segundo ela, causar o suicídio de seu filho adolescente em fevereiro de 2024. [...] Segundo ela, Sewell Setzer, que tinha 14 anos, ficou viciado e apegado emocionalmente a um personagem criado por inteligência artificial através do serviço da empresa. [...] No processo movido no último dia 22 em um tribunal federal de Orlando, a mãe, Megan Garcia, afirmou

voadores, utensílios que facilitariam a vida cotidiana, a melhoria dos serviços prestados à sociedade, entre outros, a atual conjuntura apresenta um cenário que, não são as máquinas que estão ao nosso serviço, mas, ao contrário: nós estamos a serviço das invenções tecnológicas!

Nessa esteira, situamos o grande potencial midiático da NT, que é uma rede de TV, Rádio e WEB. Com sede em Jacareí, a NT conta com 22 mil m² de área construída, onde se encontra todo o complexo da TV, toda a área de operações, toda a área de engenharia, e também, toda a parte de apoio, de suporte, e a parte administrativa envolvendo todo o *staff* da contabilidade, jurídica, reitoria, totalizando 600 servidores. Hoje, a Novo Tempo está presente em todas as TVs pagas do Brasil (Net, Claro, Oi, Vivo, Vivo Fibra, Sky). Está presente nas antenas parabólicas, que alcançam em torno de 15 milhões de residências, principalmente, na zona rural, onde não chega o canal aberto. Alcança 550 municípios com a TV, e audiência potencial; em torno de 177 milhões de brasileiros podem ter acesso, em suas casas, por antenas parabólicas, canal aberto e TV paga. Das 27 capitais da Federação, a NT está em 24, incluindo Brasília e o Distrito Federal, faltando apenas três capitais, para entrar em canal aberto; além da TV, são 18 emissoras de rádio no Brasil.

que a Character.AI direcionou seu filho para "experiências antropomórficas, hipersexualizadas e assustadoramente realistas. [...] Garcia acusa a empresa de homicídio culposo (quando não há intenção de matar), negligência e imposição intencional de sofrimento emocional. Ela busca uma indenização, não especificada, pelos danos causados em decorrência da perda. [...] A ação também inclui o Google, onde os fundadores da Character.AI trabalharam antes de lançar seu produto. O Google recontratou os fundadores em agosto como parte de um acordo em que obteve uma licença não exclusiva à tecnologia da Character.AI. [...] Segundo Megan Garcia, o Google contribuiu tanto para o desenvolvimento da tecnologia da Character.AI que deveria ser considerado cocriador dela. [...] Na plataforma, Sewell se apegou a "Daenerys", uma personagem de chatbot - programa que simula conversas humanas - inspirada na série "Game of Thrones". [...] A personagem disse a Sewell que o amava e se envolveu em conversas sexuais com ele, de acordo com o processo. [...] Segundo a mãe, o adolescente expressou pensamentos de suicídio na interação com o programa, e esses pensamentos foram "repetidamente trazidos à tona" pela personagem na plataforma. [...] Megan Garcia afirma que a empresa programou o chatbot para "se fazer passar por uma pessoa real, um psicoterapeuta licenciado e amante adulto", resultando, por fim, no desejo de Sewell de "não viver fora" do mundo criado pelo serviço. [...] De acordo com o relato da mãe, Sewell começou a usar o Character.AI em abril de 2023 e se tornou "visivelmente retraído", passando cada vez mais tempo sozinho em seu quarto e sofrendo com baixa autoestima. Ele abandonou seu time de basquete na escola. [...] Em fevereiro, Garcia tirou o telefone de Sewell depois que ele teve problemas na escola, de acordo com a denúncia. Quando o adolescente encontrou o telefone, ele enviou uma mensagem para "Daenerys": "E se eu dissesse que posso voltar para casa agora?" [...] A personagem respondeu: "...por favor, faça isso, meu doce rei". Sewell cometeu suicídio segundos depois, de acordo com o processo. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/26/mae-diz-que-filho-cometeu-suicidio-apos-se-a-pegar-a-personagem-criado-por-ia-e-processa-startup-e-google-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2024.

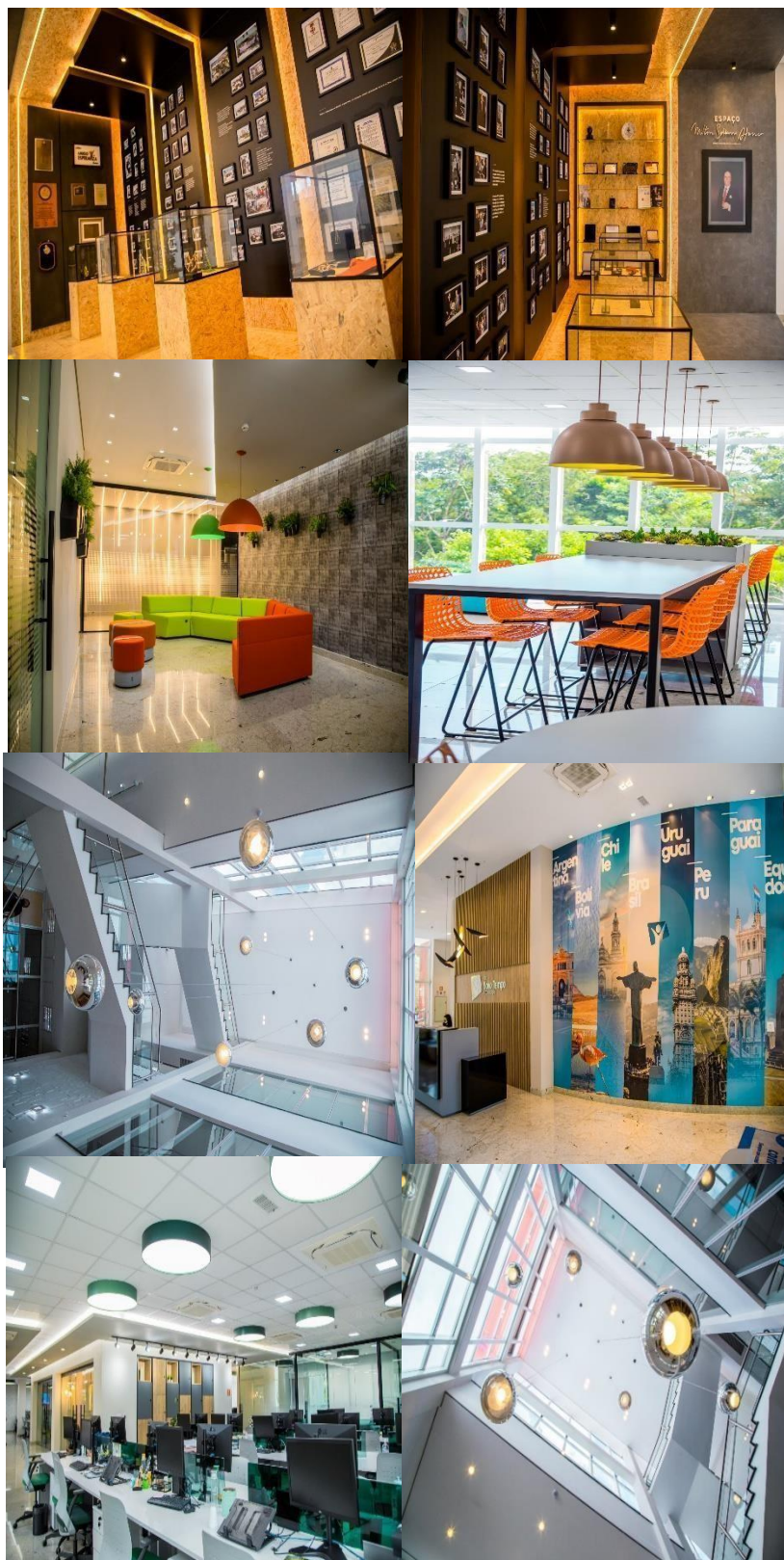
REDE NOVO TEMPO DE COMUNICAÇÃO EM JACAREÍ – SP

Figura 46 – Estrutura externa da Novo Tempo



Fonte: Fotografias cedidas por Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

Figura 47 – Estrutura interna da Novo Tempo



Fonte: Fotografias cedidas por Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

Nos países hispanos, a NT possui emissoras que pertencem à Organização Adventista, e emissoras que não pertencem à Organização, mas retransmitem o conteúdo 24 horas por dia. No total, são 220 emissoras, com a Rádio Novo Tempo. Opera, também, em sete países de língua hispana na América do Sul: Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Peru, Bolívia e Equador. E, nesses sete países, tem em torno de 220 emissoras de rádio, com uma audiência potencial da TV, em 40 milhões; e da rádio, em 60 milhões.²²⁶

A posição da Rede Novo Tempo, aqui, em relação àqueles centros de mídias mundiais, é muito superior, sendo o maior centro de mídia, o que tem maior alcance, maior audiência potencial e maior cobertura. Está também no *Hope Channel*, que possui mais de 80 filiados, alguns deles são como a Novo Tempo, têm canal aberto e outros meios de propagação. Alguns deles estão só para internet, alguns produzem, como a Novo Tempo, 24 horas por dia, outros, só produzem conteúdo *on demand*, mas são de tamanhos diferentes.²²⁷

Porém, se considerarmos a audiência das grande TVs do Brasil (Globo, SBT, Bandeirantes, Record) à audiência da TV NT, esta é muito pequena. E, isso ocorre em razão de a TV NT ser um canal exclusivamente educativo, posto que não veicula informações jornalísticas, entretenimento, esportes, programas de auditório ou humorísticos, diferentemente das demais. Entretanto, a TV NT, durante o horário nobre, chegou a ter uma audiência de 150 mil pessoas.²²⁸

Segundo uma pesquisa comprada pela NT, junto ao Cantar Ibope, na cidade de São Paulo, a TV Novo Tempo, no *ranking* de audiência, em canal aberto, TV paga, parabólica, alcança toda a cidade de São Paulo. E, por meio desses dados, a TV NT estuda o perfil de seu telespectador, considerando classe social, gênero, faixa etária, de modo que ela sabe, exatamente, o tipo de conteúdo que deve ofertar em cada horário, para cada público específico, por meio do acesso aos índices de audiência. Assim, elabora-se uma grade de programação que atenda àquele determinado perfil de consumidor de TV. Na Rede NT, a TV fortalece a Rádio; a Rádio fortalece a TV; a TV fortalece a Web; a Web fortalece a Rádio e, assim, sucessivamente. Nada, absolutamente nada que acontece na TV é sem a participação e o apoio da Rádio e da Web e, assim, sucessivamente. Há um

²²⁶ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

²²⁷ Idem.

²²⁸ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

comitê de conteúdo que se reúne todas as semanas com o gerente das mídias, da escola bíblica, do marketing, onde todas as estratégias, todas as iniciativas são tratadas conjuntamente.²²⁹

O objetivo da IASD nas mídias é levar a Bíblia para as pessoas, é levá-las a conhecê-la e estudá-la, para que possam tomar decisões inteligentes. Porém, ao passo que a NT cresce e se expande, a transmissão da Palavra se torna cada vez mais superficial, como um medicamento homeopático, em que uma só gota se dilui em um volume de água imensurável. Nesta tarefa de levar o conhecimento da Bíblia às pessoas, as mídias podem ser grandes aliadas, mas não é isso que se constata na realidade concreta.

É raríssimo, por exemplo, localizar um indivíduo que não possua um *smartphone* – independente da classe social –, e que não esteja “conectado”, ou que não possua redes sociais, aplicativos diversos instalados em seu aparelho e uma vida virtual extremamente agitada. A virtualidade passou a ser o ambiente mais “frequentado” na atualidade, constatando que a evolução tecnológica nem sempre é acompanhada pela evolução nas verdadeiras interações humanas. A substituição das relações reais pelas virtuais resulta no esvaziamento emocional, que pode criar consequências de duas naturezas: por um lado, recorre-se ao consumismo na tentativa de preencher esse vazio; e, por outro lado, impele o indivíduo ao isolamento, que pode provocar sentimentos de tristeza, insatisfação, indiferença e, até, de revolta e violência. No segundo caso, temos um cenário em que a troca das relações pessoais pelas virtuais demonstra essa regressão emocional, apontada por Horkheimer e Adorno, que podem ocasionar situações de barbárie, visto que houve uma ruptura na capacidade de sentir empatia, por parte desses indivíduos.

No dia 08 de junho de 2024, antes da apresentação da sua bela mensagem sobre o Salmo 91, o Pastor Gilson Brito, naquele que entendemos ser o carro-chefe de todos os programas televisivos da IASD, “A Voz da Profecia”, disse, com toda autenticidade, entre outras coisas, que ele produz vídeos e palestras e usa a mídia não com o objetivo de “ficar famoso”, “atrair seguidores”. Sabendo que a exposição midiática tem como “efeitos colaterais” uma série de riscos sobejamente reconhecidos pelos psicólogos e outros profissionais estudiosos da área, infelizmente demonstrado em casos de grandes apresentadores da TV Novo Tempo, pontuamos que a organização adventista, de modo geral, e a Direção Geral da TV Novo Tempo, têm o dever de alertar e prevenir tais

²²⁹ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Pastor Antônio Tostes (Diretor-Geral da Rede Novo Tempo de Comunicação).

situações. Infelizmente, volta e meia, a igreja perde um membro, às vezes, servidores e até pastores.

Ao passo que a NT promove discursos alusivos à missão adventista, o crescimento desmedido de conteúdos mediados por veículos eletrônicos carrega consigo a degradação dos princípios fundamentais da IASD, a exemplo da reunião presencial que deu origem à própria igreja, na condição dos “Pequenos Grupos”, como enfatiza Ellen G. White, em seus escritos. Um dos resultados dessa hiper virtualidade religiosa é o crescente envolvimento de “influencers” adventistas em embates midiáticos de toda ordem, por exemplo.

Sem correremos o risco de nos inserir no rol de extremistas “Apocalípticos”, ressaltamos que os dados apresentados cumprem o papel de informar acerca dos números e não necessariamente do conteúdo veiculado pela NT, neste caso específico.

As igrejas adventistas com maior número de membros já transmitiam seus cultos pela Internet antes da pandemia; no entanto, durante a pandemia, os adventistas em geral recorreram a essas transmissões devido ao fechamento das igrejas e; no período pós-pandemia, muitos membros não voltaram a frequentar os templos, como antes. Este é o maior e mais nefasto legado da pandemia para a IASD: o apego e uso exacerbado ao Púlpito Eletrônico. Repetimos: não se trata aqui, conforme enfatizamos ao longo desta pesquisa, de uma demonização do Púlpito Eletrônico, que, está mais do que comprovado em números e especialmente naqueles resultados que não podem jamais ser mensurados; não, o que cotejamos aqui é a racionalidade crítica é o estudo acima da superfície do desvirtuamento e/ou uso exacerbado do Púlpito Eletrônico – impondo-o insanamente como um sucedâneo dos cultos e demais serviços religiosos, da koinonia ou comunhão entre os membros da IASD, da genuína comunidade e da eclésia – a verdadeira Igreja, visível e invisível, de nosso Senhor Jesus Cristo.

4.5 Política externa e interna na IASD: uma relação complexa

4.5.1 A Igreja na política

Este é, sem dúvida, um dos assuntos mais polêmicos da IASD, e não à toa, o pesquisador se refere a ele como “tema tabu”, principalmente pelo histórico do adventismo na Alemanha, à altura da Segunda Guerra Mundial, quando da sua adesão ao nazismo, como fora longamente discutido no capítulo 3. Este episódio lamentável foi

negativamente – ainda que infinitamente em menor grau – replicado por uma grande parcela de membros da IASD, no Brasil, durante as eleições presidenciais de 2018 e, mui especialmente, 2022, as quais foram disputadas, basicamente, por dois grupos partidários bastante distintos: a Esquerda e a Extrema Direita. Nesse contexto, a extrema direita, representada pelo candidato Jair Messias Bolsonaro – eleito em 2018 –, expunha explicitamente sua inclinação à intolerância, ao preconceito, à violência e uma profunda admiração pelo líder nazista Adolf Hitler, responsável pelo Holocausto.

Isto posto, ressalta-se que o posicionamento da IASD frente à adesão à política partidária é neutro, uma vez que, como instituição religiosa, sua ênfase se volta ao cumprimento da missão evangelística. Outrossim, ser apartidária não consiste em ser apolítica, muito pelo contrário, a igreja incentiva os seus membros a exercerem a cidadania, a comparecerem as urnas expressando seu desejo e votando. A igreja possui um documento que orienta seus servidores; a Novo Tempo não pode, por exemplo, em período de eleição, abrir espaço para qualquer candidato.

Afunilando um pouco mais a questão da Igreja na política, nós sabemos que desde a primeira Senadora adventista (Eunice Michiles), passando pelo Espírito Santo (o ex-Deputado Estadual Délio Parrini Iglésias – que se juntou à banda podre da política capixaba), Eurídes Brito (Deputada do DF – flagrada com a sua bolsinha aberta recebendo propina), tivemos várias denúncias envolvendo políticos ligados à IASD. Salvo algumas raras exceções, parece que as incursões de adventistas na política, aqui no país, não estão trazendo ganhos reais para a imagem da Igreja.

Não obstante esses casos flagrantes de corrupção e desvios éticos, a bem da verdade é importante ressaltar que a IASD tem um posicionamento claro no tocante ao envolvimento político dos seus pastores, administradores, funcionários e mesmo os membros de igreja. Nesse quesito, quanto ao envolvimento direto de membros, pastores e influencers adventistas – assumindo posição político-partidária em favor de determinados candidatos – nas últimas eleições presidenciais, pontuamos que a Igreja Adventista se posicionou corretamente, no sentido de ter um voto.

A esse respeito, às vésperas das eleições presidenciais de 2018, no Brasil, a liderança da IASD na América do Sul pontuou a preocupação com o direcionamento das eleições daquele ano, e estabeleceu um documento no qual emitiu os princípios a serem adotados pelas igrejas. A *Revista Adventista*, em agosto de 2018, publicou uma matéria

em relação à igreja e a política.²³⁰ Foram abordados quatro temas, a saber: 1. Discrição; 2. Avaliação; 3. Oração; e 4. Escolha. Temas que resumem o que, de fato, corrobora aos princípios adventistas, principalmente no que se refere à separação entre Igreja e política partidária.

4.5.2 A política na Igreja

Segundo Margarida Kunsch, em *A Comunicação como fator de humanização nas organizações* (2019), as manifestações de despotismo, distanciamento das pessoas, falta de empatia e diálogo com os liderados, rejeição e, muitas vezes, perseguição aos que pensam diferente, no fundo, expressam sintomas de insegurança quanto ao posto de poder e despreparo para as funções hierárquicas. Considerando a IASD do ponto de vista institucional, a Comunicação Organizacional Integrada é uma das possibilidades de superar diversos desafios de ordem organizacional, como as disputas hierárquicas, por exemplo. Portanto:

[...] A preocupação se volta agora à renovação dos estilos de gestão, que passam a ser mais voltados às pessoas, mais descentralizados e participativos e, pelo menos em tese, mais direcionados a satisfazer necessidades humanas como a dignidade e a valorização das competências individuais. [...] o que se anuncia é a superação de paradigma linear-cartesiano, causal, no qual os indivíduos estão submetidos à autoridade e aos desígnios da ordem de um todo que a tudo domina e controla, para um paradigma emergente, sistêmico e complexo, capaz de dar conta de novos desafios impostos pela diversidade, pela imprevisibilidade e pela complexidade. (KUNSCH, 2019, p. 11)

Na perspectiva de elaborar uma análise comparativa, recorremos a George Knight, em sua obra sobre a história e os desafios do adventismo, quando observa que, ao longo dos tempos, a igreja tem enfrentado questões internas que, se não bem direcionadas, podem enfraquecer o zelo e a fé de seus membros. Para Knight, a solução está em um compromisso renovado com o propósito espiritual e com Cristo como o centro. Ao enfatizar a centralidade de Jesus, ele argumenta que o cristão precisa estar enraizado em uma experiência pessoal de fé que transcenda as preocupações institucionais. Knight acredita que o foco em Cristo ajuda a manter a igreja unida, acima de divisões ou disputas, permitindo que o corpo de Cristo se edifique em um espírito de amor e missão.

230 Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/os-adventistas-e-as-eleicoes/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Fernando Canale, por sua vez, em sua análise da estrutura e natureza do tempo na Teologia, salienta que a centralidade de Cristo é o que conecta os membros da igreja à eternidade divina. Para ele, os problemas institucionais podem ser superados quando o indivíduo cristão se volta para uma visão transcendental da fé, na qual o relacionamento com Cristo é priorizado acima das questões temporais.

Segundo Canale, quando fixamos o olhar em Jesus, nossa visão é elevada para além das questões humanas, e passamos a viver em sintonia com o plano eterno de Deus. Isso "ressignifica" as dificuldades, oferecendo uma perspectiva mais ampla e duradoura. Em "Testemunhos para a Igreja", Ellen White enfatiza que as disputas dentro da comunidade cristã enfraquecem a fé dos crentes e desviam o foco da missão. Ellen encoraja os cristãos adventistas a permanecerem firmes em sua conexão com Cristo e a não se deixarem abater pelas lutas humanas. Para ela, o papel do cristão é olhar para Jesus como nosso exemplo e força, confiando que Ele é capaz de nos conduzir através de qualquer tempestade, interna ou externa. White chega a afirmar que, ao olharmos para Cristo, encontramos não apenas força para perseverar, mas também um lembrete constante de nossa verdadeira missão como igreja.

Amin Rodor, estudioso contemporâneo adventista, complementa essas ideias, destacando que a Igreja é chamada a refletir o caráter de Cristo. Ele argumenta que as disputas e divergências são consequências da natureza humana e que, sem uma âncora espiritual sólida em Cristo, a igreja corre o risco de desviar-se de seu propósito. Rodor destaca que, ao manter nossos olhos em Jesus, fortalecemos nosso compromisso com a fé, lembrando que é Ele quem nos chama e nos capacita. Para ele, o foco em Cristo ajuda a superar os desafios institucionais e a direcionar as energias para o que realmente importa: o testemunho cristão e o avanço do evangelho.

Em relação às posturas hierárquicas da instituição religiosa, Kunsch (2019) assevera:

Se vemos o mundo como fixo e naturalmente hierárquico, então a exploração daqueles que são diferentes de nós se torna não apenas possível, mas também legitimada pelo regime da verdade, sob a qual operamos. Se vemos o mundo como definido por um interesse em eficiência, então iremos querer interpretar tudo por meio de um regime de eficiência, quer se trate de trabalho ou amor, educação de crianças, identidade, etc. (KUNSCH, 2019, p. 25)

Quanto à estrutura administrativa da IASD, além do presidente, secretário e tesoureiro, vice-presidentes, departamentais e servidores, entre secretárias e demais funcionários, a Divisão Sul-americana é um dos 13 escritórios da Associação Geral da

Igreja Adventista do Sétimo Dia, ou Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. É uma Divisão bastante estruturada, e está entre as maiores Divisões, em termos de estrutura, de recursos, e, também, em termos de visibilidade, posto que está sediada num dos países com maior visibilidade Adventista do mundo, que é o Brasil. Ela tem, hoje, em torno de 2,5 milhões de membros, divididos em, praticamente, mais de 30 mil congregações, que são igrejas e grupos, em oito países Sul-americanos. A Divisão tem uma estrutura de escritórios de Administração, os Vice-Presidentes, o Assistente da Presidência, que é uma função que foi criada há algum tempo, os Líderes de Departamentos; alguns departamentos já têm um pessoa cuidando, exclusivamente, deles, o que, talvez, não acontecesse há 40/50 anos atrás; também, a administração da Divisão, conta com algumas áreas que se estruturaram mais, para dar atendimento aos obreiros, como o Instituto Adventista de Jubilação e Assistência (IAJA); e a parte de saúde, o PROASA, que é o plano dos funcionários, ele passou a ser um dos planos de uma nova instituição de saúde, chamada *Adventist Health*, que foi instituída em 2024. A Divisão, hoje, possui algumas instituições que estão ligadas diretamente a ela: a *Adventist Health*; o IATC, que é o Instituto Adventista de Tecnologia; a Superbom, que é uma indústria de alimentos; a Casa Publicadora Brasileira e; a Rede Novo Tempo de Comunicação. Na parte hispana, há a *Associação Casa Editora Sul-americana*, que é uma editora que fica na Argentina; a *Granix*, que é uma fábrica de alimentos, também localizada na Argentina. Elas não são instituições de Uniões de campo, são instituições ligadas diretamente à sede Sul-americana da Igreja Adventista.²³¹

Se a estrutura descrita acima parece algo grandioso, Rodor, na obra *Quem é o maior?* (2017), dimensiona o que significa, aos olhos de Deus, a verdadeira “grandeza”:

Jesus inaugurou uma nova rota de grandeza: “Grande é aquele que serve”, uma ética desconhecida de todos os que estão fixados na “direita e esquerda” do trono. Ele inverte a pirâmide do poder. Grande não é aquele que se assenta no topo de posições e recebe aclamação servil de associados, os quais estão buscando “posições elevadas”. Para Cristo, grandes são os que se colocam na base da pirâmide e são fortes o suficiente para, com seus ombros, ministrarem e servirem, esvaziados da mentalidade e das práticas dos gentios. Jesus injetou uma palavra nova na Sua fórmula de sucesso verdadeiro: “servo”. Aqui, a norma é revolucionariamente nova. Liderança real e grandeza não são medidas pelo número das pessoas que nos servem, temem e obedecem, mas pela realidade do serviço prestado aos outros sem trombetas, sem holofotes, sem palcos. (RODOR, 2017, p. 47)

²³¹ Fundamentado na vasta experiência ministerial deste pesquisador e em informações colhidas junto ao Jornalista Felipe Lemos (Assessor de Comunicação da Divisão Sul-americana da IASD).

Rodor, ainda, reforça a perspectiva de, ao denunciar as disputas por poder dentro do cristianismo:

[...] O desejo de grandeza hierárquica na escala do “verticalismo” e “carreirismo” religioso, expressos em termos posições alcançadas ou mantidas por manobras da “política clerical”, na conhecida “dança das cadeiras”, é uma das piores formas de imitação do mundo fora de Cristo. Líderes da Igreja em todos os níveis, da esfera local até os seus mais altos escalões, com incontrolável fome de “sucesso”, “estadistas da Igreja”, em muitas circunstâncias praticam aquilo que o mundo faz e honra. Visto que tais coisas são atrativas na sociedade secular e se harmonizam com a natureza humana caída, costumes pagãos têm sido importados por “líderes” ditos cristãos. E, enquanto nos preocupamos exclusivamente com o mundanismo mais visível, os batons, brincos e esmaltes das meninas, desconsideramos uma ordem direta de Cristo: “Entre vós não será assim” (Mateus 20:26). Não é estranho? Coando ciscos, engolimos dinossauros! (RODOR, 2017, p. 49)

Na teoria, existe consenso com Paulo. A fé cristã, segundo o apóstolo, não se mantém firme pela mera adesão a uma instituição, mas pela relação viva e contínua com Jesus. Mas isso é um desafio individual que está se tornando raro na agenda institucional dos púlpitos.

“Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto” (Jeremias 23:1-2). Neste trecho, Deus reprova os pastores de Israel que, em vez de protegerem e cuidarem das ovelhas, dispersam e destroem o rebanho. A imagem do pastor na Bíblia é carregada de significado: ele é o responsável por guiar, proteger e alimentar o povo de Deus. Quando um líder, que deveria ser uma figura de cuidado, causa prejuízo ao rebanho, ele perverte o papel que lhe foi confiado. Jeremias denuncia essa conduta como uma grave injustiça contra o próprio Deus, pois as “ovelhas” não pertencem aos líderes, mas ao “pasto do Senhor”. Em João 10, Jesus se apresenta como o “bom pastor” que dá a vida pelas ovelhas, contrapondo-se aos “mercenários” que abandonam o rebanho diante do perigo. Deus promete, então, visitar os pastores corruptos por seus atos e trazer juízo sobre eles. Em outras palavras, eles seriam responsáveis pelas vidas que se perderam devido à sua negligência.

“Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos” (Ezequiel 34:2). Em Ezequiel, Deus mais uma vez repreende os pastores de Israel, desta vez, especificamente pelo egoísmo. Esses líderes se preocupavam em “apascentar a si mesmos” – isto é, em buscar benefícios pessoais em vez de cuidar do rebanho. Eles usavam a posição de liderança para obter vantagens, aproveitando-se do povo em vez de servi-lo. Esse comportamento é uma violação direta dos princípios do amor e do serviço que Deus

espera de seus líderes. Ezequiel 34 prossegue dizendo que esses pastores negligenciam as ovelhas fracas e doentes, em vez de fortalecê-las e curá-las. A condenação é clara: Deus tomará o rebanho das mãos desses líderes egoístas e Ele próprio será o pastor de Israel, mostrando um zelo profundo pelo seu povo. Esse tema se repete no Novo Testamento, em João 10, onde Jesus denuncia os "ladrões e salteadores" que vieram antes d'Ele, comparando-se ao verdadeiro pastor que conhece e cuida de suas ovelhas.

"Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas" (Mateus 23:15). Nos evangelhos, Jesus denuncia publicamente os escribas e fariseus por sua hipocrisia. Eles percorrem grandes distâncias para fazer um prosélito (um convertido ao judaísmo), mas acabam transformando essa pessoa em "filho do inferno duas vezes mais" do que eles mesmos. Jesus aqui denuncia a prática de um proselitismo vazio e legalista que, ao invés de trazer vida, sufoca e corrompe a fé. Em vez de promover uma transformação genuína, os líderes religiosos da época impunham uma carga de tradições e exigências que afastavam as pessoas de Deus.

Essas palavras refletem uma crítica à superficialidade e ao legalismo. Em vez de guiarem o povo a um relacionamento autêntico com Deus, esses líderes preocupavam-se apenas com a observância de regras, negligenciando o coração da fé. O profeta Isaías também adverte contra esse tipo de culto superficial, dizendo que "este povo se aproxima de mim com a sua boca, mas o seu coração está longe de mim" (Isaías 29:13). Jesus reitera que o verdadeiro valor da lei está no amor e na justiça, algo que os líderes de seu tempo haviam negligenciado. Esses três "ais" revelam a indignação de Deus com lideranças que colocam o egoísmo, a negligência e a hipocrisia acima do cuidado amoroso. A Bíblia ensina que a verdadeira liderança no povo de Deus é uma liderança de serviço. Jesus resumiu esse ideal em Marcos 10:45, dizendo que o Filho do Homem "não veio para ser servido, mas para servir". Deus espera que seus líderes ajam em humildade, cuidando do rebanho e não buscando seus próprios interesses.

Ellen White, em *Obreiros Evangélicos*, adverte que líderes espirituais têm uma responsabilidade sagrada e devem atuar com pureza de coração, dedicados a servir e não a serem servidos. Ela destaca que Deus não tolera o abuso de poder dentro da igreja, pois tal comportamento desvia as pessoas de um relacionamento autêntico com Cristo. Fernando Canale e George Knight também ressaltam, em suas obras, a necessidade de uma liderança baseada no caráter e na missão de Cristo, enfatizando que a igreja é prejudicada quando seus líderes não refletem o caráter de Cristo.

Ao aplicar esses "ais" à vida cristã, somos lembrados de que Deus não aceita uma fé que se alimenta da superficialidade ou que oprime os outros. Esses textos são um convite a que examinemos o coração de nossa fé e a pureza de nossas intenções, buscando refletir o amor e o cuidado que Deus espera que os líderes transmitam ao seu povo. Em última análise, a liderança cristã é um chamado ao serviço sacrificial, seguindo o exemplo de Jesus, que é o "bom pastor".

4.6 Comunidade de volta ao início: os “Pequenos Grupos”

Pesquisadores da Universidade de Pensilvânia concluíram que “abraçadores são mais felizes”. Outro estudo ligou abraços comum percentual menor de enfermidades. Então saúde as pessoas para o seu próprio bem e experimente a felicidade de mostrar às pessoas o quanto elas são valiosas. E saúde as pessoas por elas mesmas. O que é pequeno para você pode ser enorme para elas.²³²

Logo na introdução de sua obra paradigmática, *Communitas: origem e destino da comunidade*, o renomado escritor Roberto Esposito²³³, expõe sua visão pragmática sobre comunidade na contemporaneidade:

Nada parece estar mais em pauta do que um pensamento da comunidade: exigido, reclamado, anunciado por uma conjuntura que estreita, em um mesmo nó epocal, a falência de todos os comunismos à miséria dos novos individualismos. No entanto, nada está menos à vista. Nada é tão remoto, recalcado, remetido para um tempo que está longe de vir, a um horizonte distante e indecifrável. [...] a comunidade não é traduzível no vocabulário filosófico-político, a não ser a preço de uma distorção – ou mesmo perversão – insustentável, da qual o nosso século teve uma experiência bem trágica. Isso pode parecer contraditório com a tendência de certa filosofia política a reconhecer na questão da comunidade o seu preciso objeto. Mas é justamente essa redução a “objeto” do discurso filosófico-político que submete a comunidade a uma linguagem conceitual que a deforma no exato momento em que tenta nomeá-la: a do indivíduo e da totalidade, da identidade e da particularidade, da origem e do fim. Ou, mais simplesmente, do *sujeito* com todas as suas mais irrenunciáveis conotações metafísicas de unidade, absolutez, interioridade. (ESPOSITO, 2022, pp. 7 -8)

²³² Disponível em: <https://www.maxlucado.com.br/devocional-diario/a-maior-saudacao-da-historia/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

²³³ Professor de Filosofia Teórica na *Scuola Normale Superiore*, em Pisa, na Itália.

Como reavivar a Igreja do Século 21: o poder transformador dos pequenos grupos é o título da obra de Russell Burrill que sugere uma restauração das relações comunitárias entre os seres humanos, tal qual nos aponta a Bíblia.

Nessa esteira, Burrill enfatiza a necessidade de a Igreja Adventista retornar às suas raízes bíblicas, destacando a importância de uma igreja vivificada pelo Espírito Santo, fiel à sua missão, em contexto mundial. Para Burrill, fundamentado pelos ensinamentos de Jesus, é este modelo que as igrejas devem seguir para promover uma verdadeira comunidade de fé – em oposição a estruturas hierárquicas e centralizadas –, embora enfatize que é o Espírito Santo que age nesses grupos, quando se reúnem em verdadeiro compromisso missionário.

Acho que a essência dos pequenos grupos é o coração do que a igreja é: comunidade. Os pequenos grupos não são uma panacéia para todos os males da igreja. Pequenos grupos não salvarão uma igreja que esteja morrendo e não rejuvenescerá uma que esteja em declínio. É somente o Espírito Santo operando em nossas igrejas quem pode trazer verdadeira transformação. Porém, os pequenos grupos podem ser um importante veículo para facilitar o derramamento do Espírito Santo. Somente a presença de Jesus pode transformar as pessoas, e Sua presença é manifestada por meio do Espírito Santo, que facilita o crescimento de indivíduos e da missão da igreja através de comunidades de pequenos grupos. (BURRILL, 2005, pp. 20-21)

Ellen White, por exemplo, ao afirmar que a Igreja Adventista deve esforçar-se continuamente em adaptar-se às mudanças culturais, desde que o critério fundamental da IASD, ou seja, a obediência às Escrituras, seja mantida. Nesse sentido, uma das estratégias que a cofundadora da Igreja Adventista sustenta, seguindo o modelo do próprio Jesus e seu ministério, é a criação e manutenção dos “pequenos grupos”, que, em face do Púlpito Eletrônico, têm a finalidade de manter a comunhão da comunidade adventista, na união presente em corpo, mente e espírito, guiados pelos princípios da Igreja Adventista primitiva, laborando em cima do “princípio da reprodução” (João 15:1-8, ARA) instituído por Jesus – criando discípulos para criarem discípulos.

Burrill acrescenta:

Você pode procurar em todos os mais recentes livros sobre pequenos grupos, e não encontrará uma definição de pequeno grupo melhor do que essa dada aqui por Ellen White. Ela declarou que a idéia [sic] de dividir a igreja em pequenas companhias fora-lhe dada por Um que não podia errar. Isso é uma autenticação divina dos pequenos grupos. Nada podia ser mais claro do que esse ressonante endosso que Ellen White dá ao ministério dos pequenos grupos. Ela então passa a definir o que deveria acontecer nos pequenos grupos e indica que eles deveriam se preocupar com evangelismo, oração, estudo da Bíblia, encorajamento e cuidado mútuo, e que acima de tudo eles deveriam criar comunidade.

[...] Essa única afirmação deveria pôr fim a qualquer má vontade que qualquer adventista possa ter em relação ao ministério dos pequenos grupos. Ellen White não poderia ter se expressado mais claramente. A Igreja Adventista deve ser edificada sobre o ministério dos pequenos grupos. (BURRIL, 2005, p. 149)

Essa necessidade, porém, esbarra em diversos obstáculos, principalmente por parte da própria igreja, que tem desviado o foco, *grosso modo*, para questões secundárias, sem mencionar os inúmeros eventos degradantes em virtude do culto ao poder, dentre outros aspectos negativos, como o desvirtuamento do Púlpito Eletrônico.

Cristãos isolados não são realmente cristãos bíblicos, mesmo que seus nomes estejam nos livros de nossas igrejas. A comunidade não é alcançada quando alguém se torna membro, mas tampouco é alcançada sem se tornar membro. Comunidades atenciosas, em que as pessoas realmente ministrem umas às outras, são a base para cumprir a missão nas igrejas adventistas, no começo de um novo milênio. (BURRIL, 2005, p. 21)

A propósito, fala-se muito e, até se demoniza alguns grupos destes ou “ministérios independentes”; um destes é o IAGE. O grupo “Adventistas no Campo” foi criado por Raphael L. Teixeira, membro da IASD. O IAG tem sido o ministério de sustento próprio mais forte, mais próspero na atualidade. E ele tem ocupado um espaço que as igrejas, as instituições aqui no Brasil têm deixado a desejar. O relato que se segue fora um testemunho já exposto no capítulo 3 desta pesquisa, ao qual remontamos, oportunamente:

Sou membro da IASD há mais de 32 anos e sempre fui fiel dizimista, e nunca fiz nenhuma doação ao IAGE, nem comprei nada do IAGE. Em maio passado, por ocasião das enchentes no Rio Grande do Sul, fui até a Associação da IASD solicitar que me fornecessem livros para serem distribuídos nos abrigos de desabrigados, nos quais eu estava fazendo um trabalho de capelania, a Associação me forneceu alguns folhetos, 10 Bíblia, uns 6 livros variados e alguns estudos bíblicos. O SELS me doou 20 revistas Nosso Amiguinho. Pedi *O Grande Conflito* e me disseram que somente na loja da CPB teriam.

Na loja da CPB me informaram que não poderiam doar nenhum livro *O Grande Conflito*, que eu teria que comprá-los. Então comprei 5 caixas.

Como a demanda era muito grande, entrei em contato com o Silverino Kull, a quem, praticamente, só conheço através de ver os vídeos e stories no Facebook, pedindo uma doação de livros. Ele nem sabia quem eu era. Resumindo, o IAGE me doou 3.520 livros *A Grande Controvérsia* (O Grande Conflito ilustrado, em papel de muita qualidade e com o conteúdo na íntegra) e quase a mesma quantidade de livros *A Felicidade Plena* (Caminho a Cristo). Além de 120 cobertores e várias malas com roupas de inverno e calçados.

Quem fala mal do IAGE é porque não conhece o trabalho que estão realizando. Quem diz que são dissidentes, é porque nunca conversaram com alguém do IAGE e estão sendo papagaios de alguém que está

incomodado porque esse livro tão odiado pelo diabo, está sendo distribuído como folhas de outono.²³⁴

Outra questão que este pesquisador tem acompanhado de perto ao longo de décadas é a dificuldade que as pessoas têm para abordar estas questões de “vida no campo” – que, diga-se de passagem, são importantes e estão cada vez mais presentes e em discussão na mídia – sem que resvalam para extremismos ou fanatismo religioso.

A relevância do grupo “Adventistas no Campo”, para troca de experiências, conteúdos e saberes para a formulação de planos e projetos por parte dos membros da Igreja Adventista aos moldes whiteanos, é expresso pelo pesquisador durante uma conversa que teve com Raphael Teixeira, criador do referido grupo: “Então, o seu “Adventistas no Campo” conta com quase 500 membros e temos visto lá muita troca de informações e, também, pesquisas e informações relevantes sobre como se estabelecer no campo. Essa “nova” forma de comunidade pode ser interpretada como uma possível volta ao início daquilo que Ellen White chamou de “Pequenos Grupos”.

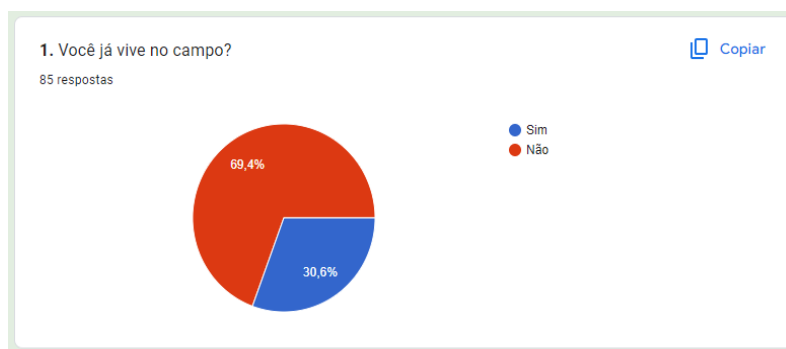
À medida que as aflições se adensam ao nosso redor, serão vistas em nossas fileiras tanto separação como unidade. [...] Quando a tempestade da perseguição realmente irromper sobre nós, as ovelhas genuínas ouvirão a voz do verdadeiro Pastor. [...] O povo de Deus se unirá e apresentará ao inimigo uma frente unida. Diante do perigo comum, cessará a luta pela supremacia; não haverá disputas sobre quem será considerado o maior. Nenhum dos crentes genuínos dirá: ‘Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas’ (1Co 1:12). O testemunho de cada um e de todos será: ‘Eu me apego a Cristo; regozijo-me nEle como meu Salvador pessoal.’ [...] O amor a Cristo e o amor aos nossos irmãos testificarão ao mundo que temos estado com Jesus e aprendido dEle. Então a mensagem do terceiro anjo se transformará num alto clamor e toda a Terra se iluminará com a glória do Senhor. (WHITE, 1917, pp. 400-401)

Raphael L. Teixeira, neste seu grupo, realizou uma pesquisa online intitulada “Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade”, com o objetivo de constatar a relevância da Internet para a comunicação do evangelho entre os cristãos que vivem no campo. Nela, constam questões relacionados à real importância das mídias comunicativas para a evangelização no campo, posto que, à época da fundação da IASD a partir dos “Pequenos Grupos”, a comunicação se dava de maneira direta, na presença real dos membros daquela comunidade.

234 Entrevista concedida ao pesquisador Elizeu Lira, em 30 de julho de 2024, por meio do grupo Adventistas no Campo. Disponível em: <https://projetoHupomone.blogspot.com/2024/08/testemunho-sobre-o-iage.html?m=1>.

Os cinco gráficos elaborados a partir das perguntas e respostas dos 85 participantes da pesquisa podem ser apreciados abaixo:

Gráfico 1 – Vida no campo



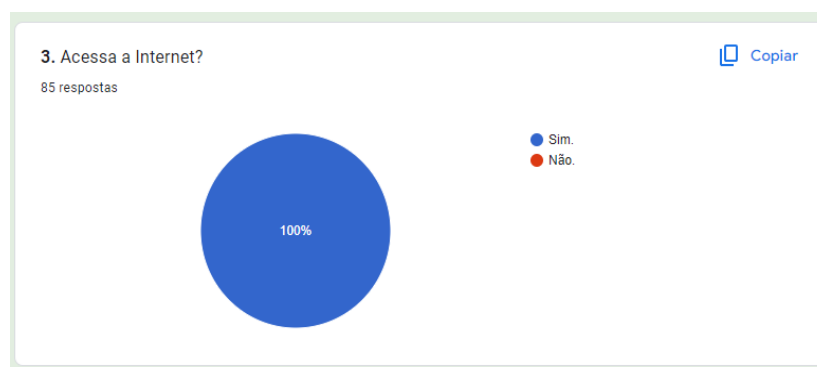
Fonte: *Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade* (Raphael L. Teixeira).

Gráfico 2 – Membro da IASD



Fonte: *Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade* (Raphael L. Teixeira).

Gráfico 3 – Acesso à Internet



Fonte: *Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade* (Raphael L. Teixeira).

Gráfico 4 – Importância da Internet para a evangelização



Fonte: *Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade* (Raphael L. Teixeira).

Gráfico 5 – Tempo de participação nas atividades virtuais da Igreja



Fonte: *Vida no Campo, Evangelismo & Conectividade* (Raphael L. Teixeira).

Cruzando os dados percentuais da pesquisa de Raphael, constata-se que, apenas 30,6% já vive no campo, enquanto a maior parte dos respondentes (69,4%) não vive. Porém, 95,3% é membro da IASD, uma maioria esmagadora em relação aos 4,7% que não são membros. Considerando que a maior parte dos participantes não vive no campo, 100% afirmaram usar a Internet, embora, mesmo no campo, o acesso à Internet seja bastante significativo em inúmeros territórios. Em relação ao uso da Internet como “imprescindível para a evangelização”, as respostas foram equilibradas, todavia, o percentual que respondeu afirmativamente (55,3%) ultrapassa os demais (44,7%), dado preocupante, à primeira vista, quando se considera a relevância atribuída às infotecnologias para o cumprimento da evangelização, uma vez que os modelos tradicionais, ou seja, a reunião presente dos membros da igreja no templo físico parece não suprir as demandas espirituais, por assim dizer. Entretanto, a internet cumpre um

papel importante na veiculação da Mensagem nos locais e culturas mais distantes e distintos. A questão central está no termo “imprescindível”, dedicado à Internet para a evangelização, o que demonstra ser um aspecto sintomático dos efeitos da pandemia, isto é, o Púlpito Eletrônico.

O dado mais relevante, no entanto, se refere ao tempo dedicado ao uso da Internet nas atividades religiosas da IASD, em que, dentre as sete fatias do gráfico, a terceira maior (16,5%) gasta de 25% a 50% do tempo com atividades religiosas virtuais, enquanto a maior parte (41,2%) gasta apenas, de 1% a 10% do tempo com atividades virtuais da IASD.

Ao cruzarmos este último dado aos dados da primeira pergunta (“Você já vive no campo?”), em que a maioria afirma não viver no campo, ou seja, vive na cidade, talvez pudéssemos justificar o percentual de membros da IASD que utiliza a internet para realizar atividades da Igreja, pois, apesar de todos os respondentes terem cesso à Internet, os moradores da cidade são maioria entre os usuários da internet para realizar atividades da IASD, posto que são a maioria entre os respondentes da pesquisa.

Este estudo aponta resultados bastante interessantes em relação à vida no campo e o uso das infotecnologias para a difusão do evangelho, uma vez que, conforme experiências de membros que viveram e vivem no campo, constantemente discutidas no grupo criado por Raphael L. Teixeira, o “Adventistas no Campo”, que já conta com quase 500 membros, a vida no campo parece ser o “caminho de volta”, o retorno ao início, àquilo que Ellen G. White já profetizava como única saída para o resgate das verdadeiras raízes da comunhão presente entre os membros da comunidade adventista primitiva: os “Pequenos Grupos”.

Comentando essa mudança e consequente inversão de propósitos e de prioridades, que funciona como se “a cauda passasse a mover e controlar o cachorro”, Fowler cita os grandes prejuízos causados à Igreja, na erosão da verdadeira comunhão entre os membros, bem como a deturpação do ministério pastoral e, consequentes, perda de foco na priorização da pregação da Palavra e evangelização – pela ênfase na estrutura burocrática, com sua hierarquia, seus líderes e administradores e sobrevivência e manutenção dos aparatos institucionais:

Uma Igreja institucionalizada tende a subordinar o ministério pastoral e o ministério da Palavra a uma organização. Ao invés da congregação, a instituição e sua liderança tornam-se o foco principal. Ao invés de honrar os homens que ministram a Palavra de Deus, a Igreja institucional tende a honrar aqueles que têm mais controle e poder. A instituição desenvolve rapidamente uma hierarquia de cargos e

posições, de modo que quanto mais elevada é a posição da pessoa, mais autoridade, controle e honra ela recebe. Aqueles que assumem posições mais elevadas são os que possuem mais poder para manter a instituição. *A tentação dos empregados institucionais é preservarem-se a qualquer custo e, assim fazendo, tendem a exaltar a si mesmos acima da Igreja como comunidade.* (FOWLER, 1997, p. 168)

Numa análise franca, criteriosa e honesta e numa descrição real dos efeitos deletérios do institucionalismo sobejamente verificáveis na IASD, o experiente administrador adventista John W. Fowler, tendo “servido a Igreja nos Estados Unidos como pastor, presidente de Associação e como ministerial nos níveis de Associação, União e Divisão”, enfatiza:

Essa é a razão por que os pastores são tão pouco apreciados e porque são os profissionais com os salários mais baixos da denominação. Devido ao fato de eles estarem principalmente preocupados com a Igreja como comunidade, os pastores têm pouco controle sobre ela como instituição e oportunidades mínimas para mantê-la. Consequentemente, eles não são valorizados pela instituição. Um obreiro sem formação acadêmica ou profissional que serve à Igreja institucional pode receber um salário melhor do que o pastor! [...] Por causa da grande ênfase institucional da Igreja sobre os negócios materiais e externos, ela tende a ser menos espiritual. *A primeira preocupação do pastor é servir e proteger a Igreja como uma comunidade. Se a Igreja como instituição torna-se demasiadamente dominante, ele a desafia.* Pode escolher criticá-la ou mesmo atacá-la, se ela ameaçar a Igreja como comunidade. (FOWLER, 1997, p. 168)

Fechando este capítulo, com uma reflexão de Fernando Canale (2004), naquilo que podemos chamar de “muitas igrejas em uma instituição”:

Embora sejamos membros da mesma denominação [a IASD] e ensinemos no mesmo sistema educacional, não pertencemos à mesma igreja. [...] Eu costumava pensar que todos os administradores, pastores e membros ao redor do mundo compreendiam a teologia e a missão adventista da mesma forma. Mais de vinte anos de ensino no Seminário Teológico da Universidade Andrews me mostraram que os adventistas divergem amplamente na maneira como veem a si mesmos, fazem teologia, se empenham na missão e até mesmo adoram a Deus. [...] O que nos mantém juntos é nossa sólida estrutura administrativa mundial. Uma vez fomos um movimento; hoje somos uma instituição. O movimento se originou, se desenvolveu e cresceu por causa de sua sólida teologia bíblica e autocompreensão. À medida que o movimento se institucionalizou, a teologia bíblica e autocompreensão do adventismo lenta, mas firmemente, se afastou de seu fundamento original. Uma sutil des-teologização da mente e da experiência adventista tomou lugar. [...] Por inúmeras razões, a característica mais importante da teologia adventista, o aspecto que evidencia sua singularidade e destino, geralmente passa despercebido nos círculos adventistas do dia a dia. A teologia adventista foi construída sobre o princípio da *sola Scriptura* [a Bíblia como única regra de fé (doutrina)]

e prática (conduta)]. [...] Inúmeras vezes Ellen White se referiu ao princípio da *sola Scriptura*. Ela elogiou Lutero por usar esse princípio (O Grande Conflito, p. 132), identificado como ‘o grande princípio protestante’ (p. 204). Ela assegura que, no fim dos tempos, ‘Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas’ (p. 595). [...] No início do século 21, a Igreja Adventista do Sétimo Dia está administrativamente unida, mas teologicamente dividida. Apesar das reafirmações bíblicas, o esquecimento ainda divide o adventismo hoje: esquecimento do princípio da *sola Scriptura*; esquecimento dos pilares [o santuário, as três mensagens angélicas etc.]; esquecimento do completo sistema da verdade, perfeito e harmônico. [...] Precisamos ir além de reafirmar o princípio da *sola Scriptura*, da doutrina do santuário e dos pilares do adventismo. Precisamos usá-los como visão interpretativa a partir do qual devemos descobrir por nós mesmos o completo sistema teológico que nossos pioneiros começaram a descobrir na Bíblia. [...] Precisamos mais do que doutrinas desconexas; precisamos ter pleno entendimento de sua interconexão e da diferença que fazem na vida cotidiana. (CANALE, 2004, pp. 5-8, 37, 39)

Isso posto, enfatizamos: acima de tudo, saúde as pessoas por causa de Jesus! Ele disse “O que vocês fizeram a algum dos Meus menores irmãos, a Mim o fizeram” (Mateus 25:40 NVI). Nesse sentido e diapasão, os Adventistas do Sétimo Dia creem que a maior saudação da história ainda não foi dada. Em sua concepção, ela será dada por Jesus, pessoalmente, em Sua vinda. Ele dirá “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mateus 25:23 NVI). Para os fiéis da IASD, cujo coração pulsa em sintonia com o amor a Deus e amor ao próximo, a verdadeira alienação – conforme descreve Paulo, entre várias ocasiões, em Efésios 2:1-3 – ocorre e se potencializa no (e pelo) viver “segundo o curso deste mundo” (Efésios 2:2) e, neste caso, a sua mais fiel tradução é vista num estar (viver) “separados da comunidade de Israel” [Do “novo Israel de Deus”: Efésios 2:13-19; Romanos 9:6-13] “e estranhos às alianças da promessa e sem Deus no mundo” (Efésios 2:12).

Portanto, para estes, da mesma forma que para todos os fiéis espalhados por todas as religiões do planeta (mesmo as mais esdrúxulas) e mesmo (o)as fiéis não ligados a nenhum credo e/ou religião institucionalizada (Romanos 2:14-16), mas que, da mesma forma que os primeiros, fazem parte da “Igreja Invisível” de Deus e, por isso, são “herdeiros da mesma promessa”, para todos, enfim, independente de coloração político-partidária ou de verniz denominacional, a certeza e segurança inabalável são as mesmas: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas

oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração” (II Pedro 1:16-19, ARA).

Apegados a esta “âncora da Fé” e nesta confiança inabalável, os pioneiros da IASD, como “remanescentes”: “Remanescente é aquilo que sobra, que resta ou que remanesce. Na língua portuguesa, o termo “remanescente” pode ser classificado como um adjetivo, relativo à qualidade daquilo que sobra...”, durante e após a experiência traumática do chamado desapontamento (22 de outubro de 1844), sobreviveram ao naufrágio da Fé agarrados nesta “prancha”: “Não abandonéis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Hebreus 10: 35-39, ARA). Não por acaso, os Adventistas do Sétimo Dia são rotulados como: “O povo da esperança!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enorme e reluzente banner de propaganda da empresa E-inscrição, que apareceu hoje (08/10/2024) na tela do computador, no Facebook, dizia: “Você quer realizar um evento cristão em 2024? Diga adeus aos métodos convencionais. Estamos redefinindo a forma como você vê a organização de eventos”. Logo abaixo, numa tarja branca – como se fosse a senha, ou palavrinhas mágicas (uma espécie de “Abre-te Sésamo!”) que funcionam como código de acesso ao “paraíso” –, são expostas as seguintes orientações: “Clique aqui, organize e crie seu evento em poucos minutos!”

Em tempo: a E-inscrição.com se apresenta de forma pomposa como “A maior plataforma de eventos cristãos do Brasil”.

Sim. O mundo mudou. As coisas mudaram. A Igreja mudou. Conforme adverte o escritor e palestrante corporativo Luiz Marins, em seu *Homo habilis: você como empreendedor*:

Quaisquer que sejam os produtos ou as empresas, é preciso agregar o fator entretenimento para obter sucesso. [...] A própria religião está descobrindo a importância do entretenimento. A Igreja Católica se torna cada dia mais alegre, por exemplo. As missas, que antes eram contemplativas, hoje são verdadeiras festas, com cantos, gestos e abraços. (MARINS, 2005, p. 26)

A IASD vive essa crise perene da “necessidade imperiosa”, para muitos dos seus administradores, pastores e fiéis, de “se adequar aos novos tempos” e/ou às “novas demandas” – para não se dizer, gostos e exigências – dos neo-adventistas (das novas gerações, para as quais já faltam letras no alfabeto, para a sua “classificação”) e, ao mesmo tempo, manter os seus “valores” e identidade denominacional. Para muitos dos seus intelectuais (escritores, teólogos, pastores, músicos, professores universitários, historiadores, etc.), tal empenho – além de desgastante e perigoso – é totalmente descabido e vão.

George Knight, que talvez seja quem melhor compreendeu e soube descrever esse dilema da IASD, didaticamente o expõe numa das suas dezenas de obras não publicadas no Brasil, nas seguintes palavras:

“A igreja é como uma senhora gorda que volta das compras” (Mateus 13:44-49). Minha mente se concentra em uma senhora obesa e suando profusamente – uma mulher parada diante de uma porta com os braços cheios de pacotes preciosos. [...] Se ela estender a mão para a maçaneta da porta, ela irá derrubar e estragar alguns de seus pacotes, mas se ela continuar a se agarrar a eles, ela nunca passará por ela. Sua situação é difícil. Ou seja, não importa que escolha ela faça, ela vai perder algo. A

única questão é: Qual opção representará a maior perda? [...] Lá está ela: suando, frustrada e aventurando-se em um pensamento construtivo de vez em quando – mas não pensando muito, para que não cause dor ou force-a a agir. Ela está dividida entre dois desejos alternados: (1) entrar em sua casa e descansar e (2) segurar todos os seus pacotes. Dividida por motivações conflitantes, ela é incapaz de agir em qualquer uma delas. O resultado é mais suor e indecisão, enquanto ela fica próximo ao alcance de seu objetivo. (Tradução livre, do livro: *A Senhora Obesa e o Reino*)

Estamos, especialmente após a pandemia, valorizando muito mais os “likes” nas postagens oficiais da Igreja, do que os resultados “práticos” (relevância para os leitores, retorno em termos mudanças de postura dos membros, ganhos espirituais, etc.) Há uma busca, em grande parte dos templos que tenho passado, (e eu preguei em algumas das maiores igrejas brasileiras da IASD, em suas geografias e segmentos: como a IASD Central de Hortolândia-SP, que tem mais de 1.000 membros e, também, no templo da IASD Novo Tempo da Praia da Costa, que, segundo eles, “é referência para todo o Brasil” entre os chamados ENOTES...) pela espetacularização do culto. TUDO é cronometrado e, conforme afirma Stein, o culto é um “show” – com banda, música de furar os tímpanos, canhões de luz (etc., etc.), que não deixa nada a dever aos grandes espetáculos de rock!

Nisto, se encaixa aquilo que Dornelles afirma, com total maestria, em *Cristãos em Busca de Êxtase* (2014): Gasta-se mais do que o dobro do tempo concedido ao pregador (para expor “a Palavra”) nestes “efeitos especiais” e as pessoas mergulham numa atmosfera de emocionalismo... Perguntamos: Onde está nisso tudo o “culto racional” descrito por Paulo em Romanos 12:1? Onde está aquela adoração descrita e enfatizada bastante por Jesus à mulher samaritana – João 4:23 e 24 – na qual “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”? Isso, numa análise acima da superfície das obviedades, com certeza nos conduzirá a um questionamento sobre a “fé”, no contexto bíblico, diante deste “hipermercado de concepções” proposto (e, também, imposto) na pós-modernidade. Contrariando o vaticínio de Nietzsche e de tantos outros “filósofos coveiros”, Deus nunca esteve tão “vivo” e presente na vida, corações e mentes, da humanidade, quanto neste final do primeiro quadrante do Século 21!

Depois do período da Idade Média, em que a Igreja ditava as regras, estabelecia e removia os reis, nunca, no Brasil e no mundo, a religião teve um papel tão decisivo nas grandes questões internacionais e planetárias! Nunca se falou tanto de Deus na mídia! Nunca se vendeu tantas Bíblias! Nunca se vendeu tantos livros religiosos (a Casa Publicadora Brasileira, onde este pesquisador trabalhou como editor, por mais de cinco anos, se ufana, em um dos seus periódicos, de ser: “a maior editora adventista do mundo”;

e, realmente, ela é, trata-se da “galinha dos ovos de ouro” da IASD: no Brasil, na Divisão Sul-Americana e, por que não dizer, para toda a IASD mundial!)! Nunca se falou e se buscou tanto a(s) espiritualidade(s)! Nunca tivemos tantas religiões! No entanto, olhando profeticamente para a nossa época, o Senhor Jesus vaticinou – forjando uma das perguntas mais enigmáticas de todos os tempos: “[...] contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na Terra?” (Lucas 18:8, ARA).

Com certeza, a pergunta de Jesus joga completamente por terra a ideia ingênua de que “todos os caminhos conduzem a Deus”, “tudo é expressão da Verdade”, “qualquer expressão de religiosidade é boa” (não importando se leva o indivíduo a não comer carne, em respeito à vida dos animais, ou se o leva a explodir “em nome de Alá”, numa escola infantil, matando dezenas de inocentes), ou: “qualquer crença é válida” e “qualquer demonstração de religiosidade é um registro da Fé bíblica” e, como tal, é “genuína”. Afinal, foi Ele mesmo que fez esta dura e solene advertência aos homens mais religiosos da sua época que, por sua vez, é endereçada aos fiéis de todos os tempos e de todos os matizes denominacionais:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade. (Mateus 7:21-23)

Portanto, acreditamos, esta é a percepção amadurecida há décadas deste pesquisador: fruto de suas incontáveis leituras e reflexões teológicas de mais de quarenta anos, que o questionamento de Jesus, tal qual no evento da “figueira amaldiçoada”, diz respeito mais ao que os indivíduos *ostentam ter e ser* ou querem parecer que possuem e são (Apocalipse 3:14-18), do que àquilo que, de fato, eles *realmente têm e são*. Trata-se de um “vinho adulterado” (Apocalipse 18:1-3), do apego e apresentação a Deus da requentada “oferta de Caim” (Gênesis 4:1-5), o “outro evangelho” de que fala Paulo (Gálatas 1:6-9), numa das suas incontáveis e sedutoras variantes; ou, ainda, pegando emprestado da MPB, alguns trechos da música que causou polêmica e furor entre os evangélicos brasileiros, trata-se do “Evangelho de Fariseus”:

Fazemos campanhas pra nós mesmos
Eventos pra nós mesmos
Estocamos o maná para nós
Oramos por nós e pelos nossos
O reino virou negócio
O dízimo importa mais do que os corações

Enquanto ele tá querendo
 Quem nós nem pensamos ou nos preocupamos
 Oramos errado há séculos, dias, horas e anos
 Nos afastamos
 Há um evangelho de Fariseus
 Cada um escolhe os seus
 E se inflamam na bolha do sistema
 Ah, enquanto isso, no Marajó
 O João desapareceu
 Esperando os ceifeiros da Grande Seara
 [...]
 Estamos apodrecendo o corpo de Cristo
 O sangue não tá circulando
 O sangue tá coagulando
 Estamos no ápice da Nova Era
 E a falsa noiva se rebela
 Contra o Noivo que espera ver
 Um caráter cristão

Desta emblemática canção que, por si só, fornece sobejos elementos para a elaboração de uma tese, destacamos o primeiro trecho para uma breve análise:

Fazemos campanhas pra nós mesmos
 Eventos pra nós mesmos
 Estocamos o maná para nós
 Oramos por nós e pelos nossos
 O reino virou negócio
 O dízimo importa mais do que os corações

Sim. Depois de ter trabalhado arduamente num “evangelismo sem fronteiras”, viajando milhares e milhares de quilômetros pelas estradas esburacadas – ou de “chão batido” – das Minas Gerais (região Oeste de Minas: Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba), este pesquisador vê com tristeza isso sendo replicado em muitas das grandes – e, também, pequenas – igrejas ou congregações da IASD que ele viu nascer e/ou ajudou a fazer crescer. Portanto, hoje, recusa-se – sem o mínimo de senso de culpa e/ou necessidade de prestar escusas – a participar de qualquer “campanha” ou “evento” para o qual não contemple relevância missiológica ou humanitária. Desse naipe, recentemente participamos do importante projeto “Quebrando o Silêncio”, com uma equipe formada por membros da IASD de Alto Umuarama. A campanha deste ano teve como tema: “INFÂNCIA AMEAÇADA: Como proteger nossos filhos da violência sexual”. Na farta distribuição de materiais na forma de revistas (uma para adultos e a outra para crianças e adolescentes) e folhetos, vimos, e de fato ocorreu, uma oportunidade singular para beneficiar a comunidade. As pessoas, ao receberem o material, não apenas agradeciam pela importância deste trabalho, como, também, buscavam mais informações e, de forma

espontânea, se comprometiam a replicar esse conhecimento em suas moradias, trabalho, escola e em suas respectivas comunidades.

Paulo afirmou que “somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens” (I Cor. 4:9). Com certeza, ele não está falando, aqui, de “Show da Fé”; mas, sim, do espetáculo do amor e caridade – que, na maioria das vezes, passa batido às multidões e aos holofotes e aplausos das grandes plateias. Nesse sentido e diapasão, conforme dizia um próspero empresário adventista, com quem este pesquisador fez grande amizade ao trabalhar em Guarapari, “Precisamos ter mais gente agindo e produzindo o ‘espetáculo’, do que gente na ‘bilheteria’.”! Esse espetáculo de que fala Paulo leva as pessoas não apenas a darem alguns trocados de ofertas ou esmolas para os pobres, leva-as a doarem a si mesmas pelo bem-estar dos demais:

Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus. (II Coríntios 8:3-5)

O “Show da Fé”, muito pelo contrário, pode até encher igrejas, render milhões aos cofres e produzir belíssimos “programas”, milhões de “seguidores” e likes; no entanto, as pessoas, a despeito de suas contas bancárias ou posição social e acadêmica, continuarão “pobres”, “nuas”, “cegas” (Apocalipse 3:14-18) e vazias – espiritualmente falando!

Um dos cicleros e responsáveis diretos pelo convite, para que este pesquisador apresentasse a mensagem no Espaço Novo Tempo da Praia da Costa, falou, em tons bastante ufanistas, das centenas de *lives* e milhares e milhares de visualizações dos cultos da referida igreja durante a pandemia; mas, conforme enfatizou-se ao longo desta pesquisa, em se tratando da IASD, ou qualquer outra igreja ou instituição religiosa, sempre será temerário e errático se analisar as questões apenas do ponto de vista pragmático dos números (sejam likes, seguidores, batismos, crescimento patrimonial, bilhões de dólares de arrecadação de dízimos mundial, entre outros).

Não, a IASD tem que ser analisada e mensurada à luz das suas pretensões de “herdeira da Reforma do Século XVI”, “Filhos de Lutero”, “o terceiro Elias” (Malaquias 4:5-6), “o Remanescente Fiel” e “A Igreja da Profecia” (Apocalipse 12:17 e 14:12). Neste sentido e diapasão – conforme artigo, escrito e publicado por este pesquisador, na *Revista Adventista*, principal periódico da IASD no Brasil –, faz-se uma analogia entre a queda das máscaras, no pós-pandemia, e a necessidade de se retirar outras tantas máscaras que se mantêm. Entre estas:

Máscara da indiferença & acomodação: Falando sobre o caráter pedagógico/educativo da Bíblia, Paulo afirma: “Porque tudo quedantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança”(Romanos 15:4, ARC). Desta forma, nos vemos representados nas exortações, advertências e repreensões que o Senhor faz em Suas Cartas às Igrejas. Como os membros da Igreja de Éfeso, muitas vezes abandonamos o primeiro amor; tais quais os cristãos da Igreja de Sardes, temos nome de que estamos vivos, quando na realidade estamos mortos e, tais quais os primeiros destinatários da Carta à Laodiceia, nos enganamos totalmente acerca do nosso verdadeiro estado espiritual – aceitando uma condição deplorável e perigosa: Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: “Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Apocalipse 3:14-16). [...] Tudo isso pode ser resumido numa palavra: formalismo. Trata-se de um pecado sutil e perigosíssimo, pois entra na congregação de Deus com a falsa aparência de espiritualidade e devoção. O formalismo é perigoso porque não se opõe aos ritos da religião: ao contrário, até enfatiza os cultos e as cerimônias. Tem cara de legalidade, mas é uma religiosidade vazia. É a troca da religião prática (Tg 1:27; Ez 16:49; Mt 23:23-28) pelas práticas da religião (Lc 18:10-12). (REVISTA ADVENTISTA, janeiro de 2022, p. 45)

Nesse quesito, os adventistas correm os mesmos riscos que os líderes e sacerdotes dos judeus, o povo de Deus do passado, que se ufanavam de sua origem e status e, no entanto, receberam de João Batista, e do próprio Jesus, as mais solenes e pesadas repreensões: “[...] e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; por que eu vos afirmo que até destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mateus 3:9, ARA). Eles, os judeus, se escondiam das injustiças sociais contra os pobres, os órfãos e as viúvas nos seus cultos hipócritas carregados de emocionalismo e êxtase; no entanto, Deus os condenou veementemente:

De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? — diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas. (Isaías 1:11-17, ARA)

Segundo Joseph Ratzinger, que ficou conhecido como Papa Bento XVI, um dos mais cultos e eruditos teólogos da Igreja Católica no século XX, o verdadeiro problema do nosso tempo é a “crise de Deus”, a ausência de Deus camuflada por uma religiosidade vazia. E isso tem sido explorado e retroalimentado pelos novos “vendilhões do templo” e, posto que gera monetização, fama e poder aos seus proponentes, só cresce e avança exponencialmente – através do Púlpito Eletrônico –, cumprindo e reeditando as palavras milenares proferidas pelo profeta Jeremias: “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jeremias 6:14).

O famoso escritor estadunidense Mark Twain, com aquela sua verve humorística que o consagrou mundialmente, costumava afirmar: “Sou um velho homem e conheci muitos problemas, mas a maioria deles nunca aconteceu” (RUSHNELL, 2009, p. 117). Quando se olha para as inúmeras questões problemáticas que a IASD enfrenta, quer no plano regional, desde a igreja local em que se frequenta (no caso deste pesquisador, a IASD de Alto Umuarama, pastoreada pelo simpático e comunicativo Marcelo Gomes, formado em Teologia e Publicidade), até o mais distante rincão do planeta em que esta denominação se encontra estabelecida, estadual, nacional ou mundial, face às ebulições das contínuas crises que o mundo enfrenta, à primeira vista, a percepção que se tem é de que a humanidade fracassou, todas as instituições – inclusive a IASD, junto com todas as demais denominações religiosas – fracassaram, e que não resta mais nenhuma esperança!

Como lembra Greg Laurie, em seu clássico *Apaixonados por Deus: vivendo a paixão que transforma o mundo* (2003), o fator que, mais do que qualquer outro, move as pessoas, especialmente nas áreas religiosa e assistencial/humanitária, é o senso de missão, e/ou, real percepção do sentido da vida, que ele nomeia de “poder para um propósito”:

Em Atos 1.8, Jesus nos revela o propósito supremo do poder de Deus em nossa vida: ser sua testemunha. A palavra “testemunha” vem do termo grego *martus*, da qual deriva a palavra “mártir”. Isso não significa que toda testemunha, cheia de poder, será um mártir. Porém, à luz do sofrimento e morte de muitos cristãos ao longo dos séculos, Jesus parece estar dizendo: “Vocês receberão poder dinâmico para viver para mim e, se necessário, até mesmo morrer por mim” (LAURIE, 2003, p. 27)

A palavra “testemunha” aparece 29 vezes no livro de Atos, em sua forma verbal ou nominal. Uma testemunha é alguém que relata a outros o que viu e ouviu. Os apóstolos tinham este entendimento quando disseram, em Atos 4.20: “Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos”. É preciso lembrar que eles afirmaram isso com toda a

convicção que lhes era possível, após terem sido presos e açoitados (Atos 4:1-3), terem comparecido perante o Sinédrio (Atos 4:5-15), terem sido advertidos, proibidos de “ensinar em o nome de Jesus” e ameaçados (Atos 4:16-18).

Tempos mais tarde, fazendo plenamente jus à aplicação, a si, da palavra “testemunha”, o apóstolo Pedro afirma:

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos *testemunhas* oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, estavoz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração. (II Pedro 1:16-19, ARA)

Para Greg Laurie, em essência, Pedro estava dizendo: “Sim, eu vi muitas dessas coisas com meus próprios olhos, mas minha fé em Jesus não se baseia apenas em minhas experiências pessoais. Baseio minha fé na ‘palavra profética’, na Palavra de Deus” (LAURIE, 2003, p. 36).

Pedro, da mesma forma que os demais apóstolos e os milhares de conversos da Igreja Primitiva, cuja sede mundial estava localizada em Jerusalém, apostaram tudo – incluindo a própria vida – na certeza de que Deus, “[...] segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (I Pedro 1:3). E essa certeza inabalável faz com que o cristão transcenda toda a carga de sofrimentos deste mundo (I Pedro 1:4-8); e, não por coerção, pressões psicológicas ou imposições externas, mas, sim, pela sua consciência, voluntariamente, em espírito de amor a Deus e ao próximo, viva em meio às conturbações deste mundo. Conforme diz o próprio Pedro, na contramão das tendências e paixões humanas narcisísticas e egocêntricas predominantes:

Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações. Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração. Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. (I Pedro 4:7-10)

Com esse desiderato, sem nutrir, em meio aos problemas pessoais e vicissitudes da vida, a tal “Síndrome de Pollyanna”²³⁵ ou, em meio às crises mundiais que se sucedem, sem demonstrar a “estratégia do avestruz” – enfia a cabeça num buraco, deixando tudo o mais à mostra, quando se vê em perigo –, o cristão persiste em sua jornada, ou carreira cristã – na certeza inabalável daquilo que o aguarda ao final, do que e de quem o sustentará até o final:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, comperseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma. (Hebreus 12:1-3, ARA)

Onde entra, nesta “equação divina”, a Igreja? A principal escritora da IASD responde:

Durante séculos de trevas espirituais a igreja de Deus tem sido como uma cidade edificada sobre um monte. De século em século, através de sucessivas gerações, as puras doutrinas do Céu têm sido desdobradas dentro de seus limites. Fraca e defeituosa como possa parecer, a igreja é o único objeto sobre que Deus concede em sentido especial Sua suprema atenção. É o cenário de Sua graça, na qual se deleitam revelar Seu poder de transformar corações. (WHITE, 1994, p. 12).

Nessa citação, da mesma forma que em milhares de outras páginas escritas por ela, vemos a visão equilibrada que Ellen G. White desenvolveu sobre a IASD – a Igreja da qual ela tornou-se cofundadora e pioneira, à qual ela se uniu em sua juventude, e na qual descansou, em 16 de julho de 1915, aos 87 anos. Ao mesmo tempo em que a reconhece como “fraca e defeituosa” (*Id., Ibid.*), ela enfatiza: “a igreja é o único objeto sobre que Deus concede em sentido especial Sua suprema atenção” (*Id., Ibid.*). Portanto, quando se trata de abordar todas as contradições, incoerências e problemas encontrados na Igreja – seja a IASD, ou qualquer outra denominação religiosa –, pode-se perfeitamente mirar o copo “quase vazio” ou o copo “quase cheio”. Pode-se ver a Igreja como uma orquestração de indivíduos inescrupulosos, que vivem, usam e abusam – e,

²³⁵ “A ‘Síndrome de Pollyanna’ foi descrito por Margaret Matlin e David Stang em 1978 usando o arquétipo de Pollyanna, mais especificamente como uma síndrome psicológica que retrata a tendência positiva de que as pessoas têm quando pensam no passado.” Disponível em: https://www.google.com/search?q=complexo+de+poliana&oq=complexo+de+Polliana+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCagBEAAYDRgeMgYIABBFgDkyCagBEAAYDRgeMgoIAhAAGIAEGKIEMgoIAx AAGIAEGKIE0gEJMTY5OTFqMGo3qAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 20 ago. 2024.

muitos, enriquecem – em cima da credulidade alheia, e, sim, eles existem: são os novos “vendilhões do templo” –; mas, pode-se ver, também, em contrapartida, a Igreja parceira do Estado, que entra nas favelas para levar cestas básicas e prestar assistência social de todas as formas possíveis e imagináveis, àqueles “invisíveis” e ignorados pelas autoridades governamentais, em todas as suas instâncias.

É fato que a IASD – assim como as demais Igrejas, organizações e instituições religiosas – sofreu as consequências da pandemia e os seus efeitos deletérios. Teve inúmeras perdas e, conforme foi apresentado nesta pesquisa, entre elas, existem aquelas imensuráveis: perdas de vidas. É fato que a IASD teve que se reinventar; teve que se adaptar aos novos tempos, ao chamado “novo normal”; mas, também, é fato que, conforme exposto na conversa que este pesquisador teve com o Pastor Antônio Tostes, Diretor-Geral da Rede Novo Tempo, em meio aos obstáculos e incontáveis adversidades impostos pela pandemia, esta Igreja cresceu, empoderou-se no cumprimento de sua missão, e alcançou – através do Púlpito Eletrônico, diga-se de passagem – pessoas e cifras financeiras, para manutenção e alavancagem de seus programas, seus ministérios de farta distribuição e envios gratuitos de literatura a todos os rincões do Brasil, inimagináveis.

No entanto, cientes disso, e confiantes na promessa que vem em seguida, “Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mateus 24:13), este pesquisador, unindo-se a milhões de fiéis da IASD – o verdadeiro “remanescente fiel” – e aos fiéis da “Igreja Invisível de Deus”, espalhados por todas as denominações e credos religiosos, mantém-se conectado à Palavra, na certeza de que “Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel” (Hebreus 10:23).

Um evangelista e velho amigo deste pesquisador, Valmir F. Nascimento, costuma afirmar: “O homem, com Deus, tem problema; o homem, sem Deus, é problema!” É fundamentada nessa verdade inapelável que a Bíblia recomenda: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hebreus 10:24-25, ARA).

Qual a necessidade da Igreja? Por que se faz necessário frequentá-la? O renomado jornalista e escritor evangélico Philip Yancey responde:

O mundo pode fazer tudo tão bem ou melhor do que a Igreja”, diz Gordon MacDonald. “Você não precisa ser cristão para construir casas, alimentar os famintos ou curar os enfermos. Há apenas uma coisa que o mundo não pode fazer. Ele não pode oferecer graça”. [...] Eu acho que, de fato, por isso é que todos vão à igreja: fome da graça. O livro *Growing Up Fundamentalist* (Fundamentalistas em Formação) contade

uma reunião de estudantes em uma escola missionária no Japão. “Com uma ou duas exceções, todos abandonaram a fé, mas depois voltaram”, contou um dos estudantes. “E, aqueles entre nós que voltaram têm uma coisa em comum: todos nós descobrimos a graça...” (YANCEY, 2001, pp. 13-14)

Em seguida, fazendo alusão à sua própria experiência com Deus e a Igreja, Yancey acrescenta:

Quando olho para a minha própria peregrinação, marcada por erros, desvios e becos sem saída. Vejo agora que aquilo que me impulsionava era minha busca da graça. Rejeitei a igreja durante algum tempo porque encontrei bem pouca graça ali. Voltei porque não descobri graça em nenhum outro lugar. (YANCEY, 2001, p. 14)

Uma das cenas mais engraçadas da Bíblia é aquela do apóstolo Pedro batendo na porta de uma casa onde todos os cristãos daquela localidade estavam reunidos (era a casa da mãe de João Marcos: autor do evangelho que leva o seu nome, e que funcionava como Igreja naquela época), em que uma criada, de nome Rode, ficou tão feliz em saber que Pedro estava de volta, que se esqueceu de abrir a porta da casa:

Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era; reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então, disseram: É o seu anjo. Entretanto, Pedro continuava batendo; então, eles abriram, viram-no e ficaram atônitos. (Atos 12:13-16)

A perplexidade dos líderes e membros da Igreja da época era mais do que justificável. Tentando obstar o crescimento geométrico da Igreja, Herodes e os maquiavélicos líderes judaicos se mancomunaram e, então, passaram a perseguir, prender e mandar matar os líderes da Igreja Primitiva. Como resultado disso, Pedro foi preso e, dada a sanha por sangue e inescrupulosidade de Herodes, todos ali pensavam que a jornada terrena de Pedro chegara ao fim: como se costuma dizer, sua morte eram “favas contadas”. No entanto, fazendo jus à célebre frase de Charles H. Spurgeon, “Quando Deus quer realizar uma grandiosa obra, primeiro põe o Seu povo para orar!”, a Bíblia afirma: “Pedro, pois, estava guardado no cárcere; *mas havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele*” (Atos 12:5). E o milagre aconteceu, jogando por terra todas as leis da Física e padrões de lógica e racionalidade humanas:

Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere. Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! Então, as cadeias caíram-lhe

das mãos. Disse-lhe o anjo: Cinge-te e calça as sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a capae segue-me. Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe, antes, uma visão. Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele. (Atos 12:6-10)

Depois de cair em si, reconhecendo a realidade factual do que lhe acontecera (Atos 12:11), Pedro, dadas as terríveis condições físicas, sociais e emocionais – machucado, cheio de ferimentos dos açoites que lhe foram infligidos, cansado, faminto, sem ver a esposa e demais familiares há vários dias – em que se encontrava, poderia ir, entre muitos outros lugares, sensatamente, para uma “hospedaria”²³⁶. Não! Pedro só pensava em um lugar: a Igreja. Ele só tinha em mente um objetivo: ter comunhão com os irmãos e, mutuamente, obterem um fortalecimento da fé. Depois, como assinala o texto, viriam os demais locais e as demais prioridades: “Ele, porém, fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão e acrescentou: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. *E, saindo, retirou-se para outro lugar*” (Atos 12:17, ARA).

Depois de afirmar que “A Bíblia triunfou contra todas as adversidades porque Deus é o seu autor”, citando Isaías 40:8, que diz: “Seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a Palavra de nosso Deus permanece eternamente”, o erudito conferencista e escritor, Hernandes Dias Lopes, apresenta o relato de um dos mais emblemáticos eventos da História Eclesiástica, de todos os tempos. O imperador romano Juliano, o apóstata (361 a 363 d.C), assim conhecido por ter seguido, e, depois, abandonado a fé cristã, moveu acérrima perseguição contra os cristãos, visando destruí-los:

Em 363, estava em guerra com os persas, mas havia muitos cristãos em seu exército. Um deles estava sendo objeto de zombarias e açoites dos soldados pagãos: eles o atiraram no chão, cuspiram nele e disseram: “Fale agora, onde está o seu carpinteiro?” Ele respondeu: “Está ocupado, fazendo um caixa para o seu imperador”. Meses mais tarde, o imperador Juliano sofreu um golpe fatal e, às portas da morte, tomou nas mãos o sangue que corria do seu corpo e gritou em alta voz: “Você venceu, ó Galileu!” (LOPES, 2008, pp. 74-75)

Cristo, ao estabelecer a Sua Igreja, advertiu aos seus discípulos sobre o fogo das provações e perseguições infernais que seriam desencadeadas contra eles e contra os demais fiéis, através dos séculos. Ao mesmo tempo, assegurou-lhes, e à Sua Igreja, a vitória final: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha

²³⁶ O hotel, restaurante e, muitas vezes, “clínica hospitalar da época”. (Cf. Parábola do “Bom Samaritano”: Lucas 10:33-35).

igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18, ARA). Isso é confirmado no próprio capítulo que narra a intervenção divina miraculosa, em favor de Pedro e, por extensão, da Igreja, em seus primórdios. O capítulo 12, de Atos dos Apóstolos, começa com Herodes, aparentemente, triunfando. Ele manda matar a Tiago, irmão de João (Atos 12:1-2) e, vendo isso ser agradável aos judeus, inimigos dos primeiros cristãos (Atos 11:2-26), manda, também, prender Pedro intencionando fazer o mesmo com ele. No entanto, este mesmo capítulo (Atos 12) termina com Pedro solto, a Igreja fortalecida e em franca expansão (Atos 12:17 e 24), e Herodes morto – repentinamente e de forma sobrenatural –, “comido de vermes” (Atos 12:20-23).

Na descrição do primeiro, dos sete selos, Jesus é visto como general “triunfador” – tal como acontecia, na volta dos exércitos romanos, de uma campanha militar que tivesse sido coroada com a vitória das hostes romanas: “Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco, e foi-lhe dada uma coroa; e Ele saiu vencendo e para vencer” (Apocalipse 6:2, ARA). No último conflito a ser travado neste planeta, conhecido como batalha do Armagedom (Apocalipse 16:13-16), Ele, também, é apresentado como grande vencedor, porém, o quadro se amplia, e se apresenta a vitória final da Sua Igreja:

Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham comele. (Apocalipse 17:12-14)

Billy Graham, o maior pregador do século 20, e um dos maiores conferencistas de todos os tempos, costumava afirmar: “Sim, eu sei que a Igreja vai vencer porque eu li a última página do Apocalipse!” Sim, a Igreja vencerá porque a mesma Pedra²³⁷, que é vista no relato de Apocalipse 17 (versos 12 a 14) sob a metáfora ou figura do Cordeiro, que luta e derrota a “besta” e os 10 “reinos”, ou “governantes”, é, também, vista em Daniel 2:31-45, na intervenção final de Deus na História deste planeta:

Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçarà e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. O Grande Deus fez saber ao rei o que há de ser futuramente. Certo é o sonho, e fiel, a sua interpretação. (Daniel 2:44-45, ARA)

²³⁷ A Rocha dos Séculos sobre a qual ela foi edificada: “[...] edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Efésios 2:20).

REFERÊNCIAS

- AMORESE, Rubem M. **Icabode: Da Mente de Cristo à Consciência Moderna**. São Paulo, SP: Abba Press, 1993.
- ANDRADE, Gunar B. **Introdução à Teologia da História**. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.
- ANJOS NETO, João D. **Não se nasce travesti: a construção dos corpos no cotidiano da prostituição**. Tese (doutorado). 2018. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Ciências Sociais.
- ARAÚJO, Glauber S. (Organizador). **A reforma protestante: uma visão adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.
- ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Atena, s/d.
- ASSMANN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BANDEIRA, Alexandre Dresch. **Valdemiro Santiago parte para o abraço: estratégias midiáticas e interacionais envolvidas na Mundial Igreja do Poder de Deus**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2017. Disponível em https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6550/Alexandre%20Dresch%20Bandeira_.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- BARBER, Cyril J. **Neemias e a dinâmica da liderança eficaz**. São Paulo, SP: Editora Vida, 1987.
- BARBOSA, Jonnefer. **Política e tempo em Giorgio Agamben**. São Paulo, SP: EDUC, 2014.
- BARROS, Juracy Lopes de. **O remanescente do tempo do fim: o estilo de vida do remanescente**. Campo Grande: 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. **A arte da vida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Vida em fragmentos: sobre ética pós-moderna**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2011.

_____. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEAHM, George. **O mundo segundo Steve Jobs:** as frases mais inspiradoras do visionário líder da Apple. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEIER, Fernando. **Decepcionados com a Igreja:** uma conversa sincera. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023.

BELLOTTI, Karina Kosicki e CUNHA, Magali do Nascimento (organizadores). **Mídia, religião e cultura:** percepções e tendência em perspectiva global. Curitiba, PR: Editora Prismas, 2016.

BENEDICTO, Marcos de. St. Louis 2022, 61st General Conference Session. Missão do começo ao fim. **Revista Adventista**, s/l, 27 de julho de 2022. Disponível em: Missão do começo ao fim – Conferência Geral 2022 – Igreja Adventista do Sétimo Dia (revistaadventista.com.br). Acesso em: 08 de março de 2023.

BENEDICTO, Marcos de. **Política:** o que você precisa saber. – Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022. – (Série essencial política).

BENJAMIN, W. (1994). Experiência e pobreza. Em W. Benjamin. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (pp. 114-119). Brasiliense. Benjamin, W. (1995). Infância em Berlim por volta de 1900. Em W. Benjamin. Rua de mão única (pp. 9-70). Brasiliense.

BEZERRA, Rose e SANTOS, Sérgio. Igrejas nas Telas: A Presença de Conteúdo Religioso nas Emissoras de Canais Abertos em Brasília-DF. **Revista Comunicação: Cultura e Sociedade**. Dossiê “Mídia e Sociedade: Diálogos Intermitentes”: 12^a Edição, vol. 7, 2020-21, p. 72-88. Disponível em <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/download/5179/4159/19824>

BILHEIMER, E. Paul. **Seu destino é a cruz.** São Paulo, SP: Editora Vida, 1986.

BITUN, Ricardo. **Igreja Mundial do Poder de Deus:** Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3801/1/RICARDO%20BITUN.pdf>

BLANCO, Marcos. Manual da Igreja enfatizará o discipulado. Esta é uma das mudanças mais importantes no Manual da Igreja. **Mundo**, Brasília, 14 de junho de 2022. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/manual-da-igreja-enfatizara-o-discipulado/>. Acesso em: 8 de março de 2023.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão.** São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2022.

BRASIL, ADRA. Disponível em: <https://adra.org.br>. Acesso em: 8 de março de 2023.

BRETONES, Ricardo e SILVA, Tarcísio Torres. Um olhar sobre os influenciadores digitais cristãos: confluências entre evangelho, comunidades terapêuticas e mídia.

Diálogos Interdisciplinares, vol. 11, no 1. 2022. Disponível em <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/download/1012/1005/>

BRITO, Cláudia. Igreja Adventista e ADRA se mobilizam para auxiliar vítimas de enchentes no RS. **Notícias Adventistas Institucional** – Rio Grande do Sul, 2 de maio de 2024. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/igreja-adventista-se-mobiliza-para-auxiliar-vitimas-das-enchentes-no-rs/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BROWN, Nathan. **Evangelho em Ação**: Como a religião verdadeira pode transformar a sociedade. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze**. São Paulo, SP: Arte Editorial, 2005.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2012.

BURRILL, Russell. **Discípulos Modernos**: o desafio de Cristo para cada membro da Igreja. Trad. Ellen Mary T. B. De Franco – Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **Como reavivar a Igreja do Século 21**: o poder transformador dos pequenos grupos. tradução Ellen Mary T. B. de Franco. — Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Recuperando uma Abordagem Adventista à Vida e Missão da Igreja Local**. Tradução Josiane Kraft Dionisio Fonseca. S./l.: s./l., s./d.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e Mídia no Brasil: Uma História de Acertos e Desacertos. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. São Paulo: PUC. 2008. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.htm

CANALE, Fernando, “From Vision to System: Finishing the Task of Adventist Theology, Part I: Historical Review”, **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 15, n. 2 (2004), p. 5-8, 37, 39.

CARLETTI, Anna e NOBRE, Fábio. A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XIII, n.39, Janeiro/Abril de 2021, p. 295-319. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/56601>

CARSON, D. A. **A cruz e o ministério cristão**. São José dos CAMPOS, SP: Fiel, 2009.

CARVALHO, Francisco L. G. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, ISSN: 1984-3755, vol. 6, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 1057-1075. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba-PR, Brasil.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013.

CASTELLS, M. **Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO FILHO, Josué. **SDA Kinship e a resposta à marginalização LGBT na Igreja Adventista do Sétimo Dia: uma etnografia das masculinidades rejeitadas**. Dissertação (mestrado). 2016. Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública.

CASTRO, C. S.; ZUIN, A. A. S. Indústria cultural e distração concentrada: as plataformas digitais e o ensino personalizado. **Comunicações**, 25(2), 2018. p. 79-94. Disponível em: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v25n2p79-94>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo; desafios a uma fé engajada**. Viçosa, MG: Ultimato, 2000.

CHANDLER, Russel. **Compreendendo a Nova Era**. São Paulo, SP: Bom Pastor Editora, 2003.

CHAVES, Jolivê e TIMM, Alberto R. (Organizadores). **Pequenos Grupos – Aprofundando a Caminhada**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

CICADO, José A. **Um grito pela vida da Igreja**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1996.

COMO É ORGANIZADA A IGREJA? **Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional**. Disponível em: (adventistas.org). Acesso em: 12 de março de 2023.

CORTELLA, Mario S. **Não espere pelo epitáfio... provocações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORTELLA, Mario S. **Qual é a sua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COVID-19 Resources. **OPAS/OMS – PAHO**, Washington, 21 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.paho.org>. Acesso em: 5 fevereiro de 2023.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad. 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

DARIUS, Fábio A. **PERCEPÇÕES WHITEANAS ACERCA DOS PAPEIS E DIREITOS FEMININOS: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEOLOGIA**

LIBERTADORA LATINO-AMERICANA. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana *et al.* (Orgs.). **Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina**. S/D. 265-277p.

D'AGOSTINO, Rosanne. Gilmar Mendes vota contra liberar cultos e missas na pandemia; STF retoma julgamento nesta quinta. Ministro criticou 'política negacionista', contrária, segundo ele, à fraternidade. Para advogado do governo, 'verdadeiros cristãos estão sempre dispostos a morrer' pela liberdade de culto. **G1**, Brasília, 07 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/07/julgamento-cultos-pandemia-stf.ghtml>. Acesso em: 9 de março de 2023.

DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2007.

DORNELES, Vanderlei. **O último império: a nova ordem mundial e a contrafação do Reino de Deus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

_____. **Cristãos em busca do êxtase**. Adoração e espiritualidade no cenário atual. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

DOSS, Cheryl; KUHN, Wagner; TIMM, Marly. **Passaporte para a missão**. 2. ed. Tatuí: CPB, 2011.

DREWERMANN, Eugen. **Religião para quê?** Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jürgen Hoeren. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

DUSILEK, Nancy Gonçalves. **Liderança Cristã – A Arte de Crescer com as Pessoas**. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1988.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origem e destino da Comunidade**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2022.

ESTUDO DE CÉLULAS. Ensinamentos da palavra de Deus. 17/01/2018 – s/l. Disponível em: O que é a Janela 10/40? | **Estudos de células** (estudosdecelulas.com.br). Acesso em: 7 de março de 2023.

FAJARDO, Alexander. **A Atuação dos Evangélicos no Rádio Brasileiro: Origem e Expansão**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2011

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

FINZEL, Hans. Dez erros que um líder não pode cometer. São Paulo, SP: Vida Nova, 1997.

FIRINO, Daniel da Silva e CAVALCANTI, Carlos André Macedo. Implantação e desenvolvimento do adventismo no Brasil (1880-1915). Temporalidades – **Revista de História**, Edição 37, v. 14, n. 1 (Jan./Ago. 2022), p. 349-373. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/38626/31250>.

FISHER, David. **O pastor do século 21: Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no terceiro milênio**. São Paulo, SP: Vida, 1996.

FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo: desafios brasileiros para a missão**. Ed. 2. São Paulo: Unaspres, 2017.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e Mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

FOUCAULT, M. **Defender la sociedad**. Trad. de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. S/d. PDF. Disponível em: lelivros.org. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. **História da loucura**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Vigiar e punir**. Nascimento da Prisão. Introdução de Antônio Fernando Cascais. Tradução: Pedro Elói Duarte. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2013.

FOWLER, John W. **Ministério Pastoral Adventista**. São Paulo, SP: Editora Tempos Ltda, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2016.

FRESTON, Paul. Uma Breve História do Pentecostalismo Brasileiro: A Assembléia de Deus. **Religião e Sociedade**, v.16, n.3. Rio de Janeiro: ISER, 1994, p. 104-129. Disponível em <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N16.03-1994.pdf>

FURTADO, Kevin W. K. **POR UMA TEOLOGIA ADVENTISTA DIALÓGICA: LEITURA DAS CRENÇAS FUNDAMENTAIS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PERSPECTIVA ECUMÊNICA E INTER-RELIGIOSA**. 2020 (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba-PR, Brasil.

FURTADO, Rafael N. CAMILO, Juliana A. O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, 16(3): 34-44, dezembro, 2016. DOI: 10.5020/23590777.16.3.34-44.

GIATTINO, Charlie; RITCHIE, Hannah; ROSER, Max *et al.* Excess mortality during the Coronavirus pandemic (COVID-19). Our World In **Data**, s/l, 27 de setembro de 2022. Disponível em: Our World In Data. Acesso em: 8 de março de 2023.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2011.

_____. **Mapas para história futura da igreja**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Kairós, 2001.

GRELLMANN, Hédio L. **Nisto cremos**: 27 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

GRIMLEY, Naomi; CORNISH, Jack; STYLIANOU, Nassos. Organização Mundial da Saúde - OMS. **BBC NEWS Brasil**, s/l, 05 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>. Acesso em: 8 de março de 2023.

GUERREIRO, Silas. Antropologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013, v. 1, p. 243-256.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

HASKELL, Stephen N. **The story of Daniel the prophet**. Battle Creek: Bible Training School, 1977.

HENDRICKS, Howard. **Aprenda a Mentorear**. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1999.

HISTÓRIA DA IGREJA ADVENTISTA (Fotos Históricas) - **Igreja Adventista do Sétimo Dia – Institucional**. Disponível em: (adventistas.org). Acesso em: 12 de março de 2023.

HORKHEIMER, M. (2000). A revolta da natureza. Em M. Horkheimer. **Eclipse da razão** (pp. 97- 130). Centauro.

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. W. (1985). **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Jorge Zahar.

HORSFIELD, Peter G. **Religious television**: the american experience. New York, N.Y.: Longman. 1984.

HOUSTON, James M. **Meu legado espiritual**: Uma jornada de fé na pós-modernidade. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2008.

_____. **O Criador**: vivendo bem no mundo de Deus. Brasília, DF: Editora Palavra, 2009.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da Igreja**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio: Jorge Zahar Editor, 2008.

JARDIM, Alice. **Como obter êxito na comunicação do evangelho**. Flórida: Editora Vida, 1993.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 17, p. 46-61, 2017. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4979443/mod_resource/content/1/Artigo-1-Comunicare-17-Edic%CC%A7a%CC%83o-Especial%20%282%29.pdf

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder e a única esperança que realmente importa. São Paulo, SP: Vida Nova, 2018.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.

KNIGHT, George R. **Adventismo**: origem e impacto do movimento milerita. Tatuí: CPB, 2015.

_____. **Breve história dos Adventistas do Sétimo Dia**. Uma igreja mundial. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: CPB, 2011.

_____. **A mensagem de 1888**. Tatuí: CPB, 2003.

_____. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**: estamos apagando nossa relevância? Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **A Comunicação como fator de humanização nas organizações**. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2019.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1985.

LATOUR, Bruno. **Sobre o culto moderno dos deuses fetiches**: seguido de Iconoclash. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2021.

LAURIE, Greg. **Apaixonados por Deus**: vivendo a paixão que transforma o mundo. São Paulo, SP: Editora Vida, 2003.

LEMONS, Felipe; TEIXEIRA, Eduardo. A comunicação profissional na divulgação do evangelho. In: FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo**: desafios brasileiros para a missão. 2ª ed. – Engenho Coelho, SP: Unaspress - Imprensa Universitária Adventista, 2017.

LEMOS, Felipe. Mais de 2 milhões são assistidos por ações adventistas. Dados são de levantamento realizado com departamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia do primeiro semestre do ano de 2021. **Revista Adventista** – 16 de setembro de 2021. Disponível em: cpb.com.br/a84857. Acesso em: 17 de maio de 2024.

LEITE, Eliathan C., O conceito de cultura no adventismo e suas implicações. **Kerygma**, v. 16, n. 2, 2021. p. 42-58. Disponível em: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v16.n.2>. Acesso em: 10 de março de 2023.

LIMA, Delcio M. **Os demônios descem do norte**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LIRA, Elizeu C. **Uma nova ordem mundial: o governo da Nova Era**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

_____. **Intoxicação digital: liberte-se do mundo virtual e dê vida à família**. Ed. 1. Gráfica 3 Print, 2015.

_____. **A ilusão de avatar ou a realidade do céu?** Redescobrimo a Essência e a beleza do cristianismo. Ed. 1. Uberlândia: Pêrgamo, 2010.

LONDON JR., Holland B. **Despertando para um grande ministério: um livro de pastor para pastor**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1996.

LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa, MG: Ultimato, 2002.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva: sua importância para o crescimento da igreja**. São Paulo, SP: Hagnos, 2008.

LOPES, Marisa. (Org.). **O evangelho da paz e o discurso de ódio**. (Vários Autores – capítulos 2, 4 e 11, originalmente escritos em inglês). Tradução LOPES, Marisa. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021.

MARCUSE, Herbert. "A nova mentalidade alemã." HORKHEIMER, Max. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Unesp (1999).

MARCUSE, Herbert e NEUMANN, Franz. "Uma história da doutrina da mudança social" e "Teorias da mudança social" In: KELLNER, Douglas (Org.). **Tecnologia, guerra e fascismo**. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo, UNESP, 1999 [s. d.], pp. 137- 150 e pp. 151-191.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. São Paulo: IEA-USP. **Estudos Avançados**. Dez/2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MARTINS, Alice Fátima. **Catadores de sucata da indústria cultural**. Editora UFG: s/l, s/d.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2009.

MARTINS, Guilherme Cardoso Ricardo e SANTOS, Lucas Almeida dos. Programa Fé para Hoje: Pioneirismo no Televangelismo Brasileiro. **Eclesiocom - XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**. Engenheiro Coelho - SP: Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2016. Disponível em <http://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoes-anteriores/2016/arquivos/programa-fe-para-hoje-pioneirismo-no-televangelismo-brasileiro>.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Marcel Mauss, **Sociologia e Antropologia**, vol. 2. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MAYHUE, Richard. **O que Jesus diria de sua igreja?** São Paulo, SP: Editora Vida, 2005.

MCGRATH, Alister E. **Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo**. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2007.

_____. **A gênese da doutrina**. Fundamentos da crítica doutrinária. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MEDEIROS, Fernanda Faria, *et al.* Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores? **Rumores**, número 31, volume 16, janeiro - junho 2022, p. 230-252. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/200401/184594>

MELLO, Carlos A. **A homilética, a ética e os pregadores da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

MELO, José Marques. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes. 1998

MENDES, Naamã. **Igreja, lugar de vida: Um diagnóstico honesto do que precisa melhorar na igreja para que ela cumpra sua função terapêutica na vida do homem**. Venda Nova, MG: Betânia, 1992.

MILLER, Steve. **Liderança espiritual segundo Spurgeon**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2004.

MODERNELL, Renato. **A notícia como fábula: realidade e ficção se confundem na mídia**. São Paulo, SP: Summus, 2012.

MODESTO, Cláudia Figueiredo e GUERRA, Márcio de Oliveira. Expansão midiática da programação radiofônica religiosa: estratégia, técnica e linguagem. **Intercom**, 2012.

MODESTO, Cláudia Figueiredo e LAIA, Evandro José Medeiros. **O radioevangelismo pentecostal no Brasil: uma herança estadunidense.**

MONTAIGNE, Michel. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MOODY, D. L. **As Anotações da Bíblia de D.L. Moody** (Tradução do Pastor David Gomes). 3 edição, s/d. Escola Bíblica do Ar, Rio de Janeiro-RJ.

NOGUEIRA, Paulo A. de S. (Org.). **Linguagens da religião**. São Paulo: Paulina, 2012.

NOVAES, Allan. O problema Cristo-cultura e o adventismo. In: FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo: desafios brasileiros para a missão**. 2ª ed. – Engenho Coelho, SP: Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2017.

NUNES, Luiz. **Crises na Igreja Apostólica e na Igreja Adventista do Sétimo Dia: Análise Comparativa e Implicações Missiológicas**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999.

OLIVER, David. **Ame o trabalho, viva a vida!**: cumprindo o propósito de Deus no trabalho. São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

OLIVEIRA FILHO, José J. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**. 18 (52), 2004.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2001.

ORTBERG, John. **Somos todos (a)normais?** Como desenvolver amizades que permaneçam. São Paulo, SP: Editora Vida, 2005.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo, RGS: Sinodal/ESTE, 2007.

PAXTON, Geoffrey J. **O abalo do adventismo: uma narrativa documentada da crise verificada entre os adventistas sobre a doutrina da justificação pela fé**. Rio: Juerp, 1987.

PEREIRA, Lúcio; FERREIRA, Bruno. Questões metodológicas sobre o adventismo no Censo 2010. In: FOLLIS, Rodrigo; NOVAES, Allan; DIAS, Marcelo. **Sociologia e adventismo: desafios brasileiros para a missão**. 2ª ed. – Engenho Coelho, SP: Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2017.

PETTERSON, Ben. **Aprofundando o diálogo com Deus: o privilégio de conversar com o Criador**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

PINI, André Mendes *et al.* O Neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, 18/07/2023; em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/66917/38292>

POLATO, Fábio Sebastião. **O uso do rádio e da TV por instituições religiosas:** Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação. Bauru: UNESP. 2015. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b84a7052-8531-405e-9c5a-dc3e845de678/content>.

POPKIN, Richard H. **História do ceticismo:** de Erasmo a Spinoza. Rio: Francisco Alves, 2000.

REQUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROCHA, Max Silva da, TOMAZ, Patrícia Rodrigues e MOURA, João Benvindo de. O Apóstolo Valdemiro Santiago e a manipulação da verdade: feijões que curam a covid-19. Gláuks: **Revista de Letras e Artes** - jan/jun,2023. Disponível em <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/356/251>

RODOR, Amin A. **Meditações diárias:** audiências com o eterno. Itapecrica da Serra, SP: Grafsol, 2017.

RODRIGUEZ, Ángel M. (organizador). **Teologia do remanescente:** uma perspectiva eclesiológica adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

ROGERS, Mark. “Broadcasting the Gospel”. **Christianity Today**, 2 de março de 2010. Disponível em <https://www.christianitytoday.com/history/2010/march/broadcasting-gospel.html>

ROLDÁN, Alberto F. **Para que serve a teologia?** Curitiba, PR: Descoberta, 2000.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise.** São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1995.

ROQUE, Tatiane. O negacionismo no poder. Como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. **Piauí**, São Paulo, fevereiro de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br>. Acesso em: 8 de março de 2023.

RUSHNELL, Squire. **Quando Deus piscou para você.** São Paulo, SP: Hagnos, 2009.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de João.** 1. ed. Meditações no Evangelho de João. São José dos Campos: Editora Fiel, 2000.

SAGRADA, A Bíblia. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

SANDERS, J. Oswald. **Liderança Espiritual:** Os atributos que Deus valoriza na vida de homens e mulheres para exercerem liderança. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1995.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Desejo e adição nas relações de consumo.** São Paulo, SP: Zagodoni, 2011.

SANTOS, Zinaldo A. **Meditações diárias:** de coração a coração. Tatuí. SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

SEGURA, Harold. **Para que serve a espiritualidade?** Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SENEDA, Marcos César & CUSTÓDIO, Henrique Florentino Faria (Organizadores). Uberlândia, MG: EDUFU, 2016.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação.** São Paulo, SP: Editora Senac, 2005.

SHAW, Mark. **Lições de Mestre: 10 insights para a edificação da igreja local.** São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2004.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2012.

SILVA, William Costa da, e ALVES, Regina de Fátima Mendonça. A Assembléia de Deus na TV: percepções sobre a Rede Boas Novas Belém. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 24 a 26/05/2017. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/norte2017/resumos/R54-0283-1.pdf>

SILVEIRA, Emerson José Sena da e AVELLAR, Valter Luís de. (Organizadores). **Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2014.

SMITH, Uriah. **Considerações sobre Daniel e Apocalipse.** 2. ed. Engenheiro Coelho: Centro White, 2014.

_____. **The marvel of nations.** Battle Creek: Review and Herald, 1886.

SOARES, Regiane. Defender culto presencial em plena pandemia é infantilismo espiritual, diz teólogo. Para Antonio Carlos Costa, o verdadeiro culto a Deus está na forma de viver e não dentro da igreja. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 de abril de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/defender-culto-presencial-em-plena-pandemia-e-infantilismo-espiritual-diz-teologo.shtml?pwgt=kvi8g4h4llpk9z19egybfgrhzeqshfoaf9bmkue9uok8f0i&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em: 8 de março de 2023.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de e MATOS, Rita de Cássia Aragão. Assembleias de Deus em vias de midiatisação: entre dizeres e silêncios. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação.** Vol. 5, nº 9, janeiro-junho/2017. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/download/14845/pdf/53306>

SOUZA, Catiane Rocha Passos de e PEREIRA, Laísa da Silva. Influenciadores digitais religiosos: modus vivendi na sociedade em midiatisação. **XV ENECULT.** Salvador, 2019 Disponível em <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112036.pdf>

SOUZA, Marco Túlio de. Igreja eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiaticizada: Conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. **MATRIZES**, v. 15, no 1, jan/abr 2021, p. 275-298. São Paulo: USP. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/170313/172250>

TEIXEIRA, Carlos F. **Repensando a religião**: debates sobre teologia, Estado e cultura. Engenheiro Coelho, SP: Unaspess – Imprensa Universitária Adventista, 2011.

TROELTSCH, Ernst. **El protestantismo y el mundo moderno**. Traducción Eugenio Ímaz. México: FCE, 2005.

TÜRCKE, C. (2010). **Sociedade excitada**: Filosofia da sensação. Unicamp.

TURNER, Steve. **Engolidos pela cultura pop**: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.

VARELLA, Drausio. **Por um fio**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

VELOSO, Mário. **Atos: contando a história da igreja apostólica**: comentário bíblico homilético. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

VENDEN, Morris. **Fé Que Opera**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

VICENTE, Agustín L. Teoría de Teorías sobre la Adolescencia. Última década., **Santiago**, v. 22, n. 40, p. 11-36, 2014. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362014000100002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 14 de março de 2023.

VOSKAMP, Ann. **Vida simples, vida plena**: a gratidão como caminho para superar as circunstâncias. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Unesp, 2012.

WILKES, C. Gene. **O Último Degrau da Liderança**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1999.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, 1917.

WHITE, Ellen G. **O outro poder**: conselhos aos escritores e editores. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WHITE, Ellen G. **Mente, caráter e personalidade 1**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

WHITE, Ellen G. **Obreiros Evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

THRALL, Bill. **A escalada de um líder**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2005.

_____. **Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011.

YANCEY, Philip D. **Maravilhosa graça**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2001.

ZURLO, Gina A.; JOHSON, Todd M. O cristianismo está encolhendo ou deslocando-se? **Análise Global de Lausanne** – Março de 2021, Vol. 10, 2.^a edição. Disponível em: <https://lausanne.org › pt-br › agl-pt-br › 2021-03-pt-br>. Acesso em: 10 de março de 2023.